

7 HABITAT

revista das artes no Brasil



Para

estofamentos



Plásticos Plavinil



- cores firmes
- resistentes
- não mófam
- imune aos insetos
- higiênicos
- não mancham

o máximo
em qualidade

PLÁSTICOS
PLAVINIL S. A.



Cx. Postal 12862 - End. Teleg. "PLAVINIL" - S. Paulo

À VENDA EM TODAS
AS BOAS CASAS DO RAMO.

KNOEDLER

Established 1846



P. A. Renoir, *Arredores de Berneval* (21 1/2 x 25 1/2)

OLD MASTERS
AMERICAN PAINTING
FRENCH IMPRESSIONISTS
CONTEMPORARY PAINTING

Framing

Prints

Restoring

NEW YORK CITY
14 East 57th Street

LONDON
14 Old Bond Street

PARIS
22 Rue des Capucines

**Para
orgulho seu
e admiração
geral...**



A decoração da casa — orgulho seu
e motivo de admiração para seus amigos

— depende muito de uma iluminação adequada.

Ela valoriza detalhes — complementa o conforto e o bem

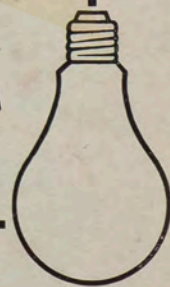
estar ambiente. As Lâmpadas G-E, fabricadas exclusiva-
mente com materiais de qualidade, sempre brilham mais.

Delas, V. obterá a melhor luz para os seus olhos. E
tenha sempre de reserva algumas Lâmpadas G-E!

LÂMPADAS

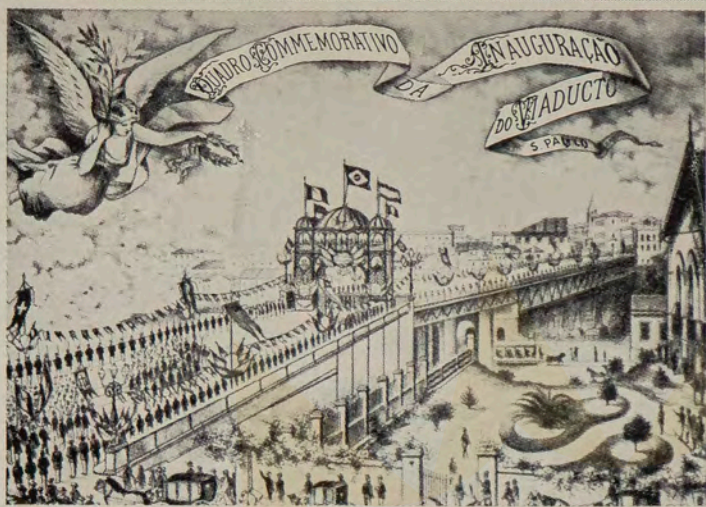


**SEMPRE
BRILHAM
MAIS**



GENERAL ELECTRIC S. A.

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR — PÓRTO ALEGRE — CURITIBA — BELO HORIZONTE



TRADIÇÃO - QUALIDADE

DE SÃO PAULO PARA O BRASIL

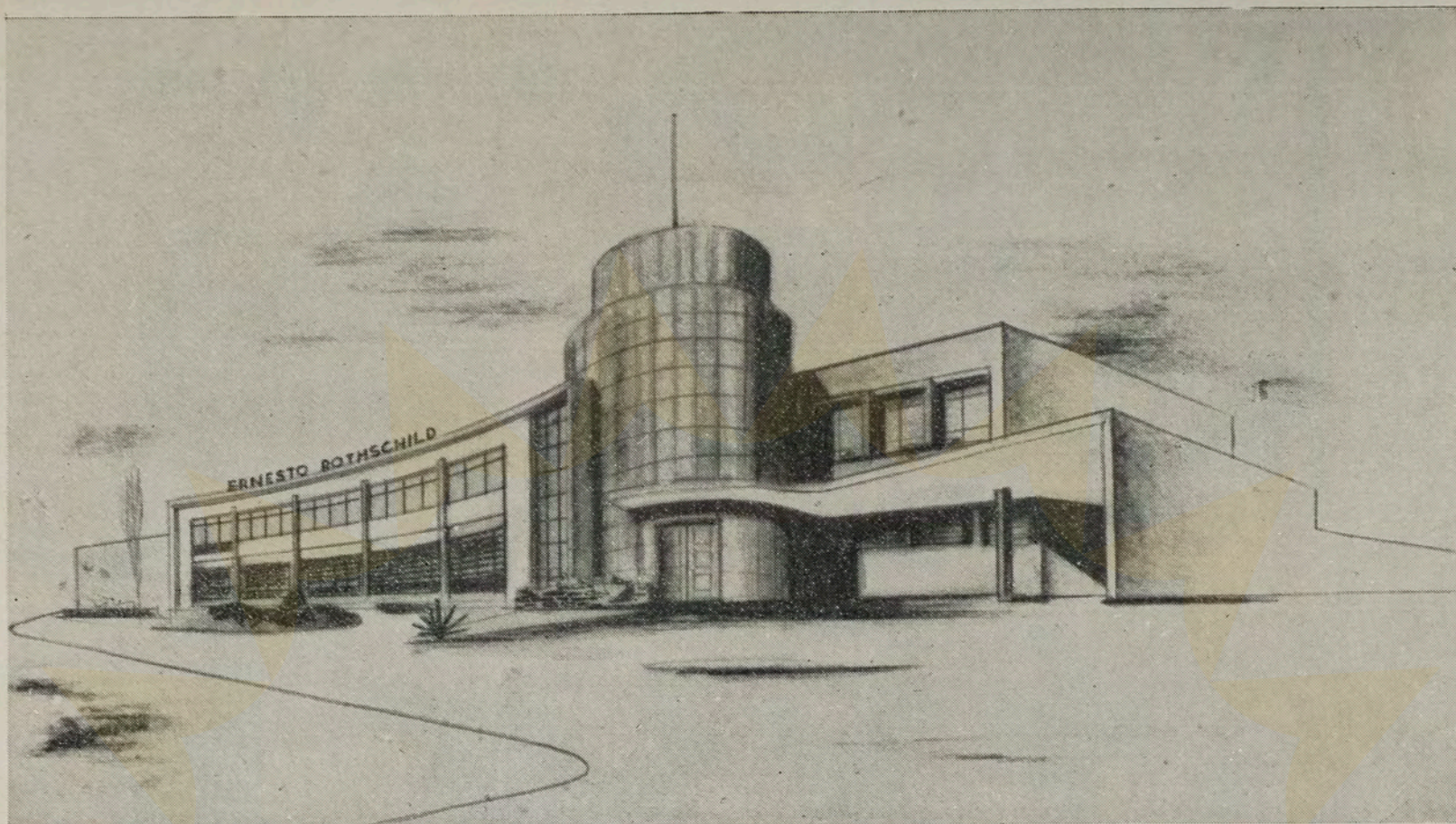
São Paulo trabalha sempre. De seu parque industrial espalham-se pelo Brasil múltiplos produtos que, de dia para dia, conquistam maior preferência dos mercados. O trabalho é uma TRADIÇÃO bandeirante, e a produção paulista, que se caracteriza pela QUALIDADE, encontra sempre e cada vez mais justificadas simpatias e máquinas, aparelhos, artefactos, dos mais simples aos mais complexos, procedentes de São Paulo, emprestam de norte a sul, por toda a parte, sua valiosa colaboração ao progresso do Brasil.



A METALÚRGICA PAULISTA S/A foi fundada em 1897. Acompanhou de perto o surto gigantesco do país em mais de meio século. Cresceu, tornou-se uma cidade de trabalho, contribuindo com os produtos COSMOPOLITA para a higiene, o conforto e a beleza dos lares, prosseguindo em sua jornada, sempre com maior intensidade. A METALÚRGICA PAULISTA S/A reúne em seus produtos COSMOPOLITA as mais acentuadas características da produção paulista: TRADIÇÃO E QUALIDADE.



METALÚRGICA PAULISTA S/A
RUA SAPUCAIA, 452
SÃO PAULO



Vista da fachada da nova fábrica ERNESTO ROTHSCCHILD, em construção à Avenida Inajá, 904 (Moema), São Paulo

BRINDES “POMBO”

A MAIOR FÁBRICA DE BRINDES COMERCIAIS DA AMÉRICA LATINA

AGENDAS • CALENDÁRIOS PARA MESA • FOLHINHAS • NOVIDADES • CANIVETES • CARTEIRAS

Exposição permanente - Vendas ao Comércio e para Revendedores - Preços especiais para quantidades



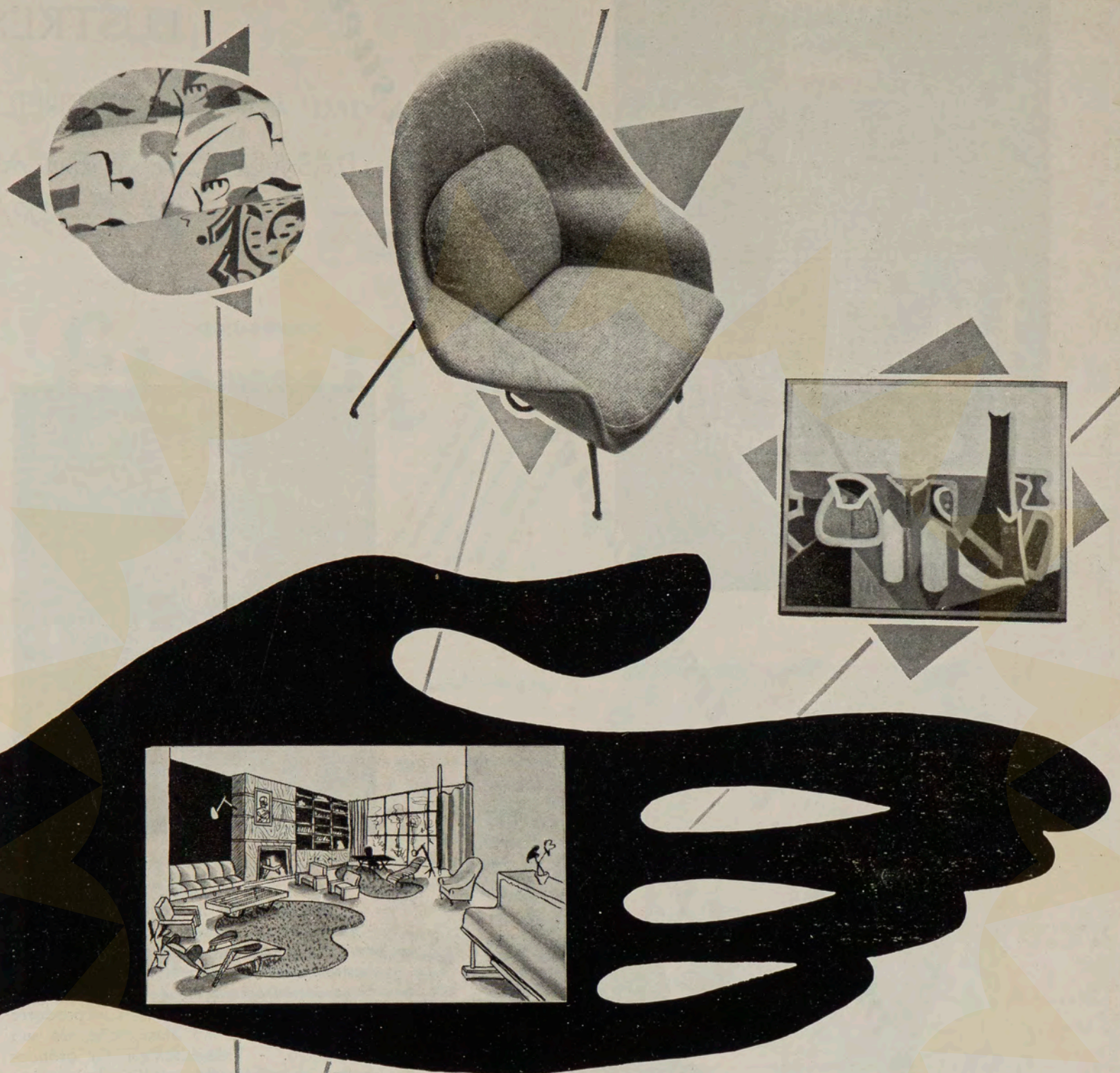
DESDE 1930

A INDÚSTRIA “POMBO” é *fornecedora exclusiva* de Brindes para “General Motors do Brasil S.A.”, “International Harvester Máquinas S.A.” e muitas outras grandes Companhias, no Brasil

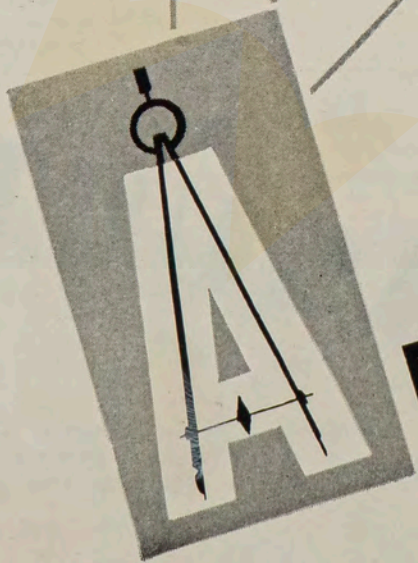
ERNESTO ROTHSCCHILD

A FÁBRICA DOS BRINDES TRADICIONAIS

Rua Cantareira, 1105, Caixa Postal 4093, Fones: 34-9161 (Ramais) São Paulo



móveis modernos
tapeçarias
decorações
objetos de arte

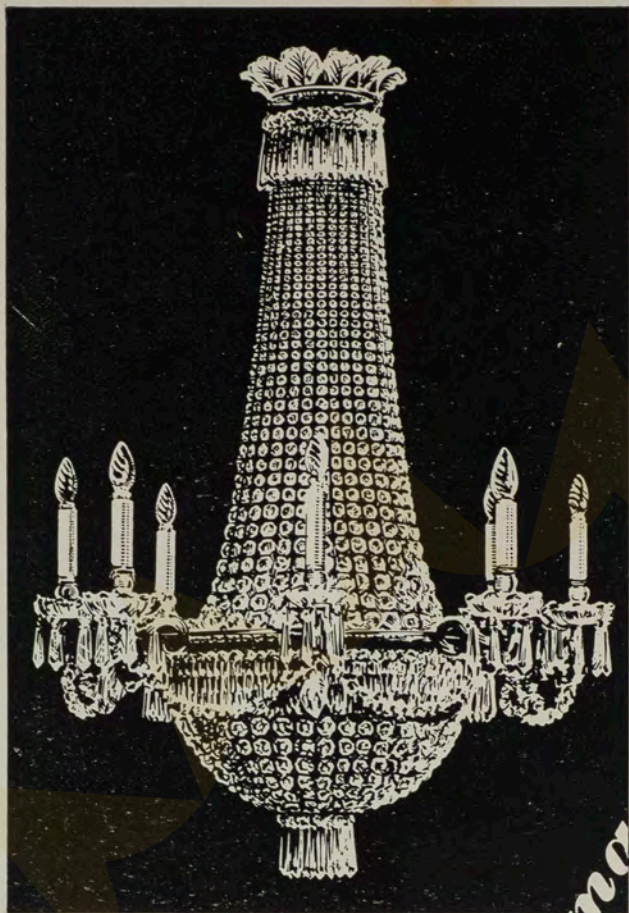


ambiente

r. martins fontes, 223 - fone: 35-0306

LUSTRES

IMPORTADOR DIRETO
DAS MELHORES FABRICAS
DA EUROPA



A maior exposição do Brasil em lustres finos.
- Permanentemente se recebem os modelos mais originais das produções européias: Lustres, plafons e arandelas em cristal Bohemia, porcelana francesa, bronze artístico e cristal colorido. - Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua Residência. - Especialidade em grandes lustres sob encomenda para finas Residências, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. - Colocação gratuita por pessoal especializado.

lustres **MASUET**

av. brasil, 216 - tel. 8-2958

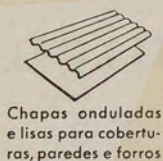
PRIMEIRO NA IDADE... E NA QUALIDADE!

CIMENTO-AMIANTO
Eternit
MARCA REGISTRADA

**aprovado
pela sua economia
na mão de obra**

Extraordinariamente resistente, garantindo durabilidade quase ilimitada e proporcionando grande facilidade de transporte e montagem, — porque é de peso reduzido — o cimento-amianto ETERNIT assegura compensadora economia no custo da mão de obra. Por isso vem sendo preferido nas mais variadas construções, em todo o mundo. Aprovado pela sua notável economia, ETERNIT destaca-se também pela extraordinária facilidade com que é trabalhado: pode ser cortado, serrado, furado e parafusado com as ferramentas comuns.

Eternit garante alta resistência — Primeiro material de cimento-amianto obtido por processo moderno, ETERNIT é fabricado exclusivamente com amianto de fibras selecionadas e cimento "Portland" da melhor qualidade.



Chapas onduladas e lisas para coberturas, paredes e forros



Caixas d'água e de descarga



Calhas e tubos de descarga



Tubos para ar condicionado e ventilação



Fossas sépticas e caixas de gordura

Standard-E8-R-19

Aprovado e preferido pela Engenharia Brasileira, ETERNIT confirma a sua fama de ser o melhor cimento-amianto usado em todo o mundo.

ETERNIT DO BRASIL CIMENTO AMIANTO S/A

MATRIZ: São Paulo — Fábrica em Osasco — São Paulo — Telefones: 57 e 58
Caixa Postal, 7044 — São Paulo — Endereço Telegráfico: "Eternit São Paulo"
FILIAL: Rio (C. F.) — Fábrica em Honório Gurgel — Rio — Esc.: Praça Pio X, 78
9.º and. — Te. 23-0427 - Cx. Postal, 3338 — End. Teleg.: "Eternit Rio de Janeiro"

VENDAS NO RIO E EM SÃO PAULO:

MONTANA S. A. ENGENHARIA E COMÉRCIO — Rio: Rua Visconde de Inhaúma, 64 - 4.º andar - Telefone 43-8861 — São Paulo: Rua Conselheiro Crispiniano, 20 - 4.º andar - Telefone 34-5116
SOCIEDADE TÉCNICA E COMERCIAL SERVA RIBEIRO S. A. — São Paulo: Rua Florêncio de Abreu, 779 - Telefone 32-3148 — Rio: Rua Teófilo Otoni, 123-A - 6.º andar - Telefone 43-1952
TÉCNICA E MERC. DE MATERIAIS GERAIS "TEMAG" S. A. — S. Paulo: R. Cons. Crispiniano, 398 - 6.º - Tel. 34-0069 — CIA. INDUSTRIAL E MERCANTIL - CASA FRACALANZA - Rio: R. Teófilo Otoni, 123 - Tel. 23-4869



- INCOMBUSTÍVEL
- TERMO-ISOLANTE
- IMPERMEÁVEL
- INOXIDÁVEL
- RESISTENTE

Distribuidores em todo o Brasil



Parte da nossa decoração do Hall do
Hotel Ambassador - Rio

Decorações Iluminação Moderna

Unico Representante e Distribuidor
dos Móveis Patenteados Modernos
do Prof. Aalto

Modelos diversos de outros arquitetos

MOVEIS SUECOS ARTODOS LTDA.

Av. N. S. Copacabana, 291 F - Copacabana Palace Hotel - Rio de Janeiro - Telef. 37-0513



A marca dos  *cristais finos*

Cristais

Ceramica

CRISTAIS PRADO

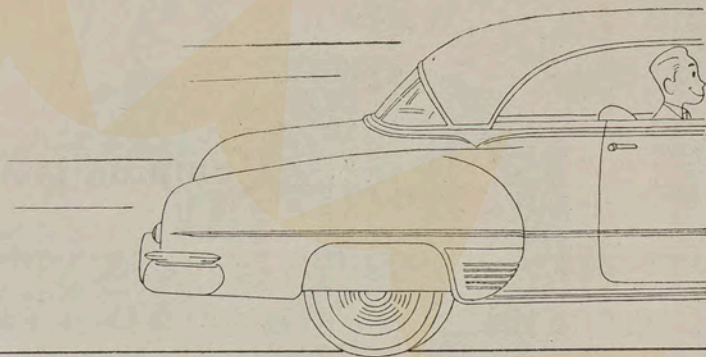
São Paulo

Loja: Rua 24 de Maio, 57

Fone: 34-8472



**Todos
param
para
olhar**



o novo

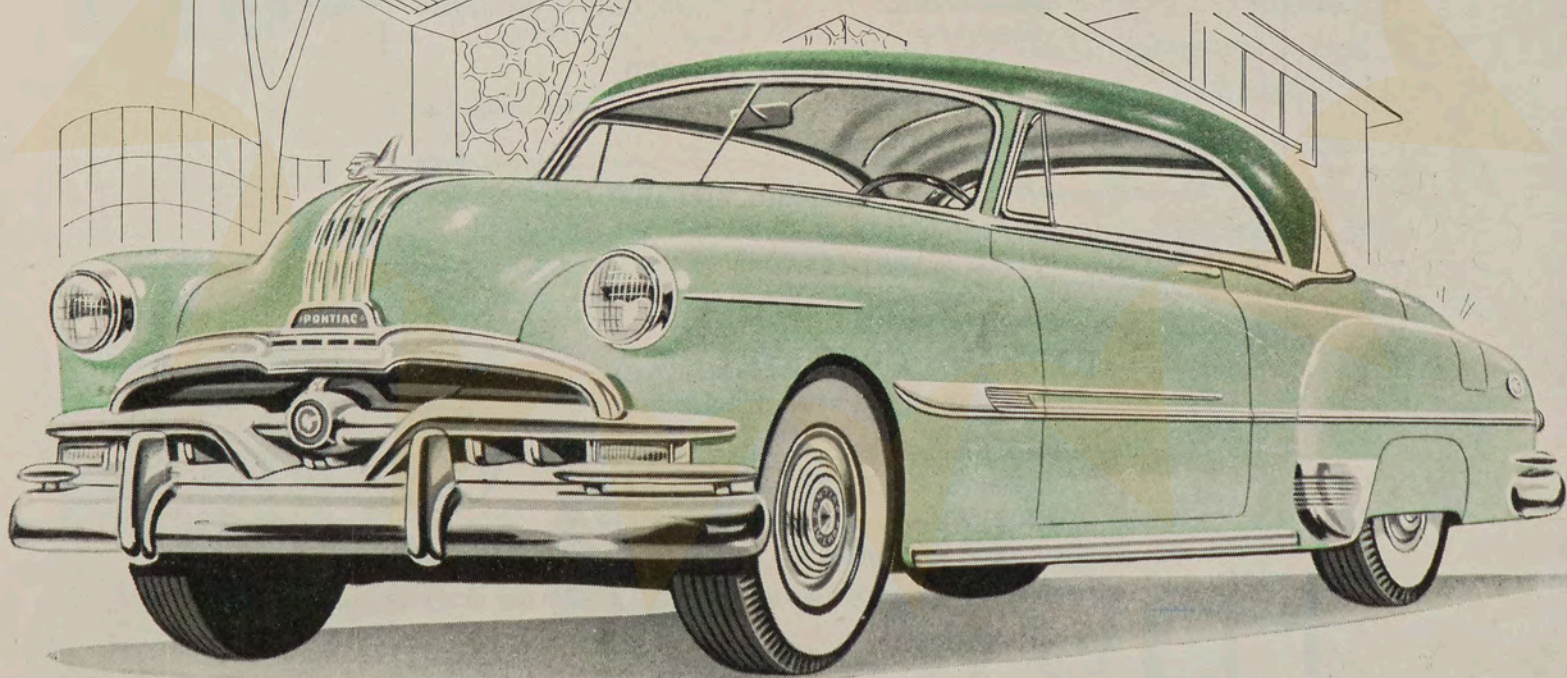
PONTIAC

Catalina

O mais empolgante carro até hoje construído!

Associando as linhas leves de um moderno conversível ao conforto e segurança de um sedan, o novo PONTIAC CATALINA representa mais satisfação para quem dirige, mais prazer para quem viaja e mais sensação para quem olha! PONTIAC CATALINA

— com a sensacional transmissão Hydra-Matic.



PRODUTO DA

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

ACÇÕES DA



Companhia Nacional de Investimentos

Capital Cr\$ 50.000.000,00

**Uma excelente aplicação para
as suas reservas e economias**

As ações da CNI, cujos recursos estão aplicados em variados negócios e empreendimentos da mais alta segurança, permitem distribuir aos seus acionistas excelentes dividendos, pagos semestralmente sendo regularmente negociadas na Bolsa Oficial de Valores de São Paulo.

Se V. S. deseja uma excelente aplicação para as suas economias ou reservas, solicite a Roxo Loureiro S. A. — Banqueiros de Investimentos — folhetos explicativos, balanços e demais detalhes sobre esta importante companhia.

São membros do Conselho de Administração da Companhia Nacional de Investimentos as seguintes pessoas:

CONSELHO DIRETOR

Prof. Dr. Benedicto Montenegro
Presidente

Rogério Giorgi
Vice-Presidente

DIRETORES EXECUTIVOS

Dr. Orozimbo O. Roxo Loureiro
Presidente

Jair Ribeiro da Silva
Diretor

José Floriano de Toledo
Superintendente

Dr. Olavo de Almeida Pinto
Diretor

CONSELHO TÉCNICO

Dr. Francisco Prestes Maia
Presidente

Dr. Fernando Rudge Leite

Ernesto Barbosa Tomanik

Jacques Perroy

CONSELHO FISCAL

Dr. Carlos A. Carvalho Pinto
Horácio de Mello

Alexandre Hornstein

Dr. Iris Miguel Rotundo

Prof. Dr. J. de Almeida Ramos
Miguel Ethel

ROXO LOUREIRO S.A.

BANQUEIROS DE INVESTIMENTOS

Rua Libero Badaró, 182 — Telefone: 32-2281

End. Telegráfico: "ROLOU" — SÃO PAULO



*Nossas operações de compra e venda de títulos são realizadas
por intermédio de corretores oficiais da Bolsa Oficial de Valores.*

unidos para sempre...



Corações que se adoram e são felizes...

Encantamento... Núpcias... Presentes...

Entre as mais finas dádivas refulge a beleza soberba de um faqueiro Wolff — que os acompanhará através do tempo marcando para sempre a doce lembrança desse dia venturoso...

Wolff — tradicional símbolo de qualidade em talheres e faqueiros dos mais variados estilos.

Tudo é perfeito! Para um presente feliz — Wolff é a melhor escolha!

TALHERES E BAIXELAS

WOLFF

ALPACA * AÇO INOXIDÁVEL * PRATA

Cia. Brasileira de Artefactos de Metais
Caixa Postal 8113 - São Paulo

Um por todos... ...todos por um

*H*á empreendimentos na vida que o homem não pôde realizar isoladamente.

A escalada de uma montanha, por exemplo, requer a colaboração e o esforço conjugado de todos os que participam da prova. E idêntica colaboração deve existir nos diversos setores da atividade humana, para que os objetivos visados sejam mais facilmente atingidos.

Nas organizações públicas ou privadas ocorrem, a cada momento, situações semelhantes, que só a união de companheiros e chefes pode solucionar satisfatoriamente. Um dos problemas mais comuns na vida social de uma empresa é, por exemplo, o da proteção contra as incertezas do dia de amanhã. Vários são os obstáculos que muitas vezes se levantam contra a concreti-

zação desse ideal. Foi pensando assim que a EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL criou o seu plano de "SEGURO EM GRUPO" que proporciona, ao pessoal de uma organização através da união de empregados e dirigentes, tôdas as vantagens do seguro individual — segurança, amparo e tranquilidade — sob condições e pagamentos mais acessíveis.

Além dessas vantagens, o "SEGURO EM GRUPO" é isento de exame médico e carência. Não estando sujeito a descontos e impostos, o seguro é pago integral e imediatamente.

Trata-se, assim, de um plano que, incentivando a colaboração entre empregados e empregadores, abre a milhões de homens de tôdas as categorias sociais as portas de um futuro mais garantido, dando-lhes e à sua família a certeza de uma proteção permanente e efetiva.

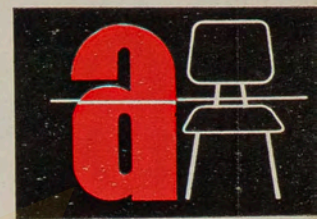
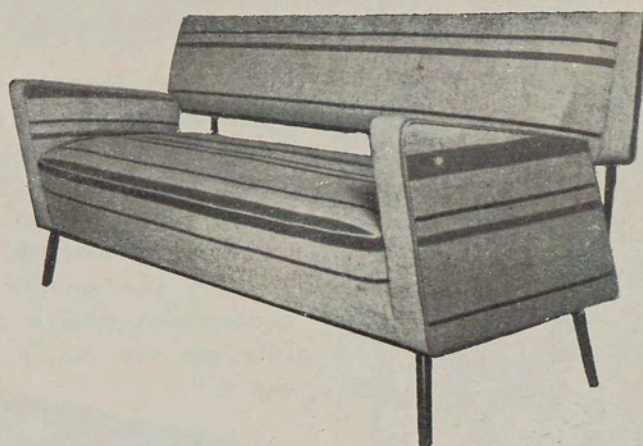
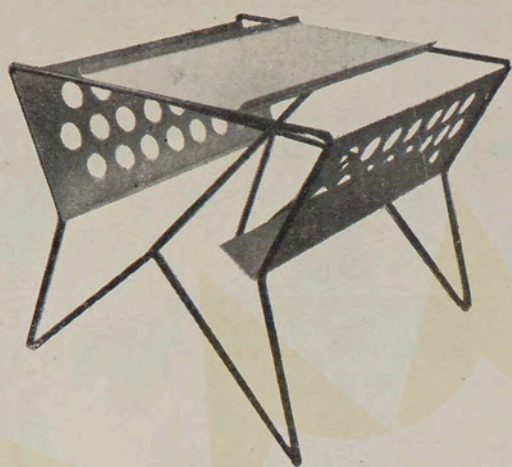
Consulte-nos, que lhe daremos tôdas as informações e esclarecimentos.

A EQUITATIVA

DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Sociedade Mútua de Seguros de Vida

AVENIDA RIO BRANCO, 125 — RIO DE JANEIRO



moveis artesanal ltda.

são paulo, rua arnaldo, 13, itaim; caixa postal, 6510, telefone 8-5635

NA AVIAÇÃO



Na aviação, destaca-se o nome de **ALBERTO SANTOS DUMONT**, a quem deve a humanidade a conquista dos ares. Com justiça cognominado "O Pai da Aviação", este grande compatriota — orgulho da nacionalidade — é mundialmente admirado.

Entre seus grandes feitos aviatórios está o admirável contorno da Torre Eiffel que, sem dúvida alguma...

...não admite confrontos!

A **ÁGUA TÔNICA DE QUININO**, o insuperável refrigerante da Antarctica — orgulho da indústria nacional — mercê de seu inigualável sabor, de sua alta qualidade e da indiscutível preferência que goza em todo o Brasil, **TAMBÉM**, sem dúvida alguma,

NÃO ADMITE CONFRONTOS!

ÁGUA

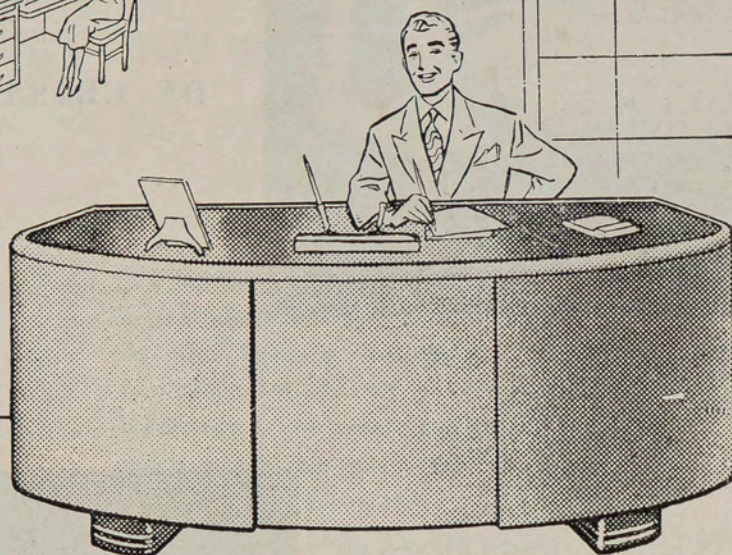
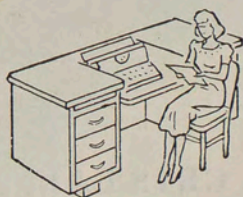
TÔNICA

DE QUININO

ANTARCTICA

Uma equação perfeita

BELEZA + DURABILIDADE
= MESAS FIEL



Práticas e resistentes, as mesas de aço FIEL constituem o melhor cartão de apresentação de seu escritório e da importância de seus negócios. Há mesas de aço FIEL para atender a todas as necessidades de um escritório moderno.



MÓVEIS DE AÇO FIEL, S. A.

R. CACHOEIRA, 670 - TÉLS.: 9-5544 - 9-5545 - S. PAULO

MÁXIMA PERFEIÇÃO NOS MÍNIMOS DETALHES



FABRICANTES DE LUSTRES
EM VÁRIOS MODELOS E TAMANHOS
TIPO MURANO

ARANDELAS

E

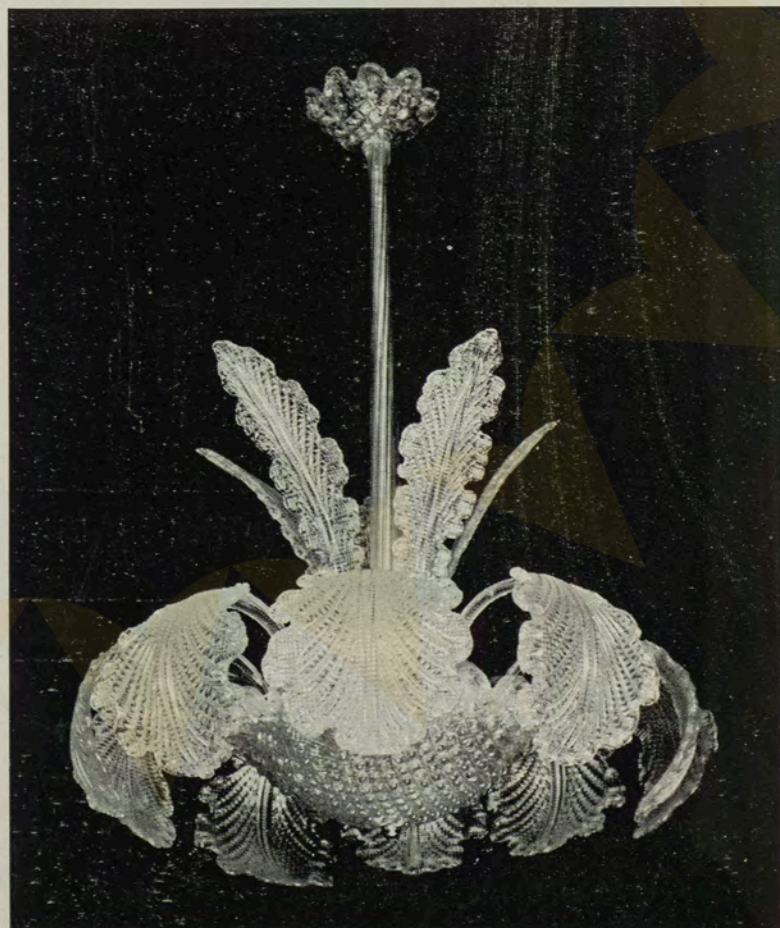
PEÇAS ARTÍSTICAS
DE CRISTAL, TIPO MURANO

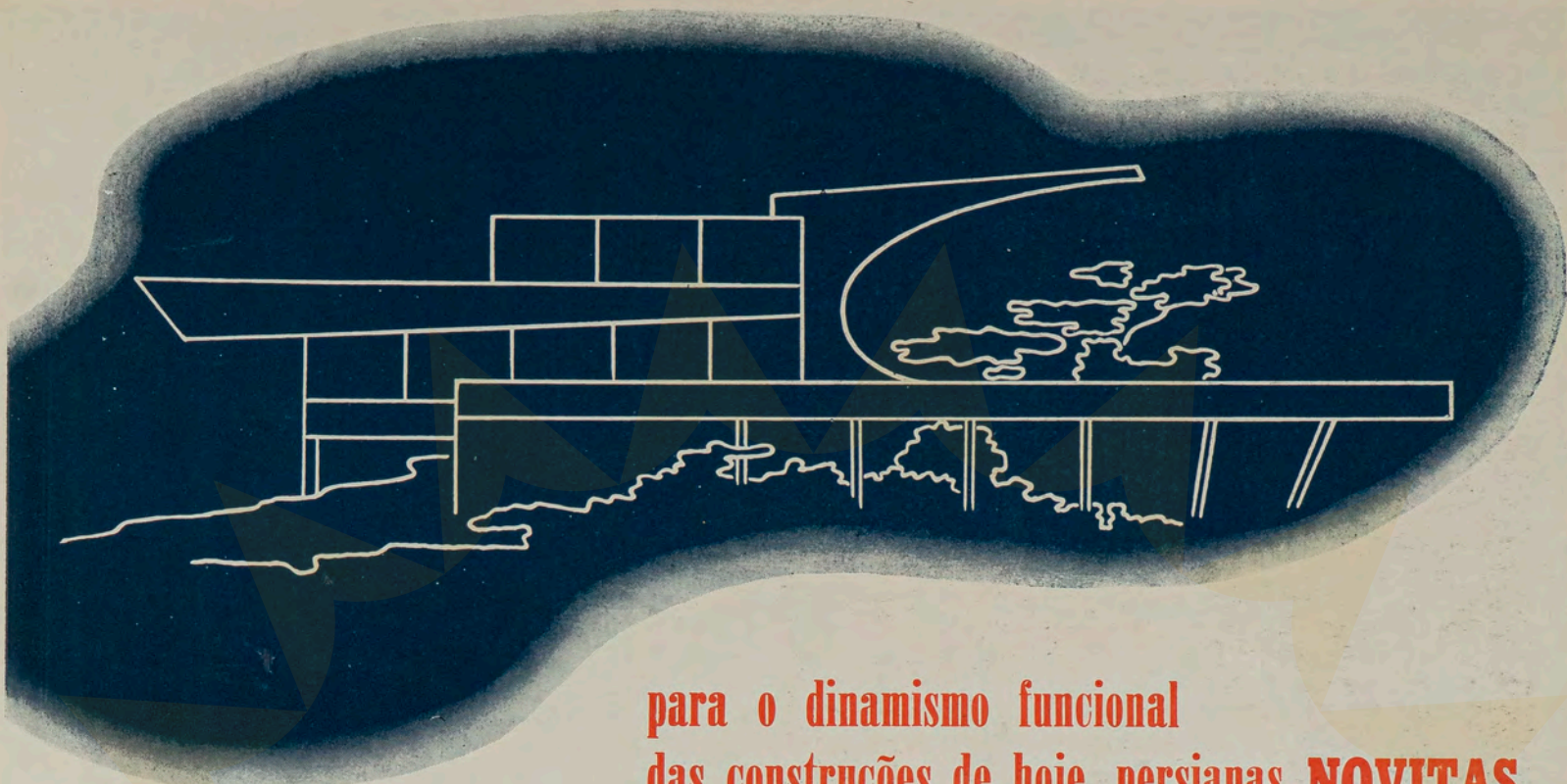
MOSAICO CRISTAIS VENEZA S/A

INDÚSTRIA E COMERCIO

ESCRITÓRIO E VENDAS:
RUA DA QUITANDA, 96 - 1.º
FONES: 32-5137 - RAMAL 22
e 35-1436

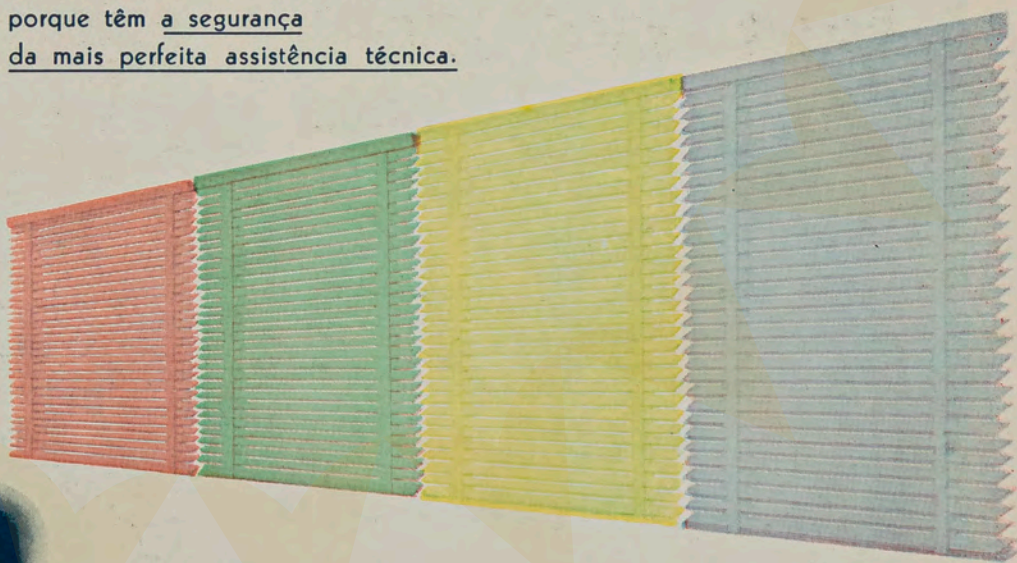
FÁBRICA:
AV. PRESIDENTE WILSON, 4519
END. TELEGR. "MOSAICO"
SÃO PAULO





**para o dinamismo funcional
das construções de hoje, persianas NOVITAS**

Os movimentos perfeitos de ascensão e descensão das persianas Novitas – de côres firmes e resistentes, fabricadas em alumínio e aço da melhor qualidade – são uma exigência indispensável no dinamismo funcional das construções modernas. E mais: o Sr. pode garantir a durabilidade das persianas Novitas, porque têm a segurança da mais perfeita assistência técnica.



persianas

NOVITAS

distribuidores da divisão móvel

Rua 7 de Abril, 252 - 2a. sobre-loja
Fones: 36-7287, 35-1494 e 35-6885
SÃO PAULO



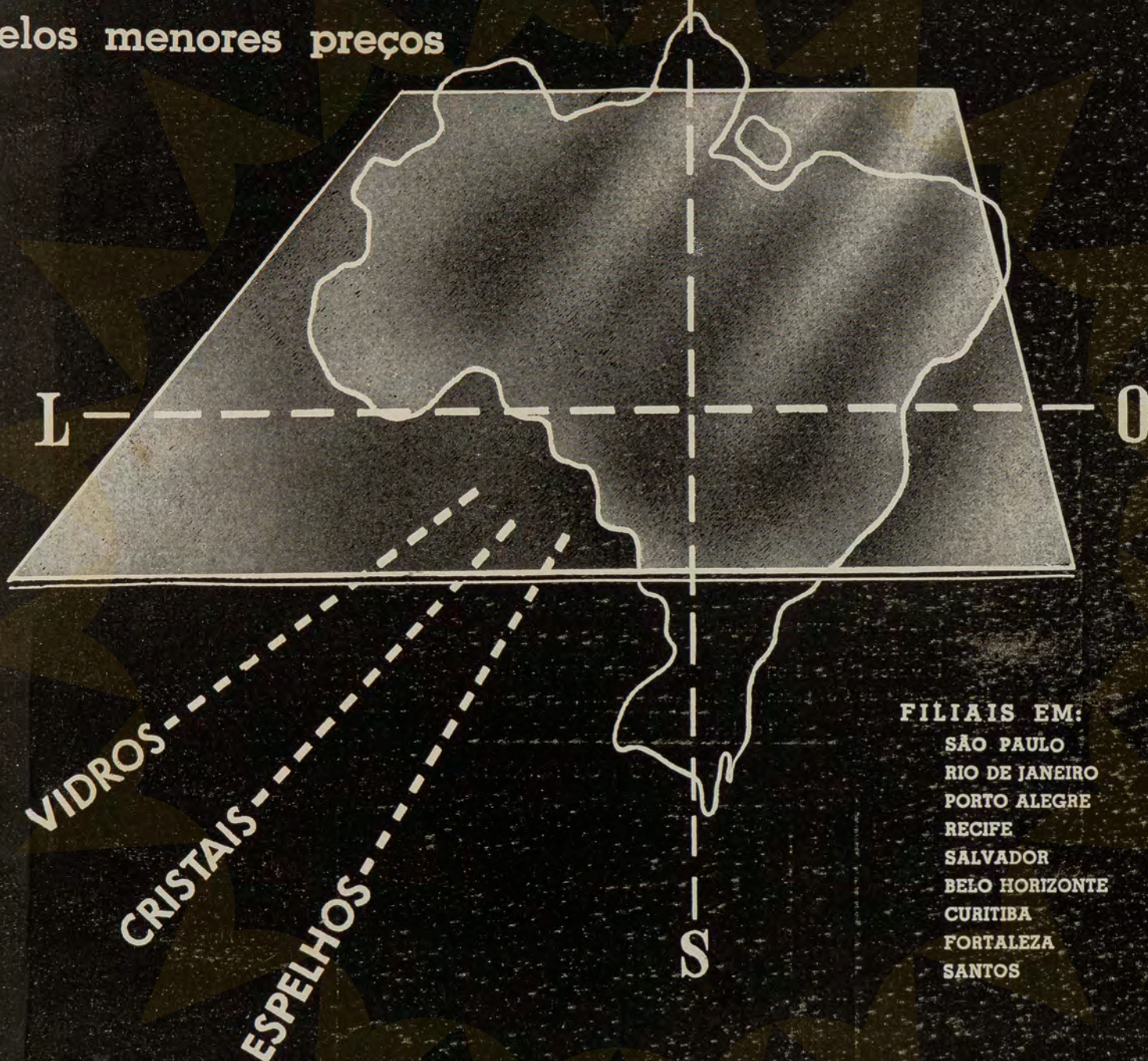
DE NORTE A SUL, DE LESTE A OESTE

α



N

vende os melhores produtos
pelos menores preços



FILIAIS EM:

SÃO PAULO
RIO DE JANEIRO
PORTO ALEGRE
RECIFE
SALVADOR
BELO HORIZONTE
CURITIBA
FORTALEZA
SANTOS

CIA. COMERCIAL DE VIDROS DO BRASIL



ESCRITÓRIO CENTRAL:

Rua Conselheiro Crispiniano, 379 — Fone: 34-7181

Enderêço Telegráfico: "VIDROS"

SÃO PAULO

Crescendo...

SERVINDO!

Bastante expressivo tem sido o desenvolvimento do BANCO NACIONAL IMOBILIÁRIO, nestes últimos 5 anos.

Entretanto, o progresso de uma Instituição bancária não se mede apenas pelos algarismos constantes de seu balanço.

No nosso caso, mais expressivos ainda do que os números, são os bons serviços e a responsabilidade com que temos procurado atender a uma enorme clientela, que constantemente nos honra com a sua confiança.

A fim de honrar essa confiança, tudo faremos para alcançar um alto índice de evolução, sempre através de melhores e eficientes serviços.

RESUMO DO BALANCETE

Em 30 de Abril de 1952

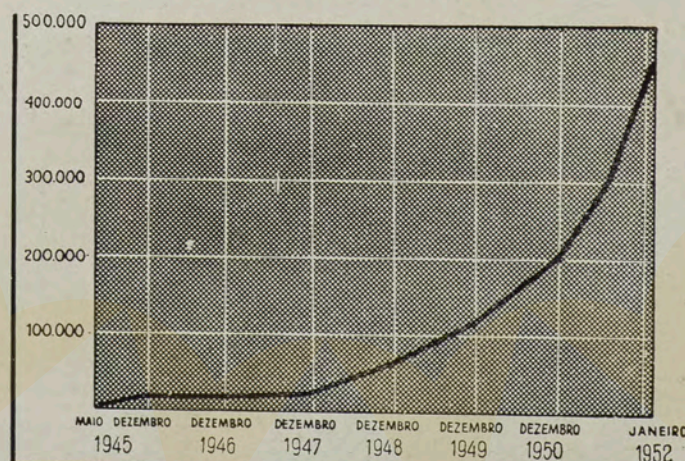
DISPONIBILIDADES E APLICAÇÕES

| | |
|---|------------------|
| Dinheiro em Caixa, no Banco do Brasil e em Bancos | |
| Correspondentes | 103.124.795,40 |
| Empréstimos | 341.843.335,60 |
| Empreendimentos Imobiliários | 71.653.384,50 |
| Edifício Sede e Instalações | 27.208.665,10 |
| Outras Aplicações | 182.988.687,00 |
| Contas de Compensação | 806.122.527,40 |
| Total | 1.532.941.395,00 |

RECURSOS PRÓPRIOS E RESPONSABILIDADES

| | |
|--|------------------|
| Capital, Reservas e Lucros Suspensos | 76.554.202,60 |
| Depósitos | 496.445.333,70 |
| Diversas Responsabilidades | 153.819.331,30 |
| Contas de Compensação | 806.122.527,40 |
| Total | 1.532.941.395,00 |

ASCENÇÃO DOS DEPÓSITOS



Banco Nacional Imobiliário S.A.

— UMA INSTITUIÇÃO PARA SERVIR O PÚBLICO —

SEDE CENTRAL: Rua Álvares Penteado, 72 - Telefone: 35-6131

Agência São João: Av. São João, 1183 - Telefone 52-8327
Agência Penha: Rua da Penha, 371 - Telefone 9-0273
Agência Pinheiros: Rua Teodoro Sampaio, 2347 - Tel. 8-1604
Agência do Braz: Av. Rangel Pestana, 2121 - Tel. 9-7700
Agência Paraíso: Rua Paraíso, 915 - Telefone 31-3234
Agência Paula Souza: Rua Paula Souza, 62 - Tel. 34-4952
Agência Marechal Deodoro: Av. S. João, 2176 - Tel. 52-7064

Agência Tatuapé: Av. Celso Garcia, 3760 - Fone 9-0056
Agência Jabaquara: Av. Jabaquara, 812 - Telefone 70-2932
Agência Bom Retiro: Rua José Paulino, 390 - Tel. 52-6250
Agência Mercado: Rua Senador Queiroz, 637
Agência Consolação: Av. Ipiranga, 367 - Telefone 5-578
Agência Luz: Rua São Caetano, 554
Agência Santa Efigênia: Rua Santa Efigênia, 733 - Tel. 34 8656

Segurança!

com

LUZ PHILIPS

A PHILIPS orgulha-se em ter cooperado para a solução do problema dos Túneis "9 DE JULHO" fornecendo todo o material necessário à nova instalação: refletores especiais - lâmpadas SO-140 watts - transformadores - condensadores



Após cuidadosos estudos dos engenheiros da Prefeitura, a fim de resolver o sério problema da iluminação dos túneis "9 de Julho", foi preferida, pelas suas qualidades, a *luz de vapor de sódio*. Esses túneis, com um tráfego intenso, numa extensão de cerca de meio quilômetro, em curva, exigiam uma iluminação perfeita, principalmente *durante o dia*, para evitar o forte contraste entre o exterior e interior. Atingidas plenamente estas condições com a luz de vapor de sódio, obteve-se alta acuidade visual, sem ofuscamento e boa penetração para neblina e fumaça.

a vida de seus olhos

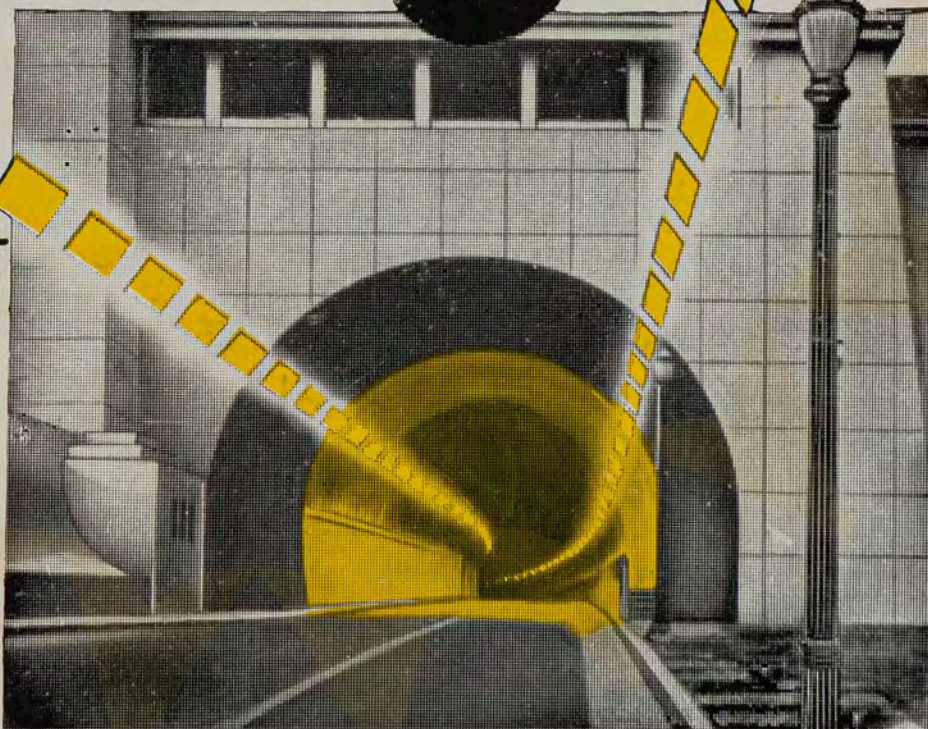
PHILIPS + LUZ

ALGUMAS DAS MÚLTIPLAS VANTAGENS DA ILUMINAÇÃO DE VAPOR DE SÓDIO

- Contrastes nítidos
- Alta acuidade visual
- Não produz ofuscamento
- Grande economia de consumo de corrente
- Alto fator de segurança para o tráfego

E SUAS APLICAÇÕES

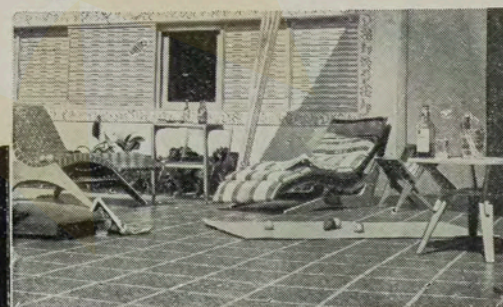
- Vias de tráfego de alta velocidade - Pontes - Túneis
- Cais de atracção - Pátios de E. Ferro - Galerias de Minas - Indústria Pesada
- Sinalização de Estradas, etc.



S. A. PHILIPS DO BRASIL

PRODUTOS: Lâmpadas Incandescentes, Fluorescentes e Especiais
Aparêlhos Domésticos - Aparêlhos de Eletro-Medicina - Raios X
Equipamentos Dentários - Aparêlhos Eletrônicos de Medição
Telefones Automáticos - FILIAIS: RIO - SÃO PAULO - BELO
HORIZONTE - RECIFE - PÔRTO ALEGRE - CURITIBA - SALVADOR
FORTALEZA

Residência
moderna
em
São José dos Campos



fidal 2199

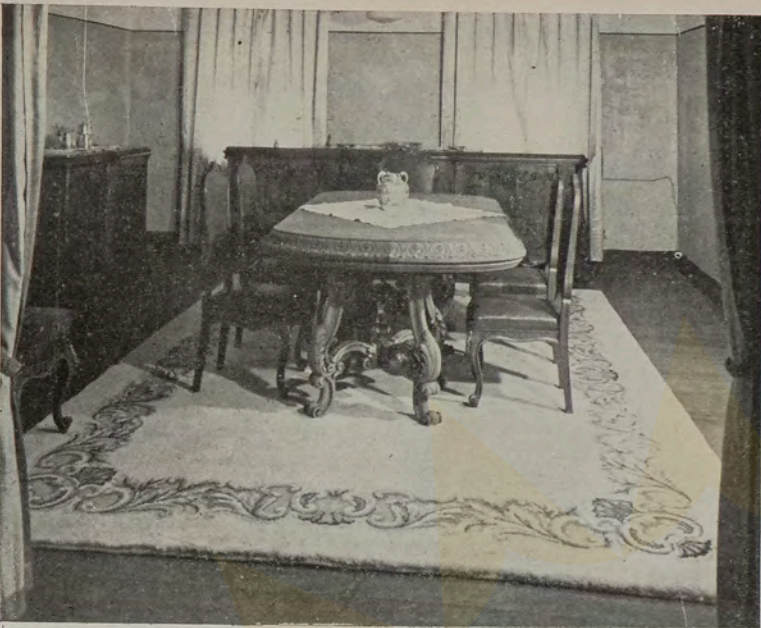
móveis

Zanine

Fabricantes: **ZANINE, PONTES & CIA. LTDA.**

Av Rui Barbosa, 688 - São José dos Campos - Est. de S Paulo
Representante em São Paulo:

Miguel Damiano - Telefone: 35-7247



TAPETES STA. HELENA

FEITOS A MÃO



SÃO PAULO

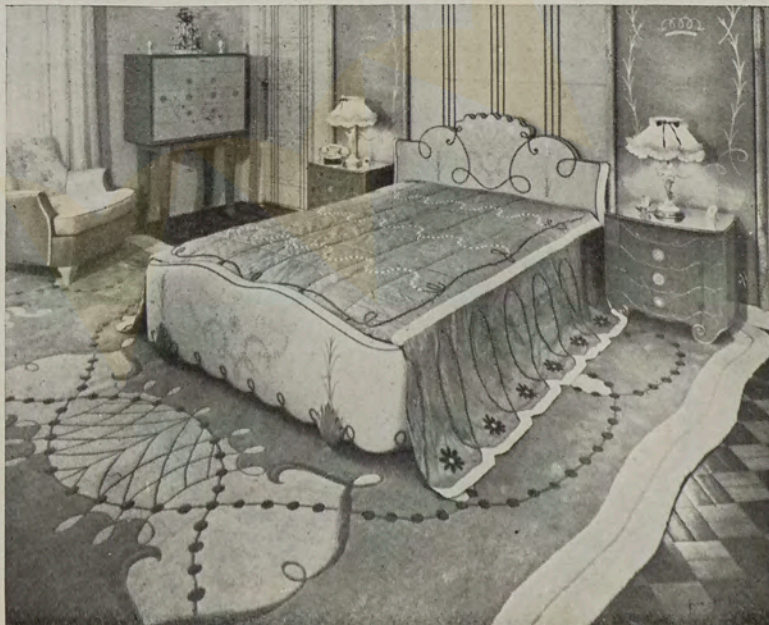
Rua Antonia de Queiroz, 183

Tels.: 34-1522 e 36-7372

RIO DE JANEIRO

Rua Chile, 35

2.º and. - Tel.: 22-9054





ANTES DE CONSTRUIR, REFORMAR, OU COMPRAR CONSULTE O DECORADOR



Living-Dinning Room, Rio de Janeiro

DINUCCI DECORAÇÃO DE INTERIORES

RUA AUGUSTA, 762 a 770 — FONE 34-8718 — SÃO PAULO

REPRESENTANTES ESPECIALIZADOS NAS CAPITALS E CIDADES PRINCIPAIS DO PAIZ

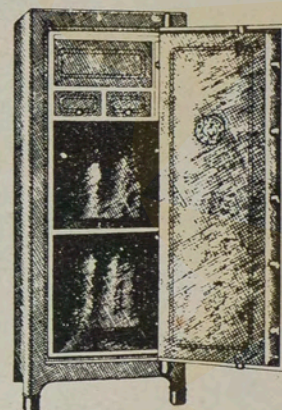
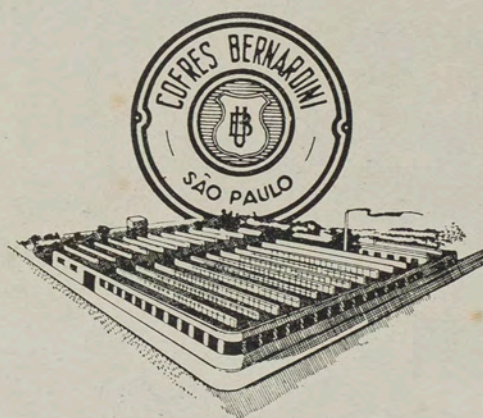
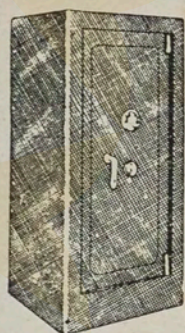
Dinucci Decoração de Interiores nunca teve e não tem filiais ou firmas associadas

BERNARDINI

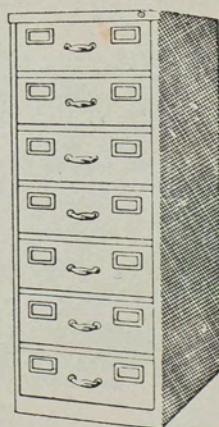
**TRADIÇÃO
EM
COFRES**



**E
MÓVEIS
DE AÇO**



**INSTALAÇÕES
PARA
BANCOS**



**BIBLIOTECAS
E
ESCRITÓRIOS**

Em São Paulo:

Fábrica e Escritório: Rua Hipólito Soares, 79 — Telefone, 3-0786

Loja: Rua Boa Vista, 75 — Telefone, 32-1414

No Rio de Janeiro:

Filial: Rua do Carmo, 61 — Telefone, 22-3541

Em Curitiba:

Filial: Rua Carlos de Carvalho, 134



Cortinas Decorações

Oficina própria - Estudos e orçamentos sem compromisso

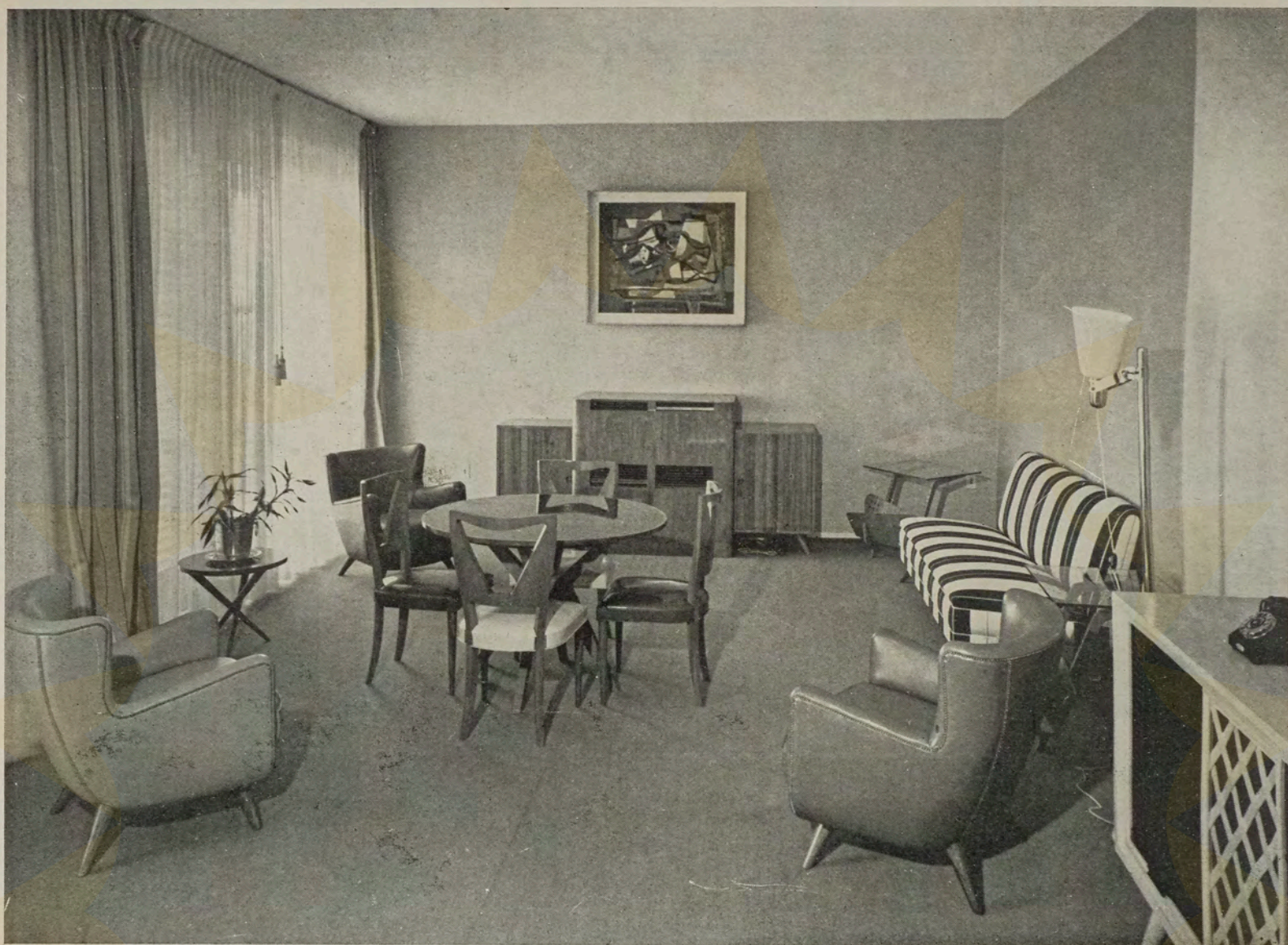


TAPEÇARIA ALFREDO

Rua Santo Antonio N.º 811
Telefone: 34-7472

São Paulo

MOBILIÁRIO MODERNO



Sala de estar. Apartamento Super-luxo. Hotel Amazonas, Manaus

MÓVEIS TEPERMAN S. A. possuindo o maior aparelhamento para desincumbir-se das tarefas mais aprimoradas em fornecimento de móveis finos, quer quanto aos mobiliários para residências, quer quanto à instalações em geral, coloca-se inteiramente às ordens de V. S. para fornecer sugestões para a mobília que deseja para seu lar



MÓVEIS TEPERMAN

SOCIEDADE ANÔNIMA

AV. RANGEL PESTANA, 2109
FONES: 9-5205, 9-5206 e 9-5059

S ã O P A U L O
CX. POSTAL, 10.599



o progresso surge

**onde a máquina
está presente !**

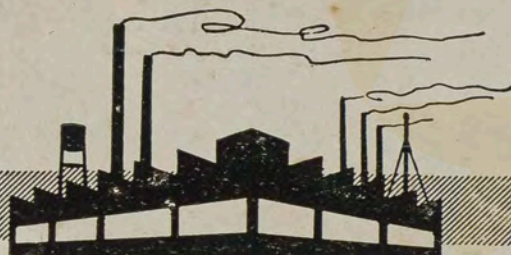
● Rasgando estradas, gerando força motriz, arando e irrigando os campos para garantir colheitas mais abundantes — nos grandes centros ou no “hinterland” — a máquina agiganta-se dando ao homem meios necessários para viver com mais conforto e dignidade. O aumento da produção agrícola e industrial, barateando o custo dos gêneros alimentícios e das utilidades, é uma de suas contribuições para o bem-estar e o progresso. Progresso no qual a COGEMA tem participado como fornecedora de equipamentos mecânicos para as mais diversas finalidades. Equipamentos que têm tornado grandes cidades ainda maiores, como é o caso típico de São Paulo, pela aceleração contínua do seu ritmo de trabalho.

Logema

COMPANHIA GERAL DE MATERIAIS

RIO — SÃO PAULO — BELO HORIZONTE

Tradição - Prestígio - Qualidade!



ÓLEO DE
AMENDOIM
DELÍCIA



★
GORDURA DE
AMENDOIM
DELÍCIA



★
ÓLEO
SALADA



★
GORDURA
VEGETAL
SALADA



★
LÃS SAMS
para tricô e
crochê



★
TECIDOS
SANTISTA



CASEMIRAS
SANTISTA



★
FARINHA SOL



★
FARINHA
SANTISTA



★
ANIL FULGOR



★
ANIL IDEAL



★
SABÃO ALBÁ



★
SABÃO
ESPUMANTE



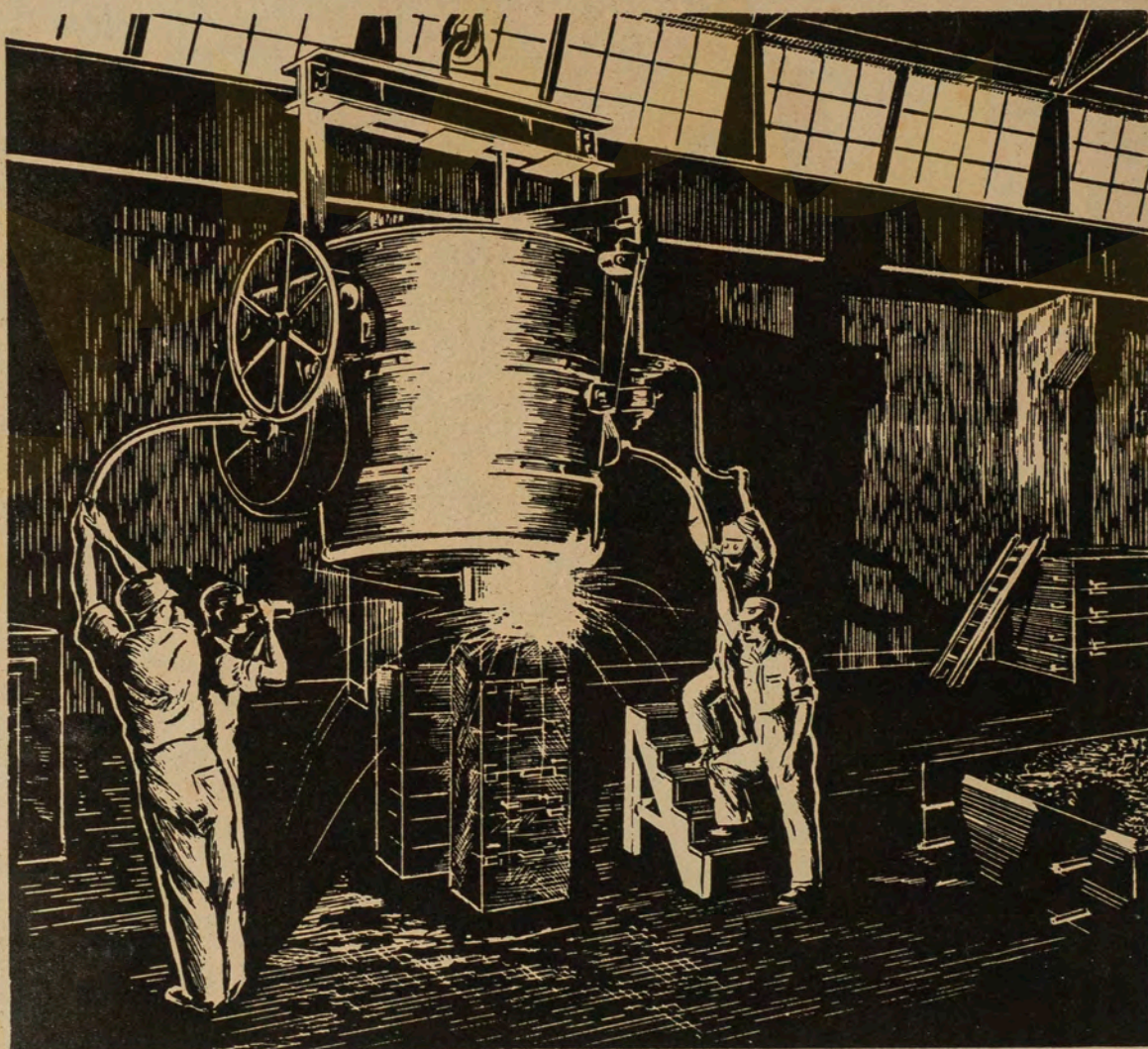
S. A. MOINHO SANTISTA INDÚSTRIAS GERAIS

Largo do Café, 11 - SÃO PAULO



Os responsáveis pela construção do edifício Acaiaca, em Belo Horizonte, considerando a importância da obra que realizaram, escolheram para o transporte vertical desse majestoso prédio, Elevadores Atlas, com características as mais avançadas. Estes elevadores, dotados de máquinas sem engrenagens, com capacidade para 16 pessoas e velocidade de 210 m. p. m., são o resultado compensador de longos anos de contínuos estudos e pesquisas e constituem o que há de mais moderno e perfeito no gênero.





Vasamento no ponto certo



Constituindo uma das operações de maior responsabilidade na fundição de aço, o Vasamento obedece a uma técnica especial que prevê para cada tipo, uma temperatura adequada. A rigorosa observância dessa técnica, bem como das demais normas de cada fase da fundição, conquistou para a marca "Villares" um destacado prestígio, e a confiança absoluta dos consumidores de peças de aço ao carbono, aço cromo níquel de alta resistência, aços inoxidáveis e outros, com peso unitário até 11.000 Kg.

FUNDIÇÃO DE AÇO
ELEVADORES ATLAS S. A.

ELEVATLAS-1007-F

Rua Alexandre Levi, 202 - Telefone 33-5187 - São Paulo
Av. N. S. de Fátima, 25 - Telefone 32-9230 - Rio de Janeiro

A instalação
de sua loja
é seu MELHOR
cartão de visita!



Modernize seu estabelecimento, e lucrará mais.
INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS "JOTE", com seu corpo de
técnicos experimentados no ramo, estão aptos a criar e
executar os mais lindos trabalhos, tornando seu estabele-
cimento um verdadeiro atrativo para seus clientes.
INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS "JOTE" e seus técnicos es-
tão prontos a apresentar projetos sem compromisso
para qualquer parte do país.

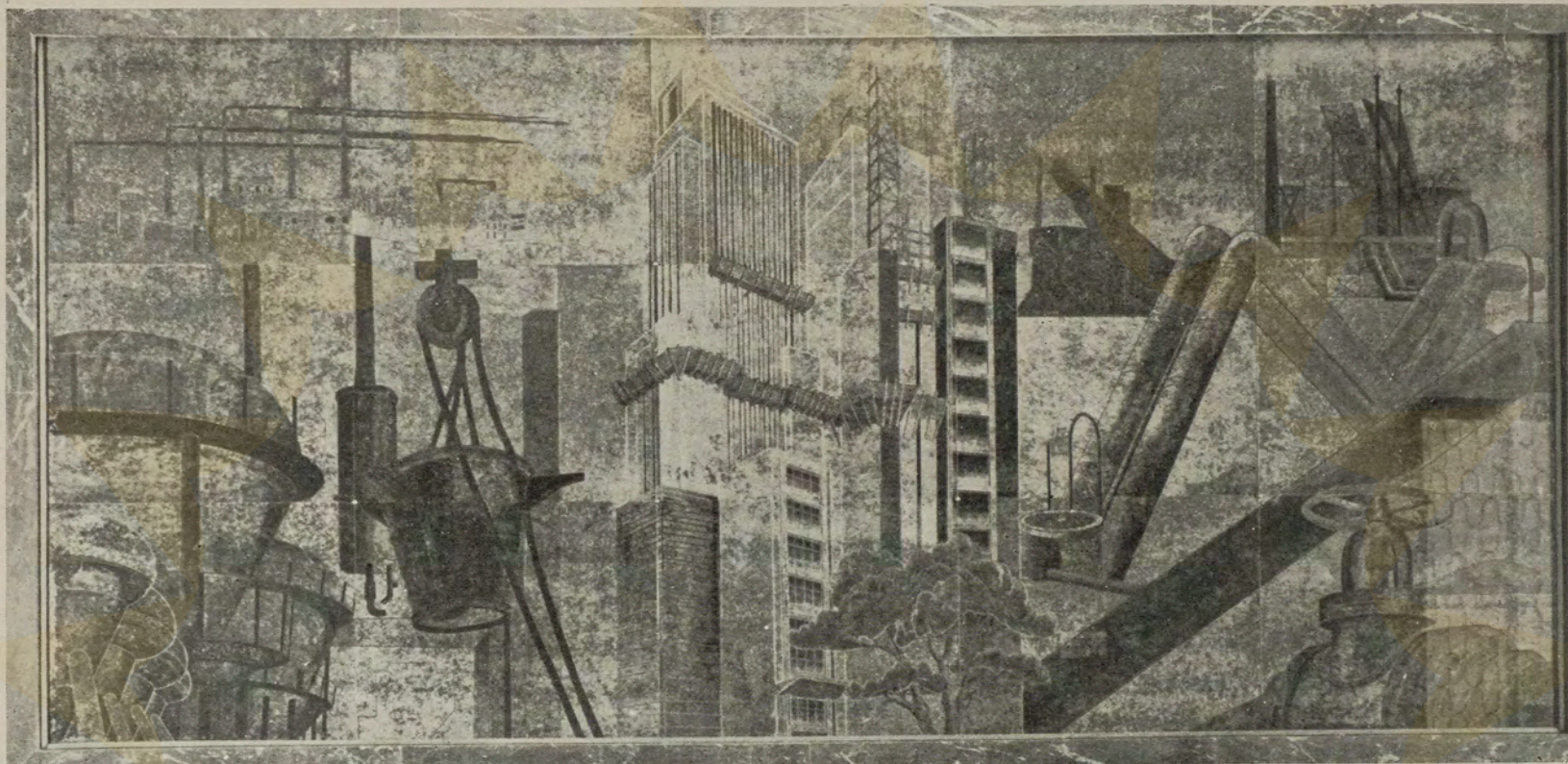
INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS "JOTE"

J. J. JOTE

MOVEIS — DECORAÇÕES

VITRAIS CONRADO SORGENICHT S. A.

"UMA CASA TRADICIONAL, MAS SEMPRE NA VANGUARDA"



Grande espelho em côres, executado para o salão do Banco Nacional Imobiliário, à Rua 15 de Novembro, São Paulo



R. BELA CINTRA, 67 - TELS. 34-5649 e 36-4091 - S. PAULO

AGENTES: RIO — CAMPINAS — SALVADOR — RECIFE

Criações artísticas



que traduzem bom gosto

LOPA-ALBANA
LIMITADA
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 378 — FONE: 32-7847

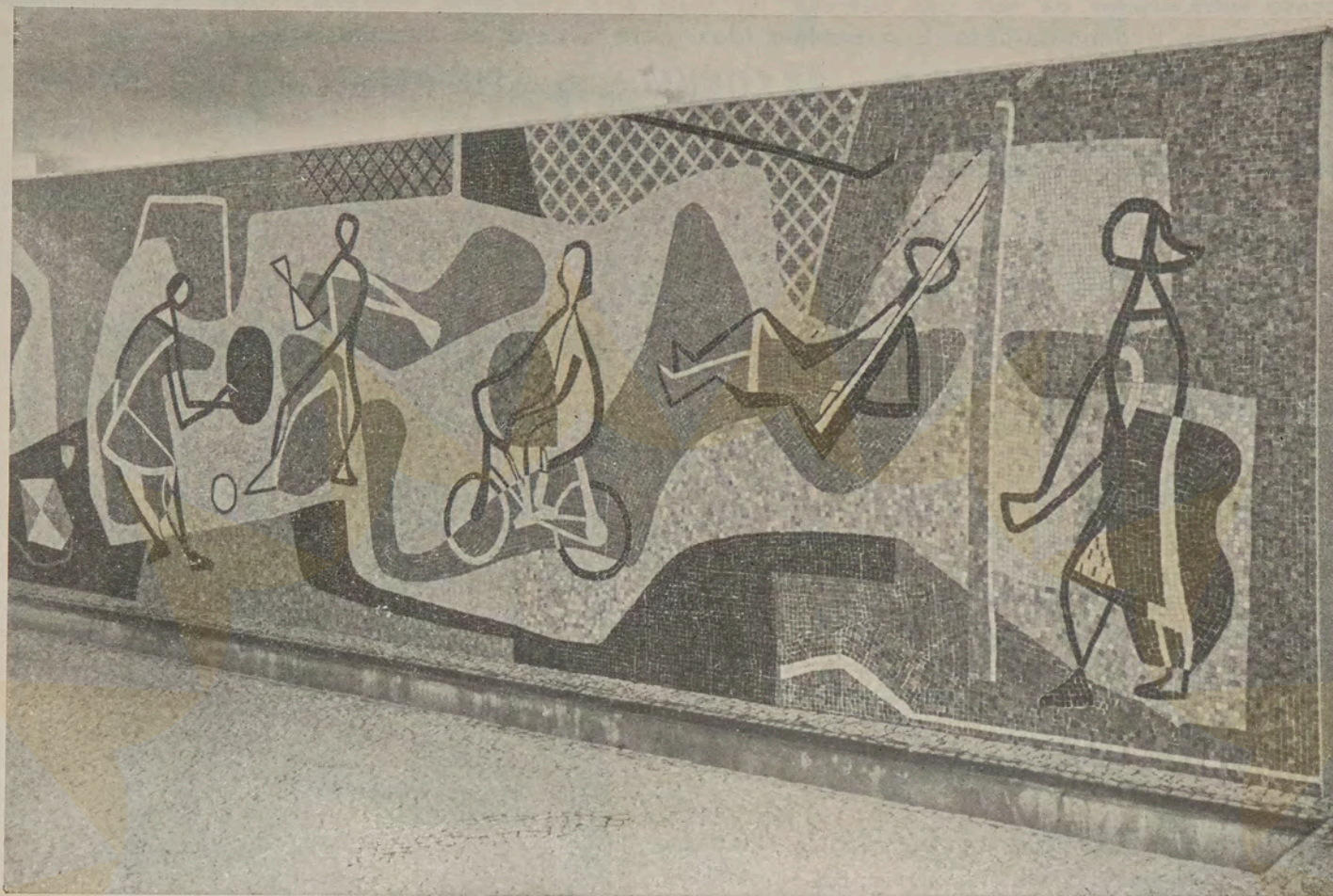
DECORAÇÕES

Citytax

A ORGANISAÇÃO MAIS COMPLETA DO RAMO

Nossa secção de decorações
é dirigida por Carlos Martins Spira
conhecido decorador recém chegado
dos Estados Unidos.





Painel - Dr. Roberto Burle Marx

MOSAICO
VIDROSO

«VIDROTIL»

VENDAS:

SÃO PAULO: S/A DECORAÇÕES EDIS - Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 300 - Telefone, 32-2326

RIO DE JANEIRO: ARTHUR P. KRUG - Rua Almirante Alexandrino, 200, S. 202 - Fone, 22-4394

PORTO ALEGRE: C. TORRES S. A. - Rua Voluntários da Pátria, 338 - Fone, 7144

SALVADOR: GERALDO GONZAGA - Rua Alvares Cabral, 8

BELO HORIZONTE: BITTENCOURT & CIA. LTDA. - Av. Amazonas, 266, 12.º andar, Sala 1218 - Fone, 2-6354

Espaçoso refrigerador de seis pés cúbicos, da mais alta qualidade, contendo tôdas as conveniências essenciais para a dona-de-casa. É o modelo ideal para a copa ou cozinha onde o espaço é limitado.

1. PRATELEIRA PARA PEQUENOS ENVÓLUCROS

Ideal para pacotes de manteiga, queijo e outros, ficando esses envólucros ao alcance fácil da mão.

2. PRATELEIRA GRANDE PARA GARRAFAS

Contém espaço bastante para litros de leite e garrafas de bebidas. Conserva o líquido na temperatura conveniente. A abertura na pequena prateleira de cima, proporciona lugar para garrafas altas.

3. SUPER CAPACIDADE DE ARMAZENAMENTO

Ampla espaço entre as largas prateleiras, proporciona lugar suficiente para toda espécie de comestíveis de tamanho grande, como presunto e metade de uma melância.

4. CONGELADOR DE GRANDES PROPORÇÕES

Espaço para 9 quilos de alimentos a serem frigorificados. Duas gavetas para fazer gelo com 28 cubos, totalizando 2 quilos. Estas gavetas estão providas de alavanca extratora para facilitar a retirada dos cubos. Espaço adicional para mais alimentos frigorificados.

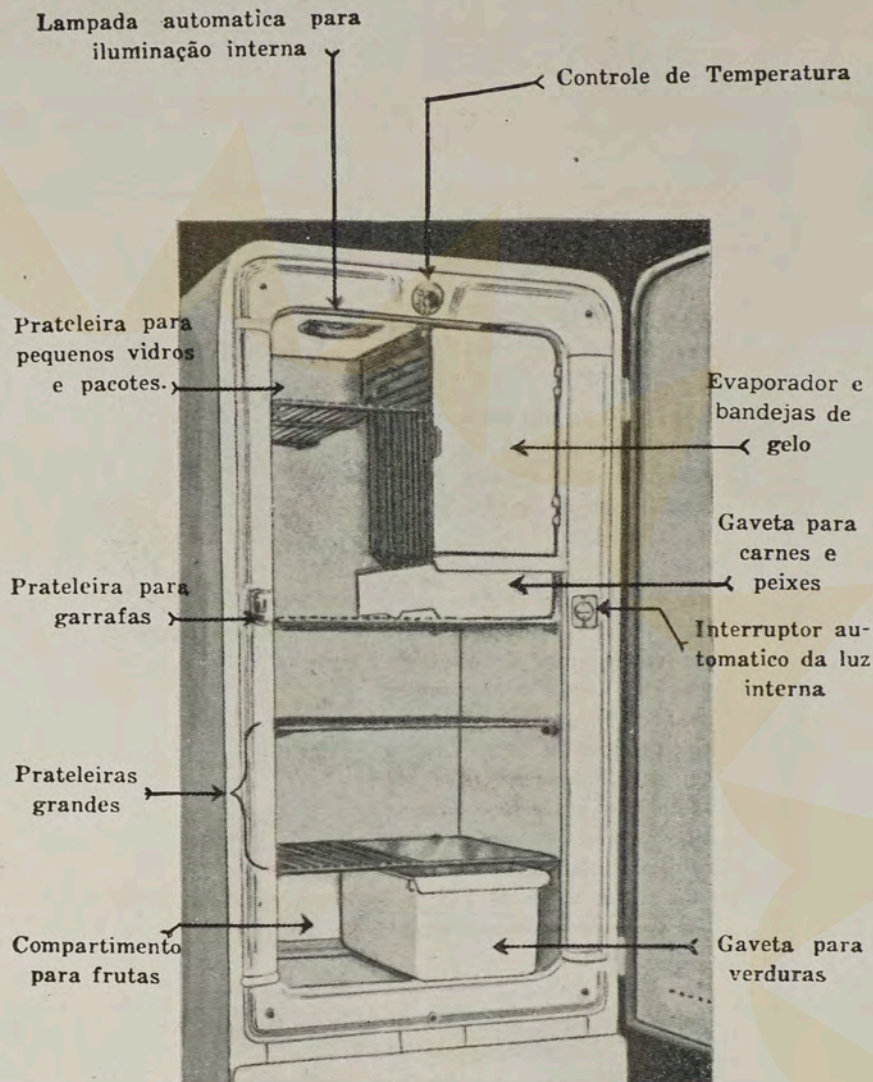
5. GAVETA PARA CARNE

De tamanho grande, localizada diretamente em baixo do congelador, com bastante espaço para carne fresca, conservando-a na temperatura certa, quase congelada. Nesta gaveta podem-se também armazenar cubos de gelo adicionais.

6. GAVETA PARA VERDURAS

Conserva verduras e frutas na temperatura conveniente, sem desidratá-las. As verduras se mantêm frescas e orvalhadas. Esta gaveta desliza facilmente sob a tampa de vidro.

CONHEÇA O SEU REFRIGERADOR NORGE



MODÉLO S-650 B

CONVENIÊNCIAS ADICIONAIS

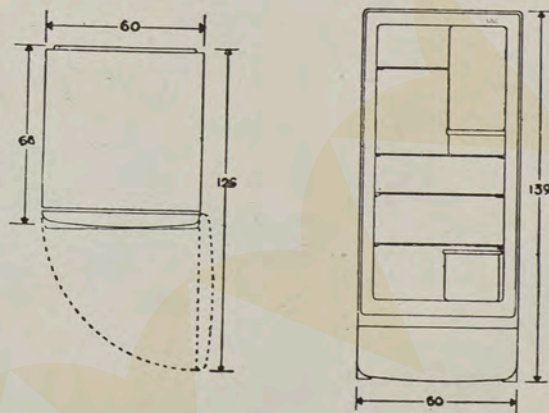
● **PARTE EXTERNA:** À prova de umidade, gabinete de aço estampado, soldado eletricamente. Pintura com esmalte sintético, branco brilhante. Painel interno da porta, de "Norgite" de calafetação integral, com vedadores de borracha tubular. Trinco de manejo fácil e macio. Isolação interna do refrigerador com lâ-de-vidro. Base com parafusos niveladores.

● **PARTE INTERNA:** Intelirica, de porcelana branca e lustrosa. Prateleiras de aço cadmeado à prova de ferrugem. Controle de temperatura ajustável, e luz interna. Guarnições frontais internas de "Polysterene".

● **UNIDADE SELADA:** Composta pelo famoso mecanismo refrigerador "Rollator", contendo apenas 3 peças móveis, trabalhando em banho de óleo permanente; 1/2 de H. P., 110 volts, 50 ou 60 ciclos, motor monofásico, corrente alternada, suspenso com borracha para operar silenciosamente. Refrigerante: gás Freon 12. Plano de garantia de cinco anos.

CAPACIDADE E DIMENSÕES:

| | |
|------------------------------|------------------------------|
| Capacidade de armazenamento | 6,1 pés cúbicos |
| Area das prateleiras | 10,9 pés quadrados |
| Capacidade do congelador | 9 quilos |
| Altura do refrigerador | 139 centímetros |
| Largura do refrigerador | 60 centímetros |
| Profundidade do refrigerador | 66 centímetros |
| Peso | 96 quilos |



CONCESSIONÁRIO AUTORIZADO

AO MOVELHEIRO LTDA.

Casa fundada em 1900

MATRIZ: AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 289 – FONES: 32-2214, 33-2324, 33-7922, 35-2942

FILIAIS: Rua Quintino Bocaiuva, 261 – Fone 36-9722
Rua Santa Efigênia, 227 – Fone 34-8461
Largo do Arouche, 285 – Fone 52-3488

DEPÓSITO: Rua Americo de Campos, 9

APARELHOS DE ILUMINAÇÃO EM GERAL – MOVEIS E DECORAÇÕES
EM FERRO BATIDO – PROJETO E EXECUÇÃO SOB DESENHO
SERVIÇO DE SERRALHERIA ARTÍSTICA

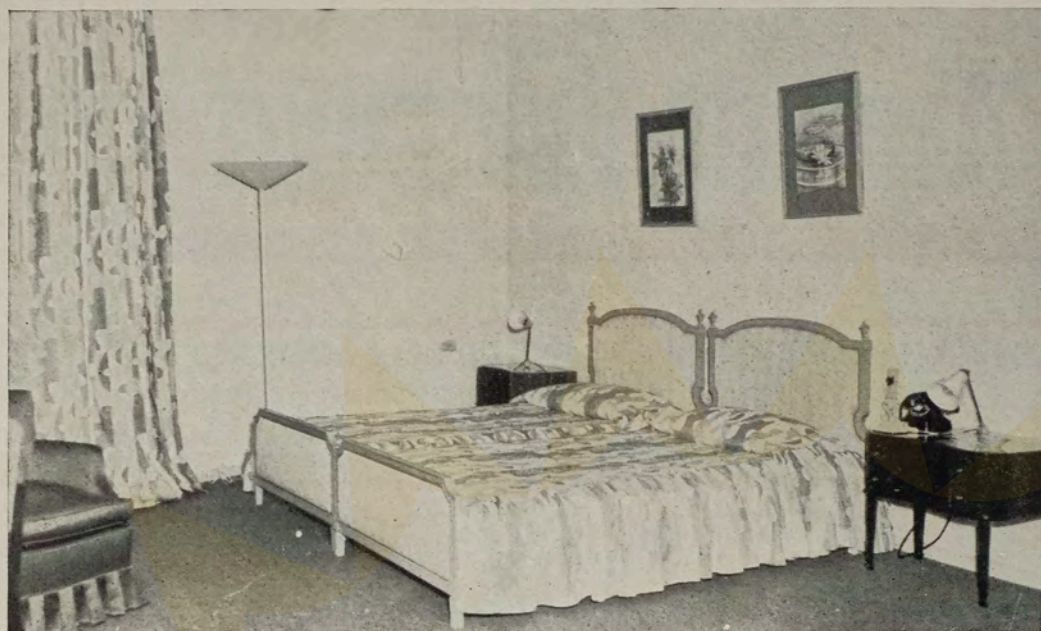


MESAS, CADEIRAS,
POLTRONAS, LAREIRAS,
CONSOLOS



LUSTRES, LANTERNAS,
LUZ INDIRETA, PLAFONIERS
em CRISTAL, BRONZE e ALABASTRO





Detalhe de um apartamento do Hotel Comodoro, S. Paulo. Cortinas e colchas por nós fornecidas.

TAPEÇARIA MARTIN

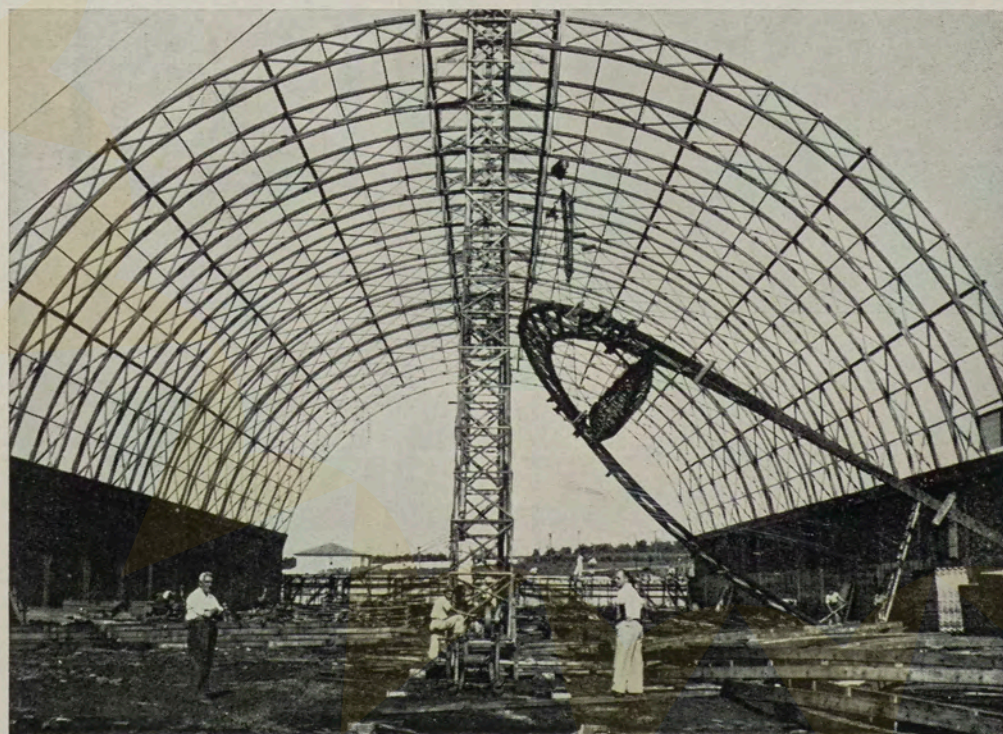
OFICINA PRÓPRIA
INSTALAÇÕES DE

- ★ TAPETES
- ★ CORTINAS
- ★ LINOLEUM, etc.

DECORAÇÕES INTERNAS
MOVEIS ESTOFADOS
TAPEÇARIAS EM GERAL

MARTIN KRAML — Rua Comandante Salgado, 144, Fone 52-7497, S. Paulo

ESPECIALISTA EM INSTALAÇÕES DE LINOLEUM - IMPORTAÇÃO DIRETA DA INGLATERRA E ALEMANHA
O MAIOR ESTOQUE EM S. PAULO — COLA PARA LINOLEUM



Estruturas em madeira
Concreto armado prêmoldado
Esquadrias
Material de Desenho

R. Major Quedinho, 99 - 10.º
Fones - 33-4329 e 36-4920
SÃO PAULO

Escritório e Fábrica
Av. Brasil, 9110, Tel. 30-2066
RIO DE JANEIRO

Soc. **TEKNO** Ltda.

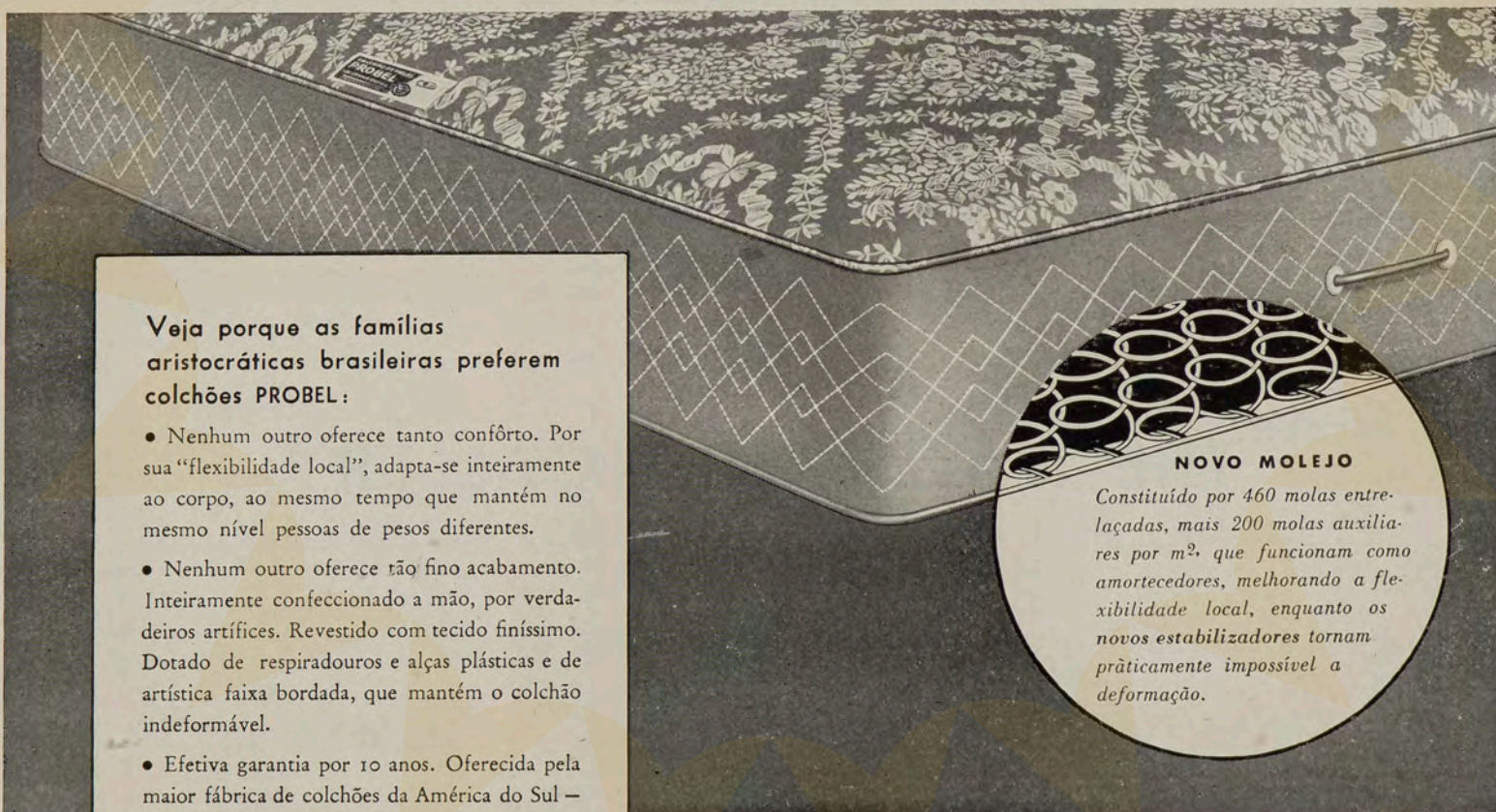
End. Teleg. TEKNO

Para vivendas como esta...



Dias em ambientes aristocráticos...
noites em colchões PROBEL,
o colchão de molas preferido pelos que sabem
apreciar as coisas boas e confortáveis da vida.
Por isto, nas mais finas residências do Brasil,
encontrará sempre colchões Probél.

...colchões **PROBEL**



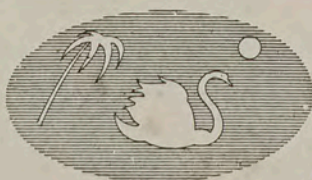
**Veja porque as famílias
aristocráticas brasileiras preferem
colchões PROBEL:**

- Nenhum outro oferece tanto conforto. Por sua "flexibilidade local", adapta-se inteiramente ao corpo, ao mesmo tempo que mantém no mesmo nível pessoas de pesos diferentes.
- Nenhum outro oferece tão fino acabamento. Inteiramente confeccionado a mão, por verdadeiros artífices. Revestido com tecido finíssimo. Dotado de respiradouros e alças plásticas e de artística faixa bordada, que mantém o colchão indeformável.
- Efetiva garantia por 10 anos. Oferecida pela maior fábrica de colchões da América do Sul — PROBEL.

NOVO MOLEJO

Constituído por 460 molas entre-laçadas, mais 200 molas auxiliares por m², que funcionam como amortecedores, melhorando a flexibilidade local, enquanto os novos estabilizadores tornam praticamente impossível a deformação.

Outros colchões fabricados por PROBEL:
**PROBEL PROBASY • DIVINO DE LUXO
DIVINO SUPER • DIVINO**



À venda nas casas de móveis e tapeçarias
ARMAÇÔES DE AÇO PROBEL S.A.
Pioneira da industrialização do conforto no país

Fábrica: Rua Vilela, 327 - Tel. 9-8165 (P.B.X.) - Caixa Postal, 1711 • Exposição: Av. Ipiranga, 442 - Esq. S. Luiz - Tel. 36-5597 - S. Paulo
Representantes exclusivos para o Rio de Janeiro: **ALBERTO PORTELLA & CIA. LTDA.** - Av. Nossa Senhora do Copacabana, 1334-B - Posto 6 - Telefone 22-5241



Henri Matisse, Paisagem de inverno, ca. 1905

THE MATTHIESEN GALLERY

PAINTINGS AND DRAWINGS BY
OLD MASTERS
AND
IMPRESSIONISTS

LONDON (ENGLAND) 142 NEW BOND STREET, W. 1.

Cables: MATTHIART, WESDO, LONDON

HABITAT 7

ENGLISH SUMMARY

Purists are irksome and futile

pag. 1

The Brazilian language, were it merely a derivation from Portuguese, would soon become crystalized and unfit for the functions it has to perform: we would still speak at present the "courtois" of the ancient Portuguese-Galician troubadours of 1300.

Since then, the world has undergone many changes and in spite of the purists, the language was also transformed. Great human streams move, superimpose themselves, unite, intermingle, clash one with another, in a time of great transplantations, driven rather by a conscious spirit and a mysterious urge innate in the soul of people, than by simple and contingent causes of emigration.

Brazil cannot any longer be considered as an appendix of the European — Iberian world and its language is not a Baroque — colonial patrimony, but a living, elastic, unhindered expression of different people, nature, climate, history and phenomena, from what in was in Portugal or in Brazil as a colony.

The Portuguese language was formed in the course of seven centuries and with a great number of lexical influences. Only the languages of savage tribes are pure, because there are no cultural processes or contacts with external influences: nothing ever happens. All purist trends endeavouring to maintain a "statu quo" cause backwardness and bad taste, since no language as a cultural expression, can strangle its elements with a confined vocabulary and syntax. Languages not reflecting the real conditions of their surroundings and culture are doomed to disappear. The poetry of Homer and Dante is the result of various dialects and languages, and could not be accepted by any purist.

For more than a century the science of language had to struggle in Europe against obstacles imposed by all sorts of purists, by the forces of conservatism and statics, which are not forces but rocks to be removed and breaches to be filled. The science of linguistics conquered its freedom: it would be anti-cultural and inconsiderate to renew that battle in countries where the freedom and vision of the new reality are natural and spontaneous events. Purism is a phenomenon of inferior and provincial culture, it is an incongruous conceit which led to the non-acceptance of writers who, like Poe and Melville, Faulkner, Hemingway and Eliot, had a positive and far-reaching influence on European literature. The fundamental reason of purism lies in the defence of the individuality and personality of the language: nevertheless, this aim cannot be attained by shutting it off from any contact with the reality of the world. It is necessary to create scientific instruments capable of keeping up with the great movements occurring in the language spoken by the masses and by culture.

Language is a great theatre, a huge stage on which reality takes a concrete shape and changes into poetry, reflecting the great human currents that are converging into it.

Building means living

pag. 2

Not anyone is able to build a house, but many know how to make use of principles

and teachings transmitted from generation to generation.

José da Silva e Matto is one of them, and in his house, in the midst of the Amazonas vegetation, we feel all his pleasure of constructing his home, of choosing materials for it, of planning his whole life. His house is like a monument of human poetry and affection, it is a reminder to people of big cities that building should mean living.

Residence of an architect

pag. 3

This residence was not built with the mere intention of housing somebody: it endeavours to associate man with nature, with plants as beings emerging from the earth.

Architecture of Sergio Bernardes

pag. 4

Sergio Bernardes is one of those architects who cherish architecture like a wife or child, and who, above all, do not bend in front of other interests contrary to their beliefs and conceptions. Bernardes proved it in his projects for collective housing for 20 thousand employees and while working at the National Service of T. B.

The three residences Bernardes built in Petropolis — of which we publish the photos — stand as a proof of his exceptional qualities and capacity of harmonizing architecture with its environment. In the agency of the Loide Aéreo Brasileiro in Rio de Janeiro, he obtained a complete, simple and beautiful solution, with limited cost, showing once more that there are no secrets he does not know in every detail of his profession.

School furniture

pag. 5

The furniture of schools reflects the educational philosophy of each epoch and the conception of the teacher's function. In the past, when all attention had to be directed to the teacher, the furniture of schools was designed so as to prevent — as much as possible — the pupils from moving.

On the contrary, children are regarded at present as dynamic beings, and schools as living laboratories where pupils and teachers work, live and produce together.

School furniture complies therefore with the conditions of flexibility, personality and functionalism, and only with teachers, sociologists, psychologists, doctors and architects working as a team, will the ideal solution be attained.

School buildings

pag. 6

HABITAT N.º 4 was devoted to the accomplishments of the "Convênio Escolar" (architecture for school buildings); we publish in this number some further projects by arch. H. Duarte, E. Corona and R. Mange.

The future of Brazilian art

pag. 7

HABITAT started an inquiry among some artists of Rio de Janeiro, to find out

what in their opinion the future of Brazilian art is going to be.

Art in Brazil can certainly have a real and brilliant future: this should not remain a mere wish but, on the contrary, it is necessary to lay the foundations for it, to prepare the elements to which the artistic movement will be attached. A start must be made from small things, gradually attain progressive degrees and refrain from using pompous words or held exhibitions similar to an international Barnum circus.

The answers of the artists show how clearly they grasp the present problem of more independence from foreign patterns, of the necessity of new schools and museums, and of creating a favourable atmosphere towards art and artists.

Enrico Bo

pag. 9

Enrico Bo is a painter who started to paint when sixty two years old. For sixty two year he collected forms, colours, subjects, until when, amidst the blasts and ruins of his city, he opened the repository of his mind and created those so perfectly accomplished paintings. De Chirico was among his first admirers and the magazine Graphis devoted an article to them. Those, capable of feeling in a work of art the "music of the spirit", will also partake in this mysterious and childlike world of things collected in so many years and tinged with such restraint.

Painters

pag. 10

We feel very confident that young Brazilian artists are preparing a bright future for our art. Liese Modern ranks among the very young artists: a pupil of the courses of the Museu de Arte, she still carries with her the tradition of German Expressionism; her works entitle us to expect a brilliant journey into the field of art.

HABITAT presents the latest primitive, one of those painters who give themselves completely and ignorantly to art, and do not pretend to have read Taine or Venturi. Agostinho Batista Freitas was "discoreved" painting in the streets, and we publish one of his views of the center of São Paulo. We publish on the same page a painting by Maria Bonomi, a young amateur painter. HABITAT stands by all attempts of amateurs and invites them all to demonstrate their art in its pages, in opposition to that of the so-called professional painters who compose their styles and themes according to the most fashionable patterns.

Renina recently held an exhibition of her engravings at the Museu de Arte. She studied in Rio, and ever since devoted herself to the secrets of her profession, in which she shows — besides talent — a liking for sobriety and scrupulousness.

An outcry

pag. 11

Everybody is aware of the fact that Church and art do not move together. Religious art — the sole human manifestation that approaches to God — has been transformed into a mass-production of saints and other liturgical accessories.

With this we want to point that the Clergy does not admit real works of art, in accordance with the times and capable of expressing a religious feeling. The church of Pampulha is an actual proof. Now HABITAT cries out again: the murals of the Chapel of Mauá are condemned to disappear. The priests do not appreciate the murals which sooner or later will be destroyed because of the bad preservation; maybe the Chapel itself will be demolished.

Those frescoes, by Marcier, are of exceptional importance in the inconspicuous history of Brazilian art. They are a series of paintings illustrating subjects of the New Testament with a real, sometimes exaggerated, passion, as if their author had been through a spiritual crisis. Marcier is an artist linked to Expressionism, coming from a country where tragedies of wars, social agitations, racial hatred, provoked in men humiliation and discontent. If art is the result of its environment, the artists that suffered in Europe will only be able to express themselves through sorrow, melancholy and regret. In such a mood, Marcier read Sacred History again, and his series of frescoes reflects a world seeking its atonement.

Art is judged by history and men must only preserve what artists produce. We hope therefore that the Chapel will not be demolished, but that the frescoes will be preserved, since they are going to be an important record in the meager history of Brazilian art.

New lakes

pag. 12

The word architecture, from Vitruvio to Le Corbusier, has been affected throughout the ages, by a flaw. Only residences are usually regarded as architecture, while anything that undergoes a change through the work of man, should be considered as such: from the construction of a bridge, of an industrial building, of a chair, to the new lakes of Barra do Pirai, of which we are publishing the photos.

Need of criticism in architecture

pag. 13

Architecture is an artistic production, a very important one, which could be called the visiting-card of the good taste of the people. To criticize it, the four or five adjectives usually applied to painting are not sufficient; it is necessary to know thoroughly the art of building, history, materials, latest discoveries and novelties. Newspapers should devote special sections to reviewing architecture; at present, what the public reads, is only advertisements, especially of a purely commercial nature, based on superlatives and praise, with no technical and artistic knowledge. Much could be done in this field, and would assist and encourage the formation of an harmonious city.

Paulo Prado

pag. 14

Few men have cast such a spell upon their contemporaries as Paulo Prado, one of the supporters of the Week of Modern Art. He was a typical example of persons belonging to a generation which was swaying between two political systems; his situation and personal qualities were favorable to make him one of the most remarkable and complete individuals of his epoch, in politics, in literature, in social life as well as in the movement of the arts in general. Having travelled widely, he was acquainted with artists throughout the world, especially in Paris where he spent a long time, and nobody better than he appreciated the Parisian way of life.

Nevertheless, after such a brilliant existence, during which he dominated the politics, finances and fashions of his time, admired by foreigners and envied by fellow citizens, the friend of poets and journalists, Paulo Prado was to expire almost in solitude, were in not for the attachment of his wife and the loyalty of a friend.

Carajá pottery

pag. 15

It was a surprise to discover — among Brazilian tribes — a group of pottery-makers who, in contrast to the others, are in constant evolution and mold human figures. Almost all Brazilian tribes used and still use pottery for household objects: some of those are still primitive, with the sole intention of everyday use, while in others a certain artistic concern can be found in their shape and ornamentation. The Carajá pottery is marked by the presence of those dolls, whose origin and significance can only be tentatively deduced: the dislike of Indians for all non-concrete investigation is well known. The dolls are nowadays almost exclusively children's toys, but can also have a ritualistic or magic function, which could be their origin. The female figure has a noticeable prevalence: it is perhaps a consequence of the matriarchal system of the tribes. Ornaments and designs are the same as in real life. Some motives are very clear: in the canoes the human figures always representant the Carajás, while the animals stand for Indians of other tribes. Pottery is a profession of the women of the tribe, and the pieces, after being molded in the usual way, are hardened with the fire and decorated in two colours: red and black extracted from plants. The Museu de Arte is now organizing a section of Indian art, which is a most spontaneous expression, free from any external influence.

A Museum of Coffee

pag. 16

It has been suggested that a Museum of Coffee be organized, which would gather up everything referring to the history of this plant, to its significance in time and history. This Museum is to be formed with the cooperation of all who happen to own objects related to this theme, comprising designs, paintings, engravings and illustrations of coffee, its cultivation, commerce etc.; objects related to the various treatments of coffee and to coffee as a beverage. A very strange machine for making coffee, in porcelain featuring an engine, found in Paris, and a coffee pot of the past century decorated with coffee leaves, are examples of the kind of objects of real interest for this future Museum.

Two invitations to the Museu de Arte

pag. 17

The first important and serious event in Brazilian art will be the exhibition in Paris, at the Orangerie, of the collection of the Museu de Arte. This occasion follows the participation of our Museum in the Cézanne Exhibition, first at the Art Institute of Chicago and then at the Metropolitan Museum in New York. These facts, together with participation in other international exhibitions, will enable the world to know the importance and the extraordinary pace with which the Museu de Arte is being formed.

At the beginning, there have been numberless polemics, hysterics and conspirations of silence, but nevertheless Brazil now has a Museum that ranks among the most modern in the world, and its true bulwarks have been the large number of young people who are now

becoming familiar with the problems of art. The Museu de Arte has just received another invitation from prof. Rodolfo Pallucchini, the Secretary General of the Bienial of Venice, to exhibit the collection sent to the Orangerie, also in Venice at the Ducal Palace.

Fashion in Brazil

pag. 18

The situation of fashion in Brazil can be described as follows: couturiers board a plane to Europe, arrive in Paris where they buy entire collections of models, come back to Brazil and stir the curiosity of women who can afford to pay their prices. The logical answer to this situation is that it cannot last forever and a solution must be found. It is not possible to create a fashion consciousness in a short time; fashion is something indefinable, into which numberless tiny elements converge. Something has already been done in favor of fashion: last year a fashion show was held at the Museu de Arte presenting — besides a collection of models by Dior, ancient and modern costumes, from the Renaissance to Salvador Dali. Furthermore, Jacques Fath will show at the Museu de Arte, a collection of twenty five models done with Brazilian material.

The Museum is now organizing a Center of Fashion, to direct the taste of the public, as it is being done through the School of Propaganda: the example of the Italian fashion entitles us to believe that some day Brazilian fashion will attain an unimagined importance.

Art and Advertising

pag. 19

The idea of a museum is that of a silent and static place where dust lies on rare objects. Is advertising such a precious thing to be considered a "museum piece"? All those acquainted with the Museu de Arte will immediately grasp the apparent paradox, since they are aware of the dynamic and renewed spirit ruling this institute. But in which way is advertising linked to it? The Museu de Arte immediately understood that, in order to direct and influence the artistic education of the masses, it is necessary to act through commercial advertising which nowadays occupies such an important place in popular esthetics, and a School of Propaganda was established for this purpose. The first accomplishment will be a publication on graphic arts in Brazil, which will reflect not only what has been done in this field, but what we intend to do through the Museu de Arte, to find a particular Brazilian expression for publicity.

Repercussion in Europe

pag. 20

The main concern of Lydia Alimonda in Europe was the divulgation of Brazilian music, which, in her numberless recitals aroused — besides wide interest — bewilderment and criticism. The reason of the last, can be traced in the strong folklore accent of our music: folklore should be analyzed and studied by our composers with a sociological understanding of the phenomenon, to attain a kind of national unconsciousness, according to the words of Mario de Andrade. Bartok is a typical example of a nationalistic composer who created his own highly esthetic language through folklore, without forsaking his national trait.


The fact that our country is going through a stage of development, is certainly responsible that music did not yet reach a mature level. Musicians should be supported and Brazilian culture more widely spread, to make the outside world familiar with our rhythmic variety.

HABITAT 7

Diretor: ARQ. LINA BO BARDI

SUMÁRIO

(1952)

| | |
|------------------------|--|
| E. VILLA | Os puristas são enfadonhos e inúteis Construir é viver Casa de um arquiteto |
| O. CORRÊA GONÇALVES | Arquiteturas de Sergio Bernardes Prédio de apartamentos em São Paulo |
| L. A. F. BAUER | Mobiliário escolar Convênio Escolar Qual o futuro das artes no Brasil? Poetas novos escolhidos por R. Bairão |
| L. B. | Enrico Bo Liese Mais um primitivo Mais uma amadora Renina Um brado de alarma Velhas paisagens Novas paisagens Um escritório As inovações Necessidade de crítica na arquitetura Fotografias |
| F. M. | Diana adormecida |
| J. F. DE ALMEIDA PRADO | Paulo Prado Pedro Américo |
| C. CORTESE CALDAS | Cerâmica dos Carajás Para um Museu de café Dois convites ao Museu de Arte A moda no Brasil Crianças |
| R. LIMA MARTENSEN | Arte e Propaganda |
| J. WILHEIM | Jovem brasileiro na Europa |
| L. ALIMONDA | Música: Repercussão na Europa Bailado: Conjunto de dança expressiva Televisão: Lições de arte para 20.000 |
| ALENCASTRO |  |
| Fotografias: | Gilberto de Biasi, Roberto Maia, E. Tannon, F. Albuquerque, Alice Brill, P. M. Bardi, Sascha Harnisch, G. Ocker, Oscar Savio, Jurno, De Beausacq, Zanella e Moscardi, Barratt, Foto Técnica Milan, T. Abresch |

Propriedade: HABITAT EDITORA LTDA.
Diretor responsável: GERALDO N. SERRA
Rua 7 de Abril, 230, 8.º, Sala 820, São Paulo

Administração e Publicidade:
HABITAT EDITORA LTDA.
Rua Sete de Abril, 230, 8.º
Sala 820, Fone 35-2837, São Paulo

Assinaturas: (4 números anuais)

| | | | |
|---------------|-------------|---------------|-----------|
| Brasil | Cr\$ 150,00 | Exterior | US\$ 6,00 |
| c/registro .. | Cr\$ 165,00 | c/registro .. | US\$ 7,00 |
| N.º avulso .. | Cr\$ 40,00 | Exterior | US\$ 1,75 |
| N.º atrasado | Cr\$ 60,00 | Exterior | US\$ 2,75 |

DISTRIBUIDORES NO RIO DE JANEIRO:
Livros de Portugal, Rua Gonçalves Dias, 62

Clichês: Clichéria e Estereotípla "Planalto"
Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 153,
Fones 33-4921 e 35-4048, São Paulo

Impressão: Arco - Artusi Gráfica Ltda.
R. Marquês de Itú, 282/284, Fone: 35-5797,
São Paulo

Algumas revistas e jornais estão insistindo em dizer que os textos de Habitat talvez não sejam escritos em puríssimo português



Os puristas são enfadonhos e inúteis

A superioridade da língua brasileira sobre a portuguesa não consiste no fato de ser uma sua derivação provincial ou marginal, ou, mesmo, colonial. Se assim fôsse, o idioma brasileiro estaria fadado a bem cedo tornar-se árido numa cristalização secundária, inadequada para as grandes tarefas que lhe incumbem. Ao contrário, se a língua não representasse evolução, movimento contínuo, hoje no Brasil falaríamos ainda, não o idioma brasileiro, que deve constituir personalidade própria e definida, mas a fala cortês, "courtois", dos antigos trovadores galego-portugueses de 1300.

Felizmente, daquele tempo a esta parte, verificaram-se muitos acontecimentos, o mundo mudou várias vezes; e, não obstante todos os conservadores puristas, igualmente mudou a língua, que já é outra. Dentro em pouco, não mais se dirá língua "brasileiro-portuguesa", mas tão somente "brasileira": pelo menos, é justamente a isto que se deveria chegar.

Encaremos o mundo, encaremos a geografia: o mundo vai assumindo nova fisionomia, a geografia vai dificultosamente ganhando ordem, a distribuição dos grupos flutua, à procura do "ubi consistem"; as grandes correntes humanas deslocam-se, sobrepõem-se, conjugam-se, enlaçam-se, chocam-se, repelem-se. É a época das grandes transplantações. Não uma época aventureira e heróica, como a da aventura e dos pioneiros (1800-1920), que igualmente contribuiu para formar a atual situação. Estamos agora na época das grandes necessidades humanas, ditadas mais pelo espírito consciente e por misteriosos impulsos da alma dos povos, do que por simples e contingentes razões de emigração. Dêste ponto de vista, verificamos que o Brasil se apresenta o mais iluminado, o mais aberto, o mais vivo dos campos. Nenhum outro país americano se mostra tão impulsivo e juvenil; nem mesmo os Estados Unidos da América, que já se encontram numa fase de involução e retrocesso, apresentam tão grandes características vitais. O Brasil está fadado a tornar-se um fêcho do mundo. Mas, se ainda existem certos brasileiros que consideram o Brasil como um apêndice do mundo ibérico-europeu, como uma província da Europa, como um resíduo português, ao qual devemos sujeitar-nos, tais indivíduos não parecem destinados a representar grande coisa nesta vicissitude de civilização em formação. A língua, tal como eles a imaginam, é um patrimônio ainda barroco, quando na realidade o mundo moderno nada tem a ver com o mundo barroco colonial. Somente o povo (a gente que fala e escreve, que comercia e pensa, que viaja e trabalha) deverá ditar as leis da nova língua, os novos materiais, o novo léxico, as novas dicções e expressões: poderá acontecer — e talvez seja necessário — que, com muita frequência, esta nova língua, esta nova sintaxe sejam inteiramente diferentes do modelo português. E isso porque as circunstâncias e instrumentos de que vive são diferentes dos seus congêneres portugueses. O português não mais possui, uma vez transportado para um mundo ativo diferente (natureza diferente, clima diferente, história diferente, gente diferente, fenômenos diferentes), aquela elasticidade, aquela desenvoltura, aquela intensidade que possuía em Portugal, a realidade que teve em Portugal e no Brasil-colônia. Mas, existirão, porventura, línguas puras? Os puristas, que sempre ignoram a verdadeira história das línguas, talvez suponham que o português seja um idioma puro. Quando dizem que se trata de uma língua derivada do latim

(assertiva cientificamente errada), disseram tudo. Ora, o português é uma combinação morfológica de:

léxico latino provincial
léxico latino tardio e medieval
léxico latino eclesiástico
léxico latino da renascença
léxico árabe e persa
léxico francês
léxico franco-provençal
léxico hispano-catalão

Mais:

resíduos bascos
resíduos germânicos diversos
resíduos literários italianos
resíduos ingleses
resíduos franceses modernos

Mais:

todo material neologístico popular

Mais:

as contribuições brasileiras coloniais
as contribuições do léxico indígena ameríndio.

Mais:

tôdas as formações espontâneas populares e da gíria, próprias dos dialetos brasileiros.

Formou-se assim, em sete séculos, a língua portuguesa. Mas a grande força, o superior futuro da língua brasileira, que hoje mal se distingue da sua fonte, consistirá exatamente na faculdade de absorver novos fermentos, e não na obstinação de excluí-los.

Sómente a língua dos povos selvagens, ou no estado de natureza são línguas puras, porquanto nelas não se verifica nem o processo cultural nem os grandes cruzamentos e misturas históricas; isto é, nunca acontece nada. Não são fontes ou reflexos de cultura. Ora, os puristas brasileiros não desejam — é o que esperamos — pensar na língua brasileira como no tupi. Ou pensar no Brasil como numa ilha desabitada, onde só existam maniacos. Para os colecionadores de caixas de fósforos vazias, para os filatelistas obcecados, um exemplar raro de sua coleção será infinitamente mais precioso do que uma obra de Rembrandt ou de Ticiano.

Eis como poderemos resumir, para esclarecer de modo definitivo, as leis que a ciência linguística estabeleceu:

1. Nenhuma língua, como manifestação de cultura, pode sufocar os seus recursos num vocabulário cerrado ou numa sintaxe cerrada.

2. Tôdas as tendências puristas, que pretendam manter o "stato quo" de uma língua, são, sempre, e em toda a parte, elementos de desordem, de retrocesso e mau gosto.

3. Sómente as línguas dos povos no estado de natureza são relativamente puras.

4. Toda língua que não reflete as reais condições de um ambiente, de uma cultura e se detém de um modo qualquer, por preguiça ou retórica, perde as próprias funções, tornando-se convenção destituída de sentido, desautoriza-se e, em pouco tempo, desaparece. Até mesmo no terreno das grandes criações literárias, tais condições se verificaram. Os três mais elevados exemplares da poesia humana se desenvolvem, ou antes, deflagram justamente no ápice das mais confusas misturas linguísticas, nos pontos críticos do cosmopolitismo. A poesia de Homero é a resultante histórica de três grandes civilizações em ocaso no cadinho de Anatólia (Turquia), e os seus poemas estão escritos em, pelo menos, quatro camadas dialetais diferentes e, em grande parte, transbordam de vocabulários bárbaros, isto é, não gregos. Dante Aleghieri escreve numa língua que não é o italiano atual, mas numa mistura de toscan-

no, francês e provençal: tanto assim, que na própria "Divina Comédia" encontramos tercetos inteiros escritos em provençal, em francês, em latim, em hebraico e numa mistura de formas literárias italianas (petrarquescas, humanísticas, seiscentistas) de formas sintáticas francesas e locuções europeias que nenhum purista inglês aceitaria como passáveis. Durante um século e meio, na Europa, a ciência da linguagem teve que bater-se contra os obstáculos impostos pelos puristas da mais variada categoria. Árdua foi a batalha, porque as forças da conservação e da estaticidade não são forças, mas rochas que devem ser demovidas, gretas que cumpre ser preenchidas. A ciência linguística conquistou agora, por direito, a sua liberdade, e abriu horizontes precisos à formação das línguas e ao conhecimento que das leis e da história envolvem: seria pelo menos imprudente e anticultural ter que repetir a mesma batalha justamente nos países em que a liberdade e a visão da realidade nova é uma manifestação natural e espontânea.

O equívoco da bela palavra ou da palavra pura é grave. Sob tal equívoco vão aninhar-se os germes deletérios das retóricas nazistas e raciais: sempre os da incivilidade.

Mas, quem vem a ser uma palavra? Julgava-se que fôsse um som nascido não se sabe como, vivendo não se sabe por que, e que devia ser ciosamente mantido na arca dos dicionários puristas como um fetiche, como a pedra negra do Kaaba. Hoje, sabe-se que a palavra é um organismo, que se desenvolve em determinado ponto da terra, com o produto ou a ideia que representa, e que depois emigra para o mundo, juntamente com o mesmo produto ou ideia.

Em 1600 chegaram à Europa as palavras "chocolate" e "batata". Os puristas de então, muito menos tolos e malévols que os de hoje, investiram contra semelhantes vocábulos: palavras que provinham da América, do mundo colonial, de povos inteiramente selvagens. Segundo o seu modo de ver, cumpria evitar tais palavras, assim como os produtos a que se referiam. No "Vocabulário da Crusca", na Itália, a palavra "batata" não era consignada, sendo, portanto, uma blasfêmia. Blasfemou-se, por conseguinte (segundo os puristas), durante muito tempo: mas na Itália, até hoje, se comem "batatas". Revisitamos acerca de tôdas as palavras novas que vão surgindo em nossos jornais: desde *nylon*, *vinylon*, *buna*, *vidrocimento*, até *spin*, *penicilina*, *cristomicetina*. A nossa civilização está criando o novo vocabulário, o seu vocabulário, que não é o dos nossos avós, os quais, entretanto, haviam criado o seu próprio vocabulário, com o *velocipede* e o *aeroplano*. Grande parte de tais palavras não se encontra nos vocabulários brasileiros ou portugueses. Então, para que servem os vocabulários? Perguntamos aos puristas de tôdas as nações. Certo é que "termo-sifão" é palavra feia, mas, sem "termo-sifão" o mundo não saberia ser hoje o que é. Terão os nossos puristas, alguma vez, refletido sobre tal assunto e ainda sobre mais alguma coisa? Ou seja, que a palavra não é apenas a coisa, alguma coisa, a história de uma coisa: vejamos a história da laranja, que nasce na Pérsia e é transportada em comboios árabes, do século VIII ao IX, na Península Ibérica, na Espanha e em Portugal. E o nome que usamos para a laranja é ainda o persa. Mas, não é só: a palavra é também uma ideia, um conceito, uma forma de ser, uma vibração humana, uma concepção espiritual, uma invenção sensível. As palavras são veículos de humanidade, são ninhos de energias humanas, são ideias, são cultura: isto é, são civilização.

Os purismos representam manifestações de cultura provincial e inferior. São fenômenos que, com um termo técnico e

pejorativo, se denominam: etnográfico-conservativos. Em outras palavras, são uma espécie de inconcludente suficiência que, por exemplo, fez com que os puristas retardatários ingleses proferissem uma opinião completamente negativa acerca da literatura norte-americana. Os puristas ingleses consideravam, efetivamente, a produção ianqui como inexistente e bárbara; quando, na verdade, os norte-americanos, primeiro através de Poe e Melville, depois graças aos poetas da "Renascença da Poesia", depois pelos seus romancistas, Faulkner e Hemingway e, finalmente, graças ao próprio Elliot, operaram decisiva influência em toda a literatura europeia, quando mais não fôsse, colocando-a em crise perante a eclosão de energias tão frescas e violentas, a ponto de surpreender a própria vigilante inteligência europeia.

A que se deveu semelhante despertar de repentinas energias nos Estados Unidos? Até ao estímulo de forças heterogêneas, como a dos negros. Mas também a livre atividade dos indígenas, que repeliem os ditames da "legalidade linguística" inglesa. E também a conversão, para aquele terreno, de uma quantidade de estímulos tão disparatados (dos irlandeses aos espanhóis, dos germânicos aos italianos, dos japoneses aos franceses), mas, todavia, intensos e eficazes.

A razão fundamental do purismo está, por certo, na defesa da sacrossanta índole, individualidade, personalidade da língua. Justamente: índole, individualidade, personalidade não se defendem fechando-se em copas, embolorando, não entrando em contacto com a ampla realidade do mundo, que é o contínuo germe, capaz de dar vida às estruturas de uma linguagem, enriquecendo-a e renovando-a. O trabalho que se deve operar numa língua nacional é bem outro: e nós que temos segura experiência acerca de toda a fenomenologia linguística europeia, ousamos adiantar que assim se deve fazer. Impõe ter consciência do que ocorre, de tudo o que se passa no campo da língua, desenvolver, completar. Cumpre criar instrumentos científicos capazes de acompanhar o grande movimento que se vai verificando no campo da língua falada por todos e nos terrenos da língua falada toda pela cultura. Afirmamos que os puristas brasileiros, ao que parece, não souberam até hoje criar um instrumento apto à recepção, percepção e consciência do que está ocorrendo. Falta, por exemplo, um verdadeiro dicionário brasileiro. Falta um dicionário realmente científico e histórico. Falta um dicionário etimológico atualizado, que seja autêntico. Falta uma escola que aprofunde severamente, como contribuição ao desenvolvimento da ciência que é a filologia, os complexos materiais léxicos que a história da língua brasileira oferece em grandes quantidades, grandes e selvagens como as próprias florestas brasileiras, que ainda permanecem insondáveis.

A nossa revista, pois, propõe-se, desde os seus primeiros exemplares, através de um organismo filológico que criará especialmente, passar em exame o material filológico de que se servem os nossos puristas, e mostrar como é ele, na sua máxima parte, inferior e mal informado. A seguir, indicar o que ainda falta fazer.

A língua é um grande teatro, a imensa ribalta em que se concretiza a realidade, documenta-se, transforma-se em poesia, e reflete as grandes correntes de humanidade que para ela confluem. Todo ser vivo que tenha algo a dizer, deve dizer a sua parte, seja grande ou pequena. Os únicos que nada têm a dizer, e que permanecerão nos bastidores, roendo as unhas, baixando o pano e comendo o pó, serão justamente os puristas, isto é, os bombeiros de serviço, sempre a postos para extinguir o incêndio que jamais se verifica: são os inúteis.

EMILIO VILLA



Fachada da finíssima casa do Sr. José da Silva e Matto, numa localidade do Amazonas

Construir é viver

Nem todas as pessoas têm a capacidade de construir uma casa; mas achamos que a maioria sabe aplicar e aperfeiçoar aquela série de regras e princípios transmitidas de geração para geração.

José da Silva e Matto é um desses homens do povo que fabricou a sua casa num lugar bem afastado para escapar à monotonia e à pasmaceira das cidadezinhas. Foi para o Amazonas, penetrou na selva, carregando seu saco de roupas e poucas ferramentas, talvez uma serra, um martelo, um machado e pregos, que obteve em troca de serviços prestados a um capitalista do sul. José viajou bastante, mas compreen-

dia que a selva não é de ninguém e ao mesmo tempo é de todos, de qualquer pessoa de boa vontade que sabe renunciar à geladeira, à bateadeira elétrica, ao aspirador de pó. As árvores, as flores, os bichos, são de quem os pega. José fabricou sua casa sem arquiteto, sem o auxílio daqueles escritórios técnicos que só sabem encher a cidade de "finos palacetes" em estilo português e mexicano. Este arquiteto de quem falamos, este arquiteto sem compasso, regua T e tecnígrafo; este homem simples e feliz, trabalhou dias e dias escolhendo a boa madeira, a mais leve, a mais resistente, a mais útil. José sentiu o prazer da arquitetura, o gosto de

planejar, de sistematizar sua vida em baixo de um teto: um dos mais nobres prazeres do homem. Conhecia, por tradição, a arte de construir e a sua belíssima casa ali está, firme, espaçosa e agradável, no meio da natureza, em plena selva, no coração do Amazonas.

Aquele mundo exuberante que é o Amazonas tem na habitação de José um pequeno momento de ordem, de carinho e poesia humana, onde tão bem se compreende que construir é viver. É uma singela porém profunda lição para todos nós das cidades grandes, onde construir tornou-se mais uma forma de morrer do que uma forma de viver.



O surpreendente equilíbrio necessário para a armação da casa

Eis o homem feliz do qual um espírito curioso, o inteligente fotógrafo Roberto Maia, descobriu o paradeiro. Ele nos enviou estes flagrantes para homenagear os arquitetos humildes de nossa terra





Uma casa realizada sem projeto

José atinge finalmente a cobertura

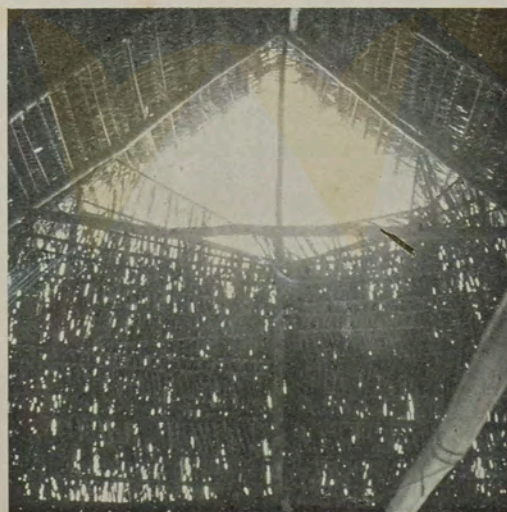


Leonardo disse que a arte é paciência. Também José é paciente: espera os belos dias de clima agradável e as horas mais propícias para trabalhar na estrutura da casa. Note-se como tudo é elementar e orgânico, como a utilidade é instintiva e lógica



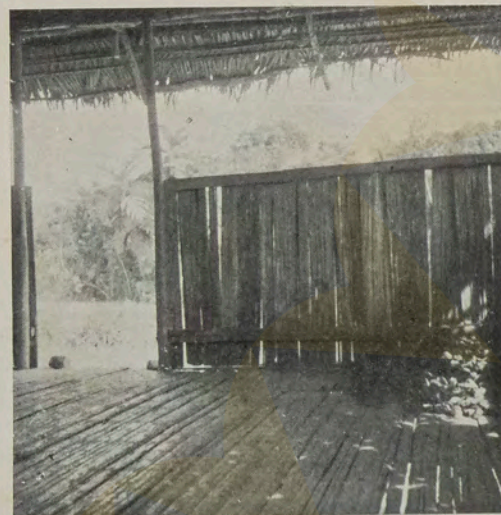
Como na selva o dinheiro não têm nenhum valor, ou quase nenhum, pode-se construir uma casa sem gastar um único tostão

E ainda há quem acha que os da floresta sejam uma gente pobre

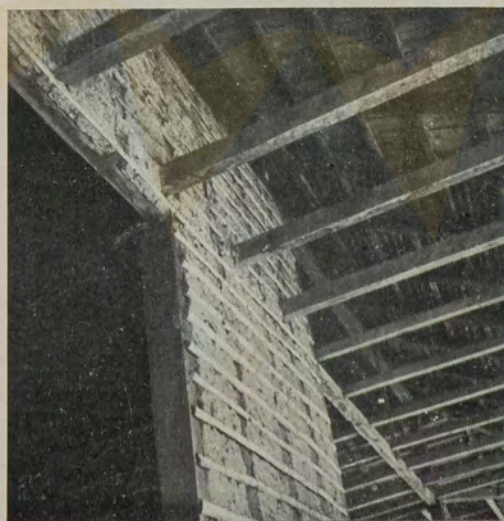




As casas aqui não tem portas, a entrada é franca para todos os amigos



Várias fases da construção: paredes internas de taipa; revestimento externo de cascas vegetais; teto de esteiras





Outra casa em construção: um dia uma aldeia surgirá em torno: as cidades começam assim



As bananeiras constituem um dos principais elementos decorativos de tais casas



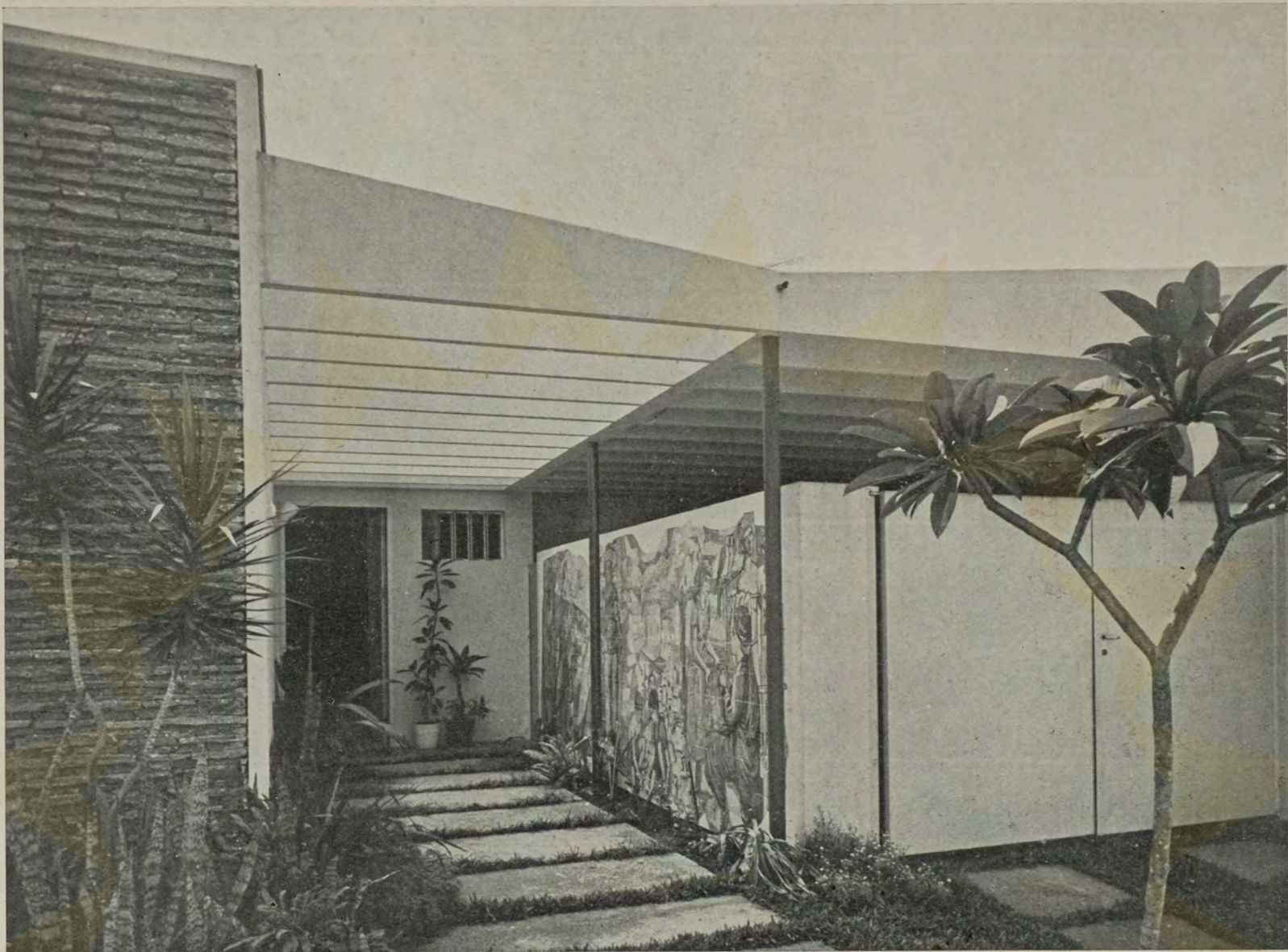
A sala de estar



No jardim em frente à casa, o lago com vitórias-régias



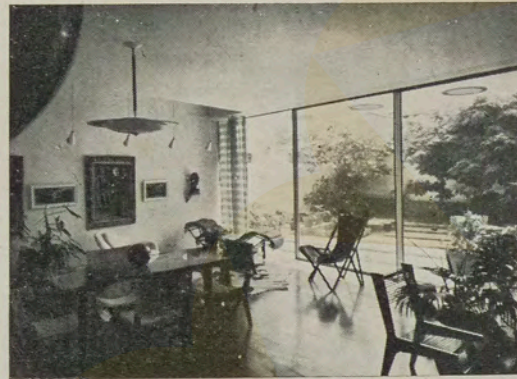
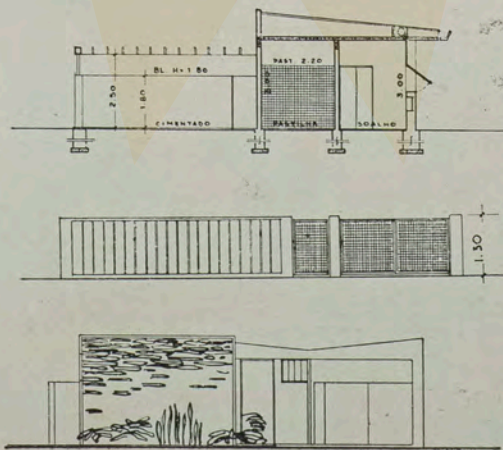
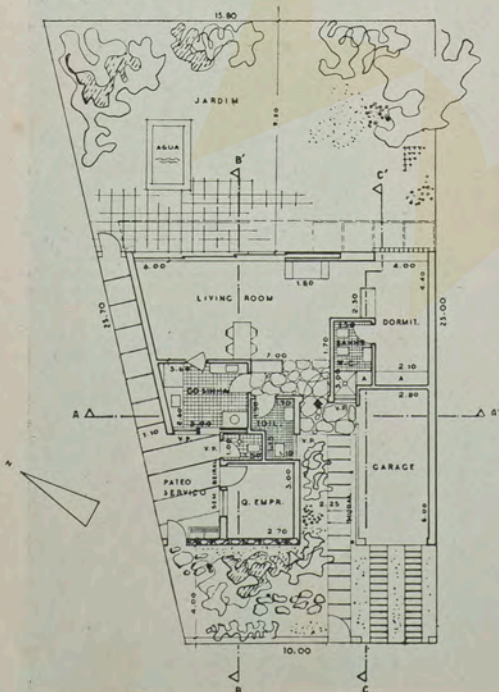
Mais casas vão aparecendo e lá dentro, à noite, contam-se histórias extraordinárias dos demônios habitantes da floresta



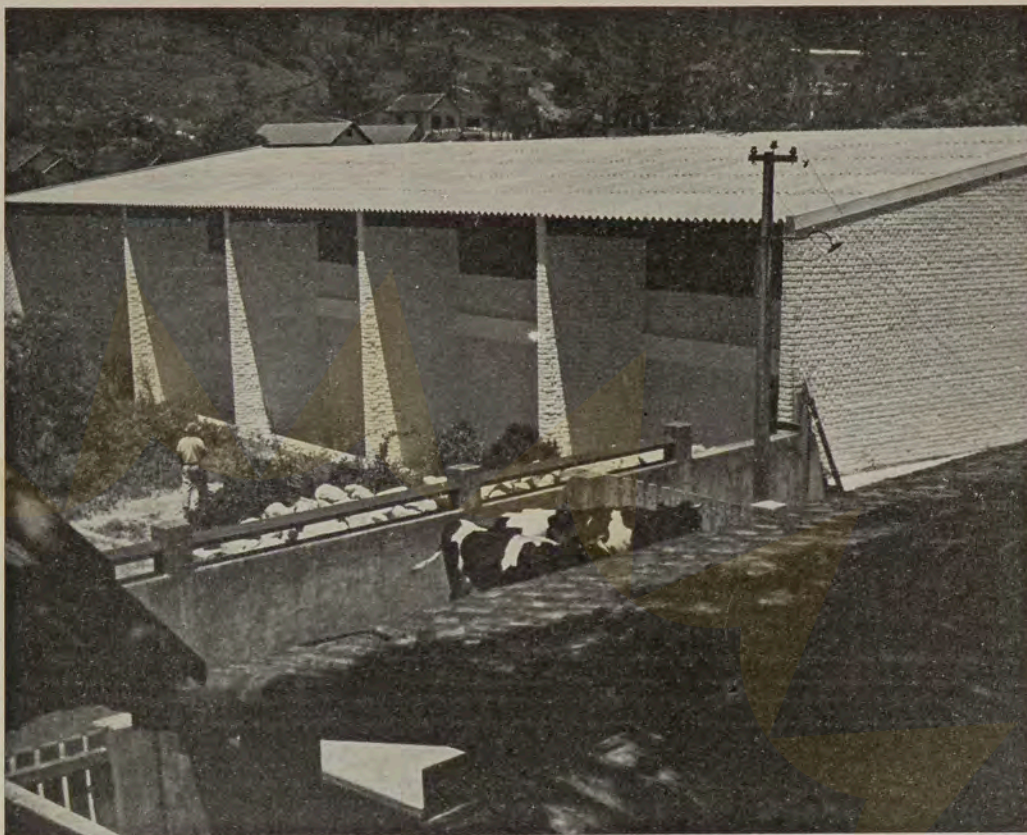
Arq. H. Verona Christofani, Casa de um arquiteto em São Paulo

Casa de um arquiteto

Esta residência-jardim não foi construída tão somente com o propósito de “abrigar” alguém, e sim, estender para o interior, elementos verdes, “socializando” nesse caso o homem com as plantas, como seres vindos da terra. O salão em única peça, servindo ao mesmo tempo como sala de estar, almoço e repouso noturno, abre para o jardim, confundindo-se com este, cujo bucolismo de seus elementos verdes faz descansar



Arq. Sergio Bernardes, Sítio em Petrópolis



Arquiteturas de Sergio Bernardes

Fui solicitado a fazer um comentário sobre o arquiteto Sergio Bernardes de quem "Habitat" revela vários trabalhos neste número. Não é comum haver arquitetos que se prestem praseirosamente a falar sobre um colega, principalmente no estrangeiro segundo ouvi dizer, pois provavelmente como acontece com pintores, é sempre fácil falar contra, mas difícil elogiar, ainda que merecidamente.

Entretanto, ao que parece em nosso meio já o mesmo não acontece.

Um arquiteto pode falar sobre o colega e com insenção do ânimo dizer da felicidade ou não com que resolveu determinado problema de arquitetura.

Eis porque não me excusei; ao contrário aceitei com satisfação a incumbência, desculpando-me porém por talvez não ser o mais categorizado para isso.

Data de alguns anos o nosso conhecimento. Num escritório do Rio de Janeiro conheci a um só tempo três grandes valores da arquitetura brasileira: Oscar Niemeyer, Afonso Eduardo Riedy e Sergio Bernardes. Tinham a esse tempo escritório comum trabalhando separadamente ou em conjunto conforme o caso, demonstravam o espírito de grande camaradagem que os arquitetos são capazes de manter. Sergio antes de tudo é um moço que ama a arquitetura como ela merece, tratando dela com tanto carinho como à sua mulher e filhos.

Em qualquer lugar, e a qualquer hora em que o domine a preocupação de pensar em arquitetura, sua mente trabalha e seu lapis registra a idéia no papel vegetal, no convite de casamento do amigo ou na última revista de automobilismo; ele tem loucura por corrida de automóveis, trocizando a solução para uma nova obra, pequena ou grande, simples ou complexa. Variados e numerosos tem sido os trabalhos projetados por Sergio. Visitando-o frequentemente, toda vez que vou ao Rio

de Janeiro, a mim sempre é dado constatar uma nova realização de sua capacidade criadora.

Em Petrópolis, três casas executadas dizem bem do seu temperamento de arquiteto idealizador e pesquisador. A casa de Lota Macedo Soares na fazenda ou terras da Samambaia, é uma realização que entusiasma. A localização da casa no meio da subida da serra, sua forma ligada ao ambiente montanhoso local e aproveitamento dos seus acidentes topográficos, são dos mais felizes que já vi. A estrutura de aço levíssima e a cobertura de sapé, fazem da habitação e panorama usa só cousa.

A residência Staub, também em Petrópolis, é outra demonstração vigorosa do espírito ativo do arquiteto. A procura de soluções mais fáceis e mais livres com materiais novos e mais adequados, é ali perfeitamente conseguida. A casa impressiona pela leveza com que toca o solo, parecendo descer do alto com cuidado de não ofendê-lo.

A agência do Loide Aéreo Nacional no Rio de Janeiro é outra manifestação feliz do seu trabalho. Nela mostra bem Sergio Bernardes como se pode dentro de um orçamento pequeno conseguir uma solução simples, completa e bonita. A decoração e o mobiliário não tem segredos para ele. Domina completamente a arrumação dos ambientes, projetando para eles todos os detalhes desde a menor cadeira até a direção do raio de luz.

Mas a preocupação que tem no sentido de soluções melhores dentro da concepção atual de arquitetura, é ainda mais notada quando Sergio estuda os complexos conjuntos habitacionais. Ao traçar uma diretriz para o Ministério que lhe solicitara orientação para executar um conjunto habitacional para 20 mil funcionários, Sergio, após demorados estudos sobre os existentes, ressaltando suas partes certas

e evidenciando as erradas, coligindo dados exaustivos sobre o assunto que apresenta um novo esquema e que contraria o ponto de vista ministerial adotado a princípio, mas persistente e intransigente na sua verdade, teve finalmente a satisfação de ver seu ponto de vista integralmente adotado.

Sua passagem como arquiteto pelo Serviço Nacional de Tuberculose no Rio de Janeiro, foi assinalada por uma modificação sensível no processo de projetar e construir que o serviço levava a efeito.

Conseguiu simplificar de maneira extraordinária os materiais adotados na construção, adotou a pre-fabricação e conseguiu entrosar os serviços e demais usos dos sanatórios, mantendo entendimentos com médicos, engenheiros e empreiteiros, que resultou num barateamento naquelas construções e, o que é mais importante, muito melhor comodidade e prazer para os usuários dos mesmos. Pena, não tenha durado muito este trabalho do arquiteto. Ao fim de algum tempo, a influência dos não entendidos no assunto, quiseram interferir impondo ponto de vista que o arquiteto sabia, não melhorava, ao contrário, prejudicava o objetivo que era "Sanatórios sempre melhores e menos onerosos". A intransigência com a verdade fez o serviço perder seu melhor arquiteto.

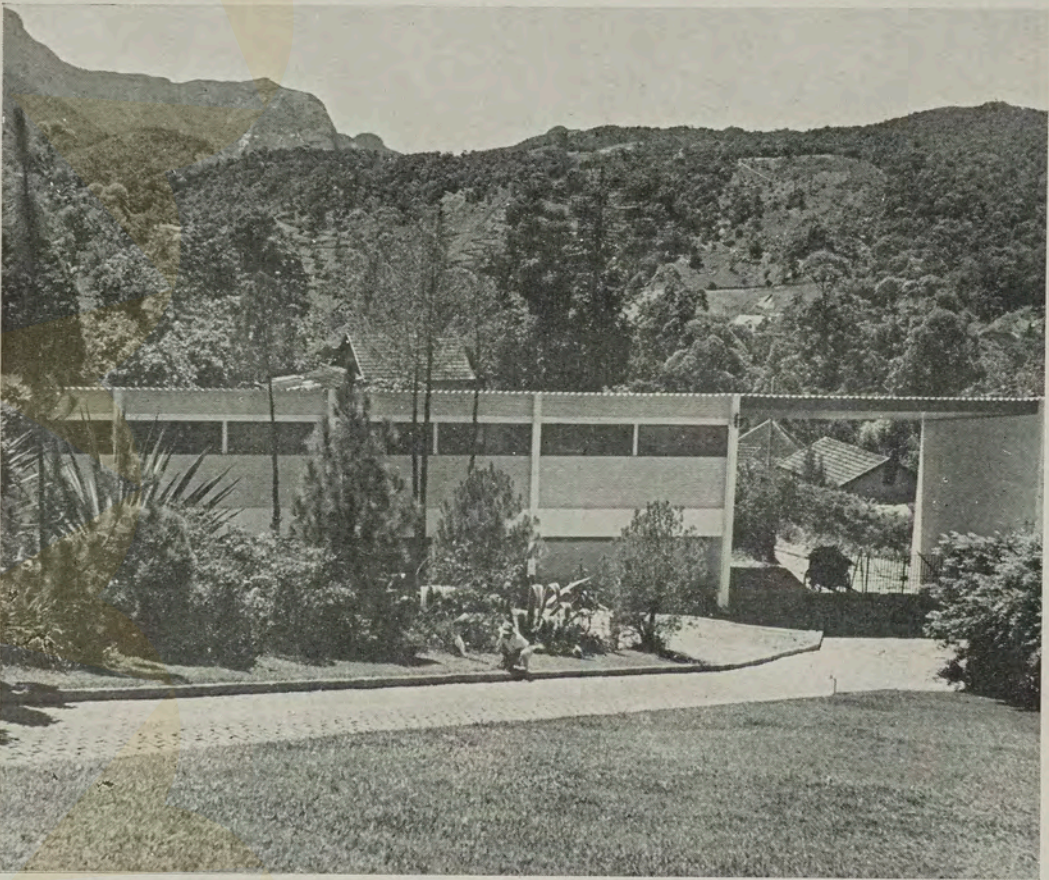
A intransigência com a verdade é uma qualidade necessária para que bem cumpra o arquiteto sua missão social. A posição comodista não se coaduna com essa qualidade. Ela exige luta, mas não há dúvida que os verdadeiros arquitetos tem mantido sua posição e afinal conseguem, como Sergio, ver reconhecido sua razão de ser. A trajetória de empreendimentos atribuídos até agora a ele, são a prova cabal do seu acerto. Parabens Sergio.

OSVALDO CORRÊA GONÇALVES

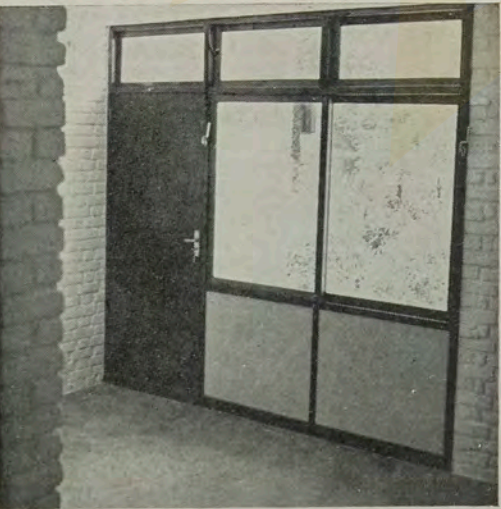
Arq. Sergio Bernardes, Habitações complementares de um sítio de veraneio em Petrópolis

Estas habitações que fazem parte de um plano de conjunto para um sítio de propriedade da Sra. N. M. S. em Petrópolis, Estado do Rio, foram projetadas em 1949. O programa abrangia um tema bastante interessante, dado as características topográficas de grande aclave e as exigências de um sítio exclusivamente de veraneio. O planejamento urbanístico e paisagístico era dos mais difíceis, assim como a localização das construções dentro de

um plano do conjunto, tornava-se perigosa, devido ter sido prefixado o local para a residência principal com uma visibilidade de 180º em torno, e dominando toda a propriedade. Além do mais, contava o terreno com muros de arrimo, já existentes, formando pequenos "platôs" que dividiam por demais o terreno, dentro de dimensões pouco aproveitáveis. O programa da construção constava do seguinte:



Detalhe de um caixilho



- 1 urbanização e paisagismo
- 2 pátio de entrada do sítio
- 3 residência do porteiro
- 4 três casas de empregados
- 5 residência do administrador
- 6 residência principal
- 7 estufas
- 8 canis
- 9 coqueiras e estábulos
- 10 galinheiros
- 11 horta
- 12 piscina
- 13 campo de volei e tenis

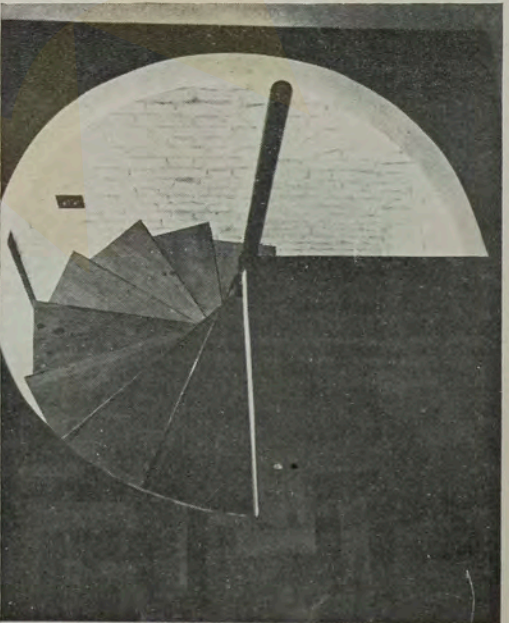
Damos aqui algumas vistas da parte já terminada. Assim dentro do plano-diretor, evidentemente procuramos colocar o menor número possível de construções no terreno. Por esta razão agrupamos o pátio, residência do porteiro e as três casas de empregados em um só bloco duplex. Cada habitação consta de: sala, dois quartos, cozinha e banheiro

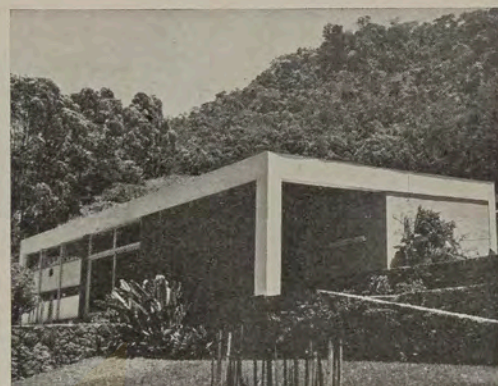
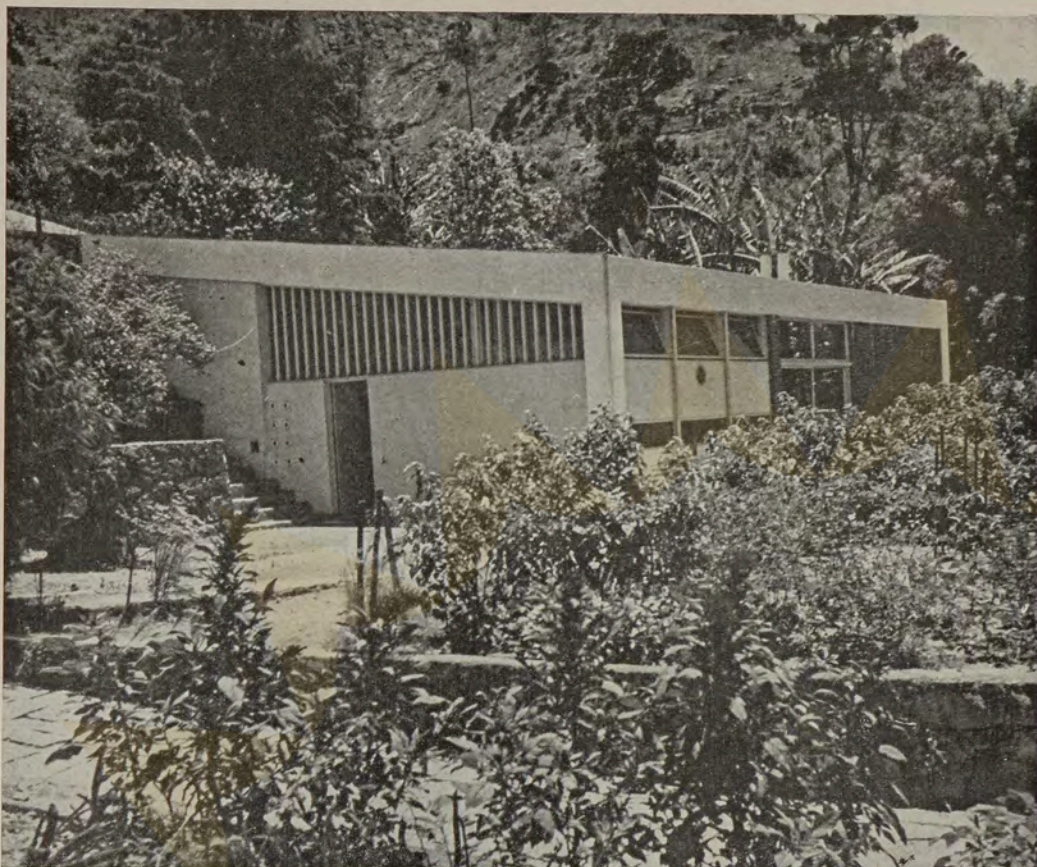


Detalhe da escada de acesso à residência de empregados, executada num vergalhão contínuo de 1/2", soldado a um tubo galvanizado de 2", degraus de madeira

Vista do interior do sítio para o pátio de entrada em conjunto com as quatro casas de empregados

Vista do hall superior para a escada de acesso à sala





Vista da rampa de acesso à varanda de entrada

Apresentamos aqui alguns detalhes da residência do administrador do sítio. Esta residência tem varanda, sala, três quartos, dois banheiros, copa-cozinha e lavanderia. Essa residência está num certo desequilíbrio em relação às demais dependências do sítio

Detalhe da copa-cozinha. Nela, levamos em consideração quatro fatores: luz, ventilação, estética e higiene. Luz natural e artificial sobre os locais de trabalho, ventilação dos armários pelas venezianas e das zonas de serviço pelas basculares superiores. Note-se a coifa em conjunto com os armários, e a facilidade de limpeza pelos detalhes usados

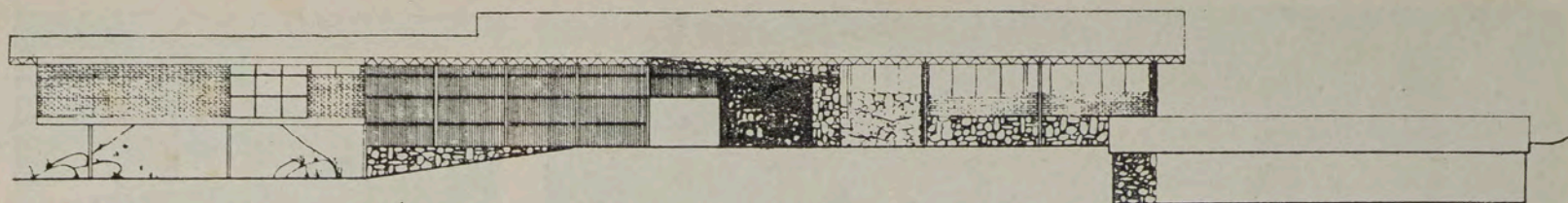
Este projeto aproveitou totalmente um muro de arrimo existente. Sobre ele localizamos os quartos e no plano inferior as salas, unidos por um só telhado caído para o lado das salas



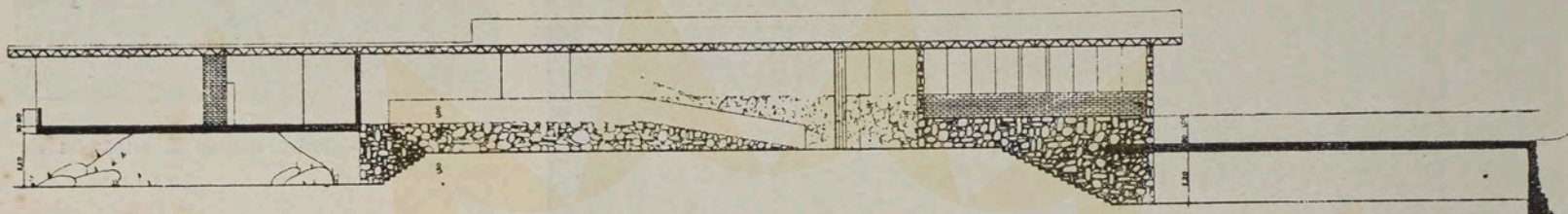
Ângulo da varanda e acesso. Note-se o painel de vidro formando um só conjunto

Vista da galeria dos quartos para a sala; nota-se a continuidade para o exterior



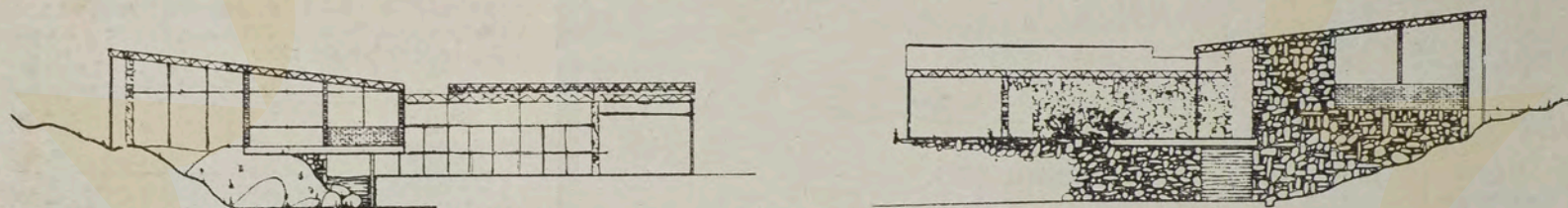


Fachada



Corte longitudinal

Arq. Sergio Bernardes, Residência da Fazenda Alcobaça em Petropolis



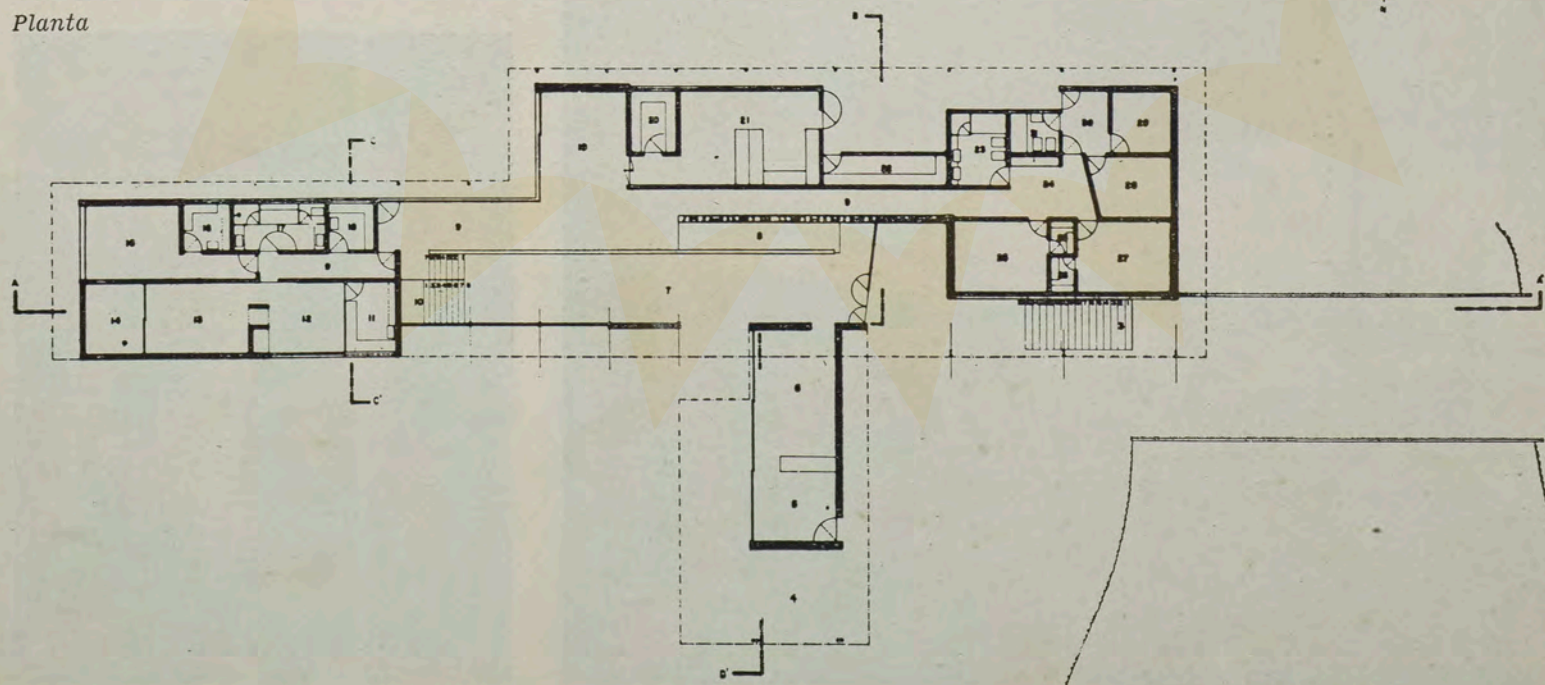
Corte transversal

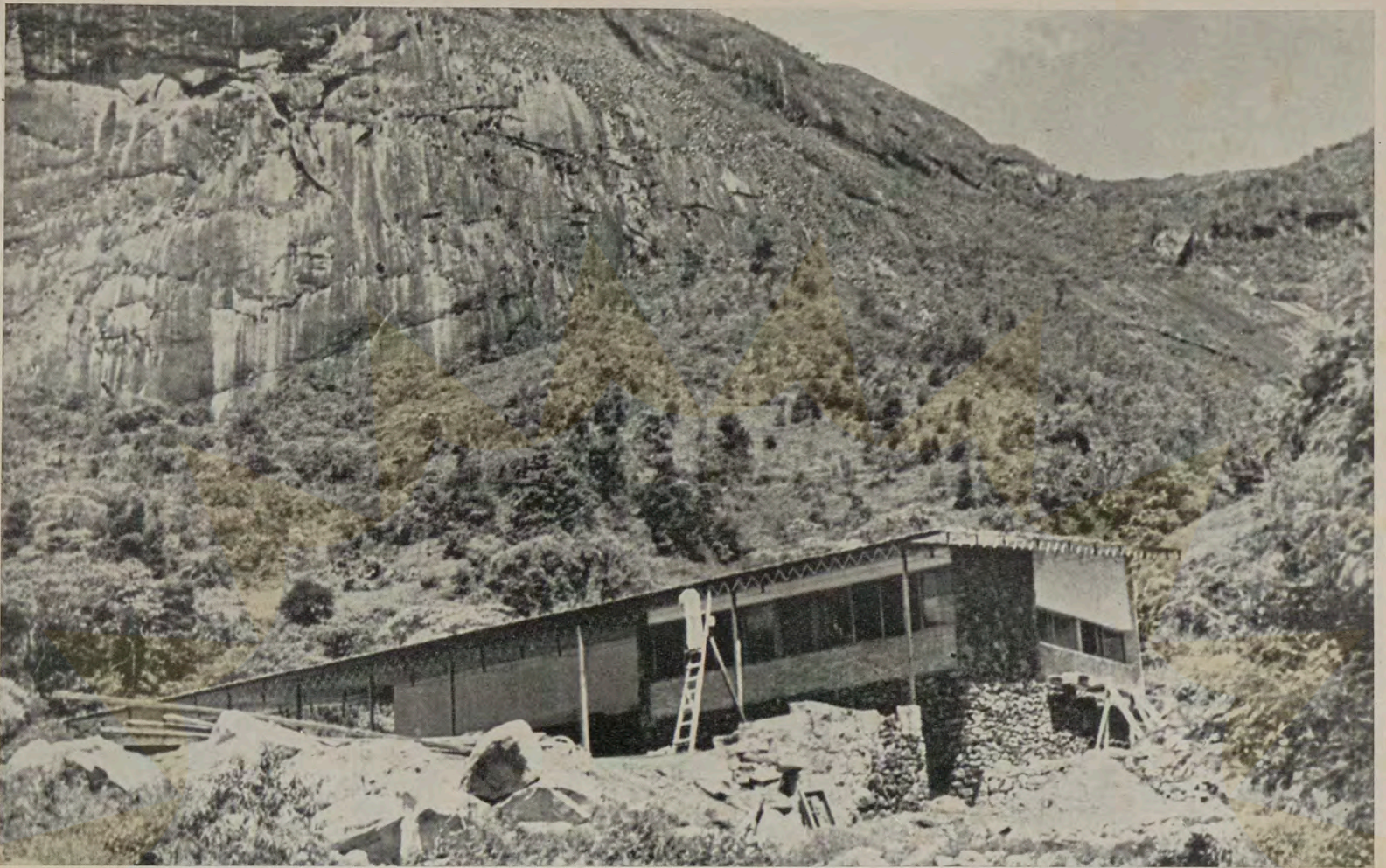
Em julho de 1951 foram iniciados os planos desta residência para moradia e sede efetiva da Fazenda Alcobaça em Petrópolis, Estado do Rio. O problema era dos mais interessantes, tanto pelo local como pelo programa propriamente dito. As características locais eram verdadeiramente impressionantes pela força da natureza, como o panorama que cercava. O programa exigia: pátio, garagem, sala de estar, escritório, sala de jantar, galeria de quadros, varanda, sala íntima ligada a dois quartos, roupeiros e um banheiro; dependências de hóspedes totalmente indepen-

dentes com dois quartos, roupeiros e um banheiro; a parte teríamos dois quartos de empregados com banheiro, lavanderia, copa, cozinha, dispensa e depósitos. Existiam três compromissos: o primeiro, não ferir nem entrar em choque com a natureza; segundo, moldar a casa à topografia do terreno e finalmente o terceiro, de ordem material que era a dificuldade de acesso. Imaginamos então um sistema construtivo que fosse ao mesmo tempo rápido, econômico e de fácil execução local. Procuramos estudar em uma estrutura pré-fabricada em vergalhão redondo de

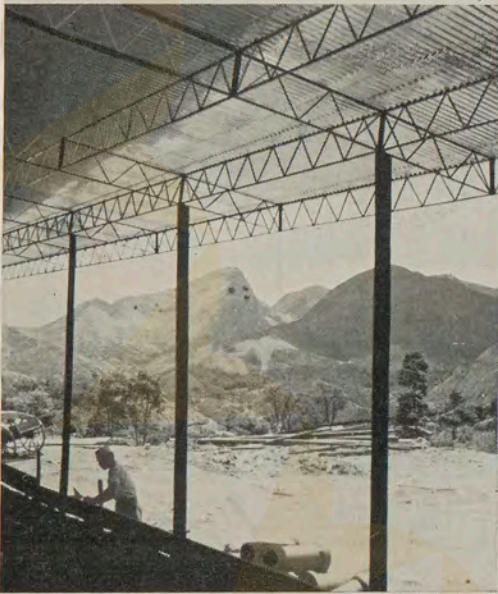
1/2" unidos a uma base de ferro de 1/4" por 1" armado em lamela horizontal. Sobre esta armação corremos o telhado de alumínio que, por sua vez, serve de apoio ao ripado de sapé, mantendo assim uma circulação permanente de ar entre o alumínio e o sapé. Com isto obtivemos um excelente resultado estético, pois o material se confunde com a natureza. Tiramos partido também de um grande bloco de pedra que nos serviu de apoio para um dos extremos da casa, permitindo balancear a construção sobre um açude, formando sob os quartos uma agradável zona de estar.

Planta





Vista da entrada de acesso. Nota-se o entrosamento da plástica dos elementos construtivos em harmonia com a natureza

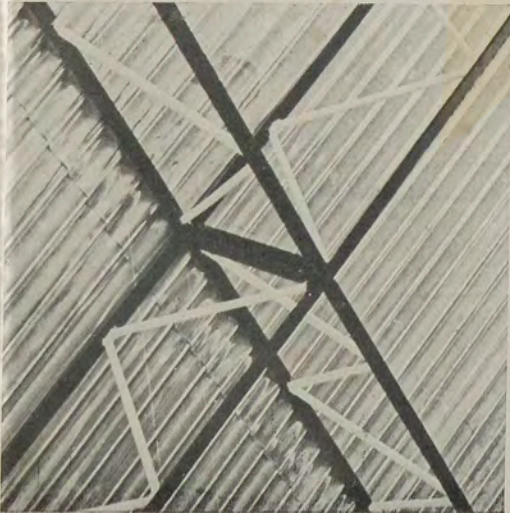


Vista da galeria para o exterior

Detalhe interior. Alumínio corrugado recoberto com sapé assentado sobre treliça pré-fabricada de ferro



Detalhe da articulação da estrutura pré-fabricada de ferro com o alumínio. Os ferros pintados de branco são vergalhões de 1/2" e os pretos, barras de 1/4" por 1"

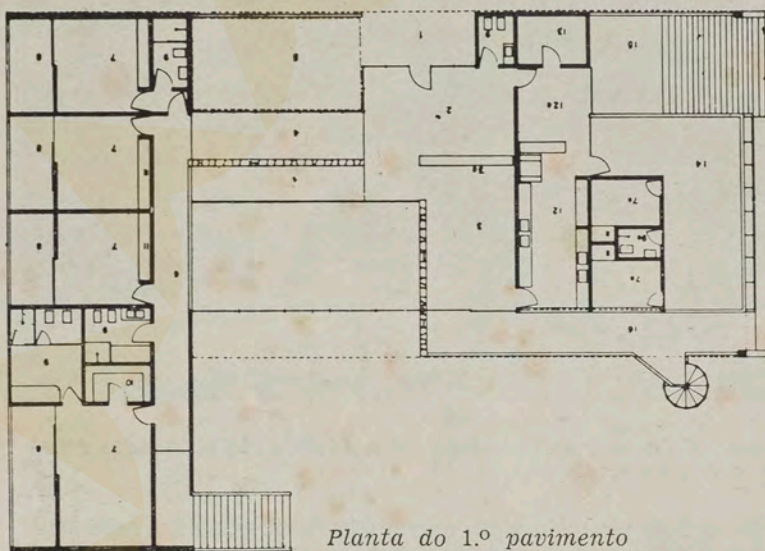


Arq. Sergio Bernardes, *Residência de verão do Sr. E. H. S. em Petropolis*

Esta residência foi projetada em 1950, num sistema misto de construção, isto é, levantamos toda a estrutura de apoio do telhado em vergalhão de ferro e fundimos todas as lajes posteriormente. Dessa maneira pudemos executar toda a obra abrigados das variações de tempo



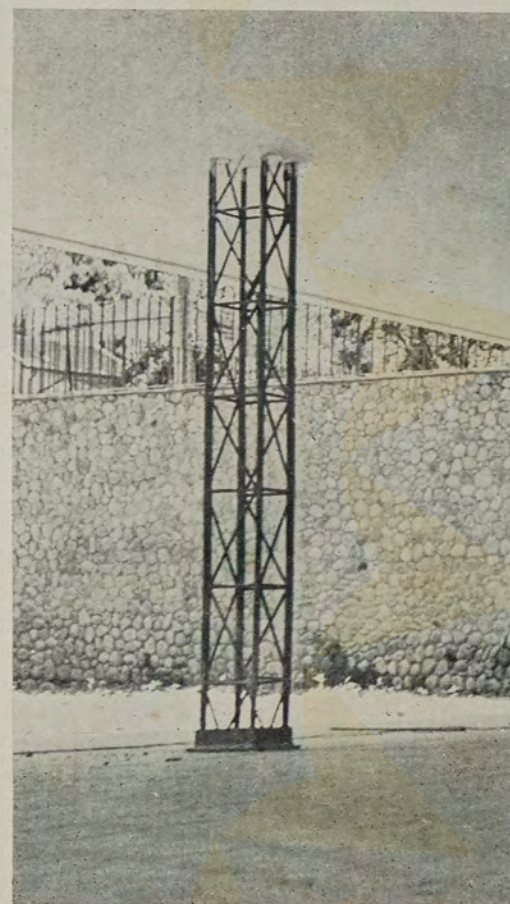
Perspectiva



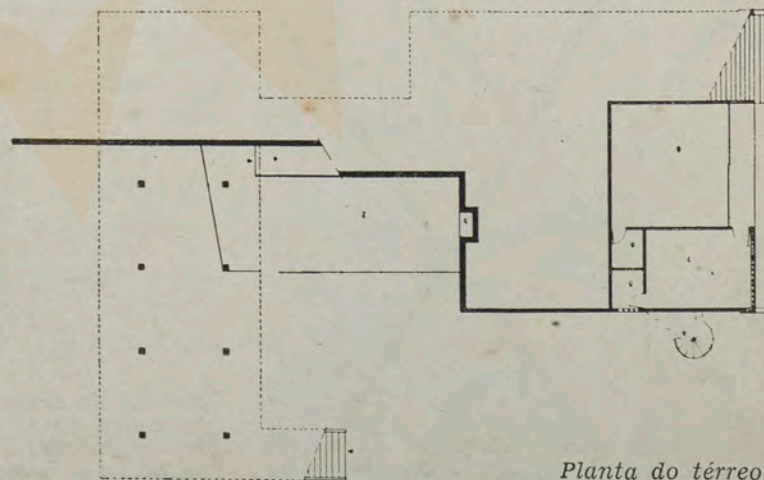
Planta do 1.º pavimento



Detalhe do entrosamento e leveza da estrutura com a cobertura



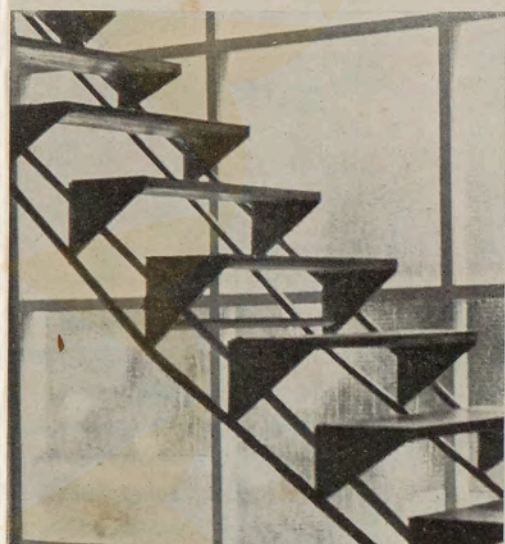
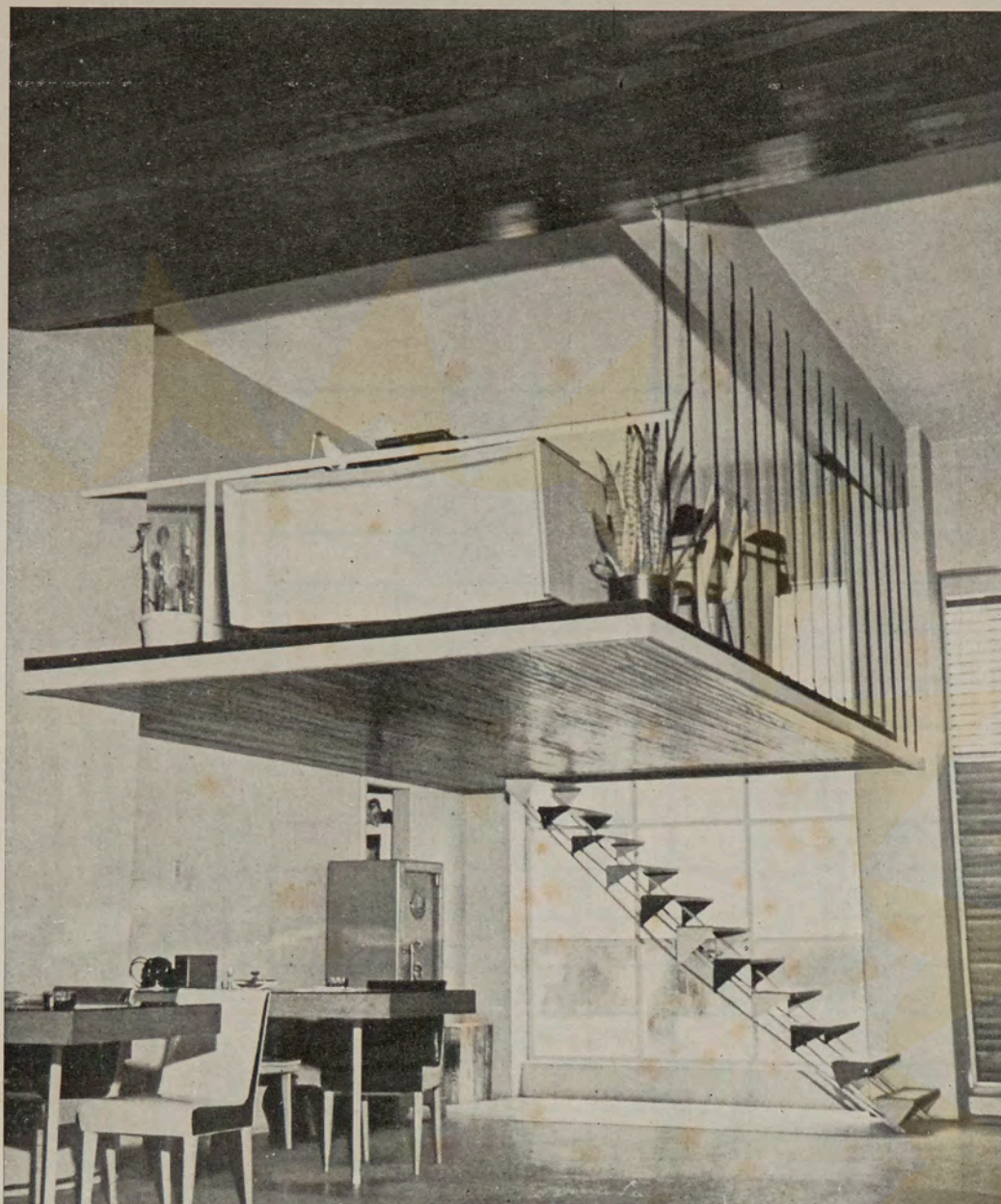
Detalhe da união da estrutura aparente de ferro com o concreto



Planta do térreo

Este projeto foi executado em 1951, para loja de uma companhia de aviação no Distrito Federal

Vista da sobre-loja, pendurada por tirantes cravados a uma viga existente e aparafusados a um ferro V de 3", onde por sua vez se encaixam os barrotes do taboado do piso



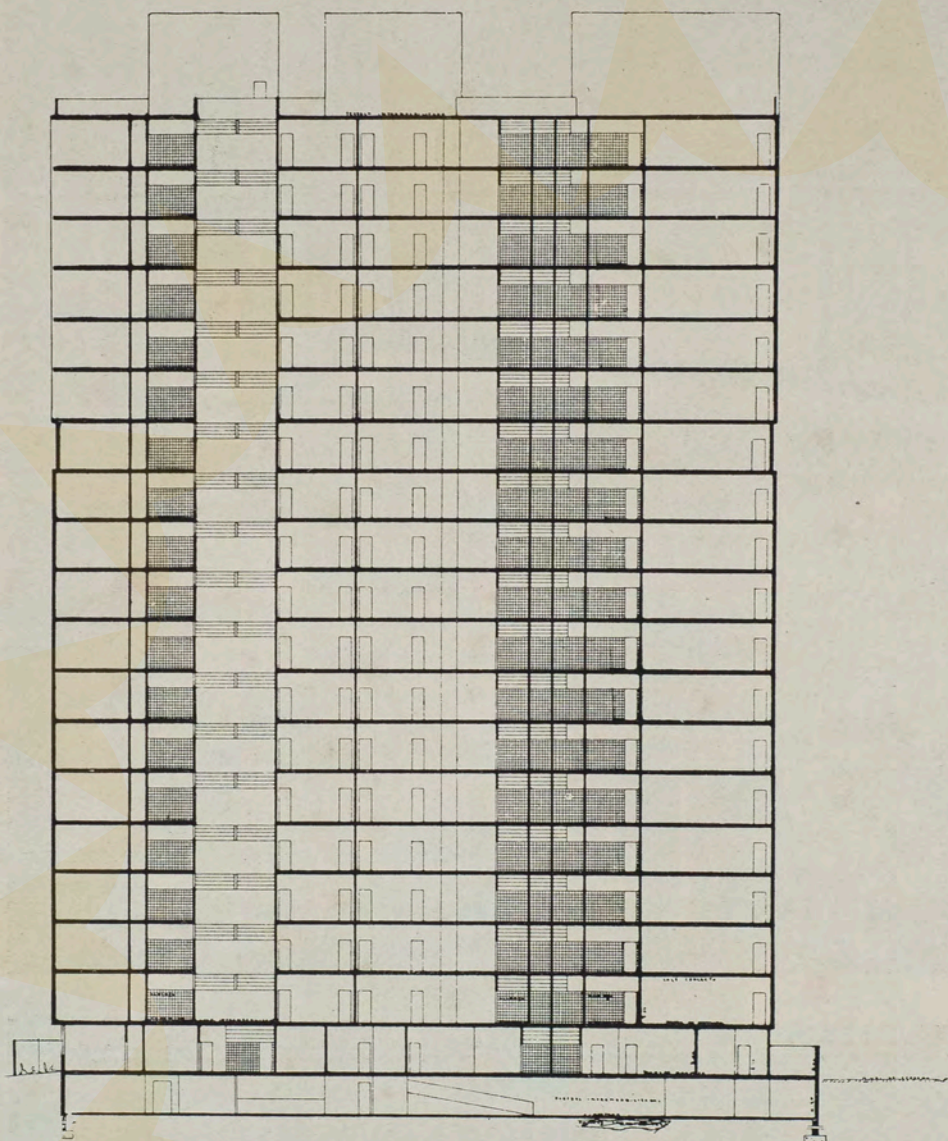
Detalhe da escada



Detalhe do teto

Predio de apartamentos em São Paulo

ARQUITETO ABELARDO DE SOUZA

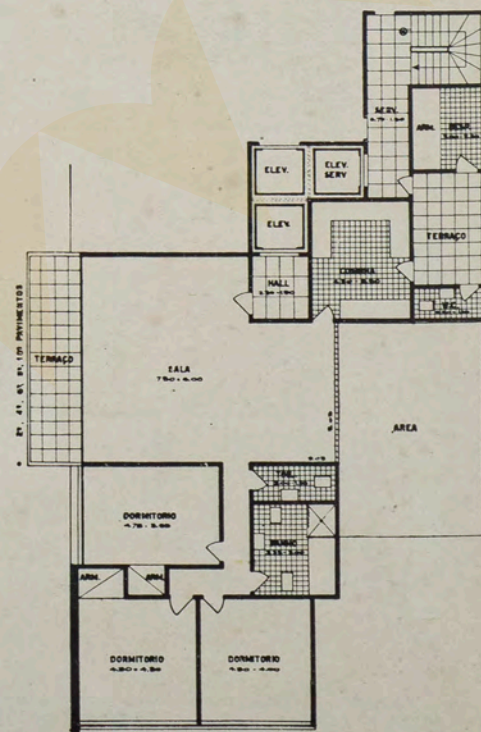


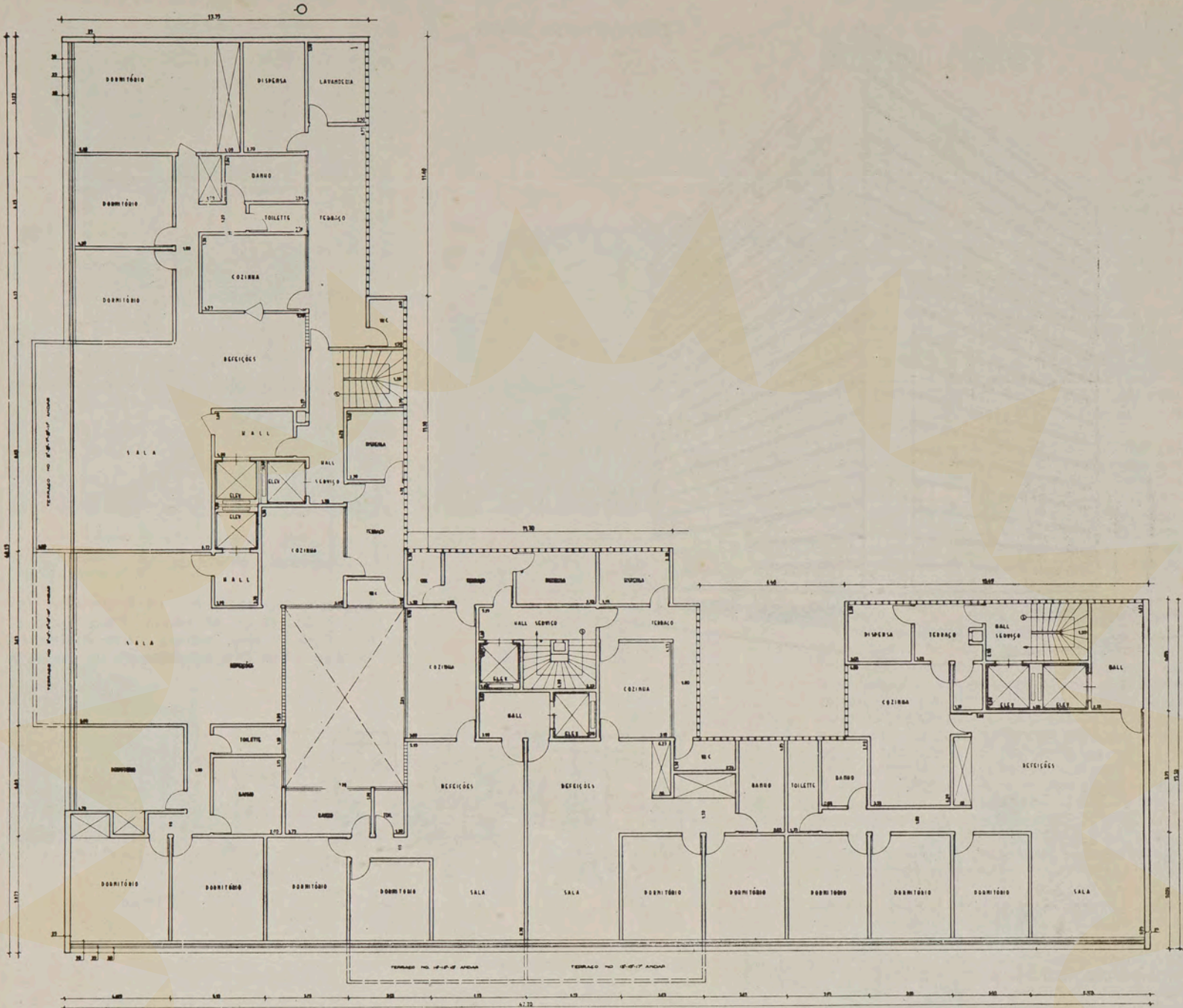
Corte transversal, passando, também, pela garage no sub-solo

O programa dado pelo proprietário determinava um tipo de apartamento, para uma determinada classe social.

O prédio deveria ser vendido em condomínio, o que quer dizer, uma maior área vendável dentro da área construída. A divisão do bloco em três prédios independentes resolveu este problema.

Toda a parte em comum, isto é, vendável, ficou reduzido aos halls de entrada. Externamente o prédio será revestido de pastilhas de porcelana de côr

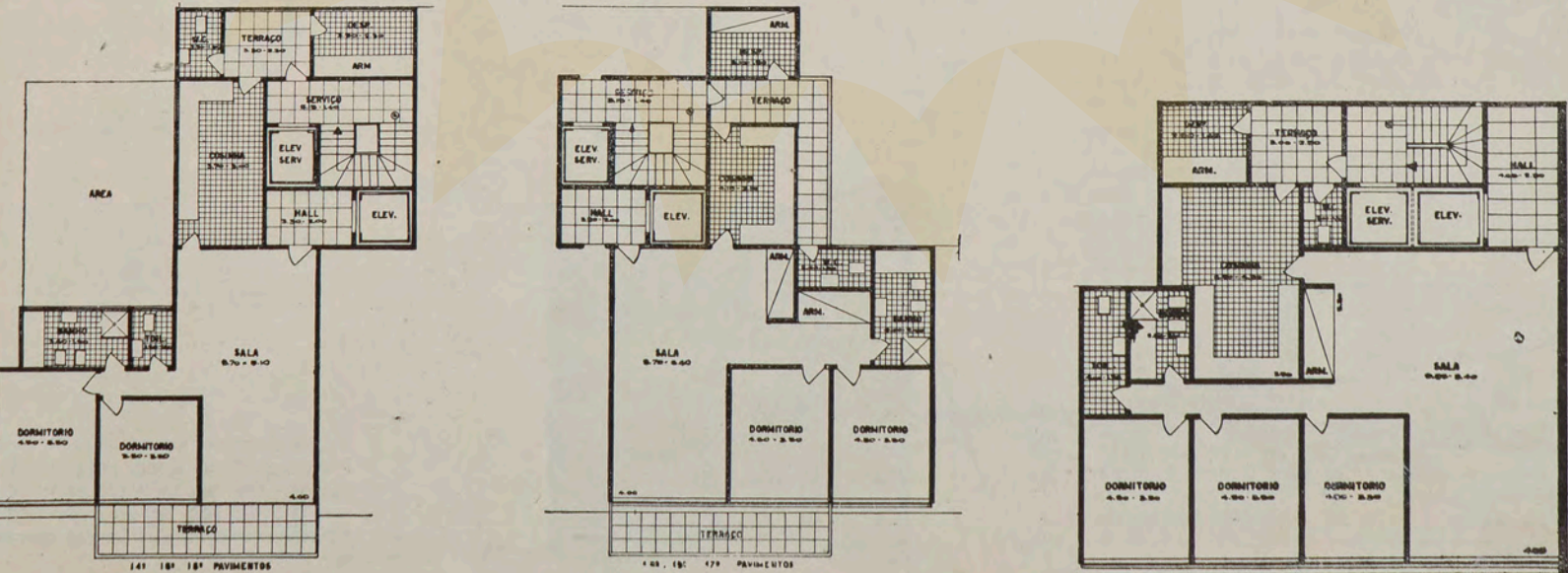




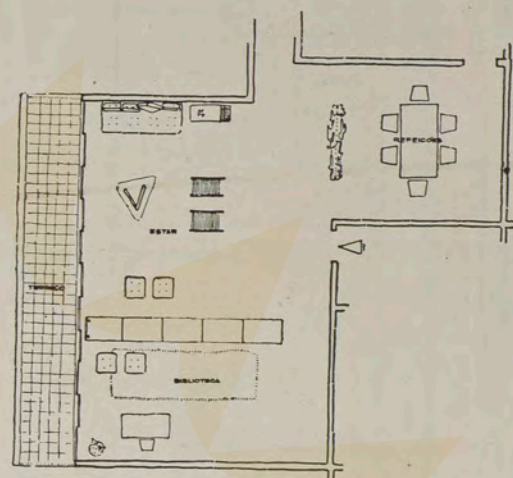
Escala 1 : 300

O andar tipo compõe-se de cinco apartamentos com entradas independentes, o que dá melhor circulação interna

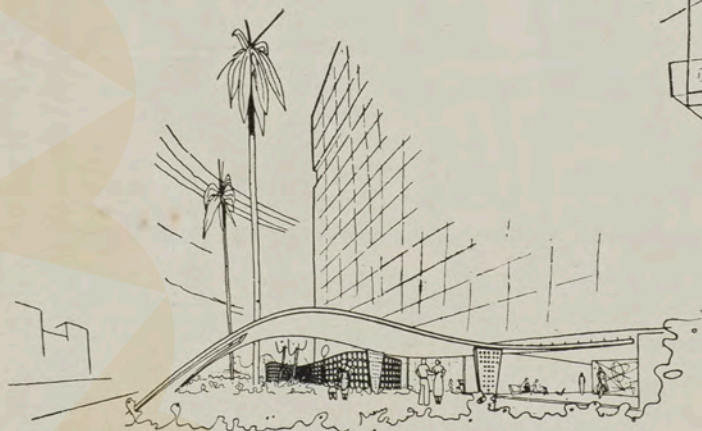
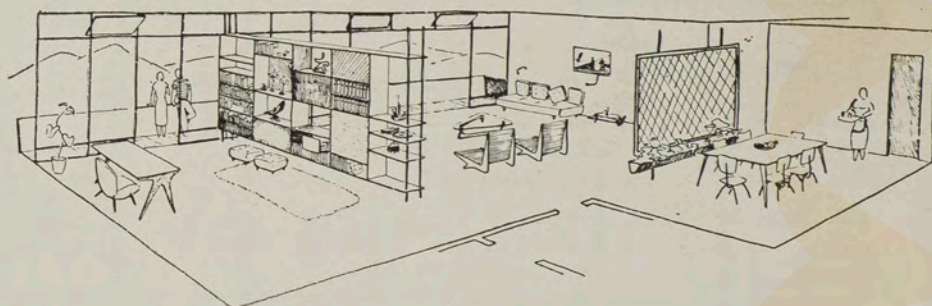
Plantas isoladas dos apartamentos



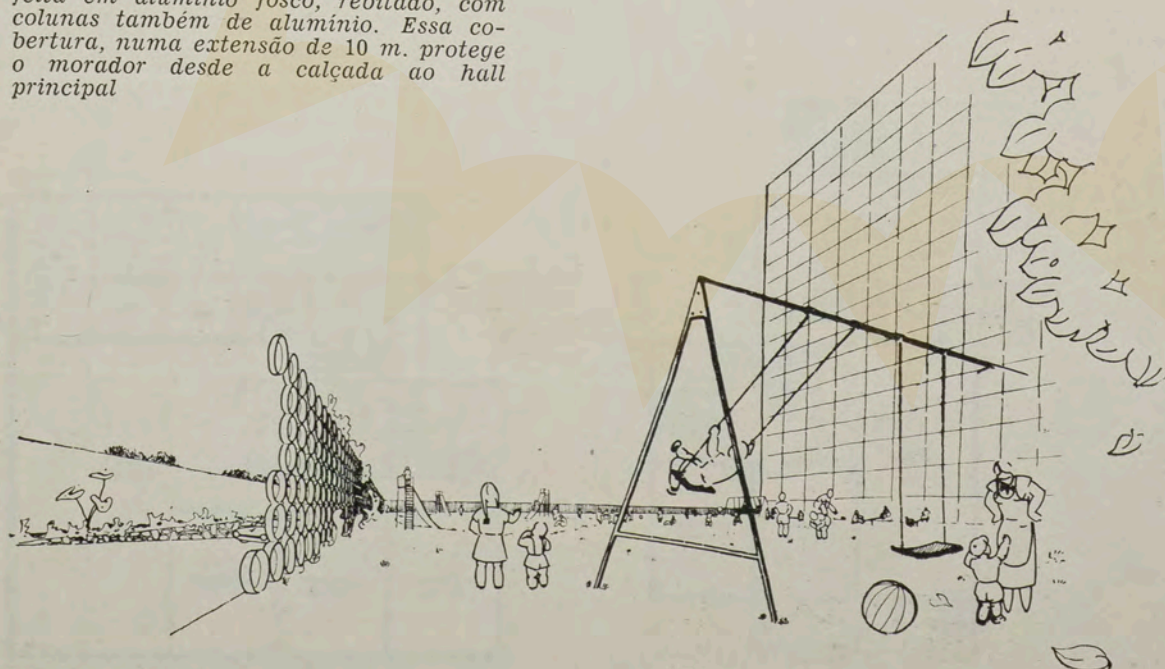
Perspectiva do prédio



Sugestão apresentada para arranjo interior das salas de estar. Uma racional distribuição dos móveis num ambiente, facilita uma boa circulação



Vista da entrada pela Avenida Paulista. A cobertura que protege a entrada será feita em alumínio fosco, rebitado, com colunas também de alumínio. Essa cobertura, numa extensão de 10 m. protege o morador desde a calçada ao hall principal



Vista do parque infantil a ser localizado na área interna do bloco. Os acessos de serviços e dos veículos, serão absolutamente independente da parte de recreação

Mobiliário escolar



Cadeira com apóio móvel (desenho de Saler) usada nos cursos do Museu de Arte de São Paulo



A comodidade dos assentos numa escola é um elemento importante. É incompreensível porque não se dá às carteiras escolares o mesmo conforto como, por exemplo, aos assentos nos cinemas



Carteiras escolares (Brafor, S. Paulo)



O mobiliário escolar reflete a filosofia educacional de cada época, relaciona-se com o conceito da função do professor e se ajusta às diretrizes dos métodos didáticos. Assim, quando o aluno era considerado um adulto em miniatura e a função do professor consistia em impôr uma educação transmitida mediante exposições puramente verbais, a sala de aula era equipada com longos bancos e carteiras alinhadas em fila, com a finalidade de permitir que toda a atenção do aluno ficasse concentrada na figura do mestre, severa figura posta em posição de destaque. Esse mobiliário impossibilitava também o mais possível os movimentos dos educandos que, passivamente, recebiam os ensinamentos.

Depois, com a renovação das idéias pedagógicas, quando a criança passou a ser considerada um ente especial, diferente do adulto e os métodos de ensino foram influenciados pela preocupação de dar aos educandos maior participação no processo educacional e ao educador função menos absorvente, o mobiliário transformou-se em carteira-banco individual, possibilitando a locomoção ao quadro negro e a posição de pé, para as aulas de leitura ou resposta a questionários.

Finalmente, a atual concepção educacional, resultado de estudos modernos de psicólogos e educadores, olha a criança como um ser dinâmico, em desenvolvimento intelectual contínuo, sem saltos ou estágios, que quer aprender pela vida, que ama a liberdade, a natureza, o belo e o verdadeiro e quer auto-dirigir-se.

A escola evolue de uma estrutura social isolada, para um vivo laboratório da vida, pela seleção e organização de material, relacionado com as necessidades humanas e os problemas da conveniência social; assim tende a aproximar-se o mais possível do ambiente do lar e a reproduzir a vida social, velha idéia que somente agora está sendo adotada em escala considerável. A educação deve ser feita por grupos de atividades e interesses, no desenvolvimento de projetos, onde alunos e professores trabalham, vivem e produzem conjuntamente. O objeto da educação é dar o máximo valor à personalidade da criança, à sua vida psíquica e intelectual e isto só é conseguido em classes extremamente flexíveis.

Dentro desta concepção, o mobiliário escolar deve satisfazer as seguintes condições:

- 1 — possibilitar uma grande flexibilidade, devendo os móveis ser do sistema cadeira e mesa separadas;

- 2 — ser tão leve que possa ser carregado pelo aluno, mas, tão pesado que não seja movimentado por ações involuntárias do mesmo;

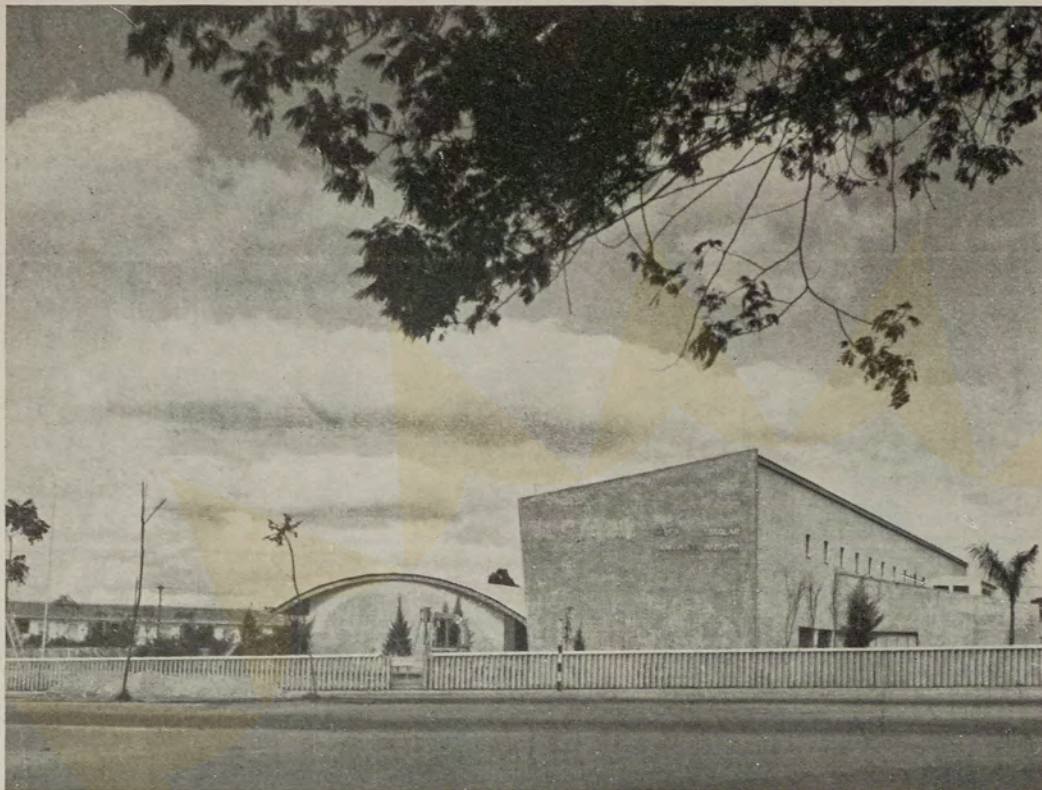
- 3 — tanto a cadeira como a mesa devem ser facilmente superponíveis, a fim de deixar livre o maior espaço possível destinado aos projetos relativos a dramatizações, execução de quadros murais, palestras, etc.;

- 4 — dentro de uma sala terá mobiliário de várias alturas, exatamente de acordo com a da criança, o que permitirá ainda dar à sala, quando disposto o mobiliário de maneira regular, o aspecto de um pequeno anfiteatro;

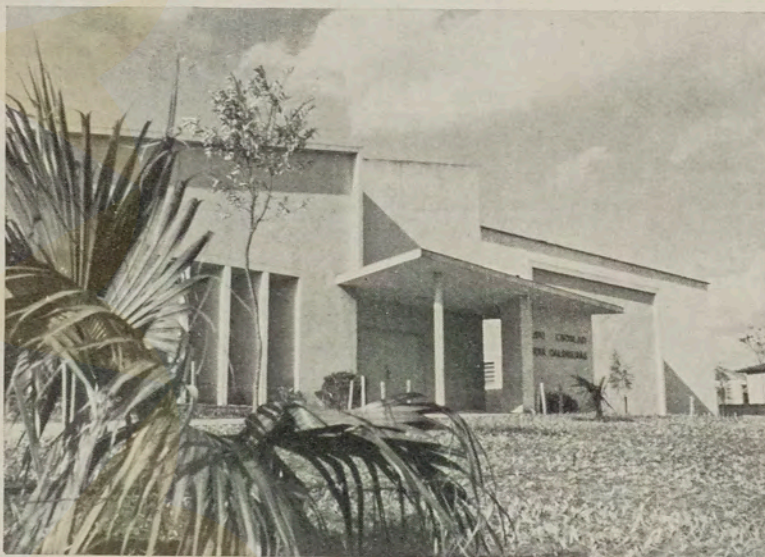
- 5 — as partes da cadeira e da mesa que têm contacto com o piso serão protegidas para diminuir o ruído provocado pelas alterações que ocorrerão durante a aula.

Em conclusão: somente a conjugação de esforços e o trabalho de equipe de educadores, sociólogos, psicólogos e médicos, poderá resolver satisfatoriamente o problema do mobiliário, entregando ao arquiteto as indicações precisas para a obtenção da solução ideal e possível.

L. A. FALCÃO BAUER

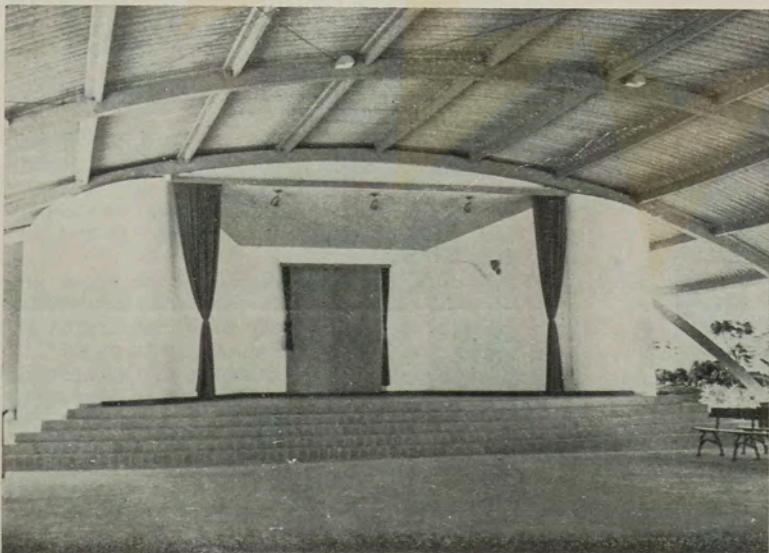


Vista geral do Grupo Escolar "Almirante Barroso", no Jabaquara. Projeto do arquiteto Helio Duarte



Detalhe da entrada do "Grupo Escolar Pandiá Calogeras", no Alto da Moóca. Arquiteto Helio Duarte

Galpão de recreação do Grupo Escolar "Almirante Barroso", no Jabaquara



Convênio Escolar

Em nosso N.º 4, acompanhando a Exposição que o Museu de Arte dedicou às novas arquiteturas realizadas, projetadas pelo Convênio Escolar, documentamos a extraordinária atividade dessa entidade benemerita, que, entre os demais dotes tem também aquêle da modestia.

A fim de completar o conjunto de edifícios, anteriormente publicados, que formam de per si uma monografia, apresentamos agora outro material. Trata-se de trabalhos do arq. Helio Duarte e do arq. Eduardo Corona

Pavimento Superior

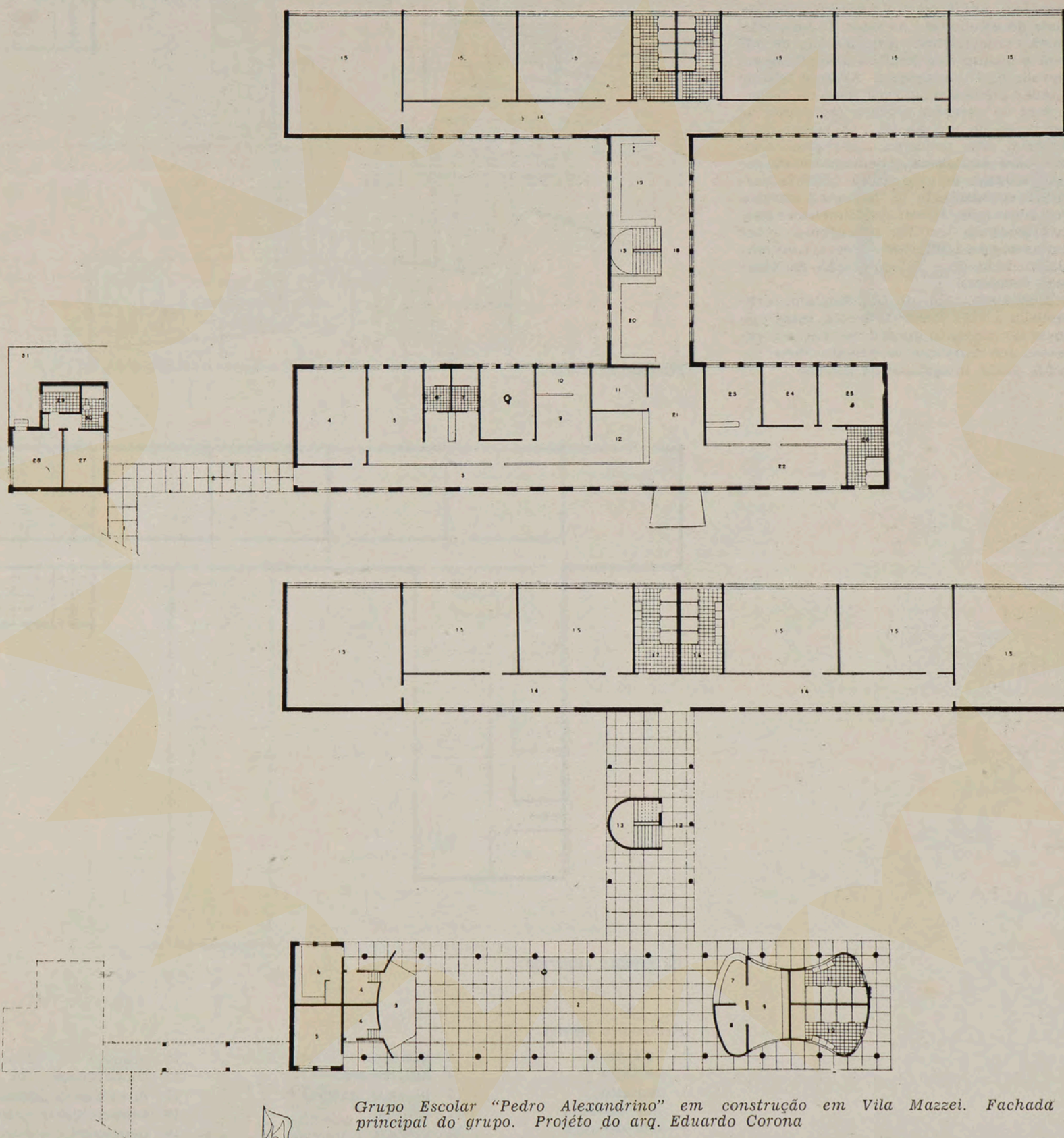
- 1 rampa
- 2 circulação coberta
- 3 circulação interna
- 4 biblioteca
- 5 sala professoras
- 6 sanitário mulheres
- 7 sanitário homens
- 8 sala diretor
- 9 secretaria
- 10 arquivo
- 11 material escolar
- 12 expediente
- 13 escada
- 14 circulação aulas
- 15 salas de aula
- 16 sanitário meninos
- 17 sanitário meninas
- 18 circulação
- 19 biblioteca
- 20 museu escolar
- 21 hall
- 22 sala de espera
- 23 serviço social
- 24 médico
- 25 dentista
- 26 sanitários
- 27 quarto zelador
- 28 sala
- 29 cozinha
- 30 banheiro
- 31 pateo

Pavimento terreo

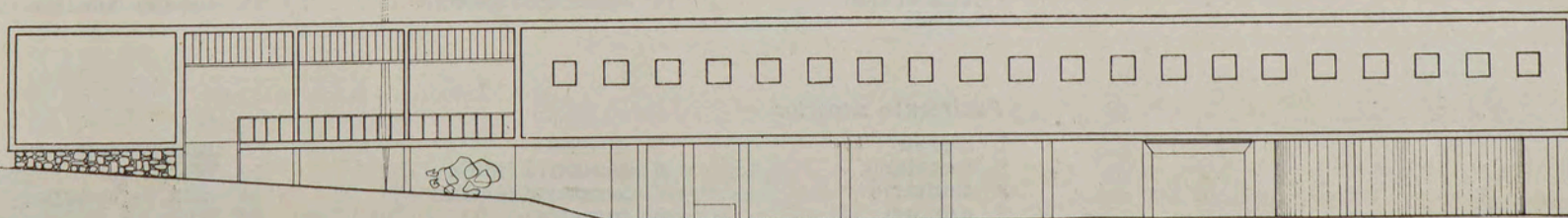
- 1 entrada
- 2 recreio coberto
- 3 palco
- 4 vestuário
- 5 depósito
- 6 vestuário empr.
- 7 distribuição
- 8 nutricionista
- 9 cozinha
- 10 vestiário meninos
- 11 vestiário meninas
- 12 passagem coberta
- 13 escada
- 14 circulação
- 15 sala de aula
- 16 sanitário meninos
- 17 sanitário meninas



Perspectiva do Grupo Escolar "Pedro Alexandrino"



Grupo Escolar "Pedro Alexandrino" em construção em Vila Mazzei. Fachada principal do grupo. Projeto do arq. Eduardo Corona

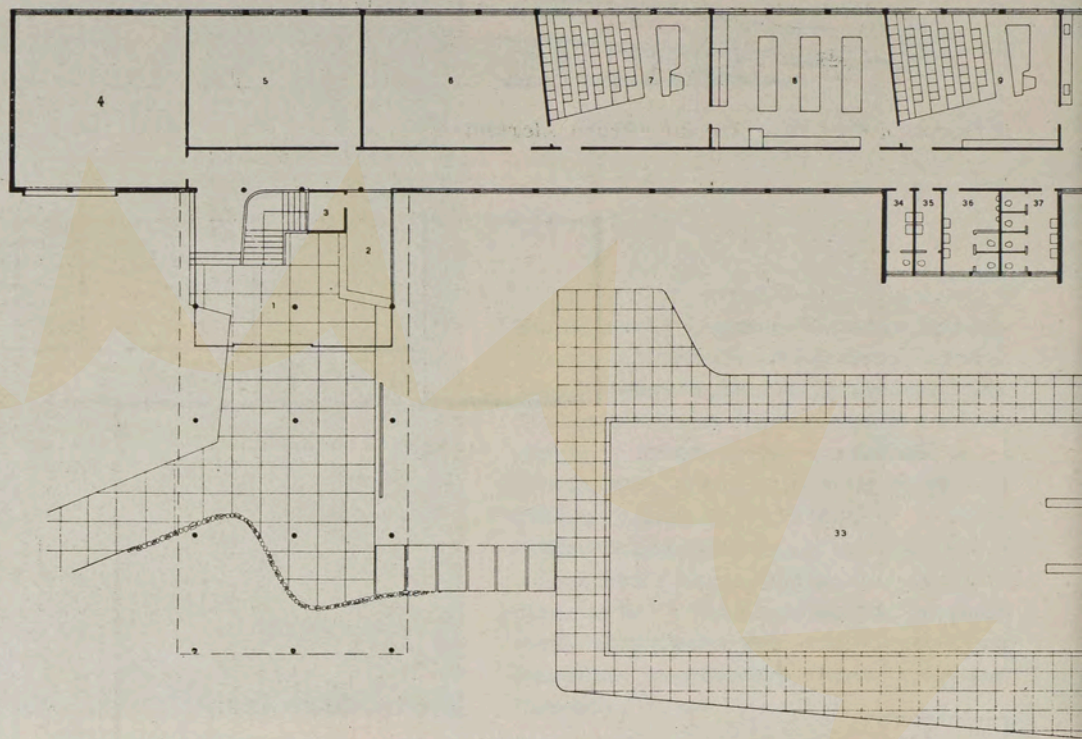


Ginásio de Sant'Ana

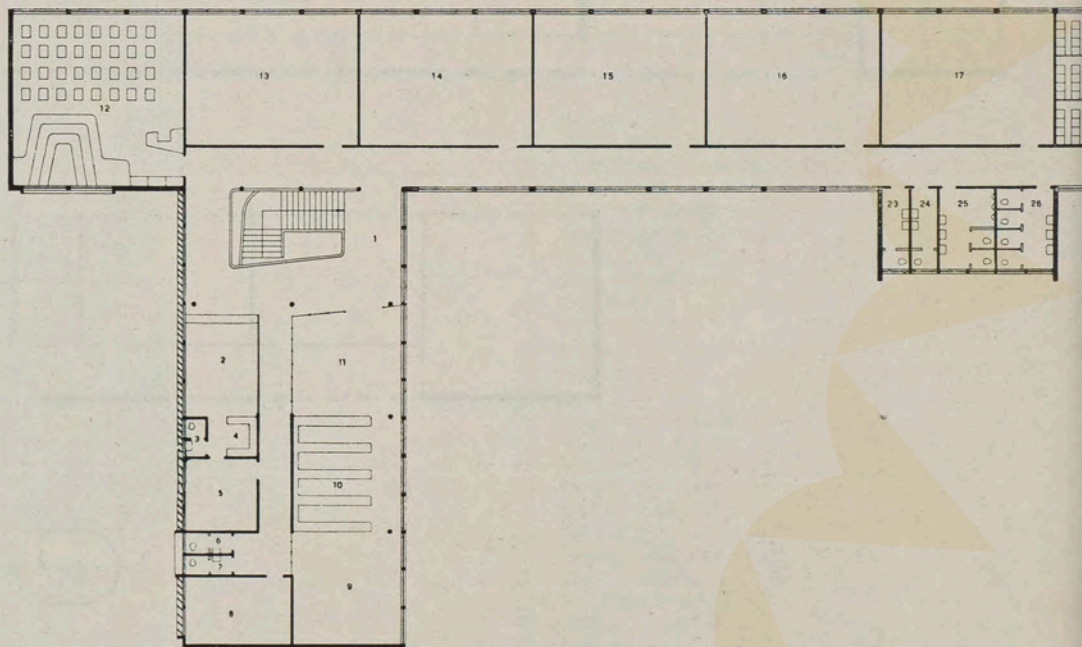
PROJETO DO ENG. R. MANGE

O projeto do Ginásio de Sant'Ana visa criar uma escola que realmente corresponda às necessidades didáticas do ensino secundário, assim como às necessidades sociais do estudante. As salas de aula possuem características próprias que permitem o ensino das diversas disciplinas em elevado nível pedagógico. Assim a sala de línguas prevê o ensino por meio de discos; a sala de desenho procura reproduzir as condições de um atelier; os laboratórios possuem seus pequenos anfiteatros anexos, para exposições e demonstrações gerais; as salas de geografia e história permitem a existência de pequenos museus. Por outro lado, apesar das dimensões desfavoráveis do terreno, procurou-se criar um ambiente acolhedor e fresco, com ampla visibilidade e interpretação de volumes e espaço.

O anfiteatro, além do fim didático, serve também à vida social da escola, integrando-se no conjunto gremio, recreação e esportes que constitui verdadeiro clube juvenil, parte integrante do ginásio



Pavimento terreo



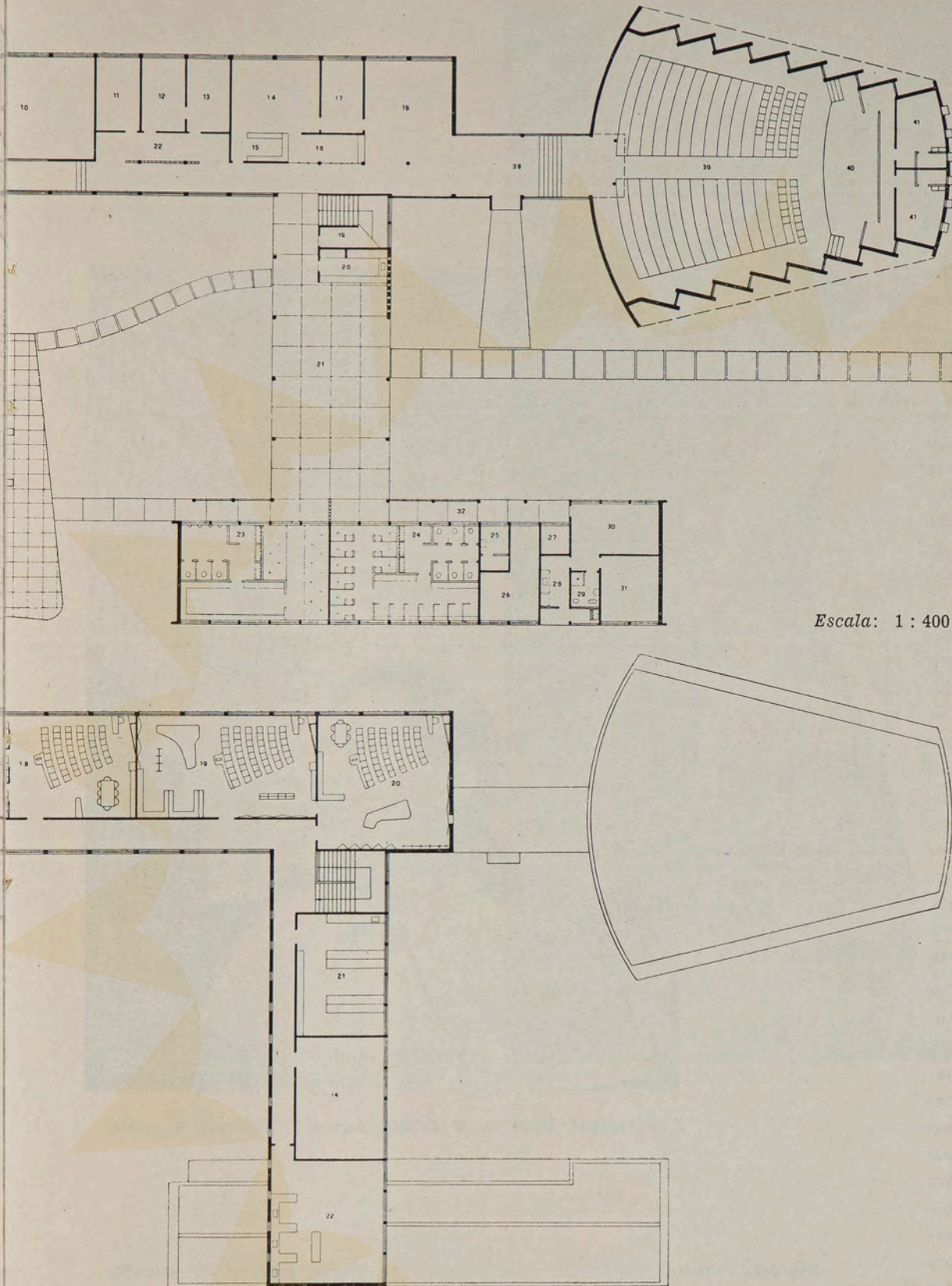
Pavimento superior

Pavimento terreo

- | | | |
|----------------|----------------------|-------------------------|
| 1 hall geral | 8 química | 15 arquivo |
| 2 portaria | 9 anfi-teatro | 16 cooperativa |
| 3 depósito | 10 história natural | 17 diretoria do grêmio |
| 4 sala de aula | 11 dentista | 18 sala de estar grêmio |
| 5 sala de aula | 12 médico | 19 depósito |
| 6 física | 13 enfermaria | 20 cantina |
| 7 anfi-teatro | 14 secretaria grêmio | 21 recreio coberto |

Pavimento superior

- | | | |
|--------------|----------------------|--------------------|
| 1 museu | 5 diretor | 9 sala professores |
| 2 secretaria | 6 sanitário homens | 10 biblioteca |
| 3 sanitário | 7 sanitário mulheres | 11 sala de leitura |
| 4 arquivo | 8 inspetor | 12 desenho |



Escala: 1 : 400

22 espera
23 a 25 sanitários
26 depósito geral
27 depósito mat. esportivo
28 cozinha zelador
29 banheiro zelador
30 sala zelador

31 dormitório zelador
32 passagem coberta
33 piscina
34 a 37 sanitários
38 entrada pública
39 auditório 344 lugares
40 Palco
41 vestiários

13 a 17 salas de aula
18 línguas
19 geografia
20 história

21 trabalhos manuais meninos
22 trabalhos manuais meninas
23 a 26 sanitários homens

Qual o futuro das artes no Brasil?

Por intermédio de Sascha Harnisch solicitamos de um grupo de bons artistas do Rio de Janeiro que se manifestassem a respeito do que pensam acerca do futuro da arte no Brasil. Eis as respostas que obtivemos, enquanto o extraordinário fotógrafo fixava uma singular atitude dos entrevistados.

Merecem as respostas ser lidas com o mais vivo interesse por todos quantos se preocupam com o futuro a que nos referimos. E aqui, à guisa de apresentação, queremos expender o nosso parecer sobre o assunto.

É natural que a arte no Brasil esteja fadada a um porvir belo e verdadeiro. Tal coisa, no entanto, não deve limitar-se a mero desejo, a simples afirmação estouvada ou de mais ou menos boa vontade, devendo, ao contrário encontrar suas bases na atualidade. Significa isso que se faz necessário preparar agora, no momento presente, os elementos em que seja possível estribar o movimento artístico. Há os que, com palavras altiloquêntes, falam em sentido filosófico, outros que se comprazem em organizar exposições do tipo de circos Barnum internacionais, há alguns que gostam de comparecer a grandes congressos, e assim por diante.

Nós, ao contrário, desejariamos que se começasse seriamente a pensar no futuro da arte no Brasil, partindo-se das pequenas coisas, e imaginando, suponhamos, atingir determinados estágios, correspondentes às letras do alfabeto. Assim, partir-se-ia da letra "A" (Na maioria das vezes se pretende partir da letra "Z". Começar da letra "A" significa iniciar a publicação de livros de arte, manuais, monografias, etc., em língua portuguesa; isto é, suprir uma das maiores necessidades para o ensino das artes. Fundar escolas de arte, pequenos museus, atrair artistas e artesãos do exterior, publicar revistas de arte, além de "Habitat", que é a única existente num país de aproximadamente 50 milhões de habitantes. Em poucas palavras, cumpre buscar a criação de um clima de arte, como esteio para a criação do futuro da arte no Brasil).

Em outras palavras, voltar a ler, no número 6 de "Habitat", o importante artigo de Mário da Silva, cujo título saiu estropeado. Deve-se ler: "O Carro Adiante dos Bois", embora seja evidente que um único carro não podia ser puxado por bois.



A sorridente Djanira: O artista nunca é chamado a opinar

Djanira, Pintura



Outra pintura de Djanira





Djanira, Nú de perna virada

Djanira

A observação da situação artística no Brasil mostra claramente que não possuímos condições materiais propícias a um amplo desenvolvimento artístico. Somos um país pobre economicamente, em contradição com as grandes riquezas que possuímos e ainda não exploradas. O artista sofre logicamente as consequências desta contradição. Potencialmente ele tem possibilidades, força para realizar trabalhos de maiores importâncias, mas a falta de estímulo da sociedade intervém na sua produção sempre de modo negativo. Quando algum mais forte resiste ela então procura forçá-lo a pintar ao seu "gosto", aos seus interesses pessoais e da classe. Bem sabemos que esta desolada paisagem não é somente brasileira, mas também francesa,

americana etc. É portanto a do artista creador sofrendo as consequências da sociedade interessada na sua produção. Nos artistas brasileiros temos o exemplo histórico da nossa cultura. Esta nunca foi independente, corajosa das nossas próprias formas de ser na arte. Comemos churrasco e vatapá mas insistimos em pintar naturezas-mortas francesas. Por motivos históricos não temos uma independência artística como o México, sem vergonha da sua tradição indígena e de lutas populares. Não vamos dizer que nós brasileiros sejamos menos plásticos que os mexicanos. Temos um lastro cultural com afinidades com eles — a cultura iberica. Com estes artistas amigos acontece tão somente serem eles mais protegidos e res-

peitados que os nossos. Sem dúvida o futuro da arte da pintura no Brasil está na decisão da luta entre a velha Escola de Paris e a nova pintura mural. Infelizmente, o artista a pesar de membro da sociedade, trabalhador dela, nunca é chamado a opinar.

Como todo-poderosa é a sociedade quem quer decidir os grandes destinos. Mas nós artistas não vamos desistir e sim lutar pela nossa sobrevivência e independência. Enquanto, confiante, aguardo melhores dias para a pintura mural (seu verdadeiro destino) pergunto juntamente com meus amigos da revista HABITAT: Qual o futuro da pintura no Brasil?

DJANIRA GOMES PEREIRA



Heitor dos Prazeres: O samba venceu

Dos Prazeres

o que direi da arTe
No Brassil
posa Vencer no
Brassil como venceu
O Samba

HEITOR DOS PRAZERES

Carregando boa pintura



Martim Gonçalves, Pintura



Gonçalves: tradição e "metier"

Gonçalves

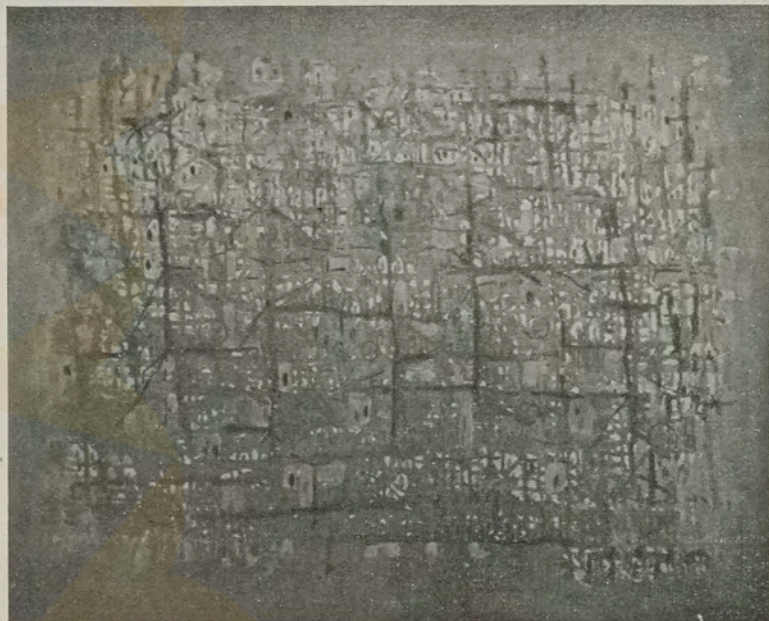
O futuro da arte no Brasil depende da criação de novas escolas e museus onde os jovens artistas possam adquirir a prática da pintura. Esperemos que estes consigam sair do autodidatismo em que as nossas primeiras gerações de pintores modernos se debateram penosamente. O conhecimento do ofício é imprescindível à realização completa de sua mensagem.

MARTIM GONÇALVES





Santa Rosa: Cruzado de conflitos...



Bandeira, Composição

Bandeira

Do futuro nada sei, pois não sou cartomante. É o presente que interessa. Sendo o Brasil um país criança, a arte hoje nascente deve com ele crescer. Não temos tradições artísticas, logo necessitamos de iniciação. Faltam os proclamadores. Proclamamos a Independência, a República, o Estado Novo, o mais ou menos Estado (o atual), o Carnaval, etc. Existem acêrvos em museus, porém, só para pintores estrangeiros; os nacionais, se querem ser representados, têm de fazer presente de quadros, daí a quasi falta do profissionalismo. Ainda não temos ambiente. Carecemos do intermediário, o mágico "marchand de tableaux", que fala e vende tão bem, aproximando-nos do grande público.

ANTONIO BANDEIRA



Santa Rosa

O futuro da Arte, assim como o futuro de qualquer coisa, é indefinível. Mórmente, num instante conturbado como o que vivemos, cruzado de conflitos de toda natureza: econômicos, éticos, políticos... Refletindo sempre o meio social que a produz, a Arte da sociedade futura será definida, bem certo, sem o acento dramático e polêmico da Arte dos nossos dias.

SANTA ROSA

Bandeira: Onde está o mágico?





Mauricio: Pensar primeiro

Luciano Mauricio, Desenho



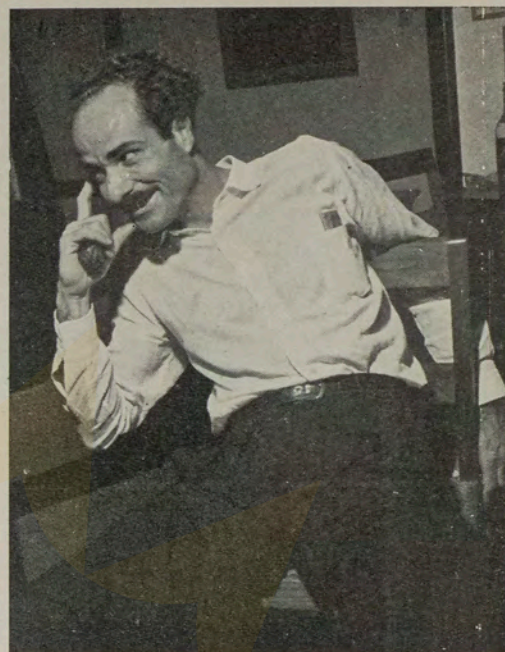
Mauricio

É melhor pensar primeiro no presente já que o fedor da coisa em decomposição cêrca as artes como resultado de terem quasi todos os artistas esquecido das reais finalidades da Arte.

LUCIANO MAURICIO



Frank Schaeffer, Cabeça



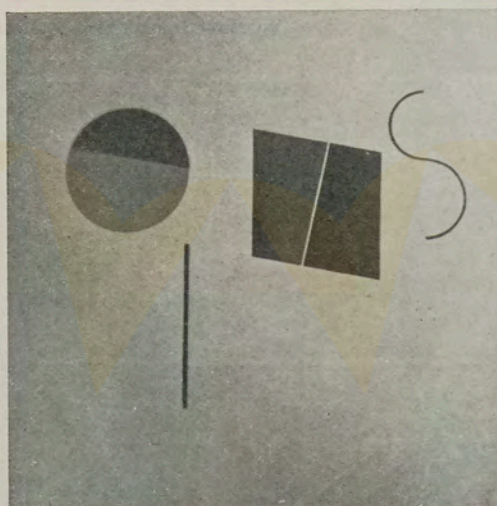
Schaeffer: Precisamos considerar o artista como profissional

Schaeffer

Para fazer boa arte é preciso um árduo aprendizado e constante trabalho. Ora, como dedicar-se à arte se esta praticamente não é remunerada? Este problema básico, o da integração do artista na sociedade como elemento útil e necessário precisa ser solucionado quanto antes. Temos bons artistas, alguns ótimos. Sensibilidade e inteligência não faltam ao brasileiro. Mas o artista entre nós não é considerado um profissional. Resolvido este problema, porque não olhar com confiança para o futuro das artes plásticas no Brasil.

FRANK SCHAEFFER

Ivan Serpa: A arquitetura em primeiro lugar



Ivan Serpa, Pintura

Serpa

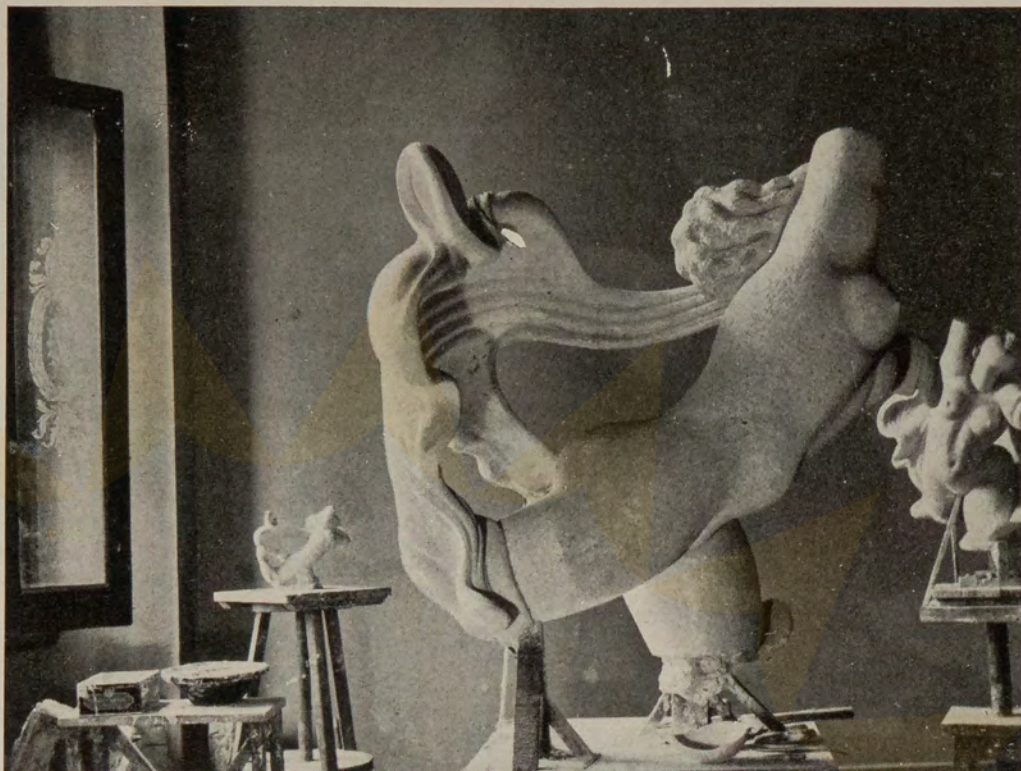
Será uma arte funcional baseada no concretismo, por ser a mais adaptável a nossa arquitetura.

IVAN SERPA

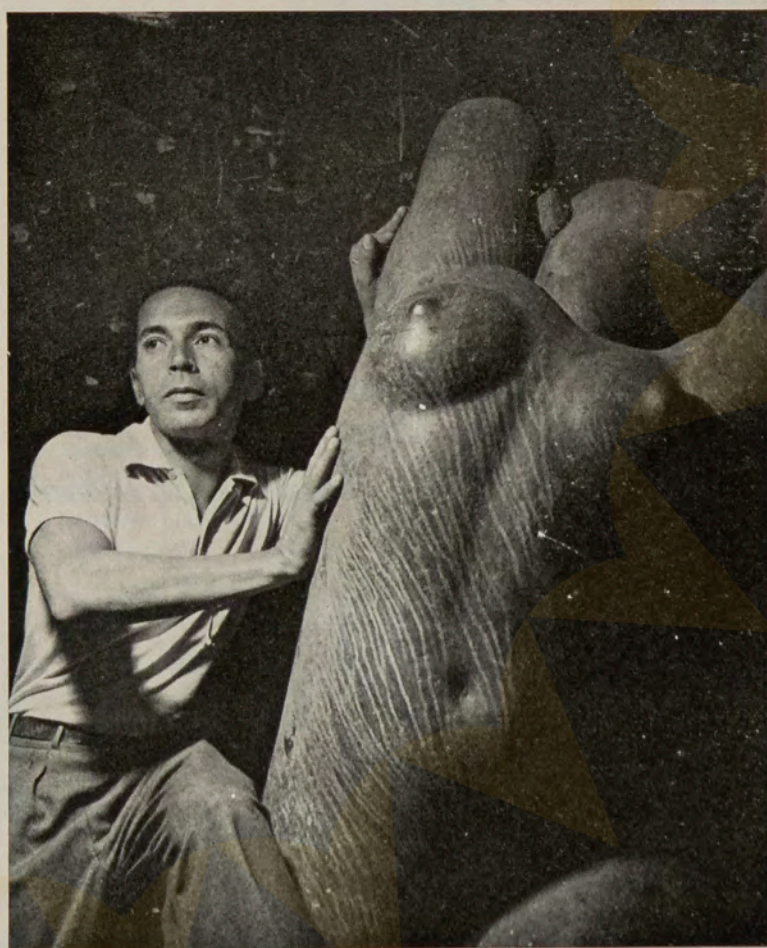
Pedrosa

Que pensar a respeito do futuro de algo que não tem passado e nem presente? As artes plásticas no Brasil, não comportam nem ao menos uma pergunta como essa. O futuro a Deus pertence, e é só.

JOSÉ PEDROSA



Iberé: A cabeça é mais importante que os pés



José Pedrosa: O futuro a Deus pertence



Iberé

Como não é possível separar o futuro das artes do futuro do Brasil, creio que só teremos importância, quando se compreender que a cabeça é mais importante que os pés.

IBERÉ CAMARGO

Poetas novos

ESCOLHIDOS POR REYNALDO BAIRÃO



Poema

*Não a forma encontrada
como uma concha, forma
nos frouxos areais como
cabelos;*

*não a forma obtida
em lance santo ou raro,
tiro nas lebres de vidro
do invisível;*

*não a forma aplicada
como um copo, que servisse
a repetida espuma aflorando
em teu tempo,*

*mas a forma atingida
como a ponta do novelo
que a atenção, lenta,
desenrola,*

*aranha; como o mais extremo
dêsse fio frágil, que se rompe
ao pêso, sempre, das mãos
enormes.*

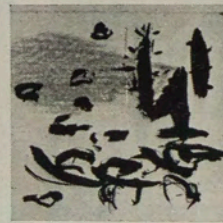
JOÃO CABRAL DE MELO NETO



O sono

*Inútil fechar com violência as portas. Virá o sono.
A mão impassível cerrará as pálpebras,
então murcharás como um fruto imprestável.
O abandono cruzará os teus braços no peito,
os dedos acenderão as velas.
Virá o grande sono, chumbará teus pés.
Quando o sino da manhã chamar, não existirás mais.
Na bruma se apagarão os telefones,
os recados aflitos, as horas marcadas, os negócios.
O relógio do escritório se diluirá no mundo longínquo dos vivos.
O sono pousará na tua fronte
e acenderá um sonho novo no teu profundo esquecimento.*

BUENO DE RIVERA



Mariana

*Esmagaram os ventos
porém sob êste céu do nordeste
para sempre desprezado e só
com o teu corpo ilegal de veleiro
és praia, és pôrto, nunca dó maior!*

LÊDO IVO



Barcos e ventos

*Estimo o velejar fácil
de barca singrando o rio
sem qualquer ânsia de pôrto
e em singrar se comprazendo.*

*Além do singrar, desejo
ouvir o rumor do vento
que se agita em nosso ser
e, escondido, nos impele.*

*Oh, triste é ser como o búzio
que, fabulário, resguarda
em seu côncavo o murmúrio
do mar a que pertenceu,
no entanto jamais se escuta.*

THIAGO DE MELLO



Nada restou...

*Nada restou do dia azul
da tarde morta.
Teu olhar morreu no fim do dia
embora continuasse acariciando.
Tudo fechou suas portas
ao cair da noite.
E eu caminhei alegre
com meu solitário triunfo sôbre o nada.*

PAULO SÉRGIO MILLIET



Poema

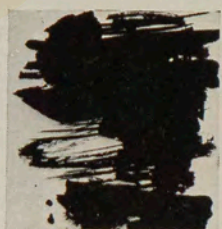
à Reinaldo Bairão

Ao norte limita-se a morte com os cabelos desesperados
 Ao sul fogos arborescentes estendem-se aos corpos-superfícies
 E a vida que viveste
 Será a solidão dos olhos sem bússula.

Em tua estrada cruzaram-se luzes de gnomos e
 E a tua boca sorriu ao chão doente de sonhos.
 Falsos zodíacos orientaram-te à vida
 E tu és.

Eu caminhante, sou a imaginação de mim!

CYRO PIMENTEL



I noturno

Todo o princípio é noturno. Na sombra
 A árvore ergue suas folhas. Um horto,
 O vento, a lua. Que pomos
 Não terão a polpa de sonho? Que gesto
 Não será apenas louvor à morte?

Todo o princípio é noturno.
 A flor se enlaça nas grimpas de uma fria cisterna,
 De um inviolado silêncio.

JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSECA



Soneto de bôdas

Luar de cópas e marfins renhidos
 Tua nudez a riste contra o mar.
 Violetas roucas sôbre os teus soluços.
 E rosas tênues e papoulas de ar.

Um novo deus conjura os vaticínios,
 E eu sorvo o mês, em taças, contra o mar,
 Tua nudez orçada em meus espelhos,
 E rosas tênues e papoulas de ar.

Quem te ensinara o diapasão das noivas
 Embevecido em lírios de ninar?
 Ó Bem-Amada, quem te apascentara

Nos mansos trigos dêsse apascentar?
 Plumaz de outono para as tuas bôdas
 Que desfloresces nos porões do mar.

HAROLDO DE CAMPOS

O vivo

Não queiras ser mais vivo do que és morto.
 As sempre-vivas morrem diariamente
 Pisadas por teus pés enquanto nasceste.
 Não queiras ser mais morto do que és vivo.
 As mortas-vivas rompem as mortalhas
 Miram-se umas nas outras e retornam
 (Seus cabelos azuis, como arrastam o vento!)
 Para amassar o pão da própria carne.
 Ó vivo-morto que escarnecem as paredes,
 Queres ouvir e falas.
 Queres morrer e dormes.
 Há muito que as espadas
 Te atravessando lentamente lado a lado
 Partiram tua voz. Sorris
 Queres morrer e morres.

AUGUSTO DE CAMPOS



Poema

Soprem ventos insofridos
 Sôbre o tempo embalsamado,
 Rolem as ondas e algas frias
 Levem às praias da memória:

Te espero com róseas conchas
 E ternuras recolhidas,
 Porque o amor está no tempo
 E nos incende o futuro.

Te espero com arabescos
 E vontades inocentes.
 Brincaremos com sargaços
 E caracóis coloridos.

DARCY DAMASCENO

ILUSTRAÇÕES DE POTY

O artista cuja vida se assemelha em muitos aspectos à da criança, pode mais facilmente do que outro sêr qualquer, atingir o som interior das coisas — KANDINSKI

Quanto e quanto ainda confundem o abstrato com o "geométrico"? Quanto (e entre esses, egrégias personalidades que de boa fé se interessam pela arte), deificando a arte abstrata, pensam contribuir para levar avante a forma de expressão nova, inédita, uma corrente que representa "um meio de expressão" novo na história da humanidade? Essas pessoas confundem a expressão evidente, fisicamente explícita, representada "externamente", porisso facilmente reconhecível pelo profano ou pelo inexperto amador, com o espírito abstrato, representado hoje na sua forma "exterior" (em linguagem comum: por meio de formas livres, que façam o burguês acanhado chamar o quadro de "futurista" e o crítico de arte estagnado e as senhoras informadas denominarem-no "abstrato"), esse espírito "abstrato" que é a condição mesma à existência da obra de arte, esse espírito sempre existiu, desde o dia do aparecimento da primeira manufatura artística, somente, a sua forma "exterior", física, é, agora, clara e reconhecível. Este impulso espiritual que faz com que o "espírito abstrato" da obra venha à superfície de modo visível, vibrando por se fazer imediatamente conhecido, ansioso por comunicar desde logo a sua mensagem de infinita liberdade e espiritualidade, este elan espiritual, além de ser expresso "fisicamente" em forma livre, pode também sê-lo por outros meios "físicos" e outras formas, porque em si mesmo, não é um meio novo de expressão (as formas contingentes dependem da época), do que se pode concluir: vale O ESPÍRITO QUE POR ESSES MEIOS SE REVELA. Assim, uma obra que empregue meios de expressão ditos "realistas" pode se equivaler no sentido matemático da palavra, a uma outra corretamente considerada "abstrata". Exemplo típico do emprêgo de tais meios é encontrado em Rousseau.

A pintura popular, as obras infantis, têm no mais alto grau a potencialidade do "espírito abstrato", porque não são travadas pelo espírito rotineiro e burguês da chamada "experiência artística": por isso, a sensibilidade atual (excluímos do número dos "sensíveis" os pseudo-críticos de arte, os literatos, os conhecedores) orienta-se para os primitivos, os loucos, as crianças, isto é, orienta-se para as formas que menos se ressentam da influência do "métier" (por "métier" entendemos a mesmíssima coisa que entendem a maior parte dos críticos, literatos, etc).

A propaganda e a adoração do abstrato pelo abstrato, é idêntica à adoração do realístico (a palavra vai empregada no sentido positivista do século XIX). A posição do adorador das formas abstratas por abstratas, é reacionária e nociva ao progresso do espírito humano, tanto quanto aquela dos fanáticos da pintura "igualzinha". A equação proposta por Kandinski, em 1912, abstração = Realismo, e a equação do futuro, a equação absoluta, Realismo = abstração, que coloca o problema das artes fora das contingências, que proclama que toda discussão, toda polêmica a respeito dos meios "ABSTRATO" e "REALISTA" de expressão, deve ser considerada superada, superado o equívoco de uma "meia descoberta" para fazer subsistir a arte; toda discussão a propósito estaria fora das leis naturais a que obedece a obra de arte para poder subsistir, fora das leis da vida, que seria loucura esmiuçar, mas que regem inextoravelmente todas as coisas.

L. B.



Enrico Bo, *Passeio domingueiro*

Enrico Bo

Trata-se de um pintor que começou a pintar aos sessenta e dois anos. Durante sessenta e dois anos, as coisas, as formas, as cores, foram se armazenando na dispensa do seu espírito, os pensamentos, as recordações, as sensações. Um dia, em 1942, enquanto as agitações do mundo enchiam a cidade de estrondos e destroços, Enrico Bo, abandona a sua honesta profissão de burguês, fechado em um quarto que dava para um jardim milanês, abriu as portas da dispensa de suas lembranças e começou a pintar a tempera gorda, vagorosamente. Enrico Bo fora, na juventude, retocador numa oficina de litografia, técnico impecável, as coisas lhe saíam acariciadas, ternamente, uma a uma. De Chirico, voltando de uma de suas caminhadas crepusculares, com pantufas e cãozinho Totó, ficou encantado diante de um daqueles quadros pendurados na parede de estúdio da rua Jesus. Terminada a guerra, Enrico Bo realizou uma exposição; os jornais da tarde deram a notícia em primeira página, a revista suíça *Graphis* dedicou-lhe um artigo. Todos os quadros foram vendidos e o homem da rua foi admirar aquelas pinturas tão bem acabadas; mas, quem é capaz de sentir numa obra de arte a "música do espírito", não deixou de participar daquele mundo misterioso, menino, de coisas, reunidas em tantos anos na dispensa do seu espírito, e dosadas, com a modestia de um cozinheiro concencioso.

Enrico Bo, que esteve, há dois anos, no Brasil, vai expor em New York e, em seguida, em São Paulo



Enrico Bo, *Natureza Brasileira*



Enrico Bo, *A colecionadora de cactus*



Enrico Bo, *Rio*

Durante uma visita ao Brasil, o pintor italiano Enrico Bo realizou algumas telas dedicadas à cenas brasileiras. Eis as telas que agora vão ser expostas em New York, onde o pintor é muito conhecido.



Liese Modern, Carnaval

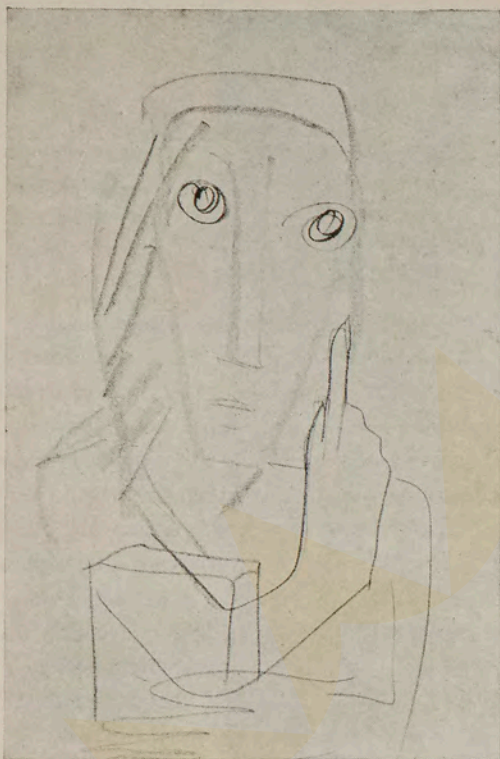
Liese Modern, Carnaval



Liese Modern, Desenho

Liese

Estamos cada vez mais persuadidos de que os jovens artistas brasileiros, incluindo os novíssimos, preparam um belo período para a nossa arte. Eis uma jovem que cursou as aulas de modelo vivo e gravura, no Museu de Arte; é evidente em suas linhas a liberdade de expressão, a segurança gráfica e a consciência do que ela quer exprimir. Pela primeira vez apresentamos a desenhista Liese Modern, cujas origens são evidentes: é ainda um expressionismo inerente a todo artista de ascendência alemã. O vigor de certos desenhos seus leva-nos a prever com otimismo a jornada que Liese Modern fará dentro de poucos anos.



Liese Modern, Profeta

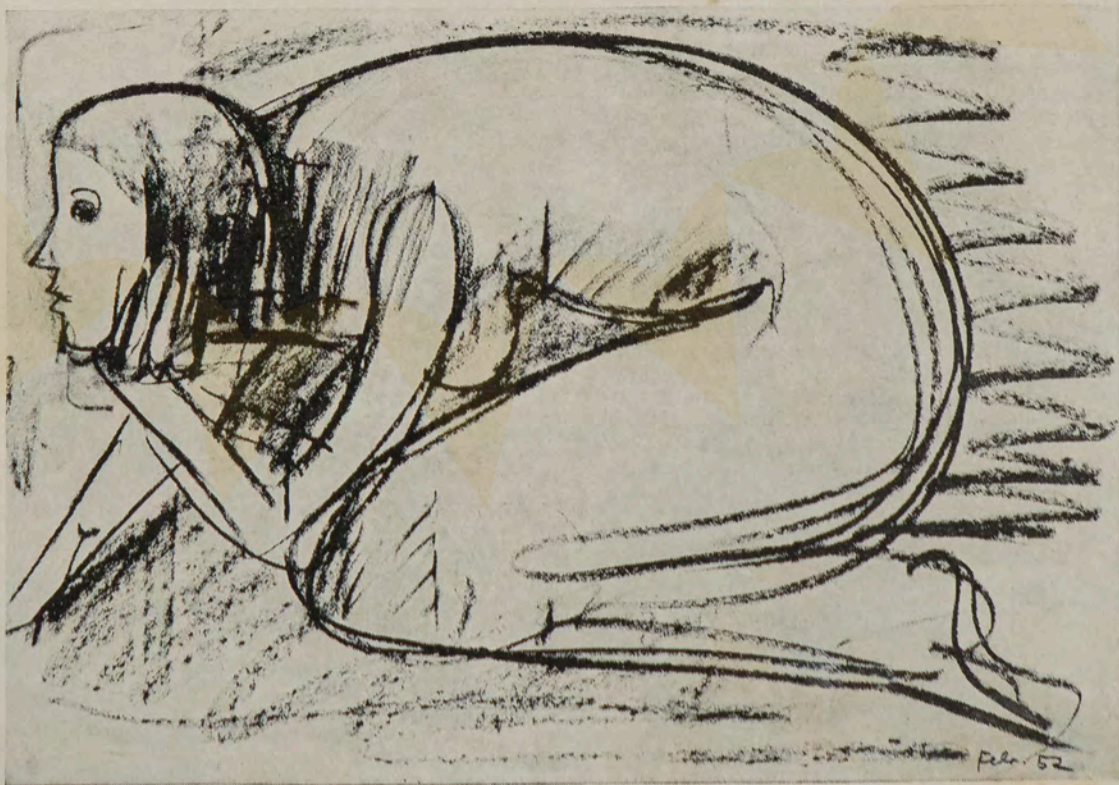


Liese Modern, Desenho



Liese Modern, Problema

Liese Modern, Problema



Mais um primitivo

Mais um pintor primitivo? Mais um, e não será o último. Enquanto a pintura profissional não se decidir por um caminho — um caminho qualquer — e começar a se tornar consistente, estes pintores domingueiros serão a afirmação de que a divina arte que Antonio Tati colocava no ápice de sua imaginária pirâmide das artes, não está ainda esgotada.

A pintura, uma arte de silenciosos, uma arte que prescinde de bate-papos e tapeações, é a arte que obriga o seu escravo a pensar somente nela (muitos, erroneamente, acreditam que os pintores domingueiros pensam na arte apenas entre o sábado e a segunda-feira. Não é verdade: os domingueiros pensam na arte da segunda ao sábado, acumulando sensações, vontades, desejos, idéias, invenções, tudo o que podem, e depois, no dia festivo, agarram a palheta e põem fora, então, o seu parto. E é aqui, exatamente,

que presenciamos o nascimento da Arte). Cada período artístico tem necessidade de seus primitivos, em sentido histórico e de crônica. Os Primitivos do Duocento pisanos-florentinos, dizemos: e, por que não Primitivos brasileiros do século XX? Se quisermos ser francos devemos admitir que a pintura de nosso país deverá passar ainda por sua fase primitiva: deve ainda procurar sua temática, deve consolidar a base de suas premissas, deve, em uma palavra, formar-se. Nós encorajamos os primitivos, os domingueiros, estes bravos artezãos que não tomam ares de haverem lido Taine e Venturi, e que se abandonam, ignorantes, à pintura: não nos interessam os falsos primitivos, que pintam assim por não saberem fazê-lo de outra maneira: entre os espertos e os ignorantes, ficamos com os últimos.

E assim apresentamos um artista, destes que se voltam para perguntar por que nos

interessamos por eles, com olhar surpreso. O Sr. Agostinho Batista Freitas foi descoberto por Leopold Haar, quando pintava junto do Edifício da Light. Leopoldo conduziu-o imediatamente até à nossa redação, como um guarda civil conduzindo um meliante para a cadeia: assim ele chegou à nossa presença. Fizemos-lhe várias encomendas. Executado o primeiro quadro para um nosso amigo, o creador da "Probel", veio a segunda encomenda, e daí por diante. Porque? Porque o público gosta de pintura, agora, quer pintura.

O nosso Agostinho é o último primitivo paulista lançado na arena, e lhe desejamos o melhor sucesso. Sabemos que esse tipo de pintura dura tanto quanto o vô das borboletas. Mas, entre uma borboleta de lindas cores e vô gracioso, e um hipopótamo que entende de pintar até os noventa e dois anos, preferimos a vida efêmera do caro inseto.

Mais uma amadora

Os nossos leitores, que já compreenderam qual o interesse que "Habitat" manifesta pelas aventuras da pintura, terão notado quão prazerosamente abrimos espaço em nossas colunas para esforçados dilettantes, que, com a sua ingenuidade, com o candor próprio de quem pela primeira vez se compromete com a arte, ou com algo que lhe afete o sentimento, aos esforçados dilettantes que pintam um quadro, modelam um pedaço de madeira, escrevem uma poesia: aos jovens que por qualquer maneira procuram ativar um comércio com o espírito e superar, assim, um pouco, os comércios muito materiais da vida. O dilettante brasileiro, que pode ser o antigo guarda noturno de um hotel em São José do Rio Preto, o excelente negro da Bahia, um desses pretos que em nosso número anterior aos nossos leitores foi apresentado por José Valladares; ou então, a pessoa que em certo domingo resolveu exercer qualquer concreta manifestação da arte. Esse, assim como qualquer amador nacional, encontrará sempre por parte desta revista a mais fervorosa simpatia. É, então, "Habitat" uma revista dedicada aos dilettantes? Sim. Somos uma revista dedicada aos dilettantes. A palavra dilettante, naturalmente, nós a entendemos como a interpretava Lessing, há dois séculos. Quem o desejar, abre uma enciclopédia, informe-se de quem foi Lessing, adivinhe em que livro se refere o grande crítico aos dilettantes, e se conhece o alemão, leia o interessante trecho. Dilettante, para nós, é todo apaixonado por uma arte; no caso da pintura, algo diferente

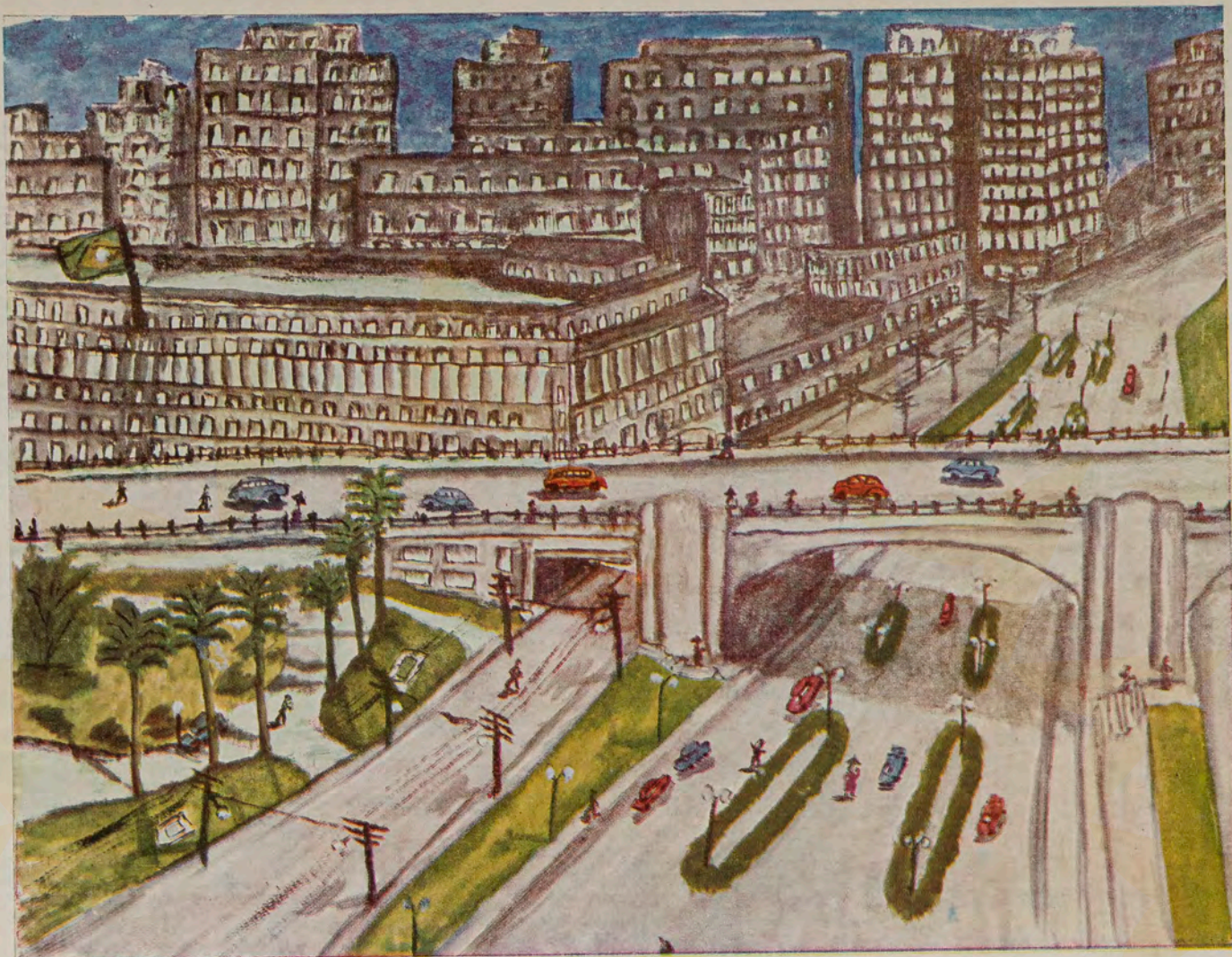
dos pseudo-profissionais, incentivados por críticos, que são para a crítica o que os primeiros são para a pintura: o pseudo-profissional que, bocejando, dia após dia, recolhe os seus argumentos e o seu estilo, segundo os modelos mais em voga, que figuram, uma vez ou outra nas seções domingueiras dos nossos jornais, ou então em números atrasados de alguma revista encontrada na sala de espera do dentista.

Em contraposição a semelhante tipo de dilettante, que se proclamou profissional, que às vezes tem a felicidade de alcançar um prêmio, assim como poderia acertar na Loteria Federal por haver adquirido um bilhete, nós apreciamos o nosso amador, que nos apresenta dois quadros de sua autoria, com o coração aos pulos, com a humildade própria de quem é artista, com a consciência plena dos seus erros, o que muito agrada ao interlocutor. Na organização da vida artística moderna, em que um simples pintor de paredes pode tornar-se pintor laureado, mercê da interferência de indivíduos que na arte só vêm um recurso publicitário, pode surgir uma celebridade, assim como um herói de Scienkiewicz, Panin, o soldado medroso que, circundado de inimigos, pôs-se a agitar-se tão freneticamente, devido ao medo, que assustou os adversários, pô-los em fuga e voltou para o campo como um herói.

A pintura moderna é hoje constituída, na sua máxima parte, de semelhantes tipos de heróis, porque os demais não sabem avaliar o que seja heroísmo, o que seja o bom senso, o bom gosto, não sabem que

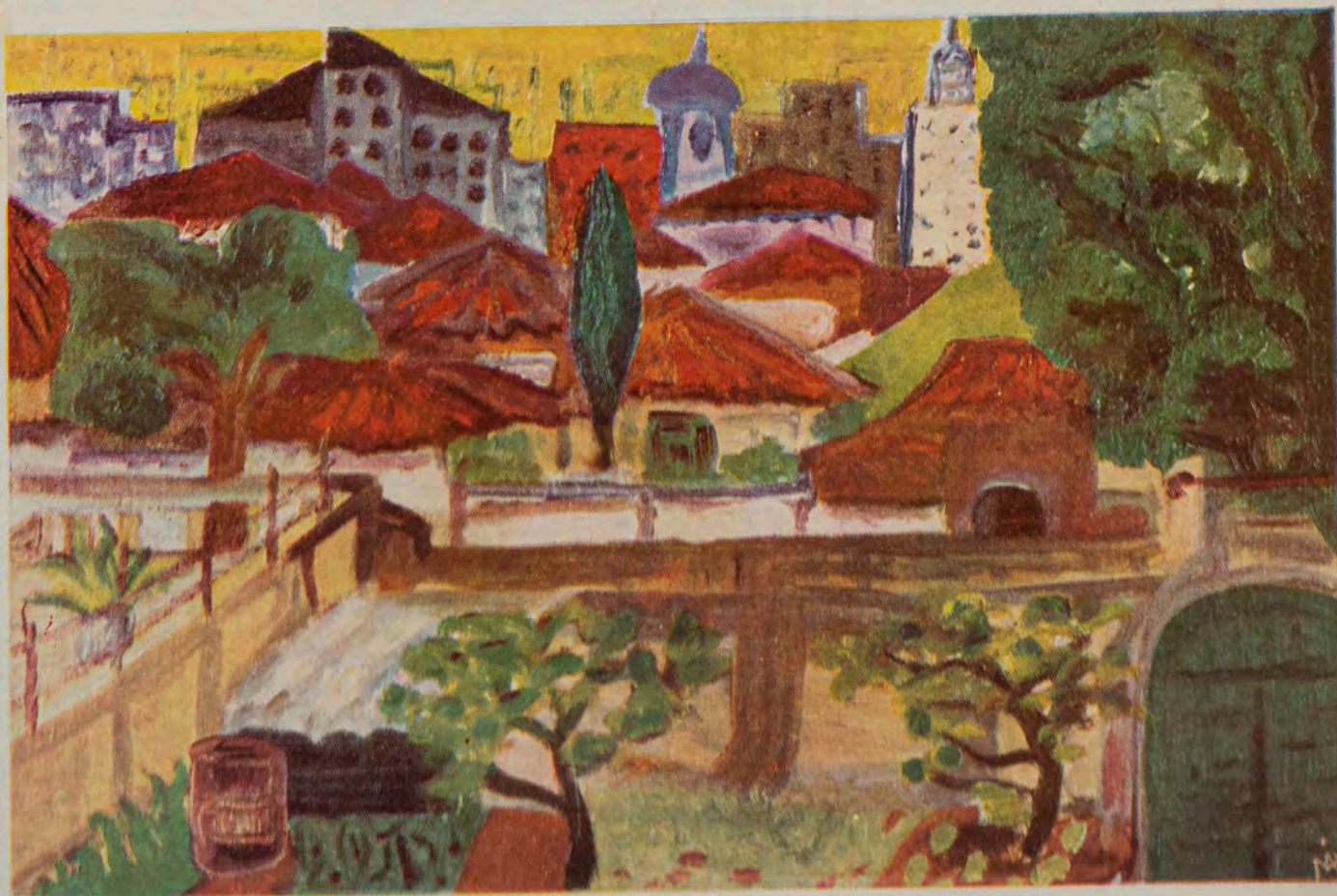
dois e dois são quatro. Pessoas inteiramente em jejum de arte — dizemos jejum como o do estômago dos jejuadores profissionais que se exibem nos circos, sob enormes campânulas de vidro — determinam o bom ou o mau tempo em matéria de arte e distribuem coroas de pintor a uma população de desventurados, pessoas que, de boa ou má fé neles acreditam, e fazem deles essa superabundância de inutilidades que se encontram nas exposições mais ou menos internacionais. Como a crítica de arte procede por reação, por polêmica, por obstáculo, sobretudo, à inundação de tendências estranhas à arte, orgulha-se esta revista de dar, a partir deste momento o seu apoio aos dilettantes. É por isso que, com o maior prazer, apresenta esta formosa vista de São Paulo, de autoria da gentil senhorita Maria Bonomi, a par de outra paisagem urbana da nossa metrópole, da lavra de Agostinho Batista Freitas, que o Sr. Leopold Haar encontrou, pintando, na calçada do Viaduto do chá.

Esperamos que estas duas obras, dedicadas aos amadores de todo o Brasil, aos quais solicitamos que se comuniquem conosco, proporcionando-nos a possibilidade de afirmar a sua grande arte em contraposição aos supostos profissionais. Inteligentes como são, compreenderão por certo os leitores de "Habitat", que indicamos, como expressão "profissional", o profissional genérico e não, como é natural, os verdadeiros grandes pintores do país, que sempre tiveram em nossas páginas, a mais cordial acolhida.

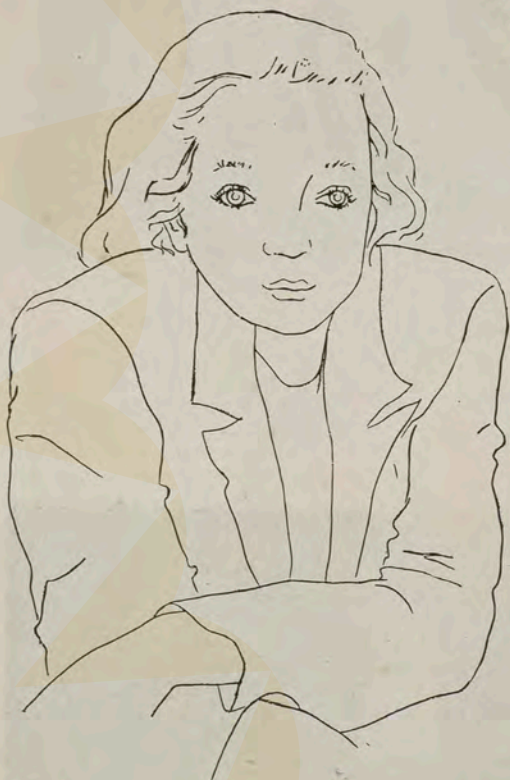


Agostinho Batista Freitas, Avenida Anhangabaú, em São Paulo

Maria Bonomi, Paisagem urbana de São Paulo



Renina, Desenho



Renina

Renina, da qual o Museu de Arte organizou uma exposição, pertence ao número daqueles artistas que não se sabe bem onde aprenderam a gravar o metal e a madeira, mas de quem é conhecida firme intenção de se exprimir corretamente pelos meios mais sóbrios e diretos. Suas gravuras não chocam o observador nem provocam arrebatamento a primeira vista, mas, em compensação, podem ser olhadas sempre com o mesmo interesse de início. Os primeiros trabalhos de Renina apareceram lá por volta de 1945, na oficina do Liceu de Artes e Ofícios, no Rio, o que não deixou de ser algo irritante para os quatro ou cinco gravadores que frequentavam a referida oficina: dificilmente moças se sujeitavam ao horário noturno impróprio e a sujeira natural do traba-



Renina, Salinas, xilogravura



Renina, Morro, linoleo

Renina, Água-forte



lho. "Não dura muito... "Mas, enquanto que alguns dos que pensaram assim já desistiram de lidar com os ácidos, a jovem gravadora não cessou de se aprofundar na gravura e, se péca às vezes por conter em demasia o seu temperamento, tal coisa deve ser levada em conta de escrupulo e amor à sobriedade

Sacristia: Detalhe da Crucificação. O pintor Marcier trabalhando



Um brado de alarma

Em outras oportunidades abordamos o assunto da arte religiosa, e foi sempre para não louvar o clero. Ninguém ignora que a Igreja se divorciou da arte; nas igrejas, transformou-se a arte numa espécie de administração pertencente às casas de quinquilharias, que fabricam santos e acessórios litúrgicos em série. A arte religiosa, única manifestação humana que se aproxima de Deus, ou melhor, a única manifestação religiosa do homem, é tida nas igrejas como simples cachorro dentro da igreja. Para se fazer uma idéia basta atentar para a marcha das obras da Catedral de São Paulo. Não temos o menor intuito de discutir ou pôr em dúvida o zelo religioso de nosso clero: é ponto que se acha fora de discussão. Queremos, isso sim, salientar que as Cúrias não admitem verdadeiras obras de arte, coerentes com o tempo e capazes de externar alto sentimento religioso. Prova disso têm-na na malograda consagração da Igreja de Pampulha, o mais famoso templo brasileiro em todo o mundo. Eis outra prova que leva "Habitat" a lançar imediatamente um brado de alarma: os afrescos da Capela da Colônia de Férias dos Operários Católicos de Mauá, da lavra do pintor Marcier, estão condenados ao desaparecimento. Tal fato afigura-se-nos impossível, e para maior certeza, dirigimo-nos imediatamente à vizinha cidade, na qualidade de ativos repórteres, atraídos ao local do crime por alguma informação. Confirmando a notícia, afirmou a vigia que os padres não apreciam os afrescos, os quais mais cedo ou mais tarde serão destruídos; e que talvez a própria capela seja demolida, em vista da venda do imóvel. A notícia, aliás, foi-nos também confirmada por outras fontes.

Os afrescos de Marcier assumem, para minguada história da arte brasileira, uma importância sem precedentes. Trata-se de um ciclo de pinturas que ilustram temas do Novo Testamento, com uma paixão exagerada, talvez exasperada, mas sem dúvida uma verdadeira e vívida paixão. Dir-se-ia que o pintor, atualmente radicado em Barbacena, no Estado de Minas Gerais, tivesse passado por uma crise espiritual decisiva para a sua vida. Convertendo-se ao catolicismo, resolveu o artista manifestar a sua conversão através de uma obra em homenagem às idéias que acabavam de iluminá-lo novamente e esforçou-se por todos os meios, mesmo à custa dos maiores sacrifícios materiais, por decorar uma igreja com afrescos. Os fados foram-lhe propícios, e ele logrou conquistar a compreensão de uma instituição religiosa; assim surgiu a Capela de Mauá, que logo se tornou famosa, graças às suas pinturas. Marcier é um artista epígono do Expressionismo: provém de terras em que as tragédias da guerra, as dores dela decorrentes, a carestia, os ódios raciais e as convulsões sociais produziram no homem tremendas humilhações e descontentamentos. Tais coisas não poderia compreender que não foi protagonista ou, pelo menos, espectador de fatos que lançavam a humanidade num estado bestial, ou melhor num estado inferior ao animal. Se fôr verdade — como, aliás, o é — que a arte é sempre o produto de um meio, os pintores que sofreram na Europa só poderão manifestar-se através da tristeza, da melancolia, do arrependimento. Assim foi que Marcier tornou a ler a história sacra com semelhante estado de alma, e o seu ciclo de afrescos espelha um mundo que deve procurar a própria re-

missão. Cada apelo evangélico, cada ensinamento de Cristo, cada apólogo divino palpita na arte desse pintor que, após a execução de seus afrescos, desapareceu quase que totalmente, com uma intenção de dôr.

Os artistas manifestam a própria dôr sob formas que consideram adequadas para defini-las. Não é possível retratar diabos com pinturazinhas capazes de suavizar-lhes as diabruras. Os diabos são sempre feias criaturas, e, mesmo para objetivos litúrgicos, será sempre melhor que se mostrem bem feios. Por outro lado, a Igreja, enquanto viveu em boas relações com a arte, sempre permitiu grande liberdade aos artistas. O "Juízo Universal" jamais teria existido sob a mentalidade dos padres atuais. "Mutatis mutandis", os afrescos de Marcier devem ser considerados à luz das mesmas idéias.

Permita, pois, a Igreja, que os afrescos de um pintor honesto e competente, um pintor que mal nela ingressou, existam e sejam bem preservados. Não substituir, por exemplo, os vidros quebrados das janelas, permitindo que a água penetre na capela e deteriore as pinturas, é expediente pueril. É a história que julga a arte, cabendo aos homens, tão somente, o dever de preservar o que produzem os artistas. Pode a Cúria estar certa de que os afrescos de Mauá, de uma ou de outra forma, já entraram para a minguada história da arte brasileira, e constituirão, de futuro, um documento de grande importância histórica.

Concluindo, fazemos votos para que a Capela de Mauá não seja demolida: não só porque reputamos dignas as suas pinturas, como também porque quiséramos que a Cúria não fizesse papel tão ridículo,



Os afrescos de Emeric Marcier na Capela da Juventude Operária Católica em Mauá, São Paulo

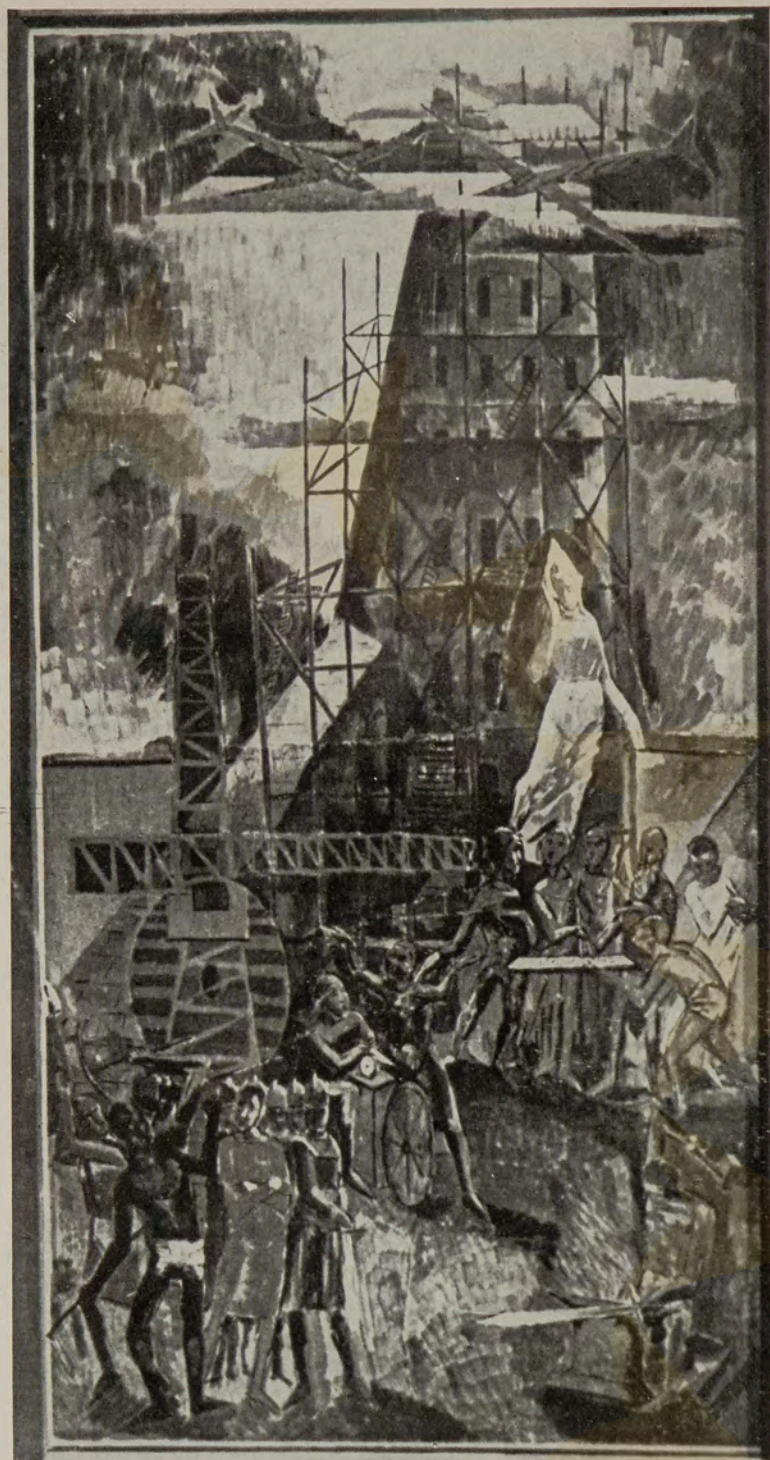
Detalhe do Apocalipse: A mulher cercada pelo sol.



Detalhe da Parusia: A Glória dos Eleitos



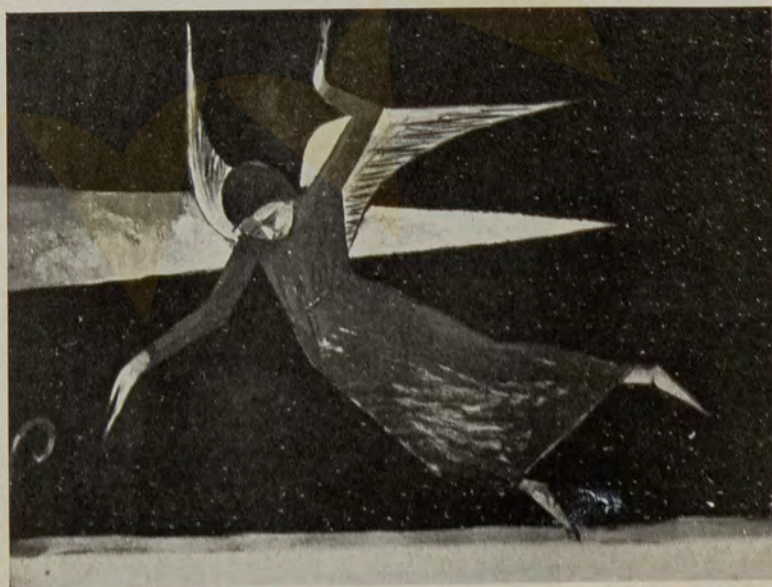
Detalhe do Apocalipse: O Bezerro alado



A Torre de Babel. Em baixo: Anjo



Detalhe da Torre de Babel: A Revolta

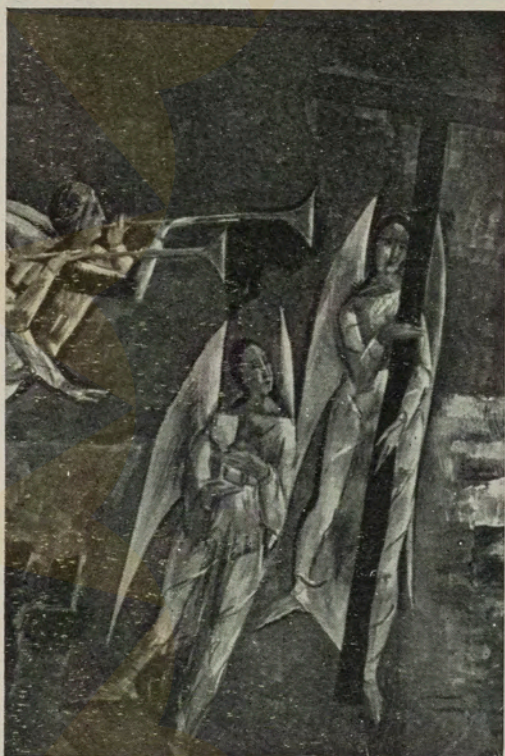




A adoração do Bezerro, detalhe



O coroamento de espinhos



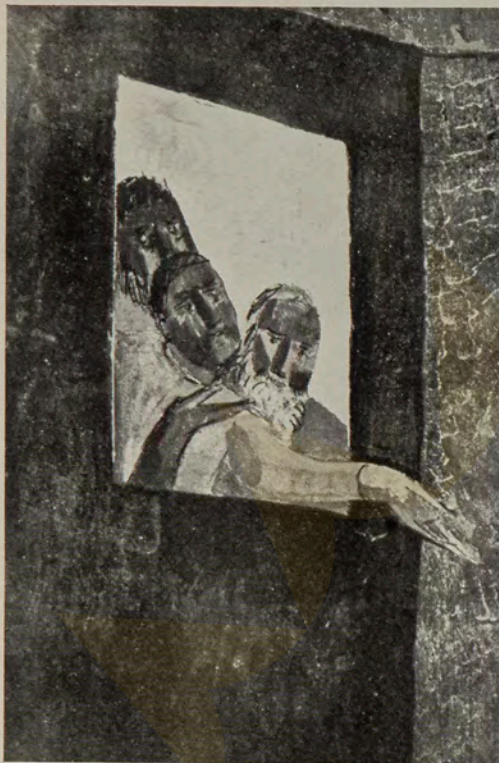
Detalhe da Parusia: Dois anjos, com a cruz e o cálice



Detalhe de Pentecostes: o apóstolo Matias



Teto: O Cristo Juiz



Detalhe do coroamento de espinhos



Detalhe do Apocalipse: O anjo jogando a grande pedra no mar

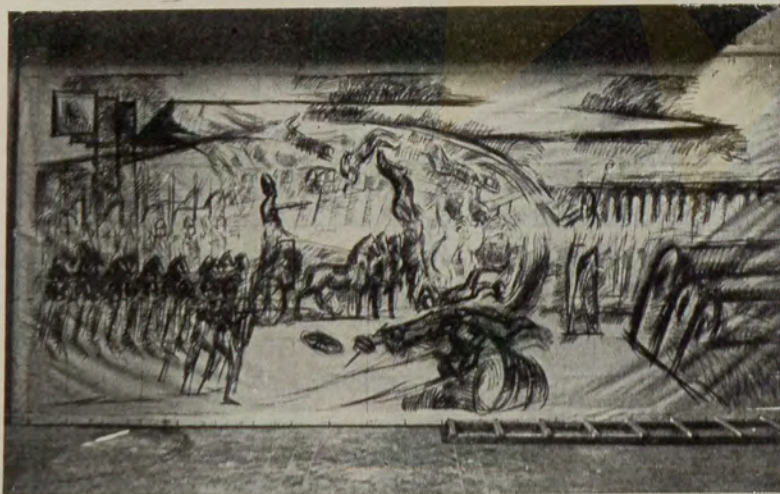


Detalhe do Apocalipse: Uma das sete cabeças

Os afrescos de Emeric Marcier na Capela da Juventude Operária Católica em Mauá, São Paulo



A Torre de Babel: detalhe



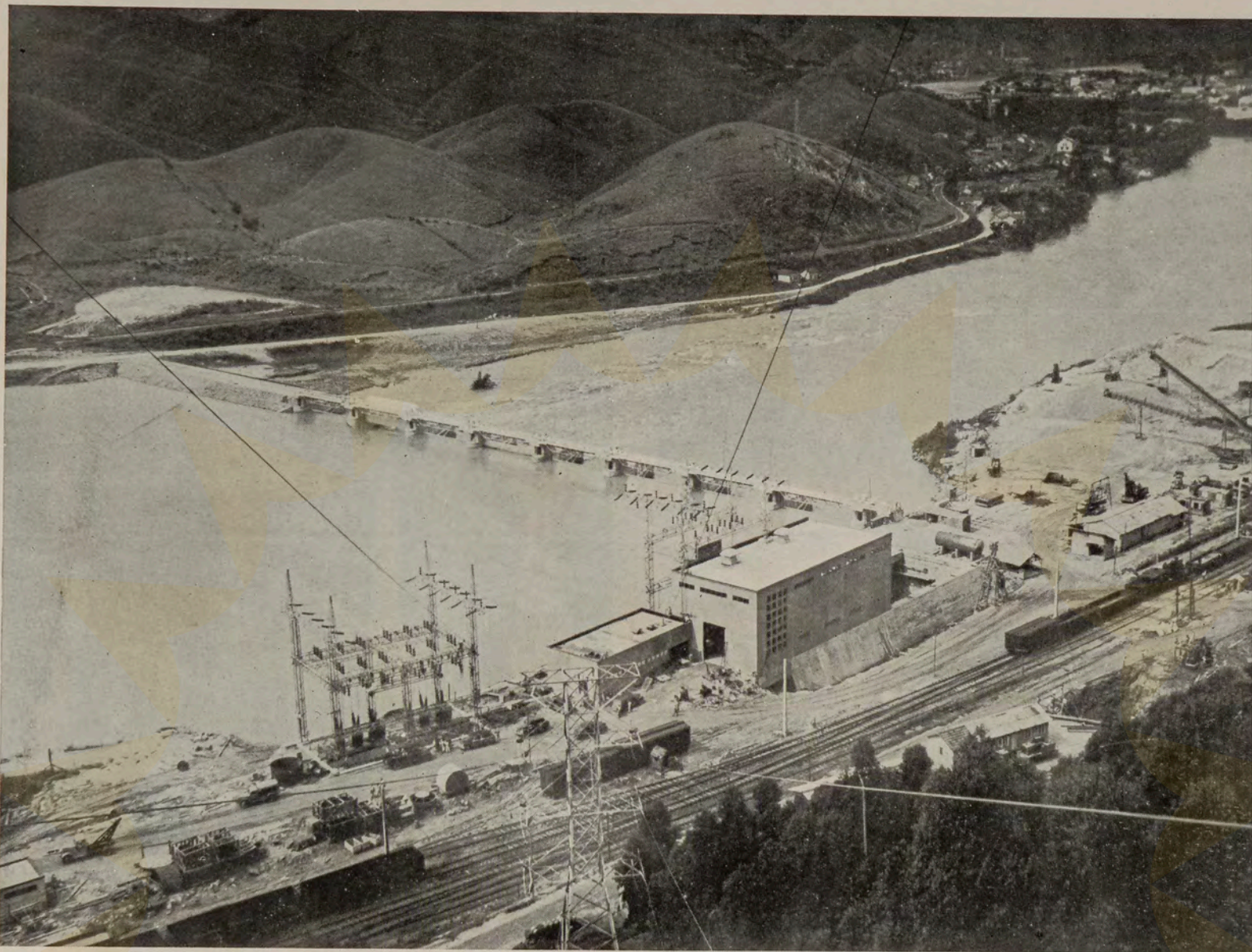
Apocalipse: a luta com o Dragão



Antiga fotografia de fazenda, encontrada num velho arquivo duma família paulista

Antigas paisagens

Que prazer manusear velhas cartas. As cartas amareladas, cheias de manchas de humidade, amarradas com velhos cordões, intercaladas de flores secas e fotografias ainda protegidas pelo seu extrato de bromuro, encerradas em velhas caixinhas que ao abrirem-se, desprendem um odor de outros tempos. Tomamos uma dessas caixinhas, pertencente à uma idosa senhora de cabelos brancos, de gola de veludo negro, presa com um broche de vidro opalino de Lalique. Tínhamos sido convidados para ver se interessava à nossa revista uma fotografia que, pelos costumes, parece de 1860. Mas a referida senhora, que a tinha recebido como herança de um parente longínquo, um barão do café, não soube precisar se se tratava de uma cena brasileira ou não; parece que o velho barão vivera certo número de anos na América do Norte. Propuzemos a questão ao nosso caro Yan de Almeida Prado, se era realmente uma fotografia brasileira. Eis o que ele respondeu: Sim.



A barragem do Rio Paraíba e as obras de Santa Cecilia

Novas paisagens

A palavra arquitetura, desde que Marco Pollione Vitruvio definiu-a como a princesa das artes, até as teorias de Le Corbusier, tem sofrido através dos tempos um grave vício: considera-se geralmente arquitetura a casa de habitação civil e costuma-se atribuir à engenharia todas as outras obras de arquitetura industrial, rodoviária, etc. Enquanto que, envez, a arquitetura de uma ponte, ou de um estabelecimento industrial, ou de um pôrto, é arquitetura verdadeira. Entende-se por arquitetura a modificação da natureza pelo homem, todo empreendimento humano, da fabricação de uma cadeira fina a estas belíssimas obras que estivemos fotografando em Barra do Piraí, tudo isso é arquitetura. Assinalamos, porisso, com muito prazer, essas obras arquitetônicas devidas a engenheiros da Light. Escolhemos particularmente uma série de linhas curvas, que fazem refletir sobre a predileção pela linha curva em contraposição à linha reta, e daí às teorias agitadas por William Hogarth, no século XVIII, baseadas nas ideias precedentes de Lomazzo, o qual, por sua vez, extrairia-as de Leonardo



Usina de Fontes, vista parcial



As tubulações

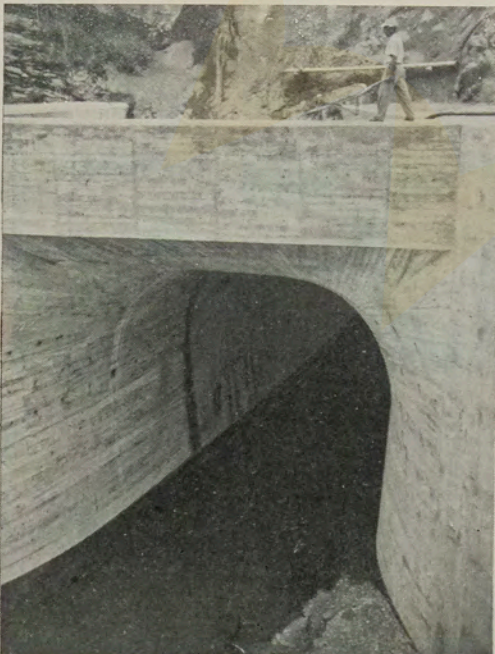


Quebra-játos no Canal de Santa Cecília

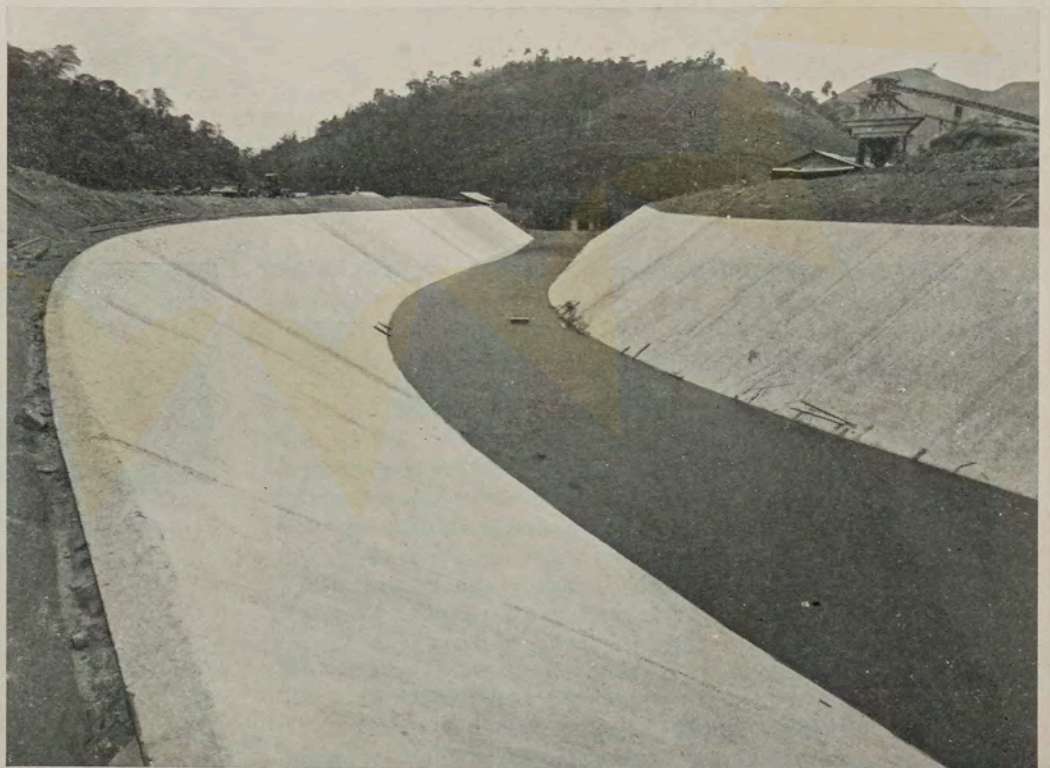


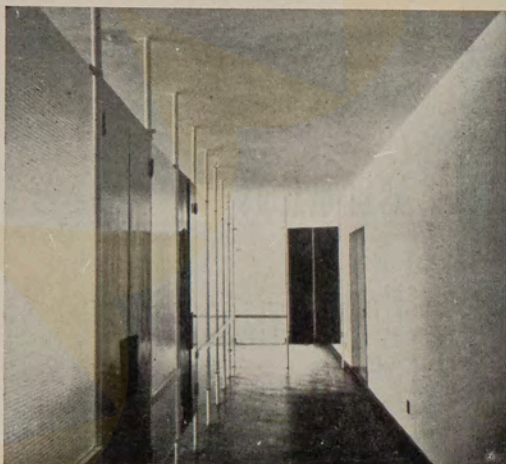
Canal do tunel Santa Cecilia

Entrada do tunel Santa Cecilia



Canal do Vigário





Uma vista do corredor de entrada, mostrando os diversos painéis de vidro e portas

Um escritório

A sede da Editorial Domus foi decorada com móveis do Studio de Arte Palma. O grande salão foi dividido por vários painéis de vidro arameado, fixados diretamente, sem moldura, a uma estrutura de tubos metálicos. As portas móveis para ambos os lados, que separam as diferentes repartições, são de compensado laqueado, em cores vivas

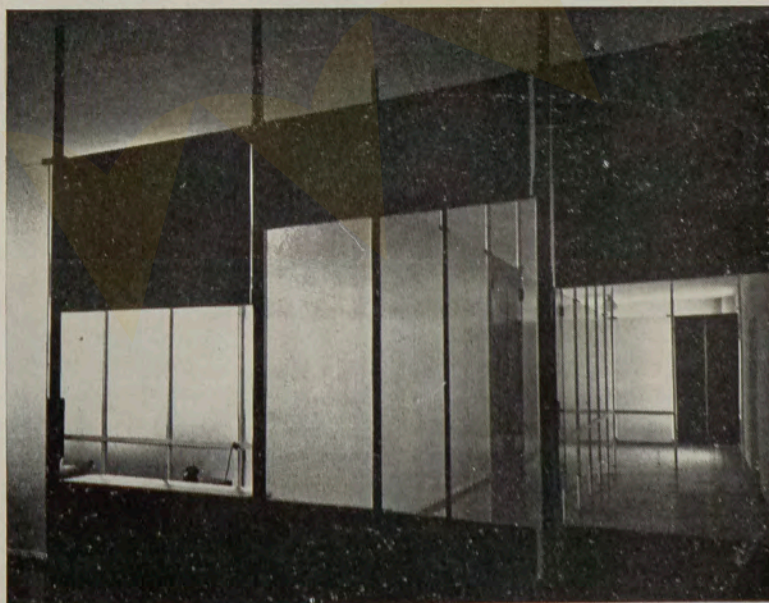


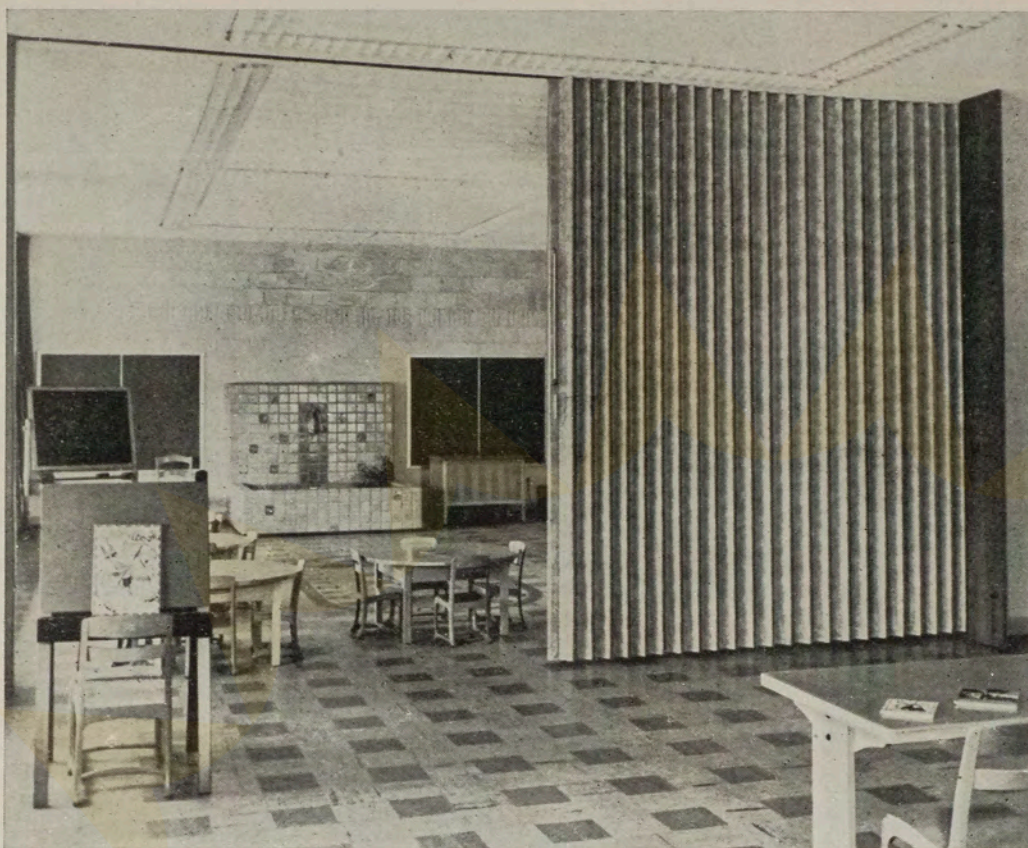
O escritório do diretor: mesa-escritaninha de pau-marfim, os dois móveis de rodas contêm as gavetas; afastados os dois móveis, a escrivaninha transforma-se em mesa de reunião para 12 pessoas. Poltrona e cadeiras de compensado, revestimento de tecido a mão e couro. Estante em pau-marfim



Sofá e poltronas no escritório do diretor

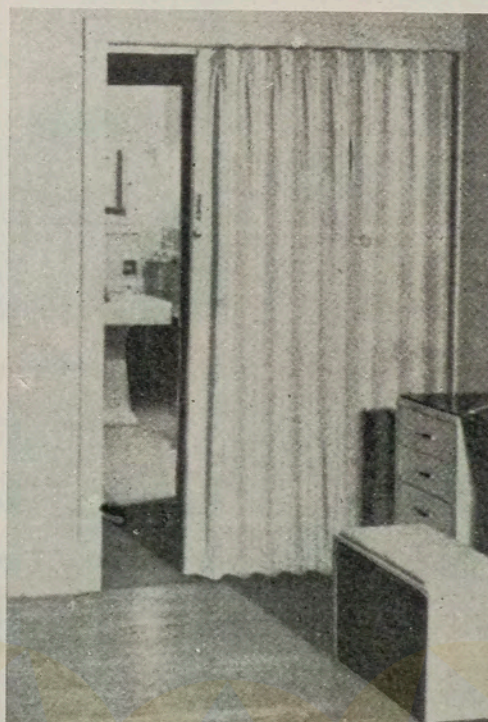
Um detalhe dos painéis de vidro



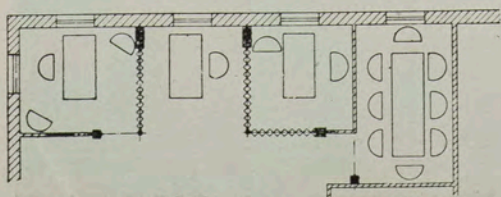


AS INOVAÇÕES

Uma divisão móvel



Eis uma divisão moderna, que fecha como um fole e que resolve o problema do espaço. Modernfold traz em suas aplicações tres modalidades diferentes: — é porta, parede e cortina. Esta divisão fecha e separa, sem criar o inconveniente dos espaços perdidos, inevitáveis em portas comuns e paredes fixas. A estrutura desta divisão é de um metal especial, revestido de Vulcouro, material plástico. É fabricado em diferentes tonalidades e de dupla face, permitindo, de acordo com a habitação, colocar na frente uma cor diferente que atrás. De facil aplicação, fixa-se apenas de um lado, corre sobre trilhos, pela parte superior. Fabricado agora no Brasil, Modernfold permite usar cada metro quadrado tanto do soalho como das paredes



Na planta ao lado, Modernfold foi usado para aumentar a utilidade do espaço. Com estas separações poderão ser feitos escritórios grandes ou pequenos para uso individual ou salas para conferência, sem aumentar a área

Em arquitetura precisa saber selecionar



Necessidade da Crítica na Arquitetura

Basta que um pintor, mesmo que se trate de pintor de quarta ou oitava ordem, como é a maioria dos pintores, que fazem alto juízo de si próprio sem saber que a história não faz a seu respeito juízo algum, exponha meia dúzia de telas numa galeria de arte, para que a assim chamada crítica especializada acorra pressurosamente à sala e escreva nos grandes órgãos da imprensa colunas e mais colunas. Há até mesmo um crítico de índole tão paciente que chega a fazer completa enumeração dos quadros expostos, encontrando para todos um adjetivo e mesmo um conceito, digamos assim, crítico. O mesmo se dá a respeito do teatro, dos livrinhos de poesia etc., etc., como dizia São Tomas. Mas, se no meio de uma cidade se edifica um prédio, fruto de um esforço "artístico" — fruto destinado à cidade, prédio que todos devem ver — a crítica de arte ignora inteiramente o fato, acontecimento por excelência dos mais importantes sob o ponto de vista artístico, porque a arquitetura é o cartão de visitas do bom gosto dos povos. Toda arquitetura representa uma produção artística. Naturalmente que para poder criticá-la não basta o simples conhecimento dos quatro adjetivos que se podem aplicar à pintura. Falar de arquitetura, subentende-se conhecer a arte da construção, as novidades, a história, os materiais e tudo quanto mais necessá-

rio se faz para emitir uma opinião. Muitas vezes se ouvem, acêrca da arquitetura, carradas de elogios, especialmente quando os incorporadores do edifício redigem eles próprios as páginas de publicidade paga, na ocasião do lançamento dos prospectos ou da inauguração de conjuntos de apartamentos de escritórios, que estão para a arquitetura assim como a eletricidade está para o queijo. Tais elogios, à base de superlativos, constituem pouco mais ou menos tudo quanto o público pode ler nos jornais.

E há mais. Há algum tempo se fez enorme propaganda em torno de um edifício, usando-se para tanto o seguinte "slogan": "O maior edifício das Américas, ou talvez do mundo, feito de cimento armado". Naturalmente que semelhante afirmativa, para as pessoas sensatas que passam na rua constitui simplesmente um erro. Se ainda fôsse vivo Gallaccini e tornasse a refazer seu livro "Os Erros dos Arquitetos", sem dúvida incluiria entre tais erros o de construir arranha-céus com material inadequado, estando estabelecido que está, há meio século, que somente o aço se presta à construção de arranha-céus. A crítica da arquitetura começa exatamente pela apreciação dos materiais, pelas razões econômicas, pelas finalidades. Necessário é que possa um edifício do qual se fala na "economia" urbanística, ser

considerado elemento integrante de uma rua, de um bairro, de uma cidade. Todos os arquitetos que se mostram prontos a construir edifícios, por exemplo, em becos, são maus arquitetos, ou antes, não são nem ao menos dignos de serem considerados arquitetos.

Passávamos um dia pela Rua Sete de Abril, uma ruazinha modesta, e pensávamos por que os arquitetos que construíram aquela massa de edifícios novos não se rebelaram, não se recusaram a edificar daquele modo tão sacrificado e também tão anti-urbanístico, anti-social, tão pouco moral. Já conhecemos a resposta: "Construímos onde e como o consentem os regulamentos". Respondemos: "E por que os arquitetos, que têm o seu órgão de classe, não procuram reformar regulamentos ultrapassados, facilitando o nascimento de uma cidade harmoniosa"? Leva-nos muito longe o tema. Se um jornal instituisse uma seção de crítica de arquitetura, temos a impressão de que muito teria o que fazer, podendo ser mais útil ao progresso da cidade do que a qualquer pessoa possa parecer.

Naturalmente, o crítico não deveria ser um incondicional admirador do estilo colonial ou português, como quer que seja chamado. Mas, isso sim, um escritor atualizado, ao par do que melhor se realiza no mundo.

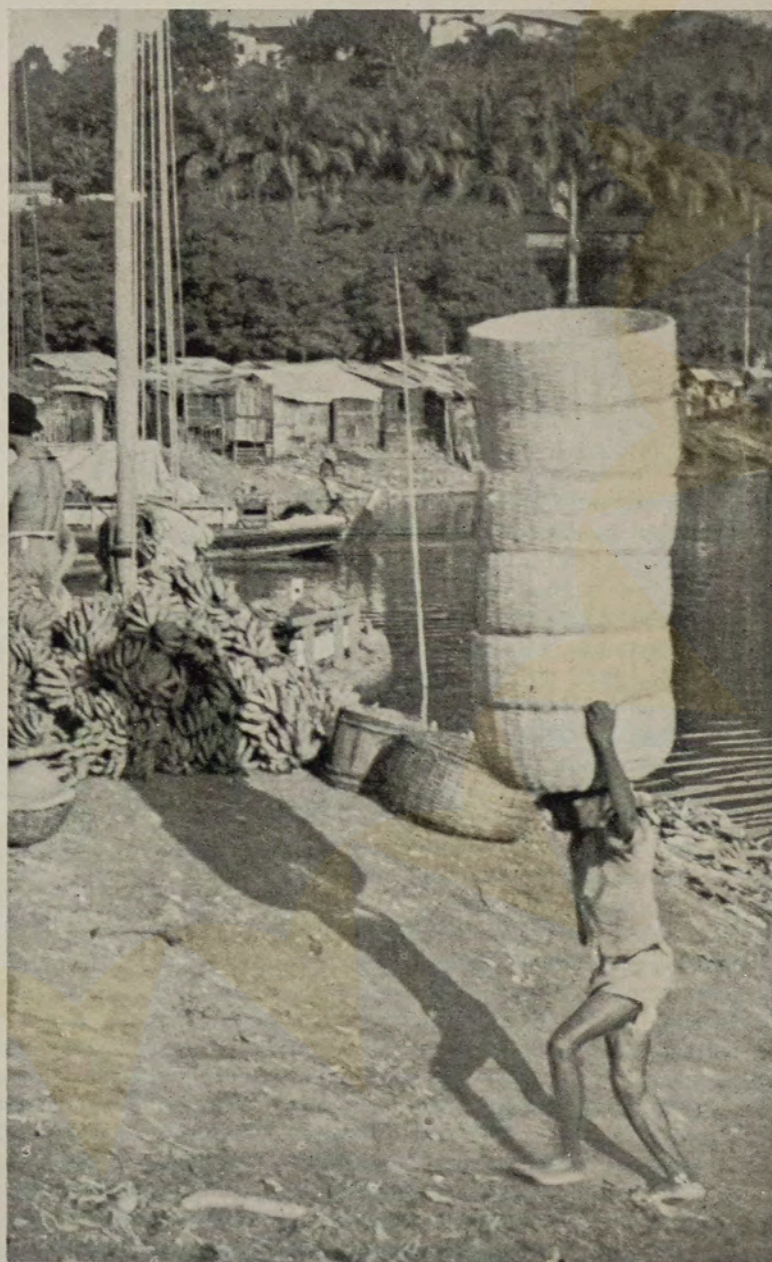


Roberto Maia, Bicho amazônico

Fotografias



P. M. B., Escultura abstrata sem escultor



Anônimo, Equilibrista na Baía



Detalhe da escultura "Diana adormecida" atribuída a Bernini (Museu de Arte de São Paulo)

Diana addormentata

Elementi sottili e incantati della grande sintassi che è la cultura umana, sono i variabili caratteri — un gesto, una postura, un tocco, un accento, una piega della bocca o del capo, un movimento — di quegli insigni corpi che la immaginazione degli uomini ha reso durevoli e l'amplificazione mitificatrice ha esaltato in poesia e idealizzato, nel tempo, di cangianti forme e colorazioni. Così può suggerire anche questa "Diana dormiente" del palazzo Barberini, opera così rara e indicativa, a tale riguardo; e così poco analizzata. Seguire tutta la secolare carriera, l'itinerario poetico, di una figurazione nel suo empito storico e umano, della filologia dimenticando i più minuziosi passaggi, potrà forse sembrare variazione letteraria su un tema, quando non si comprenda che tutti i minuziosi passaggi delle grandi orbite stilistiche vi rimangono, alla fine, assorbiti. Di filologico, per questa statua, le cronache non ci danno suggestioni e ipotesi non approfondite, e la tradizionale

attribuzione dell'opera a Gian Lorenzo Bernini.

Una volta il Bernini aveva scolpito, sotto un delizioso ermafrodito ellenistico (ora al Louvre) un enorme gonfio strapuntino, perché quelle gracili membra, chiuse in una linea così respiroso e aerea, sembrassero più morbidamente posare. Nella nostra "Diana", al contrario, sopra un duro simbolo della morte, sull'arido lastrone del sarcofago antico, ha disteso un immaginario praticello, una radura boschiva, e vi ha disteso una Diana. Come un tempo facevano gli etruschi, sdraiando sul sarcofago o sull'urna cineraria, immagini umane dormienti. E come fecero anche gli scultori romani (e qui ricordiamo, di epoca romana "flavia" il sarcofago di Ulpia Epigone, dolce e grave nel sonno). Diana, finalmente, dorme. L'insonne vergine dei pleniluni, si è addormentata, sull'alto di un vecchio sarcofago romano, forse del III secolo, dove è raffigurata una storia di Meleagro. Dopo venti secoli di

corse e salti e danze, e furtive orgie e tiri all'arco e brevi fughe per i boschi, dopo la caccia alle belve e ai cerbiatti (sul tempio di Selinunte, la mètopa e due marmi, bianco e poroso, rievocava la lacerazione di Atteone), dopo improvvise apparizioni sugli acrotèri e nelle celle dei templi, Artemide-Diana, che anche nelle ere apollinee fu sempre circoscritta nella sua aureola dionisiaca, eccola nel finale patetico della sua lunga carriera: il grande scultore barocco, l'inventore di spasmosi ritmi nel marmo, piega la immagine e la sdraia quieta, in una posa di cieca contemplazione onirica. Vecchia vergine delle remote origini mediterranee, *parthenos sidoie*, "virgine pudica", dell'inno omerico, amazzone cretese e micenea, sportiva dei boschi di Tempe e Tessalia, domatrice, eccola nel torbido barocco della Roma della controriforma. In una carezzata stesura di marmi tondeggianti, resa più molle e più sensuale dalla parvenza anonima del volto romaneggiante,



Como a "Diana" berniniana viajou de Roma para o Museu de Arte de São Paulo

in un turgido labirinto di leggere superfici luminose e di curve lentissime, spira la storia di Artemide: la "despota delle belve" si placa nel sogno di una donna terrena, umanissima, quasi casalinga, che si addormenta per stanchezza sul prato notturno, dopo le faccende domestiche. Dal passo concitato e prepotente dell'antica figurazione greca, dove Artemide veste lungo peplo, grossi sandali e diadema, sono passati venti secoli. La castità della selvatica, nervosa, scontrosa e lunatica semivergine, si spegne in questa donna matura dalle forme splendide e rilassate che si godono un tenero vento. La "icheaira", inquietante e grata, dispensatrice di dardi che fanno morire dolcemente; ora ha deposto la faretra e l'arco sull'erba, e dorme.

Come già un tempo la sontuosa Arianna, accasciata nel sonno nell'isola mediterranea, anche Diana ha smesso le proprie prerogative, ha spento la propria energia, e deve all'artista barocco questa patina

sensuale e sentimentale, lirica e patetica, queste apparizioni sul suo corpo di sensi già in qualche modo romantici (sensi insiti in tutta la letteratura barocca, dal Tasso al Marino, dal Pastor Fido alle poesie secentesche). È un nuovo tocco di malinconia leggiadra e sensitiva, di grazia notturna. Tutti elementi, che, nella secentesca rielaborazione dell'arte greco-romana (una intuizione così diversa da quella rinascimentale), potevano venire all'artista da angoli più nascosti del classicismo: certe movenze coroplastiche di Beozia, di Tanagra di Myrina e Magna Grecia; il pianto di Eros, affrescato nella Casa di Meleagro a Pompei; le irritate rappresentazioni della Casa del Citarista (dove Arianna dorme in braccio al "Sonno"); e molta della pittura parietale pompeiana, e le malinconie dell'antologia palatina e del magniloquente e appassionato inno di Callimaco, e dell'epitalamio catulliano, e dell'èlegos di Tibullo. E quanti altri elementi ancora.

Il classicismo, in quel suo margine dialettico, più violento e più popolare, che possiamo genericamente definire dionisiaco-romantico, aveva pensato al sensuale tormentoso, all'incanto del corpo femminile nudo e seminudo giacente nel sonno. I poeti greci ellenistici e i pittori alessandrini (sono da ricordare i tre pittori di nudi femminili, i the "porno-grafi" di cui parla anche Plinio ne fecero un genere assai rinomato: il plenilunio e la canicola sono i passaggi dove la poetica del tempo colloca i corpi femminili dormienti, come in un'ora topica.

Questi i germi poetici che fecero irruzione nel barocco. Ma l'idea, e l'esigenza poetica di una Diana immersa nel sonno, poteva esservi incoraggiata da esemplari diretti della plastica greca ed ellenistica, attraverso il dettato delle inesaurevoli copie romane. Più lontano ancora, il torbido e pregnante romanticismo etrusco poteva offrire, nei sarcofagi che nel 600 cominciavano a tornare in luce,

immagini e giaciture di donne dormienti. Non solo la famosissima Arianna del Vaticano, già nel Belvedere al tempo di papa Giulio II, con le sue innumerevoli repliche più o meno variate ed elaborate nelle varie epoche; e non solo il sarcofago di Ulpia Epigone, ma anche urne cinerarie etrusche come quella vaticana, o sarcofagi come l'atro etrusco del Vaticano, con la donna di fattura popolaresca. La folta invadenza, la inflazione di immagini raffiguranti l'Arianna dormiente, visibili ovunque, dai vasi ateniesi ai bassorilievi traianei, può essere stata una tentazione per produrre anche una Diana dormiente. Era, del resto, la stessa poetica ellenistica romana, ad animare la tendenza stilistica propria del linguaggio barocco, e della intuizione berniniana in modo speciale. Già la "Diana Lucifera" (la "*Dadūhos*" la portatrice di torcia) di Napoli, (ampiamente rielaborata dai restauratori cinquecenteschi, e forse in origine era solo una statua di funzione acroterica) rivela elementi stilistici cui il Bernini attinse suggestioni preziose per tutta la sua scultura (il volo ad aureola del panneggio dietro il corpo, la mossa dei drappi, ad esempio): ma la tenerezza dei gesti, e la mollezza delle membra, giunte sì nella "Diana" del Museo Pio Clementino. Pare del resto possibile che l'anatomia stilistica del Bernini abbia guardato molto spesso agli esemplari delle tarde opere skopadee; certa estenuata dolcezza, la positura così languida e virtuosa. La serenità e nervosità eroica dell'antica figurazione, calma ieratica, come nell'Artemide di Nicandro a Delo ancora partecipante della struttura degli *Xoana*, come nelle metope di Selinunte, si sono man mano attenuati, addolciti, inteneriti attraverso le oscillanti fasi dell'arte classica, analogamente al variare delle moszioni poetiche e letterarie: fino a quando si fanno, come qui, in questa tenera vicenda di curve capricciose e lente, aspetti domestici, sentimentali, nettamente letterari, eppure umanissimi.

Diana, come figurazione mitologica, è, per tutto il 600, un simbolo letterario tra i più importanti, luna e paesaggio boschivo, irrequitudine sensuale, senso del magico e del metafisico, prevalenza del forte chiaroscuro, del chiaroscuro contrastato. L'idea figurativa e poetica di Diana, come revisione culturalistica congrua e analoga alle spontanee determinazioni della poetica secentesca, concilia i gusti e le basse tendenze mitologiche (puri pretesti) con le prime irritazioni di carattere romantico. Nella nostra marmorea "Diana" la figura mitologica è intensamente psicologizzata: il mito è sparito per sempre, neppure il sospetto che questa donna sia ancora una divinità anche se il suo volto può essere simile a qualcuna delle Diane di copia romana, o se, tenue omaggio alla simbolistica erudita, sul suo capo leggero poggia uno specchio di luna, come nella "Artemide che scocca le frecce" del Vaticano. È questa stessa Artemide (o una delle repliche o copie esistenti) che ha dettato all'artefice della nostra Diana la foggia del vestito: ma qui il drappo si fa anche più tenero, più velare, più procace. È certo un'altra statua greca o romana che detta al Bernini la foggia dei sandali, semplici ed elementari. Ma al posto del mito carico di concezioni plastiche, vivo di una energia collettiva, di un ethos religioso, come nelle figurazioni classiche, qui fa apparizione il paesaggio, così caro alla scultura (al bassorilievo specialmente) del barocco: non più le belve feroci dell'Artemide ancora evidentemente asiatica della metope di Selinunte, ma la breve vegetazione, l'erbetta, le rocce e la vegetazione che modula la brezza notturna. Sparita la concezione mitologica, irrompe, con la psicologia e con il paesaggio, la natura notturna e lunare, propizia alle intense malinconie, alle estasi languide: la notte mite è così sul sarcofago, dove la morte è poeticamente simboleggiata come analoga al sonno. Mentre le



A "Diana" con o sarcófago romano do segundo século D. C.

armi sono deposte, ormai cadute in disuso per sempre, il volto della donna elabora un sogno marmoreo informe e greve, un sonno ebete ed enfatico. Gli elementi classicisti, ancora una volta, posti a copertura di una poetica più profondamente determinata: la poetica del barocco romano.

Sono gli elementi di questa poetica che permettono alla scultura di esercitare un virtuosismo eccezionale e violento, tutto esterno e tutto atmosferico, di una ritmicità dionisiaca, con la presenza dominante del vento, simbolo e aspetto dell'universa natura nel suo moto. Nella Diana berniniana, più che la sottigliezza del traforo, più che la fonda penetrazione del trapano che inchioda ombre fonde, più che la fredda e schematica violenza del frastaglio e dell'ondulato, più che la retorica del cavo e del sottoquadro mezzi tecnici del Bernini all'apice della sua vena, abbiamo invece una semplice e turgida modulazione delle superfici in questo senso più classicheggiati e scopadee, più ellenistiche e più beoziche di quanto non sia nelle maggiori creazioni berniniane: la donna dormiente nel monumento di Urbano VIII in San Pietro; la santa Bibiana, nella chiesa omonima; la beata Ludovica Albertoni.

Della vena classicheggiante della "Diana" Barberini abbiamo citato alcuni esemplari, certi elementi che possono essersi costituiti provvisori e frammentari: di questi esempi, naturalmente, non tentiamo nemmeno il raggruppamento di ordine filologico e stilistico, perché non servirebbe più al nostro scopo. E sarebbe forse insulso supporre che l'innesto di dati sintattici greco-romani nel tumulto dell'opera berniniana si sia verificato con un ordine naturale e scientifico. Non è qui la prima volta che si potrà constatare il largo passaggio delle poetiche anche al di là e al di sotto delle condizioni strettamente formali in cui si sono rivelate. La grande avventura, irrequieta e nebulosa, intermittente e sussultoria, delle poetiche, spesso appare autonoma rispetto alla più coerente storia delle forme e degli stili, rispetto alla energica severità degli sviluppi del linguaggio figurativo. E proprio dove quella suggestiva avventura si dichiara autonoma, libera, non soggetta ai superiori impegni, è là che la indagine dovrebbe tentare di descrivere tracce per lo più ignorate.

La nostra Diana ci appare dunque, nella sua meravigliosa qualità un esemplare di come molteplici frammenti di antichissime e spezzate intuizioni formali, di sin-

tomi poetici svariati e perfino contraddittori possano confluire, al di là delle fratture storiche, in una specie di sintesi figurativa, per esprimere una nuova e densa poetica. Il classicismo aveva determinato nei due maggiori secoli italiani, il prestigio assoluto di una concezione rigorosa, alta, razionale, olimpica, cristallina, immobile: era la scelta operata in modo tipico dai geni rinascimentali nella congerie degli elementi del classicismo, dell'*ethos*, negli ordini del razionale. Esaurite le proprie risorse, l'*ethos* cala le proprie intuizioni in un umanissimo *pathos*, dove la materia è strumento mediato del lirico e del sentimentale, dove la materia non è più la sostanza incorrotta della forma, e indice di cultura stilistica specifica, ma è efficacemente assorbita nella serie dei suoi attributi, tumulto e abbandono, passione e languore, commozione e furore, atmosfera: la tecnica, con il trapano che scava non è più severa e organica funzione di stile, ma tormentata ricerca di una "naturalità" che, alla fine, si identifica con un predominio del sensuale e dell'irrazionale, dell'ardore sfrenato e orgiastico, del sonno e della luce tenebrosa. Quella "naturalità", che una terminologia più aggiornata definirebbe "verismo": e il verismo, nella Diana berniniana, è presente in una forma puntigliosa, accanita: si osservi la pesantezza greve con cui il corpo giace (veramente, in questo, più coerente con i suggerimenti dell'antico così detto "realismo" etrusco, che con la visione greca e romana del corpo femminile adagiato: e si confrontino, infatti, le figure sdraiate dei sarcofagi etruschi con le figurazioni varie di Arianna dormiente, con l'aerea sospensione della Ulpia Epigone romana). La stanchezza, è evidente, è quasi narrata come in un completo racconto: il peppo, sempre stilisticamente ordinato e condotto nella arte classica ed ellenistica, qui è discinto, scomposto, proprio con intenzioni realistiche. Anche nel sonno, le Arianna e le varie donne giacenti, conservavano al drappeggio una intenzione formale, un ordine musicale e ritmico: così l'ultima Diana dimentica nel sonno la compostezza dovuta al rango di una divinità, e diventa donna semplice, una gamba le si scopre oltre il ginocchio, la spalla fino a scoprire mezzo seno, in un gesto di innocente trascuratezza, con la civetteria inconscia delle donne assai mature che intendono ormai inoffensive le proprie forme. Diana dorme.

Paulo Prado, patrocinador da Semana de Arte moderna

Aparece-nos hoje Paulo Prado como exemplo típico de personagem saído duma geração oscilante entre dois regimes políticos. Filho do Conselheiro Antonio Prado, cuja aura se encontrava no zenit no fim do Império, estava fadado pela situação e dotes de inteligência, a fácil carreira no Parlamento ou em cargos públicos. A queda do trono, porém, prejudicou-o como a muitos filhos de estadistas da monarquia. O inevitável fenômeno decorrente da fatalidade histórica, assemelha-se em todas as latitudes quando atira no olvido os maiores de um partido incompatível com a nova situação e chama desconhecidos para lhes suceder.

No caso, entretanto, continuou o Conselheiro a gozar de boa fama e acatamento. Destacara-se no ocaso do século 19 participando a mudança do eixo político do Norte para o Sul do País, na esteira do eixo econômico concedendo primazia à região limítrofe do Rio de Janeiro sobre as demais. Substituiu ao mesmo tempo o bacharel nortista com seu feitio coimbrão por outro de mentalidade mais objetiva formado num ambiente onde sob interno progresso material, o brilho retórico cedera lugar a conhecimentos técnicos e capacidade organizadora.

São Paulo representava desde muito o elemento que numa comunidade se especializa na produção que a sustenta. Tornara-se a velha capitania de S. Vicente o centro devastador do continente no correr dos séculos 16 e 17 e povoador das Minas Gerais no 18, não fazendo mais no 19 e princípios do 20 senão semear riqueza para o povo brasileiro, como dantes pesquizara ouro para el-Rei. A audácia, esticismo e tenacidade de seus filhos, proporcionou a coroa lusa, o desdobramento da sua maior colônia, e o caudal aurífero que a espaços lhe reanimava o tesouro. Nas vésperas da república, desfez-se a importância do açúcar do Norte pela concorrência estrangeira, começando a hegemonia do café paulista, antes que seus agricultores a levassem ao Paraná.

O rojo intensificado no fim do Império conferira aos políticos paulistas merecido prestígio. Tanto nas medidas econômico-administrativas encabeçadas pelo Conselheiro Antonio Prado, como na elaboração da república estavam os elementos de São Paulo em primeiro plano. Por sinal, que a atitude dos republicanos paulistas em geral, e em particular, os da convenção de Itu, continua mal compreendida. Formou-se a lenda de que provinha a sua oposição ao regime de vingança de fazendeiros escravistas, contra imperantes abolicionistas. Entretanto, o inquerito a que procedeu José Maria dos Santos, nossa maior autoridade no assunto, não deixa dúvidas sobre a absoluta honestidade e desinteresse de um José de Vasconcellos de Almeida Prado — por exemplo — republicano unicamente pela convicção de que assim correspondia aos anseios das gerações que despontavam. Tão isento estava de qualquer móbil inferior, que jamais pleiteou benefícios para si depois do triunfo da república nem vacilou em emprestar apoio à continuação de monarquistas no serviço público, orientação também perfilhada por Tibiriçá, se bem a medida prestigiasse políticos do antigo regime, com prejuízos dos republicanos. Havia mérito em assim pensar, porém, monárquicos e republicanos pertenciam todos às gerações imperiais, vasadas no exemplo do Senhor D. Pedro II, que mandava colocar acima de conveniências pessoais o bem da nação. Outra lenda ocorre nesta altura, apresen-

tando o soberano unicamente sob aspecto de amanuense, por completo alheio aos grandes problemas do governo. Ninguém entretanto, por eles mais se interessou e soube compreendê-los como em conversa com o filho Paulo costumava atestar o Conselheiro Antonio Prado, além, de que, através atenta fiscalização de serviços públicos, afastando os maus e premiando os bons; em extremo zeloso do nome da magistratura e dos elementos que o rodeavam, conseguiu formar "espírito de elite" para governantes, evidente na diferença entre brasileiros e demais sul-americanos, uns respeitadores da lei e os outros dilacerados por lutas e caudilhos.

A ruptura entre governantes dos dois regimes foi, todavia, profunda. Não contando mais o jovem Paulo — nem talvez disso jamais cogitasse — com o apoio político voltou-se para o fundo financeiro, onde se tornou o braço direito de seu pai. Daí por diante, em todas as circunstâncias em que era necessária a presença de intermediários provido de prática social, instrução, cultura e argúcia, para tratar em nome de grandes organizações com nacionais e estrangeiros, era escolhido Paulo para maior sucesso das transações justificando a confiança nele depositada. Mais tarde, durante a Primeira Guerra Mundial foi incumbido da venda do café retido em Santos com menor prejuízo para as finanças do País, e da liquidação dos estoques remanescentes no império alemão. Na tarefa tinha de se haver com ingénios políticos nacionais (era presidente da República Venceslau Braz, que muito divertia Paulo com suas explicações da guerra) e europeus a representar exatamente o oposto, perigosamente armados de velhacaria milenar.

Nas negociações valia-se Paulo não só do polimento mundano adquirido em casa, como levado por tendência inata aproveitava as relações literárias de seu tio, o panfletário e globe-trotter Eduardo. Logo nas suas primeiras viagens a Europa, em que lhe sucedeu acompanhar na qualidade de moço fidalgo da antiga corte o fêretro de D. Pedro II, teve Paulo oportunidade de conviver com os mais célebres literatos de Portugal. Narrava como Eça de Queiroz já muito enfermo, obrigado à tirânica dieta, dava-lhe conselhos sobre qual a melhor ceia (azas de perdiz e velho Bourgne) que em Paris se podia fazer. O requinte e delicadeza do autor das *Cidades e as Serras* eram extremos e se manifestavam em todos os terrenos. Tinha o maior cuidado em nunca aludir ao que escrevia, bom exemplo de que o jovem amigo não se olvidaria. Encaminhado para essas reminiscências Paulo exumava da memória sem número de casos e anedotas ocorridas com o famoso grupo dos *Vencidos da Vida*. Penso que fui dos raros, senão o único a receber estas lembranças, pois Paulo era avaro de expansões, de sorte que eu anotava as farpas com que Ramalho Ortigão e Eça azucrinavam numa Semana Santa o espirituoso banqueiro Lima Meyer, tido por judeu. "*Confessa que és Cristão Novo neste sábado de Aleluia*", dizia-lhe, e ele a concordar, e aludir à conhecida mistura de velhos e novos cristãos na península ibérica. "Sim, mas pelos Limas, não pelos Meyers". Em outra ocasião chegara Ramalho Ortigão a Lisboa depois de longa viagem na Espanha. Não se cansava em descrever o que vira, e com tal entusiasmo que Eça concluía: "*O Joaquim Duarte toda vida procurou uma vocação. Agora encontrou. É ser espanhol*", para maior contrariedade do objeto da piada.

Paulo não dispunha, contudo, somente das relações do tio.

No Brasil conhecera o consul e literato português Antonio Feijó, que um nosso historiador confundiu com o estadista do Império, atribuindo ao virtuoso padre com o mesmo nome, o conhecido soneto "Minha loira, pálida e fria". Do Brasil fora removido Feijó para a Suécia, e ali, desambientado na neblina nórdica, escrevia nostálgicamente ao se lembrar de dias cheios de sol, "*Oh... meus domingos de Portugal, católicos, apostólicos, romanos*", e procurava oportunidades para falar da "terrinha querida", dos amigos e dos literatos de sua predileção. Atendendo a rogos insistentes e entusiasmado pelas suas miríficas descrições da Escandinávia, resolveu Paulo ir ter a Stockholm em pleno inverno. O poeta acessorava num antigo dandy do *Café Anglais* de nome Sotto Maior, destacado em consequência da vida agitada em posto de pouco ou nenhum interesse para portugueses.

Dizia o seu auxiliar, temer igual fim, esquecido naquelas alturas como acontecera ao superior hierárquico. Inadvertidamente tentava Satanás, pois foi o que lhe sucedeu. Só ficou longos anos a pretexto de que, sendo casado com suéca, podia prestar "in loco" melhor serviço que seus colegas que não entendiam suéco...

Assim que o amigo chegou levou-o ao polipotenciário que os recebeu de cama por causa dos achaques da idade. A despeito das condições foi muito amável, mandando o escudeiro aos visitantes as 365 gravatas com o respectivo alfinete de que dispunha para cada dia do ano.

A coleção era alumada por lâmpada com abat-jour feito tutú da Taglioni, recordação parisiense do diplomata.

Depois Feijó apresentou Paulo a condessa Pahlen, que segundo a praxe devia amadrinhá-lo na sua ida à corte.

As gazetas do dia seguinte da cerimônia noticiaram a animada conversa do jovem brasileiro durante cerca de um quarto de hora com S. M.

Inusitado acontecimento foi atribuído à sensação causada pela presença de um sul-americano naquela estação, passando Paulo a Ave Rara no hotel em que residia. O frio é que andava pouco amável não participando das gentilezas dos habitantes da cidade.

Cada vez mais apertava e na noite em que Paulo devia ir a uma festa em trenó descoberto, como era costume em Stockholm, ele pediu ao cocheiro que parasse, por curiosidade, na esquina onde havia termômetro à disposição dos transeuntes. Qual não foi o seu horror ao deparar com 30 graus abaixo de zero! Não quis saber demais nada; voltou para o hotel dando ordem de lhe conseguirem passagem no primeiro navio de partida.

Aconteceu ser o único um cargo-boat que aceitava passageiros para a Inglaterra. Mesmo assim, embarcou Paulo, a despeito do mar encapelado, vento furioso e desconforto da embarcação, que havia um único companheiro, intrigadíssimo com a sua presença. Era comerciante inglês de volta a Londres que afinal não pôde se conter e perguntou a Paulo pela nacionalidade. Ao receber a resposta ainda mais se admirou, "*O senhor aqui na Suécia, no mês de dezembro! Serei indiscreto se lhe perguntar a razão?*"

"Absolutamente, disse Paulo, não há mal nisso, vim caçar urso".

Em Paris, nessa e em outras viagens, foi melhor sucedido. Aprendeu a guiar Mail Coach atrelado a duas parelhas de cava-



15 de março de 1936: na estação do Norte, São Paulo. Da esquerda para a direita: José Lins do Rego, Otávio Tarquínio de Souza, Paulo da Silva Prado, José Américo de Almeida e Gilberto Freyre

los. Dizia o professor que os novatos deviam se familiarizar com obstáculos e passar por vielas estreitas antes de chegar à estrada de Versalhes.

Nas evoluções, os alunos, invariavelmente derrubaram certa tabuleta que desabava com estrondo. Acudia o dono aos berros reclamando "domages interêts", mas o caso estava previsto, e com a intervenção do professor e pagamento dos prejuízos pelo aluno, prosseguia o mail pelo Pavé du Roy. Concluídas as lições, exibiu-se Paulo pela Alameda das Acácias, recebendo elogiosas referências do *New York Herald*, órgão das elegâncias franco-americanas no tempo do Sagan, Castellane, Vanderbilt etc. etc.... Dos pequenos e grandes incidentes da vida passada se lembrava Paulo na viagem que a Europa fizemos em 1930. Pouco antes escrevera o *Retrato do Brasil* para o qual lhe forneci farta documentação. Eu discordava de muitos pontos, principalmente a respeito da reprodução do inquérito mandado fazer por Pombal contra o ensino dos Jesuítas, e mais trechos para mim dispensáveis por serem duvidosos.

Deu-me depois razão Paulo, pois foram os que mais se prestaram aos reparos da crítica.

O aborrecimento ressentido levou-o a recusar autorização para que o livro fosse traduzido, proibindo igualmente que o fizessem depois dele morto.

Não podia nem de longe imaginar de momento, que justamente esse lado, considerado por mim franqueza necessária, seria o ponto de partida inspirador das inúmeras explanações do Brasil sob rótulo sociológico aparecidas durante o decênio seguinte.

Simultaneamente com as atividades literárias dos últimos anos de Paulo, evoluía a política nacional de modo a alarmá-lo, porquanto ligado a grandes empresas financeiras e mais instituições fomentadoras da produtividade do país, era-lhe impossível quedar-se indiferente aos acontecimentos.

Em São Paulo, berço de grandes estadistas, as gerações posteriores à "imperial" cada vez menos se pareciam com a predecessora. Longe de imitar o seu altruísmo caracterizavam-se por agudo espírito utilitário em benefício próprio, nem que fosse à custa do bem coletivo. O partido dominante, o P. R. P. de triste memória, lamentável herdeiro dos fundadores da república, tornara-se uma espécie de mútua distribuidora de favores às famílias de seus maiores.

Desvanecera-se o critério do aproveitamento de capacidade em alto cargo, acima do interesse de partido ou grupos, de sorte que políticos jubilados em fraudes eleitorais, conhecidos por estranhas alcunhas como Rei Zulu, Primo do Soldado Desconhecido ou Barbica da casa Sloper, punham a margem dos negócios públicos homens de valor e da inteligência do Conselheiro Antonio Prado e de seu filho Paulo.

A grotesca situação colidia com o pensar do povo, formando-se conflito entre o anseio popular estimulado pelo progresso paulista e a cega teimosia dos governantes, agarrados com unhas e dentes ao poder para eles manancial de importância e de prosperidade.

Formado o partido de oposição, sob o lema do voto secreto — base de toda instituição democrática — ao movimento aderiu o Conselheiro com ardor. Menos entusiasta se mostrava Paulo, ainda de boas avenças com os chefões do P. R. P. aos quais liberalizara boas gorjetas para o não perturbarem em nenhum negócio com o governo.

Intervinha também no caso o seu natural ceticismo, encruado pelo espetáculo de corrupção que ele presenciara na França e outros países quanto tratara da defesa do café.

Em 1930, entretanto, não hesitava mais. Perdera quaisquer dúvidas ante o vergonhoso simulacro de eleições havido em São Paulo por artes de Barbicas da Casa Sloper e indivíduos de igual jaés, e ao receber notícia do levante, exultou esperançado por dias melhores para o Brasil e São Paulo.

Chegaram-lhes os primeiros relatos em Paris quando interessadíssimo acompanhava o movimento artístico e literário. Paulo fora um dos patrocinadores da *Semana de Arte Moderna* e se apaixonara pela renovação que o certame iniciará entre nós.

Ninguém mais do que ele apreciava a existência parisiense, convidado por Felipe de Rothschild para festejar a inauguração de um teatro, ou quando ia comigo ao barracão de Léger escolher quadro representando cabeça de chumbo sob fundo verde, considerado pela crítica a obra prima daquele pintor, ou contemplava em casa de Madame Errazuris os mais belos Picasso, ou em caso oposto, os pré-modernistas de Ambroise Vollard. Decorria a estação com brilho nunca visto, sucedendo-se exposições, concertos, inaugurações tal prodigioso fogo de arti-

fício culminando em euforia ameaçada por nova guerra universal.

Reinava sede de prazer numa cidade despovoada de estrangeiros, cheia de objetos de luxo e de restaurantes sem rivais. Nunca a França parecera tão bela e Paris tão acolhedora. Mas ao saber de revolução Paulo isolava-se com Alberto Rangel ou Tobias Monteiro — tinha de vê-los separadamente porque não se davam — ansioso pela data do embarque. Tornando ao Brasil adoeceu obrigado a permanecer no Rio de Janeiro onde levou quadros e livros de sua predileção. Descambara para o fim, alanceado pela descrença a respeito da política brasileira.

Via agora desiludido o verdadeiro aspecto dos aproveitadores da revolução, ineptos como administradores, perigosos pela ambição de homens mediocres rodeados por incapazes e venaes. Avaliava Paulo o descalabro do país e previa o resultado. Estoura a segunda guerra mundial colhendo o Brasil completamente acéfalo em matéria administrativa. Pórtos abandonados, vias ferreas desorganizadas, ausência de rodovias, emissões a jacto contínuo para satisfazer despesas suntuárias ou inúteis com vertiginoso aumento do custo da vida, através remoinho de decretos leis emitidos por irresponsáveis formavam o panorama da situação, e como se tanta calamidade não bastasse, agentes da ditadura espalhavam desordens e vadiagem nas fábricas sob a égide do ministro do trabalho.

Em pouco as dificuldades de comunicação entre o Rio de Janeiro e São Paulo quasi as isolavam, de sorte que o autor do *Retrato do Brasil* sentiu-se abandonado. De uma feita pediu que lhe retirassem do quarto de dormir o quadro verde de Léger, o qual mui compreensivelmente o entristecia e lhe causava pesadelos.

Só algumas raras visitas apareciam, decorrendo dias monotonos para o doente longe do meio que lhe era caro, e o personagem que dominara a política, finanças e elegâncias do seu tempo, sem ser político, economista banqueiro ou elegante, no sentido que a este termo dá o Sr. René Thiollier, exercendo fascinação sobre os contemporâneos que as novas gerações sequer podem hoje conceber, admirado por estrangeiros e invejado por contrários, amigo de poetas e de jornalistas, acabaria melancolicamente não fosse a dedicação da esposa e fidelidade de um amigo.

J. F. DE ALMEIDA PRADO



Pedro Américo, *Paz e Concórdia* (Museu de Arte de São Paulo)

(Revisões)

Pedro Américo

A pintura de Pedro Américo é o que de mais típico "fin du siècle" a arte do mundo já tenha dado, a arte livre de problemas e de escrúpulos, direta, entusiasta. É pintura de símbolos e de alegorias, rica de sentidos normais e de bom senso, satisfeita com seus excessos retóricos e com sua habilidade. Vejamos, por exemplo, "Paz e Concórdia". Não é possível à primeira vista dissimular aquele sentido de tédio que se desprende do esplendor grandioso das figuras alegóricas, da literatura confusa dos objetos. Uma espécie de orgia, onde se percebe que já desapareceu o alento dos pintores que investiram os grandes temas, no passado. O sentido compositivo é desencadeado, a intemperância que enfeixa os materiais nós se afigura em desordem, embora desordem tão pitoresca de aparecer bacanal: uma orgia pobre, porque celebrada por uma matéria de cores débeis, aliás fracas, que não realiza com muita exatidão o furor da linguagem alegórica. Os grupos aparecem algo sufocados, e a idealização dos triunfos mitológicos não faz outra coisa a não ser acrescentar o sentido do descomedido. Outra tela muitíssimo célebre é "Honra e Pátria". A arte de Pedro Américo aparece aqui mais composta: há uma serenidade, estabelecida e acrescentada pelo simbolismo na impetuosa ressonância decorativa das figuras, dos objetos, das arquiteturas. Ao redor da figuração central que é a pátria brasileira, está o côro das figuras terrestres e celestes, a Lei, a

Guerra, o Trabalho, o Anjo: o côro que faz uma ação de homenagem solene e simpática. Sem dúvida Américo, apesar da celebridade dessas suas telas enormes, parece muito mais pintor nos temas históricos, em que a realidade contém sua exuberância descritiva por entre limites razoáveis e expressivos; em que o arbítrio imaginativo, não têm tempo de arrebatá-lo.

"A Proclamação da Independência do Brasil" é uma composição encerrada numa espécie de vertice geométrico, uma espiral algo torcida e rachada em que se desenvolve nervosa e agitada um cenário de heroísmo romântico, feito de poses de ímpetos, de exaltações, de fogo. Os arbustos agitados, uma grande poeira levantada pelo vento e pelas patas dos cavalos, as espadas altas, resplandescentes num céu melancólico formam um cenário, ao qual nada falta de cenográfico. Existem as contribuições européias a essa pintura e são reconhecíveis: não falta todavia a Pedro Américo um empenho fundamental, que é o de alcançar uma atmosfera violenta e física de guerra vitoriosa, a transcrição de um entusiasmo. E ele o consegue por meio de passagens luminosas, de lampejos e clarezas sobre tons escuros, firmes, duros, jogos inteligentes e hábeis. Ingenuidade e franqueza são os dotes desse artista que se abandona por completo à tirania de seu conteúdo, e se preocupa de exaltar sua marca, com grande profusão de meios culturais, que fazem certo e resoluto seu estro ilustrativo.

Atelier de pintor brasileiro, 1895



Só as mulheres trabalham na arte cerâmica

Cerâmica dos Carajás



Muitos estrangeiros que visitam o Museu de Arte de São Paulo indagam da possibilidade de ver arte indígena, ou seja, produções artísticas daquelas tribus que vivem entre o Amazonas e Goiás. Os dirigentes do Museu sempre encaminham tais interessados ao Museu do Ipiranga, onde foi organizada uma estupenda seção, dedicada especialmente à etnografia, sob os cuidados do Professor Herbert Baldus, de competência mundialmente reconhecida em matéria de estudos indígenas. Mas, sendo tão longínquo o referido Museu e, com o fim de facilitar aos hóspedes do país o conhecimento de alguns de nossos aspectos mais interessantes, o Museu de Arte decidiu criar uma pequena seção destinada a mostrar aquelas maravilhas. Como é sabido, os primeiros a ignorar os problemas da arte brasileira, são os próprios brasileiros, pelo que foi difícil encontrar um certo número de fontes de informações que pudessem dar uma idéia do problema. Foi encarregado desta pesquisa o nosso amigo Dr. Carlos Cortese, que, tendo ido a Goiás participar de um congresso de medicina, — é médico — estabeleceu contacto com autoridades e amigos gentis, que mantêm há tempos um ativo intercâmbio de objetos com os índios Carajá. Esses índios fazem parte de uma tribo que começa a ter boas relações com os brancos e suportar suas manias de civilização e missionarismo. Aquilo que um índio pode oferecer em troca de alguma coisa, pode ser adiantado

desde logo: cerâmica, máscaras, indumentárias, principalmente cocares, e alguns raros utensílios, como cestos. Uma belíssima coleção desse material foi trazida para o Museu de Arte pelo Dr. Cortese, e começou então a fazer uma classificação. Ilustramos, neste artigo, a parte que diz respeito à cerâmica. Esse gênero de arte índia está ligado ao grande tronco da arte primitiva, cuja antiquíssima origem se liga aos cultos religiosos, nos quais se divisa na forma fálica o mistério mesmo do nascimento e da vida do homem. Não é possível distinguir muito precisamente entre as manifestações artísticas até agora encontradas, das diversas tribus, mas pode-se afirmar, de um ponto de vista geral, que os indígenas insistem sobre uma repetição constante e metódica de temas. Os dois grandes temas tomados em consideração, são de uma parte a figura humana, sempre deformada e agitada em práticas religiosas, e de outra, a fauna, quase sempre circunscrita aos animais sujeitos à caça. Dêstes, o mais representado é a tartaruga, e o índio reproduz sempre com grande felicidade o transporte, em canoa, das tartarugas capturadas durante suas pescarias. Ao leitor desprevenido prevenimos que esse tipo de arte, absolutamente primitiva, apresenta analogia com as últimas tendências de uma arte que se inspira nas manifestações primárias, ou abertamente. A fonte maior de inspiração de grande parte da arte contemporânea, de-

pois da influência exercida pela arte negra, provém da arte azteca, maia, inca e, agora, da descoberta da arte marajoara. Enquanto os nossos esforçados pintorzinhos locais atiram suas linhas nas águas de um abstracionismo já velho de trinta anos, os grandes pintores de Paris vêm pescar em nossos rios. E, certamente, eles não o fazem em primeira mão, mas através de reproduções e desenhos frequentemente arbitrários, da nossa arte primitiva, que, portanto, lá chega contaminada.

O intuito do Museu foi, exatamente, organizar uma seção que ofereça ao público a possibilidade de considerar esses elementos. A maioria dos brasileiros talvez ignore que os grandes museus americanos e europeus apresentam notáveis coleções de nossa arte indígena. O Brooklyn Museum, por exemplo, possui exemplares marajoaras como nós nem podemos imaginar, como parte de material escavado por uma expedição americana que veio ao Brasil pelo ano de 1931.

Entre os tantos fatos que admitimos para consideração e desenvolvimento da arte brasileira, contamos também o caso da arte indígena, realmente a arte mais brasileira, historicamente, e que continua se manifestando livre de influências extrínsecas.

Fazemos, aqui, um apelo a todos quantos, como o Dr. Cortese, tenham ocasião de conseguir peças de arte indígena, para que façam doação delas ao Museu de Arte de São Paulo.

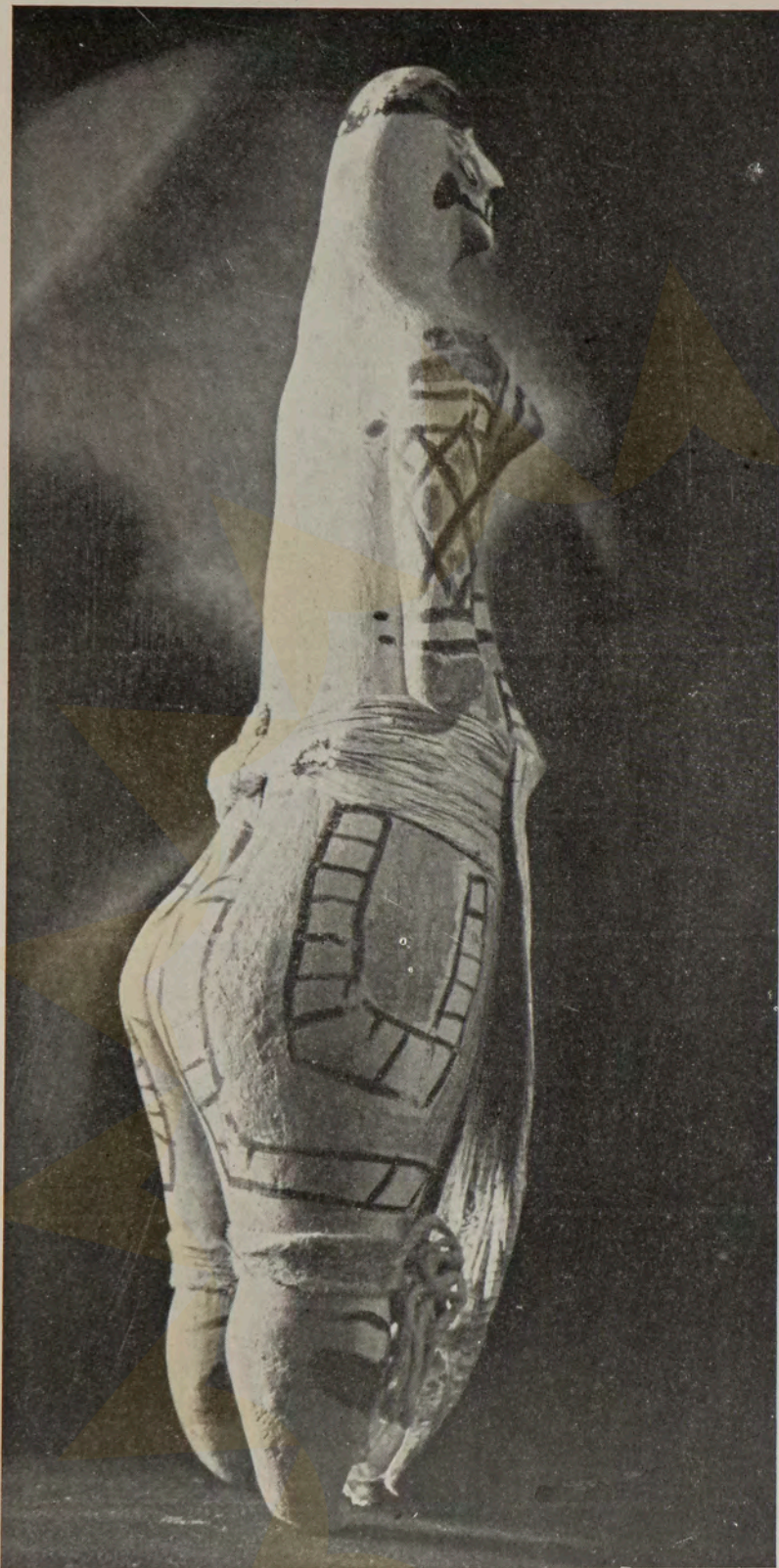


Os gestos das figuras são hieráticos e obedecem invariavelmente à posição que a figura humana tomará em determinados ritos



A arte indígena, das tribos com as quais o branco vem mantendo contacto, é qualquer coisa de inédito no Brasil, ao menos nas cidades em que a preocupação vertiginosa dos homens é alcançar o nível das cidades americanas, todas em cimento armado, com magazines colossais e refrescos em garrafinhas. Quando o Museu de Arte de São Paulo realizou uma exposição, em colaboração com o Serviço dos Índios, grande parte do público ficou maravilhado com os trabalhos apresentados, tão ricos de fantasia inédita e invenção invulgar, tanto que não faltaram as inevitáveis piadas, atribuindo à Picasso certas cerâmicas indígenas expostas





Há nestes trabalhos uma surpreendente coerência entre o modelado e a pintura. Neste caso, o sentido instintivo de beleza primitiva cria o contraste entre as linhas curvas desta escultura com um desenho retilíneo e abstrato.

O vermelho e o preto são as cores mais usadas. O índio extrai as cores dos vegetais.

A virgem, lembrando a "Venus de Willendorf", têm aquela mesma forma esteotópica das esculturas pré-históricas.

Nas tribos Carajás, as virgens usam na perna uma jarreteira de fio de algodão. A mulher casada usa, na cintura, uma faixa de palha



Nota-se a estranha relação entre os carregadores de ovelhas, do páleo-cristianismo, e esta figura em cerâmica, da tribo Carajá

A pesca à tartaruga



Os Carajás figuram entre as tribus mais adiantadas do Brasil. A cerâmica tornou-se entre eles uma das atividades normais, exercidas pelas mulheres e pelas crianças

É surpreendente a descoberta nas margens do Araguaia, no fundo do sertão, de um grupo de ceramistas altamente diferenciados e em constante evolução — alguns Picassos de tanga, modelando silenciosamente sua obra anônima.

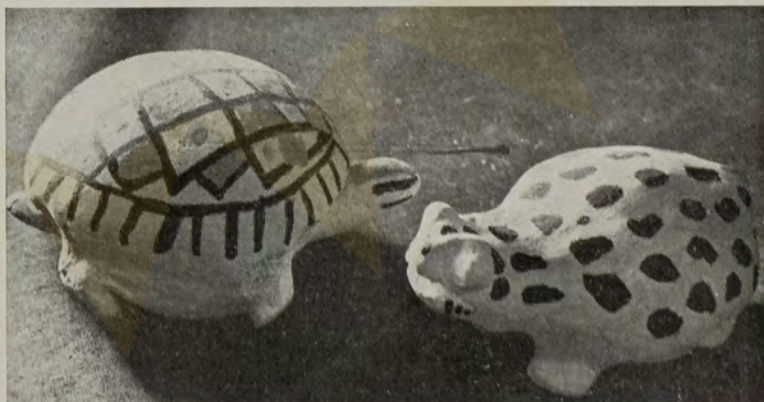
A quasi totalidade das tribus brasileiras, usava e usa da cerâmica na feitura de objetos caseiros. A panela, o pote, a gamela, encontram-se em todas as nossas regiões. Algumas, ainda tôscas e primitivas, unicamente com finali-

dade quotidiana. Outras, já denotando uma preocupação artística, na delicadeza da forma e da decoração.

São representativas, de um alto grau de evolução, a cerâmica da ilha Marajó, com seus desenhos característicos e a dos índios Waurá, das nascentes do Xingú, curiosa pela representação zoomorfa, abrangendo quasi que toda a fauna local. E lá estão o tamanduá, o macaco, a tartaruga e o carapato, servindo como recipiente do alimento diário.

O que caracteriza a cerâmica Carajá, é a modelagem de figuras humanas fato isolado entre as tribus oleiras do Brasil. Fazem também os objetos de uso comum, interessantes pelos motivos decorativos e modelam toda a espécie de animais. Mas é nas bonecas — Licocós — que se resume o aspecto mais curioso.

O “porque” desta exclusividade, permanecerá, como quasi todos os “porques” dirigidos ao índio, no terreno das conjecturas mais ou menos inteligentes



Os ovos do tracajá, esta espécie de tartaruga, é um precioso alimento para o indígena. Na praia, à margem dos rios, o índio encontra os ovos que o tracajá escondeu na areia



O tamanduá-bandeira, numa estilização realmente original e muito próxima da-quele "infantilismo primitivista" que alguns artistas de hoje tanto amam

Belíssimo exemplo de uma forma plástica enriquecida com elementos tais como a pintura, penas de pássaros e palha seca



A dificuldade inicial seria fazer compreender ao índio o sentido de nossas perguntas. "Porque, onde, como e quando". É conhecida sua repugnância à toda indagação imotivada, à toda idéia que envolva abstração. O não-concreto, necessita sempre, para ele, de uma objetivação qualquer. Na língua tupi, por exemplo, "muito cuidado" traduz-se por TESSAETA — muitos olhos.

— "extasiado", exprime-se por TESSAPORA, —olhos saltados. E Montoya cita como indicativo de "modesto" o TINDY, literalmente "nariz reto". E na atitude humilde, (cabeça baixa) o nariz continua, numa linha reta o plano da fronte. As bonecas, que são hoje, quasi que exclusivamente um brinquedo das crianças, podem também ter uma função ritual ou mágica, parecendo ser essa a sua origem.

É acentuada a predominância da forma feminina, talvez uma consequência da forma matriarcal que rege a vida tribal. Realmente, quem manda na maloca é a mulher e os mais ferozes e truculentos guerreiros, necessitam da permissão da esposa para ir à caça ou à pesca.

E há também o costume tradicional, muitas vezes posto em prática, de poder a mulher espancar o marido sem que ele reaja.

Ocasionalmente, em caso de adultério da parte do consorte, cabe a ele o direito de surra.

A forma feminina apresenta uma deformação característica da cintura para baixo. Esta esteatopigia que já encontrou as mais conclusivas interpretações, parece estar ligada à necessidade de conseguir um melhor embasamento para as figuras sentadas ou reclinadas. Seria o nosso decantado e abusado "funcional". Os enfeites, distintos para solteiros e casados, são os mesmos da vida real. Uma jarreteira de algodão tinto com urucum indica a relativa liberdade do portador. O casado não usa nada.

Para algumas cerimônias em especial os Aruanã cobrem-se totalmente com os desenhos do clan, que são também o ornamento das bonecas

A vitória do homem sobre a besta?



Algumas motivações são claras e precisas. Assim, nas peças representando canoas, as figuras humanas são sempre os Carajás. Os animais que os acompanham — tartarugas, papagaios, corujas — são índios de outras tribus; num muito nosso “não me confunda” apresentam todas, em lugar do umbigo antiestético que entre nós se usa, um simples orifício, que poderá comportar várias conclusões e interpretações freudianas ou quasi. A feitura da cerâmica é trabalho exclusivo das mulheres. O barro é amassado e modelado da maneira comum. Depois de seco, é cosido ao fogo e decorado com as duas cores: vermelho do urucum e preto do suco do genipapo. Os Carajás talvez ignorem como iniciaram a cerâmica. Bem como o motivo e as intenções das formas e decorações. Sabem, porém, que aquilo é altamente interessante. Serve como objeto de trocas com tribus vizinhas. Mas, principalmente, aquele parente com o TORI, o irmão branco, às vezes difícil de compreender, que, basbaquemente, como qualquer turista, num lugar qualquer, leva todos aqueles brinquedos das crianças e deixa com eles aquelas coisas lindas. Missangas, colares, facas, e até machados de ferro. E seria necessário ser índio, ainda naquela ingênua e feliz idade da pedra, olhando o mato que vai ser derrubado com o machado primitivo, onde crescerá depois a mandioca que dá o beijú que alimenta, para compreender a alegria que deixamos com eles.

CARLOS CORTESE CALDAS



Com suas cores vivas, estas esculturas mais parecem um Matisse





Conversação. As figuras violentamente coloridas transmitem algo do mistério da selva

Todas as fotografias desta série foram feitas no Museu de Arte, em seu laboratório próprio

Ainda a pesca à tartaruga



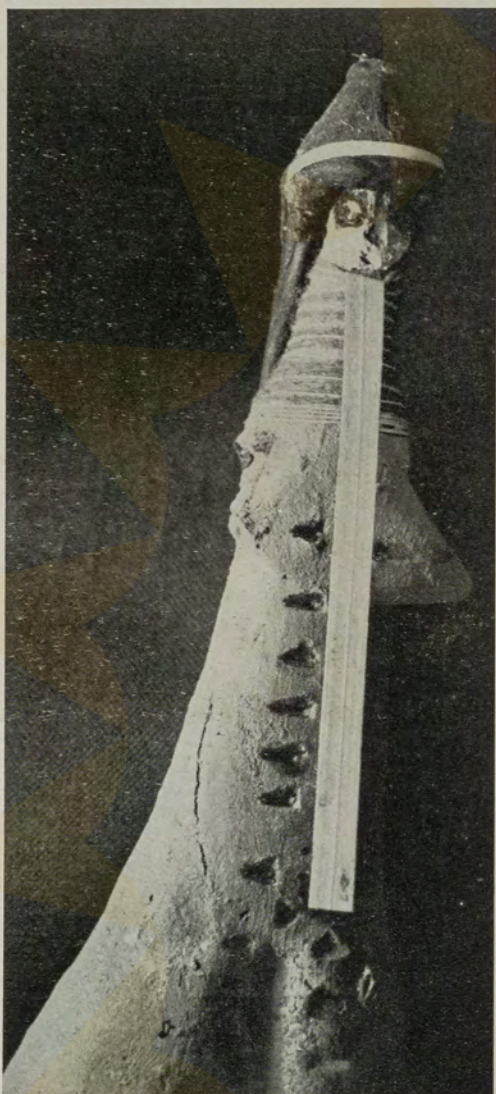


O falicismo é um culto antiquíssimo: alguns o indicam mesmo como origem das religiões que adoram as divindades da fecundidade. Entre os indígenas, este culto continua sendo praticado inconscientemente, através de tradições, com as características próprias dos povos religiosos

Papagaio



A expressão plástica indígena, cujo tema fundamental é o homem, manifesta-se também na reprodução de aves e animais



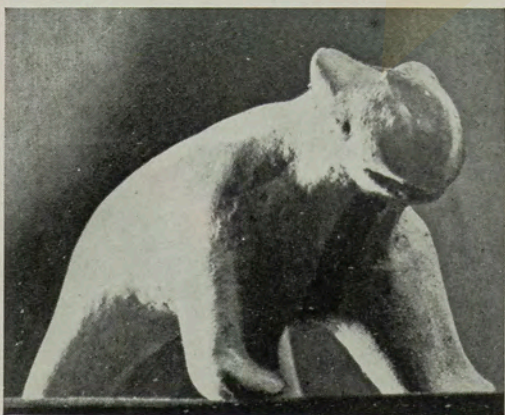
Estranhíssima figura adornada com uma espécie de gravata (Tembetã)



Uma viuva?



As cenas de caça e pesca abrangem larga parte da produção artística dos índios





Djanira, *A colheita de café*, óleo (Doação ao Museu do Café, pelo snr. P. M. Bardi)



Uma rara gravura, talvez a primeira representação de um vendedor de café, de autoria de Jean Baptiste Bonnard, artista do século XVII

Para um museu de café

Foi proposta a idéia de organizar um Museu do Café, que reúne tudo quanto pertence à história dessa planta e o significado da mesma no tempo e na história, sobretudo dum ponto de vista vivo, sabendo que outras entidades estão estudando o problema sob os demais pontos. A iniciativa originou-se no Museu de Arte, e já umas vitrinas, no hall do edifício dos Diários Associados, foram postas à disposição. Foram oferecidos vários donativos; devemos observar no entanto que ainda não é bem claro o que pretendemos colecionar. Eis uma lista possível, compilada na intenção dos organizadores:

1. Grupo — Desenhos, pinturas, gravuras, ilustrações relativas ao café, sua cultura, comércio, etc.
2. Grupo — Objetos relativos ao beneficiamento do café e aos demais processos.
3. Grupo — Objetos relativos ao café como bebida, máquinas, aparelhos para servi-lo etc.

Ao redor desses três núcleos principais,

o Museu reunirá quanto mais material possível, contribuindo à formação de conjuntos de peças selecionando sempre que for necessário. Esse museu, entendido no conceito de seus organizadores não como receptáculo de objetos mas antes como narração viva de história e de vida, deverá ser formado com a colaboração de todos os que possuírem objetos relacionados ao tema, às vezes sem suspeitá-lo. (Quem escreve, por exemplo, teve ocasião de encontrar em Paris, uma máquininha para café, de porcelana, em forma de locomotiva, belíssima e estranha peça comemorativa das primeiras estradas de ferro). São objetos desse gosto e desse tipo que o Museu está procurando; e temos certeza de que ainda existem nas antigas residências brasileiras. Foram naturalmente oferecidas quantidades enormes de chicanas, mas esses objetos têm valor somente quando realmente curiosos e significativos. Foi encontrada por exemplo uma cafeteira do século passado decorada de folhas de café: esse sim, é objeto realmente interessante.



O conceito do Museu de Arte de São Paulo é de mostrar obras primas, e também de ajudar ao público compreender as mesmas, por meio de mostras didáticas. À esquerda, uma Madona de Botticini (1446-1497); à direita, exposição da história da arte dedicada à idéia abstrata



Dois convites ao Museu de Arte

O primeiro acontecimento internacional sério e verdadeiro da arte brasileira verificar-se-á no próximo outono, em Paris, onde, nos salões da Orangerie, será apresentada a coleção de obras reunidas nestes últimos anos no Museu de Arte de São Paulo.

Tal ocorrência, que será seguida da participação do nosso Museu na Exposição de Cézanne, no Art Institute de Chicago e no Metropolitan Museum de Nova York, além de numerosas participações à exposições internacionais, fará com que o mundo conheça o valor e a extraordinária rapidez com que se constituiu a Pinacoteca paulista, fato já considerado em muitos lugares. Um museu — ou melhor, a palavra “museu” significa acervo, antes de mais nada — um museu de arte preserva e estuda materiais de arte. E, para preservá-los e estudá-los, presupõe-se que os possua.

Eis o conceito que prevaleceu quando se

fundou o Museu de Arte de São Paulo. Chegaram ao Brasil, por mérito do Sr. Chateaubriand, as primeiras obras de arte dignas de semelhante nome; foram disputadas aos grandes museus norteamericanos obras primas de incontestável importância; criou-se um grupo de doadores beneméritos e, graças aos “Diários Associados”, surgiu, ou melhor, impôs-se uma mentalidade museográfica. E logo outros museus, calcados neste exemplo, ativaram-se e contribuíram para a criação desta atmosfera de arte.

A afirmação de tal espírito de vida artística levará nosso país bem longe, e o convite que recentemente lhe foi formulado pela diretoria do Louvre, para exibir na Europa o que os brasileiros vêm diariamente no Museu, coroa os poucos últimos anos de trabalho e de paixão artística.

Muitos se recordarão dos histerismos, das polêmicas, dos desabafos de inauditos

complexos de inferioridade, das conjurações de silêncio; e até mesmo das provocações de toda a espécie contra quem se dispunha, a todo o custo, a enriquecer o Brasil com um dos mais modernos museus do mundo. Relembrando esse passado não longínquo, ninguém poderá deixar de congratular-se, e volver o olhar para os milhares de jovens que foram os verdadeiros baluartes do Museu, e que aqui se familiarizaram com os problemas da arte. Durante alguns meses, os melhores quadros da Pinacoteca sulcarão mais uma vez o oceano, juntamente com obras produzidas no Brasil.

No momento de completar este número, o Museu de Arte de São Paulo acaba de receber do prof. Rodolfo Pallucchini, secretário geral da Bienal de Veneza e organizador das grandes exposições que se realizam naquela cidade, o convite de levar também ao Palácio Ducal de Veneza a exposição que está sendo organizada na Orangerie.



Paul Cézanne, *Estaches à Marseille* (Museu de Arte de São Paulo)

Cézanne

Com essa magnífica paisagem que é “Estaches à Marseille”, completa o “Museu de Arte” uma coleção de cinco significativas telas de Cézanne. Parece desnecessário frizar a importância de tudo que diz respeito ao mestre de Aix. Mas, o que mais orgulha a instituição paulista, é possuir justamente telas hoje em dia disputadas pelos grandes museus e colecionadores. Basta dizer, neste sentido, que o Metropolitan Museum de New York expõe, depois do Institute of Art de Chicago, as três telas (“Le Grand Pin”, “Negro Scipião” e “Retrato de Alexis e Zola”) que foram cedidas, a título de empréstimo,

para figurarem na exposição retrospectiva de Cézanne. Museus e editores solicitam reproduções em cores destas telas que marcam momentos característicos das diversas fases da obra de Cézanne. Assim, graças a colaboração de um grupo de doadores foi possível convergir para o Brasil, exemplos tão claros da contribuição do grande mestre para a arte contemporânea. Nesta paisagem “Estaches à Marseille” é evidente o espírito construtivo, aquele sentido de ordem, de organização dos planos quase geométricos que presenciam o aparecimento do cubismo e outras tendências artísticas do nosso século.



Francisco Goya y Lucientes, O Infante Don Luis de Bourbon (Museu de Arte de São Paulo)



Van Gogh, O aluno. Museu de Arte de São Paulo

Van Gogh

Entre as mais recentes aquisições para a Pinacoteca, assinalamos com destaque uma nova pintura de Van Gogh, "O Colégio". Esse famoso Van Gogh pertencera — até há uns meses — à Coleção Meierowsky de Berlim e foi recentemente oferecido e contestado entre inúmeros museus e colecionadores americanos. Essa tela foi no entanto definitivamente arrematada para a instituição paulista. O quadro foi adjudicado ao Museu de Arte graças à generosidade de doadores beneméritos. A festa para a

apresentação da tela foi marcada, em Bahia, por ocasião da inauguração do Grande Hotel de Bahia, sendo madrinha a srta. Quattrini Bianchi, com a presença dos alunos de Salvador. Essa nova aquisição é contemporânea a outras, de igual importância, das quais falaremos no próximo número de Habitat, e teve grande repercussão no campo museográfico, tendo despertado grande curiosidade e interesse para a exposição que o Museu de Arte realizará nos salões da Orangerie, em Paris.

A Moda no Brasil

A posição da moda no Brasil situa-se, aproximadamente, nos seguintes termos: os nossos melhores costureiros tomam passagem num avião, desembarcam em Le Bourget, atravessam Paris, enviam as malas para o Palace Hotel e correm a procurar Christian Dior, Jacques Fath e outros colegas de mais elevada categoria. Examinam as coleções, compram-nas, transportam-nas para cá e eletrizam as senhoras da nossa sociedade capazes de desembolsar as altas quantias de que necessitam. Assim é a moda no Brasil. Por outro lado, os jornais e revistas, que dedicam, como é natural, grandes espaços aos assuntos da moda, aguardam a chegada do "Officiel" ou do "Harper's Bazaar", dos quais atrevidamente recortam ou copiam os figurinos em moda nos demais países. Quer isso dizer que o Brasil é, de fato, em matéria de moda, tributário da cidade que em matéria de modas, é considerada verdadeira Meca — a querida Paris.

Poderá alguém perguntar se tudo isso poderá continuar assim, sem pensar no problema? Ou então, se é possível refletir um pouco acerca da questão sem procurar uma solução que possa, ao mesmo tempo, ser útil à economia nacional e dar início a uma espécie de libertação que, embora lógica, não poderá durar sempre? Sabemos, perfeitamente, que nenhum país poderá criar a própria moda de uma hora para outra. É ela a consequência de um infinito número de pequenos fatores, que não podem produzir-se automaticamente, mas devem surgir pouco a pouco, em correlação uns com os outros, de certos modos de vida, de determinados modos de pensar, de um modo especial de inventar: é como que o desabrochar de uma flor, qualquer coisa de natural e espontâneo.

Este ano, no Museu de Arte de São Paulo, em que se procura dar à difusão do bom gosto ritmo mais acelerado, abordou-se o problema da propaganda, e depois de longos debates, deliberou-se fundar uma Escola de Propaganda que procure, de um ou outro modo, graças ao auxílio de todas as pessoas competentes, criar uma mentalidade brasileira no que respeita ao desenvolvimento dessa importante e decisiva atividade contemporânea. Observou-se que a propaganda no Brasil é quase que inteiramente dependente da que se desenvolve nos Estados Unidos da América. Com isso não queremos dizer que os Estados Unidos não saibam fazer propaganda, assunto em que são verdadeiros mestres, e é perfeitamente natural que um país jovem como o Brasil queira valer-se de tais experiências, aproveitando-as quanto possível. Mas, quanto tempo poderá durar esse estado de coisas?

Assim como no âmbito da moda, também no da propaganda devemos esforçar-nos por começar a ter idéias próprias, ou, em outras palavras, a atentar a criação de mentalidade que mais se coadune com o nosso espírito, com as necessidades morais e práticas daqui. Baseado em semelhantes itens, instituiu o Museu de Arte uma Escola de Propaganda, justificando plenamente a sua intervenção num campo em que aos superficiais poderia parecer alheio às finalidades do Museu. Segundo conceito por nós várias vezes expandido, pensamos que não haverá interesse pela arte, enquanto não se manifestarem interesses em todos os setores que a ela dizem respeito. E é no campo da propaganda que se concretiza, sobretudo, através do desenho gráfico, o campo-chave que leva à solução do problema do bom gosto. Tem muito mais valor o desenhista que lança entre o público de centenas de milhares de pessoas uma produção sua, do que a exposição de um quadro moderno numa galeria de arte. Cumpre-nos impressionar o cérebro e os olhos das massas, e não os indivíduos em particular.

Mas, voltemos ao problema da moda. O Museu de Arte de há muito que estudou e fez estudar o assunto. Alguma coisa se fez. Assim, por exemplo, organizou, o ano passado, um fenomenal desfile de modelos, para a apresentação de uma coleção de Christian Dior; mas a característica do desfile foi a apresentação de uma série de trajes antigos da Renascença, assim como dos séculos XVII e XVIII, para chegar a um costume de Salvador Dali. Pela primeira vez tinha um desfile de modas finalidade artística, e não simplesmente comercial. Outra tentativa de algo fazer-se no campo da moda, foi a criação de uma escola de tecelagem artística, a qual até agora funcionou sem despertar compreensão inteligente: muitas alunas aproveitaram-se do ensejo para aprender a executar tecidos artísticos, arvorando-se depois em técnicas no assunto e instalando tecelagens de objetivos comerciais.

Nesse interim, porém, outra iniciativa empolgava o Museu: foi a participação de algumas senhoras brasileiras na inauguração do Instituto Internacional do Costume e das Artes no Palácio Grasi, em Veneza, senhoras que exibiam modelos aqui executados pela "Casa Vogue", de acordo com os modelos fornecidos pelo Museu. Mas, nem mesmo esta última manifestação logrou alcançar grande interesse, razão pela qual ficou resolvido que se suspendessem tais iniciativas, à espera de mais cuidadoso estudo da questão. A manifestação atualmente em foco, graças à iniciativa do Sr. Assis Chateau-

briand, consiste na vinda ao Brasil do famoso Jacques Fath, que apresentará no Museu de Arte 25 trajes confeccionados com tecidos produzidos no Brasil. É mais um passo à frente, um dos primeiros que visam à moda do Brasil: moda que não se escraviza às imposições francesas. Já representa auspicioso fato sejam os tecidos brasileiros utilizados por um famoso costureiro na confecção de trajes que aqui deverão ser apresentados.

Este preâmbulo todo tem por fim anunciar que o Museu de Arte ingressará agora no campo da moda, com o mesmo estilo adotado para assomar ao da propaganda, propondo-se a criação de uma escola para costureiros e artesãos que se dedicam aos problemas colaterais da moda. Claro está que deveremos ensaiar os primeiros passos. Mas, cogita-se da criação, no Museu, de um centro de atividades, que possa dar origem, algum dia, a uma variedade de moda de inspiração brasileira, liberta de dependências. Cumpre observar-se com muito interesse o que se fez no campo da moda pelos italianos, os quais lograram criar atividades que estão prestes a impôr-se não apenas na Itália, mas ainda em outros países do mundo. Sabe-se que na América a moda italiana já goza de grande aceitação, e que em manifestações de moda, como recentemente ocorreu com os desfiles de apresentação de modelos, foi a Itália convidada, juntamente com a França. Para quem conhece a moda italiana, sabe que talvez não exista país mais devotado à moda francesa do que a Itália; e, quando, antes da guerra, se criou em Turim um Departamento da Moda Italiana, foram os seus organizadores recebidos com os mais irônicos comentários. Através de um amplo trabalho, que contou principalmente com a colaboração dos artistas, foi possível à Itália, a criação de uma moda italiana que, a nosso ver, pode perfeitamente figurar ao lado da francesa — moda que na própria França já conta com adeptos entusiastas.

Tratar-se-á de simples sonho supor que o Brasil possa, com o tempo, é claro, criar algo semelhante? Não dispomos atualmente, nas grandes cidades que são o Rio de Janeiro e São Paulo, de organizações comerciais capazes de contribuir para as atividades da moda? Dissemos, linhas atrás, que a moda é o resultado de pequeninos elementos, de imponderáveis que nos escapam; mas, que seriam tais imponderáveis, colaborando entre si, para que emitam centelhas, necessário se faz tomar uma decisão, com o firme propósito de ir até o fim. E o Museu de Arte de São Paulo pretende, justamente, trabalhar com a máxima atividade em tal sentido.



Crianças

É onde a criança modela a sua fantástica concepção do mundo. Ali, nos cursos infantis do Museu de Arte, dezenas de meninos e meninas, aos sábados, vindos de todos os recantos da cidade, vão às lições de desenho, pintura, gravura e modelagem. Um exemplo para todas as escolas, bibliotecas, parques infantis, dar essas novas oportunidades para que a meninada, livremente, elabore aquilo que é produto mais duro da própria imaginação. Os desajustados na escola ou no lar se corrigem, os conflitos se pacificam e as vocações se revelam quando respeitamos, pro-

fundamente, a atividade criadora do mundo infantil. Eles precisam ficar à vontade, trabalhar sem injunções estranhas, ter diante do papel e do barro a mesma liberdade que encontram quando correm num gramado, ou brincam com uma bola. Necessitam apenas de elementos técnicos. O resto, — tenhamos confiança! — farão sósinhos, porque a imaginação, a fantasia infantil, é por natureza mais prodigiosa que a do adulto. Nos cursos do Museu de Arte os meninos e meninas descobrem um dos prazeres fundamentais da vida: o prazer de criar. E

o que isso vem a representar na formação das novas gerações é fácil prever. A Prefeitura Municipal de São Paulo, atualmente, está intensificando os seus trabalhos nesse sentido. Ela compreendeu, em boa hora, o alcance educativo das iniciativas do Museu, bastando citar o convênio que assinou, através da Secretaria de Educação e Cultura. O convênio vem ampliar o âmbito de ação dos diversos cursos e qualquer criança ou jovem, pode, livremente, desenvolver sua vocação artística nos cursos diversos do Museu de Arte.



Escola de Propaganda. Da esquerda para direita: Professores: Antonio Nogueira, Linneu Schutzer, Renato Castelo Branco, Geraldo Santos, Fritz Lessin, João Carillo, Ruy de Barros Chalmers, Geraldo Wilda, Murillo Mendes (Seminários), Salvador Pintaudi (Mesa Redonda), Rodolfo Lima Martensen (Diretor), Arnaldo da Rocha e Silva

Arte e Propaganda

A concepção enraizada de museu é a de um local atotetado de objetos, silencioso e estático, onde o pó se acumula lentamente sobre peças mais ou menos raras. Será a Propaganda já coisa assim tão preciosa para ser considerada "peça de museu"? Entretanto, os que conhecem o Museu de Arte fundado pelo Sr. Assis Chateaubriand, devem ter logo compreendido o aparente paradoxo, pois sabem muito bem que um espírito inteiramente novo domina esta instituição. Este é um museu dinâmico. Não para, não socega, enquanto não traz a si o público que pretende atingir e educar. Mas, perguntarão muitos, que tem isto a ver com a Propaganda, esta atividade ainda tão mal definida, tão complexa e, vista de certos ângulos, tão prosaica? É que, com a revolução industrial, o capital recorreu à propaganda para a divulgação dos seus produtos agora manufaturados em massa. Os veículos naturais para essa publicidade eram os novos meios de comunicação criados pela técnica. E assim, em poucos anos, a imprensa e o rádio estavam comercializados.

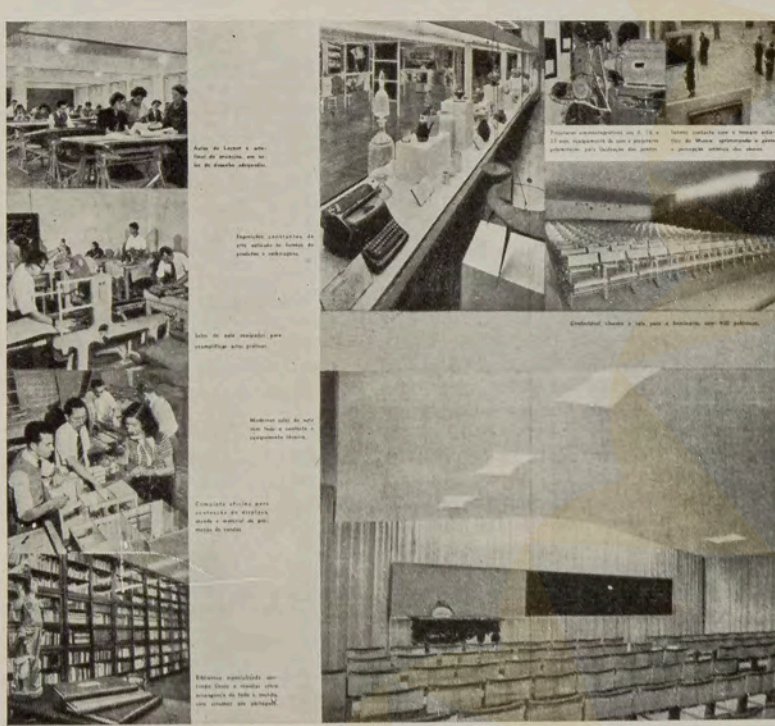
No Brasil, como em muitos outros países, a propaganda comercial é o suporte financeiro de toda a imprensa, do rádio e da televisão. Dois bilhões de cruzeiros são gastos anualmente pelos anunciantes brasileiros através dos vários veículos de propaganda, cifra esta superior aos negócios imobiliários realizados em 1950. Dois bilhões de cruzeiros que se transformam em anúncios, programas de rádio, textos falados e cantados, cartazes, vitrines, folhetos e tantos outros elementos de propaganda. Perguntamos qual o Rembrandt, qual o Picasso, qual o Cézanne ou Rubens que, pendurados nas respeitáveis paredes deste Museu, ou de qualquer outro, podem concorrer, em matéria de divulgação, com o pior dos anúncios de inseticida divulgado com tamanho apoio econômico? O que a direção deste Museu viu, e felizmente viu em tempo, é que, se ela deseja influir realmente na formação artística do povo, é preciso que atue primordialmente na propaganda comercial. E esta só poderá ser atingida através dos homens de propaganda que a concebem, executam e distribuem. Explica-se, assim, o interesse do Museu de Arte pela propaganda comercial, e acentua-se com isso a imensa responsabilidade pública do homem de propaganda.

Sem dúvida, vender é o nosso principal objetivo. Vender produtos, vender ideias, vender serviços, partidos políticos, programas de governo, homens e até nações. Mas, uma coisa é vender destruindo princípios, infringindo as leis, deteriorando o gosto artístico do povo e outra é vender construindo bons hábitos, incentivando a cultura geral, elevando e embelezando a vida. As duas formas de propaganda vendem. A diferença está na dificuldade muito maior e na técnica requerida para tornar realmente popular uma publicidade de caráter elevado, utilizando argumentos sadios e, ao mesmo tempo, de tal forma atraente que consigam captar a atenção e convencer o consumidor.

Aqui estamos com este ambicioso programa de entregar, anualmente, ao Brasil, homens de propaganda com sólida cultura profissional, capazes de atingir os objetivos práticos dos anunciantes e, simultaneamente, contribuir para a elevação do nível cultural do povo. E pretendemos atingir esse alvo ensinando propaganda com a seriedade com que ela precisa ser encarada. Nosso curso foi dividido em 10 matérias básicas, Seminários, Mesas Redondas, Visitas Profissionais e Estágios em Agências.

Deve-se, futuramente, encontrar para a publicidade brasileira uma expressão de sentido nitidamente local. Como Vila-Lobos encontrou para a nossa música, Portinari e Di Cavalcanti para a nossa pintura, Lucio Costa e Oscar Niemeyer para a nossa arquitetura. E não nos venham dizer que aqui somos uns poetas, uns idealistas, uns teóricos sem objetivos definidos. Que não nos venham repetir a velha máxima de que ao povo basta: "Pão e Circo". Investigações de mercado realizadas aqui e no estrangeiro, estão documentando diariamente que também o público se cansa daquilo que parece tanto gostar. Sem dúvida, nossos vícios e fraquezas são botões muito práticos que, devidamente comprimidos, nos levam a agir da forma desejada pelo anunciante. Mas, existe também em nós uma centelha oculta, uma luz bruxuleante, que uma vez alimentada se desenvolve em deslumbrante irradiação de imensurável força. A esta força deve a humanidade todo o seu progresso e a ela é que devemos recorrer para cumprir honestamente nossa tarefa.

RODOLFO LIMA MARTENSEN



A organização da Escola de Propaganda do Museu de Arte foi coroada por um sucesso extraordinário e inesperado. Pois, por uns cinquenta lugares apresentaram-se nada menos de 289 candidados, tendo se tornado portanto necessário um sistema de testes, para a seleção dos alunos. A propaganda para a Escola foi feita por meio de um folheto, em cores, do qual aqui apresentamos as duas páginas abertas. Este folheto foi redigido pelo próprio diretor da Escola de Propaganda, Sr. Rodolfo Lima Martensen, técnico de grande renome, e foi impresso em milhares de cópias na Graphicars Lanzara, com a máxima perfeição e em várias cores num claríssimo off-set. O Sr. Felice Lanzara provou mais uma vez sua simpatia de longa data para com o Museu de Arte dando sua contribuição à Escola de Propaganda. Esta Escola não podia deixar de interessar uma personalidade como a dele, que vem se dedicando ao campo gráfico desde tantos decênios, com gosto e requinte tais de torná-lo conhecido como o mais destacado gráfico brasileiro

Jovem brasileiro na Europa

Sem pretensão alguma, é claro. Mas, o brasileiro que vai à Europa, afinal das contas acaba descobrindo o Brasil; observando, sempre associando fatos e comparando, é nossa vida cotidiana que se amplia e aprofunda. Seguem, portanto, apenas três notas de comparação, três parágrafos dum hipotético caderno de viagem.

No Brasil se "habla el espanhol". Esta afirmação a ouvi tantas vezes que quase acabei acreditando! É inegável que as noções de história e geografia dos europeus se limitam à Europa, no máximo. Naturalmente há explicação para tudo: o estudante brasileiro é obrigado a conhecer a Europa porque nossa história é por demais ligada ao velho continente; dificilmente cometerá uma "gaffe" muito grave. Nada disso se dá com os europeus. Antes da última guerra havia duas Américas em que se pensava: a América do Norte era um país cheio de máquinas e dinheiro, quem ia lá logo ficava riquíssimo (era a época dos "tios da América"); quanto à América do Sul, existia muito vagamente como uma grande floresta tropical, muito índio e serpentes. Foi a própria Sarah Bernhard que ao desembarcar no Rio, entrou num taxi e ordenou ao motorista: "Vamos à jungle!". E quanto emigrado se admirou ao verificar que em nossos hotéis "há" banheiras!

Com o passar do tempo as coisas melhoraram um pouco. Agora, sabe-se que o Rio é uma cidade maravilhosa, há o samba (que eles dançam da pior maneira possível, mas com arrogância, dando pontapés no ar, à direita e à esquerda); e ultimamente descobriram São Paulo, a cidade dinâmica que cresce incrivelmente. É até curioso: toda vez que me declarava brasileiro, perguntaram-me se era de São Paulo; parece que no pareo da popularidade nossa cidade esteja ganhando...

Mas, além destas generalidades, somos bem pouco conhecidos. Os jornais de lá se preocupam quase exclusivamente de assuntos internos: o parlamento, greves e desportos na Itália; a Assembléia, o rearmamento alemão e alguns crimes na França; plebiscitos e impostos na Suíça; o Parlamento e inúmeros raptos e assaltos na Inglaterra. Às vezes a esfera de informações invade audaciosamente o país limítrofe e naturalmente a morte do rei Jorge esteve em todos os jornais europeus. Mas, a única notícia que li sobre a América Latina em geral, foi a do terrível desastre ferroviário de Anchieta. Todos estão tão embebedados e preocupados com seus problemas nacionais que não é de se espantar se pensam estarmos sendo governados por Peron! Mas houve também quem me disse: "Parece que vosso presidente seja aquele Vargas da ditadura... Porque?"

Justiça seja feita, não cabe apenas aos europeus a culpa de sermos tão desconhecidos. Os brasileiros na Europa ficam geralmente um pouco tímidos, com uma injusta vergonha da nossa tão falada "falta de tradição". Tudo isto tem uma história. Já no século passado o jovem brasileiro de "boa família" era mandado para a Europa instruir-se; a Europa era nossa mãe espiritual, venerável progenitora. Em relação ao velho continente, o Brasil era o "tropical selvagem". Depois de muitas décadas de "europeísmo" veio a mania americana: o exemplo, a Bíblia, tudo vinha do "colosso do norte", o país mais mecanizado e "moderno" do mundo. E o Brasil era para os norte-americanos a "selvagem South America". Em outros termos, pas-

samos durante a guerra, do campo imperialista europeu ao americano, mas sempre numa posição de inferioridade. Atualmente estamos amadurecendo com rapidez, para alguns espantosa; e o complexo de inferioridade nos tenta ser imposto pelas companhias de turismo, pelas "X e X do Brasil" e por todos os ricos amantes do "status quo", através da etiqueta: "País do Futuro"! Ora, estando o turista brasileiro geralmente ligado àquelas camadas sociais relacionadas constantemente com esses aspectos formais da influência estrangeira, desenvolve, quando vai ao exterior, dois sentimentos principais: uma espécie de complexo de inferioridade ligado ao fator idade; e um fortíssimo apego e amor à terra que deixou, a saudade. Quanto ao primeiro sentimento é artificial e altamente prejudicial; nosso país tem 500 anos e Paris 2000; e daí? É inútil continuar a nos lamuriar que somos um país jovem e que os muros de Adriano não passam pela Penha mas por Roma! Os fatos essenciais de nossa formação e tradição, os fatores básicos de nosso progresso, devem ser hauridos de nossas próprias circunstâncias e desenvolvimentos num processo do qual a influência europeia pode participar sem mais ser, no entanto, essencial. Neste assunto dúbidas "hamléticas" não têm mais cabimento.

O turista brasileiro, porém, não conta vantagens; veio ver, aprender, é humilde. É uma característica simpática mas naturalmente não ajuda a tornar conhecido nosso país na Europa. Os fatos mais essenciais e próprios de nosso povo são lá ignorados (e, aliás, pouco divulgados até entre nós!). O folclore, a vida e costumes nossos, nossas características essenciais, o espírito tão ricamente democrata de nosso romanticismo, tudo isso não é levado para lá. É através de meios oficiais tampouco parece haver a preocupação de divulgar a realidade brasileira. Mais valeria uma boa temporada do Teatro Folclórico, exposições coletivas de pintura brasileira e especialmente intercâmbio de caravanas de estudantes e jovens, do que as frias relações e troca de boletins comerciais que resumem os atuais "esforços" oficiais de propaganda brasileira na Europa.

Longe de mim a intenção de fazer um depoimento definitivo sobre as juventudes da Itália e França. Mas há certas coisas que convem anotar e aspectos interessantes de comparar.

A juventude italiana é antes de mais nada apaixonada; tem o espírito polêmico típico de seu povo, espírito esse que pode ou não ser bem orientado. Mas não há dúvida que essa juventude é positiva, construtiva. Pensa, tem em geral forte espírito associativo, reúne-se e luta por ideais que defende. A consciência política é um fato e os partidos, que não são apenas facções eleitorais, têm suas secções legais na Universidade. No mês de Janeiro, toda quarta-feira, um professor, senador que lutou na resistência anti-fascista, dava sua aula na Universidade de Roma. Os jovens neo-fascistas (porque os há e até vivem frequentemente com as "costas quentes", organizaram uma verdadeira algazarra, visando impedir o prosseguimento das aulas; os jovens democratas, filiados a vários partidos, logo revidaram. Consequência: semanalmente iam feridos para o pronto socorro, havia intervenção policial etc.! Evidentemente esses jo-

vens não são apáticos nem se pode dizer que sejam impermeáveis às questões importantes de seu país. São cidadãos conscientes, se uma tal generalização for admitida; cidadãos definidos no setor universitário, muito mais isolados do setor profissional do que os jovens brasileiros, mas já ligados às demais esferas sociais. E a clássica juventude de St. Germain des Près e do Quartier Latin, a juventude na qual os saudosistas falam com um "quem me dera..."? Ao primeiro contato os jovens parisienses são uns "figurinhas" muito engraçados, com seu trajar típico: um casaco tipo saco, com capuz, sapatos que mais parecem carros blindados, e as moças com "sweaters" e calças compridas. Depois de algum tempo, a gente percebe o quanto são desleixados, sujos e maltrapilhos. E finalmente é se obrigado a constatar que são um caso muito triste... Uma juventude desorientada que vive de dia para dia, continuamente nos cafés, bem pouco produtiva, sem perspectivas que não as imediatas, de interesses ecléticos e pouco profundos. A vida é difícil na França, mas na Itália e Inglaterra também. Os estudantes em geral têm medo de terminar seu curso porque sabem que não ser estudante significa nesses países inicialmente ser um desempregado; esta falta de perspectivas, a dureza e competição árdua se nos depararam constantemente. Mas em Paris este medo de terminar o curso torna-se mórbido; há uma constante evasão da realidade, medo de encarar, desinteresse e apatia em relação ao futuro. É, em outros termos, a juventude típica dum classe decadente. Porque é burguesia francesa mais decadente, ou mais típica e aparentemente decadente do que a de outros países não cabe na presente nota, mas é esta a impressão que dá a um turista de olhos não fechados.

Durante o dia os jovens da "Rive gauche" vivem nos cafés, no fim da tarde eventualmente vão a um cine-clube (onde, aliás, os debates costumam ser dum nível baixíssimo), à noite alguns vão ao teatro, mas a grande maioria fica nos cafés, brincando com máquinas papaniquéis; ou nas frenéticas "caves" onde dançam terríveis "boogies". Tudo muito simpático e "cosy", todos se conhecem, comem enormes sanduíches, beijam-se muito etc. Mas para onde leva esta vida vazia? Evidentemente o existencialismo (lido muito pouco, penso, por esses jovens) dá uma base teórica a esse "modus vivendi": suas teses do agnosticismo, das pessoas irremediavelmente isoladas, da impossibilidade de resolução positiva de problemas, apontam intelectualidade negativa, decadente (mesmo se talentosa); o mesmo aspecto assume a juventude parisiense; e os mesmos motivos poderão ser encontrados na base. Naturalmente nem toda a juventude francesa é tão negativa e desligada da realidade; cometeria uma grande injustiça ao generalizar. Mas assim é aquela juventude de estudantes parisienses na qual costumamos pensar com injusta inveja: a "jeunesse dorée" de St. Germain des Près.

A "Associazione per una Architettura Organica" reuniu uma noite diversos arquitetos, muito jovens, para discutir arquitetura brasileira. Havia o brilhantíssimo Bruno Zevi e o conhecido Piccinato que já nos visitou certa vez. Depois de vermos uma centena de diapositivos coloridos (desde arquitetura colonial até fotomontagem das últimas obras de Niemeyer),



"Veneza discutindo", de Saul Steinberg, o surpreendente desenhista que é esperado com uma exposição individual no Museu de Arte de São Paulo

começaram os debates. Inicialmente convém anotar que na Itália (em ambientes profissionais) faz-se muitas restrições e críticas à nossa arquitetura; mas muito frequentemente nestas críticas se nota um curioso rancor ou despeito, uma vontade de criticar a todo custo. Será que os italianos, os melhores construtores, os de melhor gosto na decoração, sentem um pouquinho de inveja subconsciente da onda e moda feita por nossa arquitetura? Indubitavelmente muitas das críticas feitas naquela reunião são justas; primeiramente têm horror ao formalismo e a tudo que é arbitrário em construção; consideram muitos de nossos prédios como jogos estéticos desligados da realidade construtiva (e têm frequentemente razão). Em segundo lugar, há quem considere nossa arquitetura contemporânea como desligada da arquitetura menor, tradicional, aquela feita espontaneamente por nosso povo; aqui também a crítica é exata. Muita coisa de tradicional, de essencialmente brasileiro, o encontramos em nossa arquitetura moderna, especialmente os conceitos de leveza, estrutura definida, coloração abundante e controle de luz e calor. Mas, sabemos que muitos arquitetos deveriam estudar com mais seriedade esta tradição construtiva, pois arquitetura é a arte de mais direto alcance social e hoje em dia o problema da ampliação cultural é muito mais importante que o aprofundamento individualista.

Finalmente houve quem tecesse comentários mais superficiais e formais; essas críticas diziam respeito a Le Corbusier e sua influência em nossa arquitetura. Infelizmente fez-se tanta onda em torno do risco desse arquiteto para o Ministério da

Educação que alguns arquitetos italianos acreditam de boa fé ser nossa arquitetura uma mera transplantação dos cânones de Le Corbusier. Chegam a considerar os volumes claramente definidos de nossas edificações, como contrastantes e não compatíveis com nossa natureza (?). Como se a arquitetura devesse subitamente assumir formas topográficas ou vegetais! Naturalmente é algo difícil para um europeu compreender o surto espontâneo mas motivado de arquitetura brasileira; é mais fácil para eles explicá-lo como uma eclosão artificial e imposta sem razões essenciais e de base. Deveriam eles, porém, pensar nalguns fatores: uma arquitetura não se espalha e é aceita de modo tão universal se não há condições para tal; existe uma tradição construtiva no Brasil, não morávamos em taperas antes de entrarmos em aranha-céus. Os europeus descobriram o Brasil há uns dez anos... mas nós já existíamos antes. E finalmente deveriam tentar compreender, coisa, aliás, não fácil, o que significa uma cidade de dois milhões de habitantes, com 400 anos de idade, cujo centro foi espontaneamente feito em dez anos e em cujo perímetro urbano dificilmente se encontram casas do século passado. Este crescimento fabuloso torna nossa cidade semelhante à Chicago de 1900, cidade na qual as condições de crescimento deram vazão a uma importante eclosão arquitetônica. Os tempos são outros e diversas foram as condições; por isso nosso surto arquitetônico tem características formais (e defeitos) próprios. Le Corbusier, ou mais precisamente, o Ministério da Educação, foi apenas um catalizador, um bonito exemplo. Naturalmente

nossa arquitetura tem inúmeros defeitos, alguns até bem graves, como o formalismo e a arbitrariedade construtiva; isto os arquitetos italianos o percebem facilmente. Mas a existência desta arquitetura é legítima e devida a condições claramente definidas.

No fim dos debates perguntaram-me a opinião sobre a moderna arquitetura italiana; conhecendo-a muito superficialmente aventurei timidamente um palpite meio intuitivo: falei numa arquitetura atarracada, presa, pouco poética e por vezes arbitrária, por razões estéticas; geralmente bem construída e dum gosto seguro. Como acontece por vezes com palpites intuitivos, parece que toquei no ponto fraco. Evidentemente o problema do formalismo não é pecado apenas nosso. Até na Europa-mãe...

Depois destas notas de viagem meio soltas, a conclusão tampouco pretende ser uma brilhante confirmação de tese; apenas algumas sugestões: às entidades estudantis, um esforço maior para manter contatos vivos com os jovens europeus e trocas de viagens e bolsas; às entidades oficiais, uma mais farta e insistente distribuição de revistas brasileiras e patrocínio de atividades artísticas tipicamente brasileiras; e finalmente uma sugestão aos demais colegas turistas brasileiros na Europa: às vezes menos timidez e silêncio, coragem de contar coisas nossas e de dizer que o litoral paulista é muito mais bonito que a Côte d'Azur e a moça brasileira muito mais asseada, mais bonita e chic das que se vêm nas ruas de Paris!

JORGE WILHEIM



Lydia Alimonda, pianista brasileira, teve o grande merecimento de trazer aos nossos auditórios composições de autores modernos, contribuindo assim ao desenvolvimento da música contemporânea em nossos meios musicais. Sentiu Lydia Alimonda esta mesma mis-

são, levando ao conhecimento das plateias europeias durante sua estadia no Velho Continente.

Lydia Alimonda vem de constituir junto a sua irmã, a violinista Altea Alimonda, o Duo Alimonda cuja finalidade é a apresentação de sonatas de violino e piano

MÚSICA

Repercussão na Europa

A divulgação da música brasileira, durante os anos que passei recentemente na Europa, ocupou sempre lugar predominante dentro de minha atividade musical. Tive assim, ocasião de ouvir as mais variadas opiniões a seu respeito.

Sei, desde já, que, provavelmente, os comentários ouvidos e que reproduzirei aqui, provocarão reações. Espero, porém, que esta crítica à nossa música venha ser construtiva no sentido de poder ela, um dia, representar um autêntico valor ao lado dos valores internacionais.

Lembro-me de quando, executando uma obra brasileira para piano e orquestra numa estação de rádio europeia, o regente, mal feito ainda do esforço dispendido em acompanhar o exótico ritmo, assim me interpelou: "Mme. Alimonda, muito decorativa esta música, mas além disso, o que possuem vocês, no Brasil, de música séria?"

"Música séria"? exclamarão os leitores espantados.

A mim, porém, já não mais me causou espanto, pois, em outras ocasiões ouvira palavras semelhantes. Em Viena, depois de executar trechos brasileiros, um ouvinte dirigiu-se a mim com estas palavras: "Que coragem tem a senhora de viver num país onde índios, onças e cobras andam às soltas; mas, como descreve bem essa atmosfera selvagem esta música!"

Não julgamos severamente o curioso vienezense pela ridícula observação; pois a culpa cabe em grande parte aos nossos

consulados no Velho Mundo, que mal possuem material de propaganda, quer turística, quer cultural sobre o nosso país. Por ocasião do Festival de música moderna, na Alemanha, onde fui convidada para apresentar música brasileira, os comentários ouvidos a seu respeito começaram a me preocupar, perguntando-me, a mim mesma, quais seriam as razões básicas que provocavam essas reações.

Que a música brasileira desperta sempre curiosidade pela sua variedade rítmica, já sabemos. Mas, qual o interesse que a obra desperta pelo seu valor musical?

A nossa maior pretensão e o nosso maior orgulho têm consistido num permanente enaltecimento de nosso folclore e a ele atribuímos todo o valor de nossa música.

Sem dúvida alguma, o movimento nacionalista começado na última década do século XIX constituiu marco importante na história de nossa música, mas a evolução decorrente do mesmo tem se processado lentamente. Quais as razões que contribuem para este fato? A maioria dos compositores de "tendência nacionalista" emprega em sua obra o folclore no seu aspecto superficial, sem se aprofundar no conhecimento sociológico da matéria. O nosso folclore deve ser pesquisado, estudado e trabalhado persistentemente pelos nossos compositores.

Não é que seja mal termos em nossa obra musical, danças, toadas e batuques (é até necessário...), mas será essa a meta dos compositores? A variedade rítmica e me-

lódica de nosso folclore deve certamente "existir" em nossa obra, mas, como meio somente e não como preocupação básica superando esta a própria estrutura musical.

Oportuno seria lembrar as palavras do grande Mário de Andrade. Dizia ele que no processo de individualização de qualquer música nacional "nos países em que a cultura aparece de emprestado que nem os americanos", há que passar por três fases sucessivas: a fase da tese nacional; a fase do sentimento nacional e a fase da inconsciência nacional.

E continua dizendo que só nessa última fase "a Arte culta e indivíduo culto sentem a sinceridade da convicção coincidirem".

Bartok é um exemplo típico de compositor nacionalista que através o folclore criou uma linguagem própria, de elevado nível estético, sem contudo, perder as características nacionais.

O fato de nosso país ser novo e estar em plena fase de formação cultural, a frente de numerosos problemas sociais, contribui, sem dúvida, para que nossa música não tenha atingido ainda um nível de maturação. Para tanto é necessário não só amparo e proteção ao compositor como também que se tenha para com a divulgação da cultura brasileira em geral o mesmo entusiasmo que se dedica à divulgação de nosso futebol.

LYDIA ALIMONDA



Yanka Rudzka numa atitude de dança expressiva

BAILADO

Conjunto de dança expressiva

Inspirando-se nas novas tendências da dança moderna, o Museu de Arte, organizou, recentemente, uma verdadeira escola de bailado, em moldes absolutamente novos e alheios às fórmulas tradicionais do bailado clássico. Trata-se do Conjunto de Dança Expressiva, orientado pela bailarina Yanka Rudzka e com a colaboração de Halina Biernacka e Yvone Levi. É este mais um empreendimento do Museu para ampliar o campo de ação da arte contemporânea. São Paulo já possuía inúmeras escolas de bailado, mas faltava justamente uma ligada aos modernos aspectos da dança. O bailado clássico, o bailado das cinco posições fundamentais, dos 32 passos e das 108 variações, está condicionado a uma série de exigências que nem sempre permitem a plena expressão do espírito da nossa época. Desde Isadora Duncan, Mary Wigman, Kreutzberg e Pailuca que a renovação do bailado vem triunfando em todas as partes do mundo. A escola de Hellerau e Dalcroze na Alemanha, já antes da primeira Grande Guerra, lançava esses valores novos e definitivos da dança moderna e o bailado expressivo rompeu com a tradição dos

movimentos retilíneos, tão característico do espírito clássico — para enriquecer a dança de movimentos curvilíneos e mais livres. O próprio desenvolvimento do tradicional "ballet", na sua forma neó-clássica, acabou por aceitar os movimentos curvilíneos. A consagração de Martha Grand, é hoje em dia uma das mais puras manifestações dessa tendência, tão individualista, tão rica de sugestões e palpitante como a vida moderna. Yanka Rudzka, a bailarina que veio orientar o novo conjunto do Museu de Arte, traz a consciência clara desse problema. Estudou com Ruth Sorel e Georg Groke, primeiros bailarinos da Ópera Estadual de Berlim e aperfeiçoou-se, mais tarde, com o grande Harald Kreutzberg. Foi diretora do Instituto Estadual de Dança Moderna, na Polônia e professora de movimento expressivo, em Lodz, naquele mesmo país.

Depois, Yanka resolveu levar a outras partes do mundo essa nova manifestação de arte. Em 1948, fundou uma Escola de Dança Moderna em Buenos Aires e no ano passado dirigiu cursos de aperfeiçoamento nas escolas de dança de Milão. Estu-

dou portanto o bailado clássico e o expressivo. Serve-se do primeiro, que não despreza, como uma parte de sua técnica. Acredita que a forma mais condizente com a realidade da nossa época é esta em que o movimento traduz os mais íntimos sentimentos, as idéias pessoais, a imaginação livre e torna a personalidade mais evidente. Yanka Rudzka procurará difundir entre os já inúmeros jovens que frequentam o Conjunto de Dança Expressiva um perfeito domínio do corpo, além de um trabalho consciente que estilize o gesto natural, porque para transformar os movimentos em arte, em dança, não há cânones determinados. Embora a dança exija forma, necessita-se ir além da forma pura. Os movimentos, as atitudes mais abstratas, estão delineados pelo corpo. E esta forma, que é forma e conteúdo ao mesmo tempo, corresponde ao momento fundamental da dança, o tear onde ela tece sua expressão dinâmica. Muitas vezes o artista perde riqueza expressiva ao subordinar sua forma aos sons. A música não pode ser elemento predominante, mas sim acompanhamento para a expressão do artista. A dança fala e a música acompanha.



No exame de seleção para o Conjunto de Dança Expressiva, centenas de moças, durante vários dias submeteram-se às provas eliminatórias. No Museu de Arte de São Paulo, criava-se um novo centro de interesse em torno da dança moderna



A professora Yanka ensinando

Desde 1950 que o ensino do bailado merece do Museu de Arte uma atenção especial. Periódicamente, a professora Kitty Bodenheimer seleciona um grupo de meninas para o Curso de Bailado Infantil





A professora Yanka ensinando



Duas jovens alunas



Cada vez se acentua mais o interesse da juventude por uma carreira artística. Foi num ambiente de intensa expectativa que moças inscritas às provas de seleção do Conjunto de Dança Expressiva, aguardavam a ordem de chamada e o resultado do julgamento





TELEVISÃO

Lições de arte para 20.000

Lições de arte para mais de 20.000 pessoas! Assim se traduz o alcance do programa educativo realizado pelo Museu de Arte, todas as sextas-feiras, na PRF3-TV (Televisão Tupi de São Paulo). Hoje em dia, existem em São Paulo cerca de 30.000 aparelhos de televisão, distribuídos nos lares, nos colégios, nos clubes, nos restaurantes, nos bares, nas vitrines de casas comerciais, etc. Calcula-se em 300.000 o número de telespectadores. Portanto, quando se diz 20.000 espectadores para o "Video de Arte", calcula-se um mínimo. Qualquer pessoa interessada na elevação do nível de cultura do nosso povo pode prever o surpreendente resultado educativo de um programa que há vários meses vem ilustrando os principais capítulos da história da arte, focalizando os costumes e a história de cada época, para finalmente destacar a obra de um determinado artista, o mais representativo de uma tendência ou de um estilo. Assim, já foram apresentados os seguintes programas: "História do Retrato", "Idade Média e Renascimento", "Barroco", "Rubens", "Holanda do século XVII", "Rembrandt", "Decadência do Barroco", "Neo-classicismo e David", "Ingles", "Romantismo", "Delacroix", "Realismo e Courbet" e um programa sobre "A Paixão", durante a Semana Santa, baseado no texto do Evangelho e ilustrado com telas célebres. A primeira transmissão pela Televisão, no Brasil, foi feita durante a inauguração das

novas instalações do Museu de Arte. Desde esse momento estabeleceu-se ligação íntima entre as duas iniciativas dos "Diários Associados". As artes plásticas teriam, como têm tido, na televisão, o seu melhor veículo de difusão. E isso foi possível graças ao espírito que domina os "Associados", criador de um museu, de duas televisões, dezenas de jornais e estações de rádio. O próprio Museu, há cinco anos, vem lutando para desenvolver um clima de interesse pelas artes plásticas. Dizemos lutando, porque o Sr. P. M. Bardi, em 1947, alguns meses antes de inaugurar o Museu, reunia, com relativa dificuldade, uns 20 alunos de história da arte. Era essa a atmosfera existente em São Paulo naquela época. Quando um crítico de renome, estrangeiro ou nacional, fazia uma conferência ou ministrava um curso, os organizadores dessas palestras se desdobravam para apresentar um auditório que não envergonhasse o orador. Sempre encontrávamos as mesmas pessoas, aqueles fanáticos, aqueles apaixonados, mas sempre também estava ausente o grande público, o público que é preciso conquistar, formado por estudantes, por médicos, advogados, engenheiros, professores, etc. Vencida essa primeira etapa, agora se apresenta um programa de arte, educativo e didático, como uma consequência natural e de interesse para a própria televisão, bastando citar que foi um dos primeiros programas financiados.

Uma posição que o Museu conquistou mercê das suas inúmeras atividades didáticas, dos seus cursos, do fato de ter se transformado, como era de seu propósito inicial, em museu-escola, museu-vivo, participando diretamente na vida da cidade. Um programa como o "Video de Arte" deve demorar, no máximo de 10 a 15 minutos; cada imagem fixa não pode permanecer no "video" por mais de alguns segundos, senão "queima", isto é, quando aparecer uma nova imagem, a anterior, que ficou muito tempo, deixa marcas claras no aparelho. Além disso, uma imagem fixa é por natureza monótona e não deve ultrapassar uns 10 segundos, o suficiente para ser devidamente apreciada. Assim sendo, para cada programa de 10 minutos, o produtor deve selecionar, pelo menos umas 60 a 70 reproduções, isto quando o programa é feito nos estúdios, diante da câmara de televisão. Outro ponto que o produtor deve ter em mira é a movimentação das câmaras, porque a forma das obras de arte nem sempre coincidem com a forma do "video". Torna-se necessário, através de um movimento de câmara, mostrar toda obra através de uma sequência de detalhes. Nem todas as reproduções saem bem na televisão, então é necessário eliminá-las. Daí, o primeiro problema do produtor é reunir de 100 a 120 reproduções, considerando os possíveis cortes.

Escolhido o assunto, selecionadas as reproduções, começa a redação do programa. Surge então, simultaneamente, uma infinidade de problemas: uma sequência interessante das imagens, ritmo, apresentação indispensável das principais obras de um período ou de um artista; movimento das câmaras, entrada da música, dos cartazes, da narração; clareza de exposição, vivacidade e rigor histórico e artístico nos comentários. O ritmo é um fator importantíssimo, razão pela qual o produtor assinala que em certos momentos o locutor silencia ficando apenas a música. E essa intercalação da música depende da qualidade da imagem e do tempo já utilizado durante o programa, com a narração. O produtor escreve, anota todas essas particularidades: sequência das imagens, tempo para cada imagem, movimentos da câmara (travelling, panorâmicas, etc.) e escurecimentos, fusões, "volet", etc. É a tarefa semelhante à produção de um documentário cinematográfico por semana. A maioria desses programas estão sendo feitos com reproduções, devido justamente a rapidez com que as imagens devem ser trocadas, (através de quadros originais não é possível). Acresce ainda que os vernizes dificultam a rápida iluminação de um quadro.

As reproduções, depois de redigido o programa, são numeradas e divididas em três grupos, um para cada câmara de televisão. No programa escrito esta anotado em que câmara está determinada fotografia. O locutor e o diretor do programa seguem facilmente essa numeração, criando o ritmo das imagens. O mesmo se poderia dizer do técnico de som. Cabe ao diretor acionar os comutadores que transmitem a imagem que está sendo recebida pela câmara 1, 2 ou 3. O menor erro prejudica totalmente o programa. O produtor permanece ao lado do diretor, justamente para orientar os lances principais do programa. Atualmente cada um dos "Videos de Arte" está sendo produzido por Flávio Motta, assistente do Museu, com a supervisão de P. M. Bardi, diretor do Museu, direção de Jorge Ribeiro, narração de Heitor de Andrade, diretor da Rádio Difusora e um dos mais destacados radialistas de São Paulo.

O "Video de Arte", pelo seu nível cultural, é um programa que marca elevado plano de trabalho que, com sucesso a PRF 3-TV de São Paulo, principia suas atividades.



A consulta à biblioteca do Museu de Arte é o primeiro passo na elaboração do programa artístico para a televisão



Durante muitos anos, o diretor do Museu de Arte reuniu neste arquivo uma coleção com mais de 20.000 reproduções. Grande parte desse material é utilizado nos programas da Televisão-Tupi



As reproduções são classificadas e ordenadas de acordo com o plano geral do programa



No programa sobre Rembrandt foram usadas 82 reproduções. O texto deveria ser condensado para quinze minutos

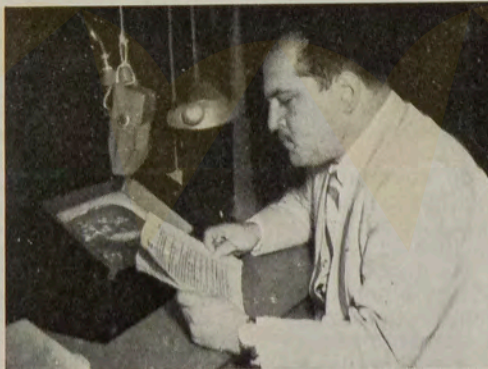


Um programa feito no estúdio, com reproduções, torna as imagens mais claras e fieis do que um programa filmado

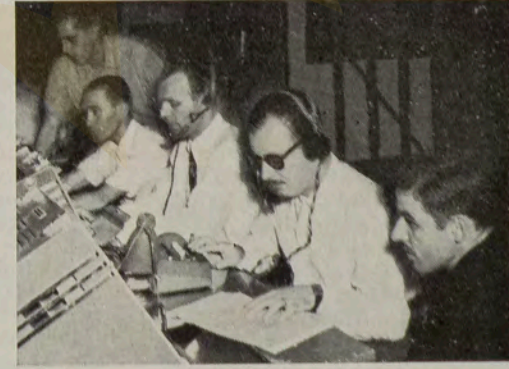
Há pouco mais de um ano que a primeira estação de televisão da América do Sul está transmitindo seus programas. O Museu de Arte, a Universidade, os escritores e educadores estão fadados a uma intensa colaboração com esse poderoso veículo de difusão de conhecimentos. Tendo já atingido uma grande penetração nos interesses do público, a televisão merece, e exige, o concurso de homens preocupados com a elevação do nível cultural do grande público



No estúdio da PRF3-TV, durante o ensaio de um programa, o produtor esclarece o "cameraman", qual o detalhe de uma paisagem de "Rembrandt" que deverá ser enquadrado



Heitor de Andrade, diretor da Rádio Difusora de São Paulo, é o narrador do "Video de Arte". A sua atuação muito tem contribuído para o êxito do programa



Jorge Ribeiro dirige o programa tendo ao lado o produtor. O diretor mantém o ritmo do programa, comandando as câmeras, a sonoplastia e o locutor



Nacionalismo e museus

Sob este título, o "Estado de São Paulo" (17 de abril) publicou a seguinte nota:

"Dizer que o Brasil, País de tão intenso caldeamento étnico, não pode prescindir da colaboração do trabalho estrangeiro, é lugar comum. E acrescentar que São Paulo, forja formidável em que se misturam todas as raças do mundo, mais do que qualquer Estado da Federação, precisa dessa colaboração, é mais do que lugar comum: é "slogan" de cartaz de bonde. Até aí, todos de acordo. Mas até os lugares comuns se tornam incômodos, quando exagerados. O jacobinismo, o "chauvinismo", o nacionalismo apaixonado, são sentimentos retrogrados e inconvenientes ao progresso da Nação. Perfeitamente. Mas não partamos de uma premissa certa para chegarmos a uma consequência errônea, por força dessa nossa liberalidade sentimental e instintiva, que é a do caboclo, o qual dá a cama ao hóspede de uma noite e vai dormir na cocheira com os cavalos... Não tenho má-vontade nenhuma com os estrangeiros que estão tomando conta de São Paulo; mas, positivamente, eles estão exagerando..."

"Os senhores compreenderiam, digamos para exemplificar, um museu da França que tivesse como diretor um panamenho ou um filipino? Creio que não. Entretanto, em São Paulo, olhem os senhores os museus de arte, que se criaram de uns anos para cá. Há algum brasileiro que os dirija? Se há, é favor informar

porque eu não conheço. Somos tão ignorantes, tão incompetentes assim? Não haverá por acaso perdido, nestes vastos oito milhões de quilômetros quadrados, um nativo qualquer com capacidade para dirigir um museu? Não há artistas no Brasil? No Brasil não há críticos?"

"Muito simpáticos os estrangeiros, sobretudo porque estrangeiros. Estropiam amavelmente a nossa língua e nos ensinam coisas que em geral não ignorávamos, porque na língua deles, já as havíamos lido nos mesmos livros de que extraíram a sua ciência. Por mais amáveis que sejam, todavia, não deixa de ser humilhante para nós verificarmos que, entre tantos indivíduos que pintam, esculpem ou escrevem, entre tantos artistas e intelectuais, um só não existe, nascido no Brasil, com credenciais de um dirigente de organização artística. Não conheço a Tunísia, mas tenho lido as reportagens de Novais Teixeira; e muito duvido que na Tunísia o diretor de um museu seja francês. (Aos leitores menos prevenidos aviso que a Tunísia é uma colônia da França)."

"Essa forma de colonianismo é das mais perigosas, porque circunscrita ao terreno cultural. Por mais inteligente, por mais liberal, por mais aberto que seja às idéias alheias, um italiano é sempre um italiano, como um alemão é sempre um alemão e um abissínio há de ser toda a vida um abissínio."

"Um museu, no seu sentido moderno, não é uma simples coletânea de quadros mais ou menos célebres. É um orga-

nismo vivo e participante da vida artística de um país; tem que sentir, tem que se integrar no ambiente em que funciona. Com um diretor estrangeiro? Permitam-me ao menos — se é que a um brasileiro ainda se permite alguma coisa — a faculdade humilde de duvidar..."

Encarando as coisas desse ponto de vista, o "Estado de São Paulo" quer afirmar que os únicos brasileiros autênticos são os índios, e, se os índios por sua vez tivessem raciocinado da mesma forma, o nosso Julinho Mesquita seria hoje um arabezinho do deserto saudita ou líbico. A família estrangeira Mesquita pode vir ao Brasil, fazer fortuna, e enriquecer o país com um dos mais reacionários jornais do mundo: porque, então, censura os estrangeiros, (embora através de pseudo-protestos de simpatia) que aqui chegam para contribuir para o desenvolvimento moral do Brasil?

Trata-se de diretores de museus, e o articulista, com evidente rancor e desprezo, fala de italianos, alemães e abissínios, como para dizer que italianos e alemães sejam uma espécie de gente de cor. Mas, por circunstâncias da história demográfica italiana, e alemã, estas raças não têm outra cor que a branca, e a Itália já tinha legado à história do mundo Virgílio e Dante, Giotto e Pier della Francesca, Tomaz e Leonardo, ao tempo em que Américo Vespucci dava à ilustres famílias árabes a possibilidade de vir à América vender suas quinilhanias; e, por outro lado, os alemães revoluciona-

vam a religião européia e tinham criado o gótico, Alberto Dürer nascera, enquanto as ilustres famílias árabes, que viviam do pastoreio, com quatro ovelhas e duas cabras, procriavam os filhos, os filhos aos filhos, e assim por diante, até que, premidos pela necessidade, tiveram de atravessar o Mediterrâneo, primeiro e depois o Atlântico.

Não desprezamos os vendedores de quinquilharias, pelo contrário. Mas, não queremos que os filhos de vendedores ambulantes, pelas colunas de seu jornal, estabeleçam antipáticos paralelos entre italianos e alemães e tribus abissínias, que se aparentam muito mais à família Mesquita do que a famílias da Itália ou Alemanha.

Se brasileiros entenderam de confiar a direção de dois minúsculos museus a dois estrangeiros, não nos parece que esteja em jogo a honra brasileira ou a segurança nacional. Tanto mais que os italianos houveram por bem confiar desde muitos anos, a direção de um grande museu a um brasileiro do Pará, o senhor Dioclecio Redig de Campos, e sentem-se honradíssimos. E, nem em sonhos, qualquer jornalista da educada imprensa de Roma se lembrou de protestar.

Mire-se o "Estado de São Paulo" — cuja direção, de resto, está praticamente nas mãos de um redator de nacionalidade italiana — mire-se na civilidade dos jornais europeus. Aprenda a não degradar-se com notas de um estilo verdadeiramente colonial, ao gosto de mercadores de escravos.

Recentes descobertas

"Atenção... atenção!" — levanta-se alguém, numa das reuniões da Comissão dos Festejos do Quarto Centenário e diz — "suspendam todos os trabalhos, parem tudo, estamos fazendo uma grande asneira. Imaginem os senhores que acabo de saber da existência de documentos que provam que o Brasil foi descoberto em 1952".

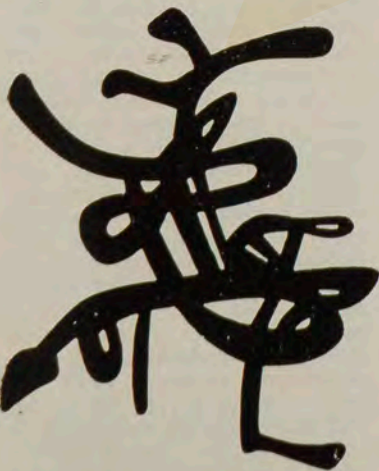
Também numa reunião da Comissão do Centenário, virase um padre jesuíta e propõe trazer para São Paulo a tibia de Anchieta. Vai o escritor Oswald de Andrade, o antropofágio, aproveitando a inspiração do clérigo, renova a proposta: "Pois eu proponho — diz Oswald — trazer para São Paulo a coxa da Luz del Fuego".

E agora que fazer?

Veio a São Paulo uma comissão de críticos para escolher uma série de quadros de acôrdo com um critério de alta estética: ótimo para expor em Paris, regular para o Chile, mais ou menos para o Japão. Percorrem zelosamente ateliers e exposições. Chegam a uma galeria em que estão expostos quadros de Bonadei e ficam demoradamente a discutir qual o melhor dêsse artista, dentre os que ali estão sendo exibidos. Depois de grandes confabulações, debates, pareceres estribados nas mais recentes doutrinas, escolhem, finalmente, uma tela. Surpresa geral: o quadro escolhido não era de Bonadei, mas do pintor Novelli, que estava expondo suas obras juntamente com Bonadei. Os nomes dos críticos integrantes da comissão estão sendo cuidadosamente escondidos.

Sociais

Estiveram em São Paulo os críticos Mario Pedrosa, Antonio Bento e Flávio de Aquino que se fizeram acompanhar da senhorita Maria Eugênia Franco.



Hieroglífico, sobre o qual um bom crítico de arte conseguiria escrever até cem páginas

Bienal

Bienal de Veneza — No último número (janeiro de 1952) da revista "La biennale di Venezia", órgão oficial dessa exposição internacional, o crítico Marco Valsecchi, num estudo sobre o desenvolvimento das artes no Brasil, após ter assinalado a tendência dos intelectuais a aprofundar cada vez mais a cultura européia e a importância que tiveram nesse sentido, depois da anterior guerra mundial, a "Semana de Arte Moderna" e a chegada ao Brasil de Lasar Segall, escreve: "No segundo após-guerra, a criação em São Paulo do Museu de Arte, fundado por Assis Chateaubriand e dirigido por P. M. Bardi, que criou nesse Museu uma escola de arte no sistema de Bauhaus de Gropius, chamando professores que já estiveram nessa famosa escola alemã, marcou de modo mais profundo e ainda mais decisivo aquela tendência inicial. Mas seu maior merecimento é o de ter criado, quase, uma necessidade, uma consciência cultural no País, estimulando uma porfia de iniciativas, de doações dignas de Mecenas à nova pinacoteca, que conta agora com obras de Ticiano, Rembrandt, Tintoretto, Veronese, ao lado de Cézanne, Renoir, van Gogh, Modigliani".

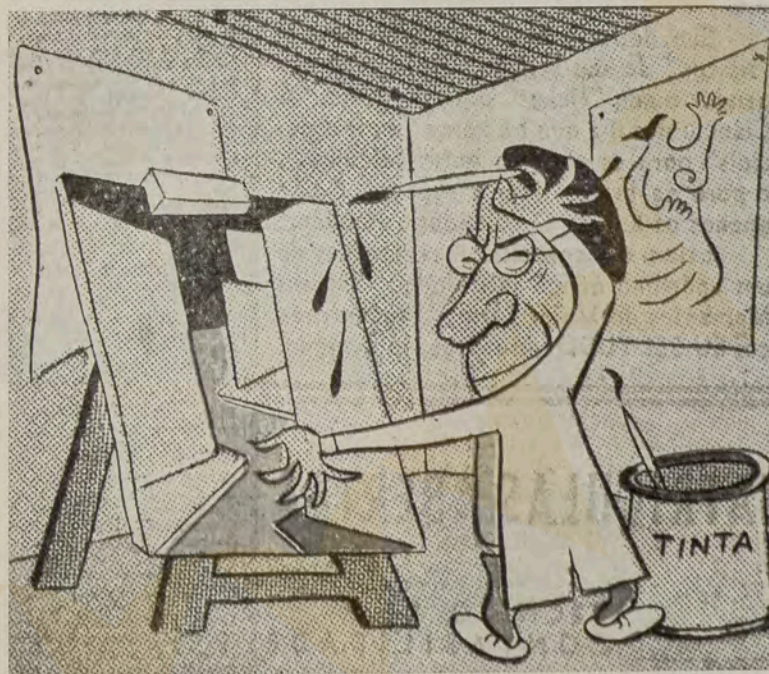
Menotti

Uma reportagem de Tavares Miranda, à propósito da descoberta de um quadro de Menotti del Picchia, ocupou por mais de um mês as colunas da imprensa nacional. A coisa se passou assim: uma noite, o diretor do Museu de Arte encontrou-se com Menotti del Picchia, o qual propoz fossem conversar em sua casa. O citado diretor, entrando na residência do escritor, foi literalmente golpeado à vista de uma pintura metafísica pendurada na parede, e perguntou timidamente o nome do autor. O dirigente trabalhista respondeu que aquele era um seu antigo trabalho de juventude. Consultado sobre se estaria disposto a fazer doação da tela à coleção do Museu, Menotti del Picchia concordou imediatamente. O informadíssimo Miranda soube da história e divulgou-a em reportagem. Dentre a centena de artigos escritos, reproduzimos a nota da "Última Hora", de autoria do maior caricaturista brasileiro, Augusto Rodriguez:

P. M. Bardi, diretor do Museu de Arte de São Paulo, declarou a um jornalista que o mais belo quadro brasileiro é o de autoria do poeta Menotti del Picchia. Como se sabe, Bardi é um grande "connaissanceur" de pintura; já dormiu com alguns Rembrandt autênticos e fugiu do verão junto ao mármore frio de David, de Miguel An-gelo. As credenciais do homem



Menotti del Picchia, Casas, 1922 (Museu de Arte de São Paulo)



que descobriu o pintor Menotti acentuaram o desgosto de alguns autores do melhor quadro brasileiro, ao conhecerem a revelação de Bardi. Segall quase rompeu com êle; Portinari zangou-se. Diante de tal repercussão, fomos a São Paulo especialmente para conhecer a bela peça de Menotti. Sem sombra de dúvida, trata-se de um quadro sobrio. Mas, o que realmente o dis-

tingue é a patina, que comunicou ao quadro uma atmosfera poética, algo fantástica. Não conseguimos, todavia, apurar até onde o poeta dell Picchia previu a valorização de sua bela pátina... O fato é que Bardi está entusiasmado e, a esta altura, já não se contenta em colocar o quadro entre os mais belos do Brasil, mas entre os mais belos da América do Sul.

Questões linguageiras

Com a violência de linguagem, que trai qualquer coisa mais do que meras preocupações estilísticas, exproba *Anhembi*, ao seu autor, o estilo em que foi redigido o prefácio ao catálogo da Exposição do Retrato Francês, recentemente realizada no Museu de Arte.

Amigos que somos desse autor, podemos informar que em sua atitude, de não se preocupar demasiado com a boa linguagem, em certas ocasiões, se esconde uma faceirice e um subterfúgio maquiavélico, ao mesmo tempo. A faceirice consiste em procurar vaziar numa linguagem qualquer, mesmo eivada de barbarismos, idéias que julga certas em temas de arte, de preferência a escrever, em português castiço, as sandices e os lugares comuns que, a respeito dos mesmos temas, se escrevem e dizem por aí e para os quais, tratando-se justamente de lugares comuns, qualquer escriba pode encontrar facilmente uma série de frases, que nada significam como pensamento vivo, de um perfeito rigor gramatical. E o subterfúgio maquiavélico se origina do fato, por demais notório, de que a atitude de quase toda a imprensa paulistana (e, em parte, também carioca) em relação às atividades do Museu de Arte, consiste em não tomar conhecimento das mesmas, em fingir que não existem ou, pior ainda, em atribuí-las a outras instituições — num trabalho de constante desconsideração para com seus próprios leitores, que têm o direito a informações completas e exatas. Já que silenciam tudo aquilo que fazemos de bom e de útil, pensamos nosso maquiavélico autor, quem sabe que não nos citem, algum dia, por coisas menos louváveis, tais como solecismos, barbarismos, etc?

E acertou. *Anhembi*, que não dedicara uma só linha à Exposição do Retrato Francês, não se conteve que não protestasse, em mais de cinco páginas do número de março, contra o prefácio ao seu catálogo, que tinha somente uma e meia. (E um tanto velhacamente, aliás, falando em origens espúrias, que não honram ninguém, do Museu; por que não desembucha logo e põe o nome nos bois?).

Mas *Anhembi* deve conhecer o telhado de vidro a não atirar pedras na casa do vizinho. O espaço desta revista é por demais precioso para que nos dediquemos ao trabalho de andar partindo o telhado de *Anhembi*. Mas nesse mesmo número de março, tão apaixonado na defesa do bom português contra o nosso amigo autor do tal prefácio, o que não falta são telhas de vidro. Verbos transitivos empregados como intransitivos, discordância de tempos, frases italianas traduzidas ao pé da letra, palavras que não constam de nenhum vocabulário português, construções sintáticas rebarbativas. Exemplos: "as-



Bruno da Osimo, Xilogravura (Exposição no Museu de Arte)

sunto despercebido de nossos políticos"; "E dentre esse número podemos colocar o Brasil"; "obrigado a dirigir muito"; "com seu bom gosto pelas situações de conjunto"; "alunos, incapazes de meter-se sozinho, exigindo muito da direção"; "teria sido melhor se lhe cortassem"; "um homem e uma mulher que se gostaram"; "a evidência que ganha não resulta de sua própria estatura"; "os homens são mais vivazes... cheios de atenção e de simpatia"; "uma ânsia constante de superamento"; "o bom gosto de que todos estavam possuídos"; etc.

E note-se que, no caso do prefácio ao catálogo, a coisa mais importante, afinal, era a exposição do retrato francês; mas em *Anhembi*, se não se salvam o estilo e a gramática, que diabo vai poder salvar-se?



A Itália e o cinema brasileiro

"A definição corrente de *América Latina* contém em seu bôjo uma contradição constante, que distingue esta parte da América, da América do Norte. Em contraste com uma América Latina poder-se-ia falar numa América Americana. Latino, neste caso, com efeito, significa, justamente, europeu. E é um fato que o europeu, quer seja latino quer não, sente-se perfeitamente à vontade desde o primeiro dia em que desembarca na América do Sul e, ao contrário, sente-se, de certa maneira, embaraçado, ainda que sua posição financeira ou social seja ótima, e mesmo após prolongada permanência, na América do Norte, na América Americana. Ainda que a distância que separa os portos europeus dos portos dos Estados Unidos seja inferior à que separa a Europa da costa sul-americana, esta última parece menor: é que existe outra distância, não calculável em metros, a distância psicológica, e esta, no caso, é inversamente proporcional à distância real. A inteligência sul-americana não escapa essa contradição, de modo que a sombra do arranha-céu floresce uma civilização à qual chamariamos antiga e casei-

ra: diríamos, sem receio de sermos mal interpretados, que a sombra do progresso moderno protege contra o sol tropical a pequena planta européia da antiguidade, que dá provas de possuir raízes muito profundas e firmes.

Por isto, o intelectual sul-americano não é totalmente americano: é euro-americano. E o fato de não ter solvido essa íntima contradição confere à inteira criação do pensamento e da arte latino-americana aquele conjunto de seduções e de falhas que a distingue de todas as demais. O cunho europeu, especialmente italiano e francês, no teatro e no cinema, é tão evidente que dispensa comentários: o melhor da produção argentina, a recente produção brasileira, o nascente cinema do Perú e do Equador, bem como as manifestações cinematográficas do Uruguai, dão disso válido testemunho. E não tencionamos lembrar, nesta sede, a contribuição dos artistas e técnicos italianos e franceses para essa produção, mas tão somente frisar o natural cunho latino revelado também pelos diretores e atores do país. Torna-se evidente que a linguagem de um De Sica está mais perto da inteligência e do coração dos sul-americanos do que a de um Ford, e a de Rossellini, mais do que a de um Hathaway. E é suficiente folhear os programas teatrais do ano passado e deste ano, nas capitais sul-americanas, para verificar a marcada preferência dos empresários e do público pela produção italiana, francesa e espanhola. A acolhida dispensada às companhias teatrais italianas na América do Sul constitui fenômeno único no seu gênero, que se deve à afinidade do idioma e aos elos de verdadeiro parentesco espiritual e material que unem a Itália às terras sulinas do continente americano".

Com essas palavras, inicia suas publicações o boletim semanal da *West Antartica Film Press*, destinado a divulgar informações sobre a atividade cinematográfica e teatral da América Latina e que se edita em Roma. E, na verdade, cumpre reconhecer, sem entrar no mérito das generalizações à cerca das preferências do nosso público em matéria de teatro e cinema, que uma orientação geral da nossa intelectualidade, inclusive no que tange à produção de obras teatrais ou cinematográficas, para a França e a Itália, é indiscutível e se estriba, não apenas, em nossa formação cultural ibero-franco-italiana, mas, principalmente, na contribuição substancial que nos trouxeram elementos vindos desses dois países, principalmente no setor cinematográfico. É evidente que nem tudo o que de italiano luziu por aqui é ouro; e não há de ser um boletim semanal, aliás é inteiramente dedicado ao cinema brasileiro, quem irá melhorar a qualidade de uns quantos "abacaxis" que alguns "tec-

nicos" de cinema, inclusive de nacionalidade italiana, andaram produzindo por aqui e espalhando por nossas salas de exibição. Mas é lisonjeiro verificar que o desenvolvimento de nosso cinema e teatro — nosso e, também, de outros povos sul-americanos — já merecem, na Itália, um registro semanal em boletim, índice de um interesse que poderá estimular novas e proveitosas iniciativas, nas bandas de cá, da parte dos homens do cinema peninsular, o que é, sem dúvida, no que concerne ao nível artístico de suas melhores produções, corre paralelas com o que se faz de mais elevado nos Estados Unidos e na França.

Comissão

Lemos nos jornais:

O Jockey Club de São Paulo, a exemplo dos anos anteriores, tem o prazer de convidar as casas comerciais de São Paulo, Capital, a participar do grande Concurso de Vitrinas, alusivas a maior data do Turf Paulistano — o Grande Prêmio São Paulo.

Julgará o presente concurso uma comissão constituída de um diretor do Sindicato dos Lojistas, um Diretor da Associação Paulista de Propaganda, dois Diretores do Jockey Club de São Paulo e um Diretor da Associação Comercial.



Passou por São Paulo o senhor Luce, um estudioso de arte francês que realizou algumas conferências sobre sua especialidade, e ocupou-se muito da arte brasileira. Bruno Giorgi lhe fez o retrato, reproduzido acima

Palitos

Era de ser vista, a exposição de um Fulano de tal, autor de imensas esculturas em diminutos palitos; e agora se forma uma grande comissão de diminutas personalidades com a cabeça pequena, justamente do tamanho da cabeça dos palitos.

Espiritas

Formou-se o Grupo Espirita dos Artistas. Numa das últimas reuniões parece que Rafael, evocado para uma conversa, tenha descarregado pancadas bem terrenas sobre os desgraçados presentes.

"Sole mio"

Alguém realizou, em São Paulo, um desfile de moda italiana. Modêlos estupendos: como todos sabem, a moda italiana compete hoje, com sucesso e honra, com a moda francesa, que há dois séculos vem detento a primazia na arte de vestir. Modêlos estupendos, repetimos, excelentemente apresentados no recinto do Club Harmonia, o mais chic de São Paulo, e, até aí, tudo muito bem. Mas, a escolha da música, essa foi de arrancar os cabelos com um alicate. Anotamos "Lucevan le stelle", "Sole mio", etc. Existem ainda alguns organizadores de coisas de arte italiana, cujo gosto não se recomenda.

Espirito

O nosso português é péssimo: pelo menos é o que afirmam os puristas. Mas, é mesmo engraçado reparar como todos aqueles que falam de nós, só se ocupam de questões de linguagem, e nunca do conteúdo das numerosas polêmicas e problemas por nós sucitados. Oh, o espírito de porco reinante!

Especialização

Um grupo de vereadores de São Paulo opoz-se à doação da Biblioteca Brasileira do Sr. Yan de Almeida Prado ao Município, porque se tratava de biblioteca "muito especializada". Como se fôsse obra dedicada às pernas de coristas e não uma biblioteca que é a história mesma do Brasil.

Mdam

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro teve uma citação na ordem do dia na mensagem do Presidente Vargas ao Congresso. E o trecho foi lido com viva emoção pelos amadores de arte.

Lingua

Consta que uma autorizada revista, da qual todavia não somos leitores tenha protestado contra o fato de "Habitat" não ser escrito em perfeito português. Mas nós pensamos estar contribuindo para a formação de uma língua brasileira, qualquer coisa de diferente da portuguesa.

Picadinho

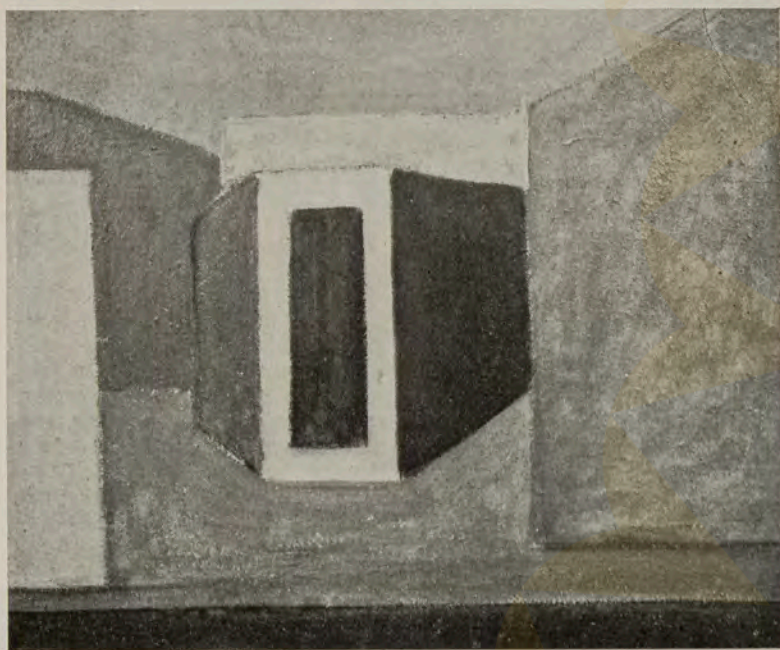
Estão sendo preparadas algumas belas exposições para o estrangeiro, bem numerosas e bem nutridas: o picadinho de sempre.

Centenário

As coisas do Centenário continuam estacionadas à espera da última hora, quando surgirão improvisações, como bem acentuou João de Scatimburgo em uma sua nota no Diário da Noite, "A quermesse de Itaóca".



O pintor Gaetano Miami, agora, faz artesanato



Novelli, Composição (Galeria Ambiente, São Paulo)

Eis belissimos exemplos de decorações, sugeridos semanalmente nas páginas femininas de nossos jornais quotidianos



Medidas

Cuidado, rapazes, não vão dizer que a famosa Semana de Arte Moderna foi um acontecimento mais importante que o Renascimento italiano ou o chamado século de Péricles.

Flexor

O popular pintor francês está expondo na Galeria Oxumaré, da Bahia, tendo lá deixado 48 quadros. Belo exemplo de confiança na velha cidade e nos jovens colecionadores de arte.



O menino convida os críticos de corda a falarem



Nossos pintores sociais

Inseticida

O pintor Almir Mavignier verificou uma vez que certos amarelos de seus quadros matavam moscas instantaneamente.

Questões de língua

Um amigo nosso, devotado às questões de pedagogia infantil, contou-nos o seguinte: discutia-se acaloradamente se as poesias infantis deviam ou não ser corrigidas, antes da publicação. O debate era travado com a participação de adultos e crianças. Foi quando uma das últimas indagou: "Isso de corrigir, pode estar muito bem, mas, e quando se tratar de palavra inventada?"

Prefeitura

Quando folheamos um catálogo de qualquer grande museu da Europa, principalmente do Louvre, é interessante observar o número de importantes aquisições feitas através dos poderes públicos. Acreditamos que as mais significativas aquisições feitas pelo nosso governo, datam do Império. Uma ou outra tela, premiada nos salões oficiais é que, a custa de muitos selos e requerimentos, são esporadicamente incorporadas às galerias oficiais. É uma ideia que parece apavorar os governantes, essa de enriquecer as nossas pinacotecas. Entretanto, é preciso fazer justiça, últimas investidas dos nossos governantes, das nossas câmaras e assembleias, quando defenderam o patrimônio artístico nacional, adquirindo o "São Gerônimo" de Mantegna. Foi um magnífico exemplo este da Prefeitura Municipal, do Sr. Armando de Arruda Pereira, do vereador André Nunes e de todos os vereadores de São Paulo. Romperam a inércia que nos estigmatizava por tantas dezenas de anos. Foi além a contribuição dos governantes da Cidade, quando também assinaram, por iniciativa do então secretário de Educação e Cultura, Sr. Nelson Marcondes do Amaral, um convênio para proporcionar ao Museu de Arte e a todas as institui-

ções culturais de São Paulo, bolsas de estudo, ensino gratuito e facilidades aos estudantes de arte.

Qualquer indivíduo que demonstra aptidão para as artes terá assim franqueado os cursos do Museu de Arte, de acordo com os termos do convênio.

Carta anônima

Certos cavalheiros ocuparam ultimamente o seu tempo em remeter numerosas cartas anônimas contra os "falsificadores de obras de arte", fechando as missivas com exaltações à Bienal, que "teve repercussão no mundo inteiro". Mas convém esclarecer que falsificação, em arte, não consiste exclusivamente no espaço de tela ocupado por falsos "Chabas e Modigliani", de qualquer vira-lata que virou cachorro de raça e banca o grande mestre, o "professor de pintura", mas também, e principalmente, por certa dúbia produção pseudo-intelectualista, destinada aos interesses de uma classe privilegiada, uma produção ignorante da realidade contemporânea, que visa apenas o proveito próprio, baseada no equivoco, não escolhendo caminhos, adulterando aquele meio sagrado e tipicamente coletivo de comunicação entre os homens, que é a arte. Sim senhores, colaboramos com a Delegacia de Falsificações, começemos denunciando todas as obras de arte dos "solitários", dos habitantes das "torres de marfim", dos "decorados" da arte, dos "pompiers" e exibicionistas do falso modernismo, e dos capitalistas da arte, causas de nossas mais amplas reservas sobre a Bienal de "repercussão mundial".

Aplausos

Estamos habituados a ver, nas manchetes dos jornais, à propósito de câmaras municipais, a notícia de que o vereador Fulano acertou um bofetão no olho esquerdo de um nobre colega, que Beltrano declarou da tribuna que não faz um juízo muito lisongeiro das virtudes da progenitora de Sicrano, e outras alegres ocupações no gênero. Os nossos aplausos, portanto, à Câmara de Vereadores de Santos, quando lembra o nome do pintor caicara Emido de Souza, natural de Itanhaem, que, apesar de ter falecido aos oitenta e dois anos, não chegou a ver seu nome apontado como um dos mais expressivos da pintura popular brasileira. A notícia de jornal acrescenta ter partido a iniciativa do vereador Silvio Fortunato, que também apresentou projeto visando dar o nome de Emidio de Souza a uma rua de Santos, além de sugerir à Prefeitura a organização de



Famosa escultura na Av. Paulista que continua, sem descanso, a sustentar um arco

uma exposição de suas obras, por ocasião do terceiro aniversário da morte do pintor, a 19 de setembro próximo. Muito bem!

Bahia

Um nosso redator foi passar alguns dias na Bahia, com a finalidade de preparar material para um número de Habitat, dedicado à ilustre cidade. O número em questão será oferecido aos poderes públicos que deixam desmanchar pouco a pouco, a mais bela cidade brasileira, não obstante os esforços ingentes do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico.



Amador de arte diante de uma pintura que representa um riachuelo iluminado pela lua



O mesmo diante de uma pintura de Picasso

Correspondência

A. O. — Sim Senhor, estaremos presentes às comemorações do grande poeta que o Senhor nos recomendou, dispostos a ouvir os vinte e tantos discursos, contanto que seja recomendado aos oradores de não ultrapassar os limites de comparação, e situar o grande poeta no seu justo lugar, para que a História não se sinta ofendida.

G. G. — Tem razão, nem mesmo os anciãos de cem anos de idade teriam imaginado festejos tão antiquados para o Centenário de São Paulo.

P. L. — O Senhor nos quer comprometer, mas, como percebe, não caímos assim facilmente em armadilhas. O nosso parecer sobre a Semana da Arte Moderna está expresso no artigo de Mario da Silva Brito, que publicamos no número passado. Naturalmente, a Semana foi um reflexo dos movimentos surgidos na Europa, antes da primeira guerra mundial, movimentos conhecidos de todos. Dois artistas brasileiros, apenas, foram, de certo modo, participantes daqueles movimentos: Lasar Segall e Anita Malfatti. Todo o resto vem depois, atrasado.

O. O. — O teatro, no Brasil, está dando grandes passos. Deixe que representem Sófocles, teatro este para profissionais consumados e especializados: por enquanto teremos um Sófocles reduzido, dentro de alguns anos há de melhorar.

C. S. — A nossa opinião sobre a coleção goeldiana do Museu de Belém, é esta: que o Estado deveria, de uma vez para sempre, pôr em ordem aquelas coleções e dispensar-lhes o carinho que dedica a monumentos, às vezes erguidos a um difunto qualquer. O Museu Goeldi é um verdadeiro monumento, não só a um homem, o grande pesquisador e estudioso, como também à origem de um povo. A negligência observada em relação ao citado museu, é uma ação prejudicial ao Brasil.

M. M. — "Paris Match" é, sem dúvida, o melhor hebdomadário parisiense difundido por todo o mundo. Porisso, a reportagem aparecida em um de seus últimos números, sobre o Brasil, serviu, ao menos, para tornar conhecidas muitas de nossas particularidades. Mas, teríamos apreciado muito que o brilhante Jean Manzon tivesse estudado mais profundamente a sua reportagem, e não tivesse feito tantas e tão exageradas concessões ao "lugar comum". O Brasil tem muitos aspectos pitorescos, exóticos, como se diz na Europa, mas é também um país que tem em seu ativo, para mostrar ao estrangeiro, fatos de uma importância social, cultural, artística, de nenhum modo desprezíveis. Somos da opinião que o Brasil não é somente o país do café,

do açúcar, da borracha, etc. Nesse erro caíram também os redatores do "Time", que dedicaram ao Brasil uma longa reportagem "sub specie" rotineira, se assim podemos dizer, usando uma locução latina e um galicismo aportuguezado. Mas disto não são culpados nem o caro Manzon, nem Mr. White. A culpa é do jornalismo em si. E sobre este argumento, se nos permite, caro Sr. M. M., queremos dizer aquilo que pensamos. Sem nenhuma ofensa à classe jornalista do mundo inteiro, somos de parecer que o reporter de hoje procura mais o sensacionalismo do fato que o fato mesmo. O slogan atribuído àquele proprietário de jornal americano que, tendo enviado um reporter ao lugar onde constatava ter havido um incêndio, e tendo o reporter voltado sem uma linha escrita, porque houvera rebatido falso, berrou: — "Eu quero a descrição do incêndio, mesmo que não tenha havido incêndio". Esse slogan, dizíamos, continua sendo o lema orientador de grande parte do jornalismo. O reporter procura a singularidade, o escândalo, as coisas bizarras. O reporter do "Time" não pensou, talvez, que seria muito mais interessante descobrir em São Paulo a multidão de operários que constroem suas casas do sábado ao domingo, num dos mais afastados bairros, sem água, luz e esgoto, do que descobrir a casa grandiosa de um magnata. E isto vem do fato de ser o magnata uma personalidade notória, e os humildes pequeninos que fazem a fila do ônibus, não. E se poderia continuar por alguns meses, descobrindo como o jornalista de hoje esteja correndo atrás de coisas comuns e da curiosidade das coisas, antes da substância das coisas. Todos querem contar o caso da galinha de três patas, não daquele de duas: nesse passo, os problemas, os grandes problemas da humanidade, não saem da caneta, e o público de leitores não é informado. E esta deveria ser justamente a tarefa dos semanários ilustrados, os quais, dispondo de mais tempo para refletir, poderiam apresentar panoramas indicativos. Pelo contrário, como no caso das duas reportagens citadas, tudo quanto aprendemos sobre o Brasil é o seguinte: um país diferente da realidade, um país nos moldes da Idade Média, com capitães em lugar de senhores feudais. Queremos dizer que essas personagens eminentes e construtivas não são todo o Brasil, ou sua *magna pars*: existem outras coisas num país como o Brasil: naturalmente é necessário ter a vista exercitada para percebê-las. Mazon, por exemplo, com seus olhos expertos, viu também a parte natureza. Mas, um nosso leitor francês escreve-nos para saber se todos os trens do Brasil são trezinhos do século passado, como aquele publicado em "Paris Match". O mundo de leitores europeus é muitíssimo ignorante em geografia.



M. M. Pereira, Vendedor de bonecas. L. Radspieller, Linoleum

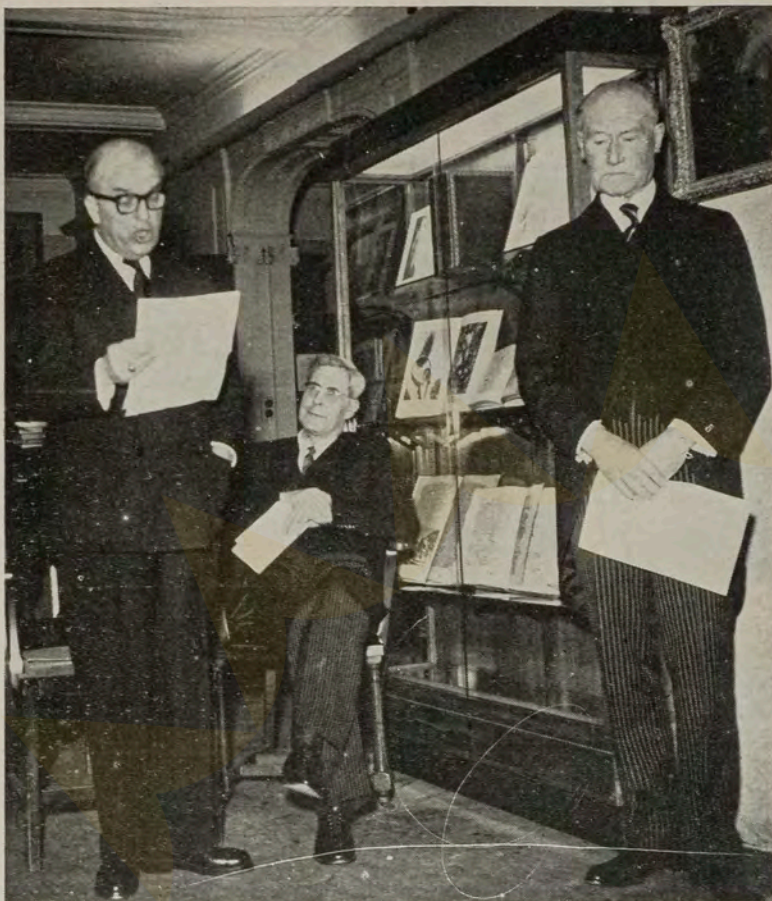


A gravura no Paraná tem uma história ainda muito curta: começou com todas as qualidades e inconvenientes das coisas feitas à base de entusiasmo jovem, mas de qualquer modo os artistas do estado sulino, vêm desenvolvendo apreciável atividade nesse setor artístico. No último Salão Paranaense as artes gráficas foram representadas num número surpreendentemente grande de estampas em água-forte, litografia, xilogravuras, etc., das quais salientamos os trabalhos acima.

Iluminação

A iluminação diurna de um tunel é um problema técnico de alta relevância, pois sendo muito intensa a luz natural na parte externa, há um violento contraste com a luz artificial ao se penetrar no seu interior. Por outro lado, se aumentarmos demasiadamente a intensidade luminosa dentro do tunel, correremos o risco de produzir ofuscamento dos motoristas, com suas perigosas consequências. A solução perfeita do problema é o emprêgo de lâmpadas de vapor de sódio, que produzindo uma luz amarelada, não causa ofuscamento e propor-

ciona alto contraste de luz e sombra, resultando em grande acuidade visual, boa penetração para neblina e fumaça, além de permitir, à distância maior nitidez dos contornos dos objetos e seus permenores. Fornecendo todo o material necessário à nova instalação, a Philips cooperou com os srs. engenheiros da Prefeitura de São Paulo, iluminando essa grandiosa obra que são os tunéis "9 de Julho" numa extensão de cerca de meio quilômetro. Foram empregados e instalados pela Philips, refletores especiais, lâmpadas SO-140 watts, transformadores, condensadores, etc.



O embaixador do Brasil, sr. Muniz de Aragão, pronunciando o discurso inaugural por ocasião da exposição na Anglo-Brazilian Society, em Londres, de raridades bibliográficas brasileiras. No clichê o embaixador em companhia do prof. Entwistle e do sr. John Walter

Todos sabem que a maioria daqueles leitores pensam que no Brasil se fale o espanhol e que o Rio de Janeiro seja uma cidade argentina. Estamos muito longe da Europa, e é justamente por esta razão que quando se publica daqui uma reportagem, gostaríamos que ela nos representasse o mais fielmente possível. Que não descrevam coisas novas fora

da realidade, mais a realidade. Este é o apelo que dirigimos aos jornalistas que nos visitam, e mais ainda aos jornalistas estrangeiros que vivem aqui: fugir à curiosidade para permanecer no fato. A curiosidade, a particularidade, o acontecimento excêntrico, nunca são a substância, servem para distrair, não para informar.

Exposição do pintor Milton da Costa na Galeria Ambiente



Opinião

Foi nomeada, pelo Ministro de Educação, a seguinte delegação, que irá representar o Brasil na Bienal de Veneza: senhoras Maria Martins, Niomar Moniz Sodré e Iolanda Penteador Matarazzo.

Pedido o seu paracer, disse um leitor de "Última Hora" ao reporter desse vespertino:

— Belíssima delegação, mas deveria ser completa com alguém entendido em arte.

Bohème

O artista boêmio típico é um ser amado, estimado, favorecido, todos lhe querem bem, todos lhe dão bombons de chocolate, todos o adoram. "Todos", aí, está em lugar de "cretinos".

A. & S.

Ao que parece, Alencastro e Serafim, redatores desta revista, possuem inúmeros inimigos. Inimigos entrincherados naquelas instituições de altíssima arte, de altíssima cultura, beijados na fronte pela Glória e, uma de cada vez, por todas as Musas. A. & S., roendo as unhas de inveja diante desse conúbio e dessas entrevistas, morrem de raiva por não terem visto jamais a Glória e as Musas, nem ao menos em cartões postais, e de nunca terem sido admitidos, nem ao menos como faxineiros, nos recintos augustos do Inimigo, onde se reúnem tantas e tão assombradas inteligências.

Menotti

Produziu muito ruído, há meses, uma declaração do diretor do Museu de Arte de São Paulo, à propósito de um quadro de Menotti del Picchia. Dizia o diretor: — É o mais belo quadro contemporâneo existente no Brasil.

E oitocentos pintores, em coro: "E o meu?"

— O seu, respondeu o diretor do Museu à um dos oitocentos — é o mais belo quadro contemporâneo que tenho visto em todo mundo.

Cinzas

Também este ano houve o baile dos artistas, para celebrar a terça-feira gorda de Carnaval. Depois vieram as cinzas.

Vermelhinho

A propósito do Café Vermelhinho do Rio de Janeiro, movimentado ponto de reunião dos artistas locais, disse Augusto Rodrigues a uma pessoa seríssima, frequentadora da Confeitaria Colombo:

— Sem dúvida alguma, o Vermelhinho ocupará na história da arte um lugar tão importante quanto o Café Gerbois. — Estou seguríssimo, respondeu o interlocutor, seguríssimo.

Revistas

De muitos lugares nos chegam notícias da publicação de novas revistas de arte: esta é uma notícia confortadora. O Brasil teria necessidade de algumas dezenas de revistas de arte e, em vez disso, conta apenas com uma.

Prêmios

Propomos que os "prêmios de viagem à Europa" de nossos salões e escolas, sejam conferidos àqueles que já tenham viajado pelo Brasil. (Muitos "prêmios de viagem" vão a Paris, sem conhecer, por exemplo, a Bahia).



Alberto Cavalcanti é o homem em que o cinema brasileiro depositava e deposita, o melhor de suas esperanças. Muita coisa aconteceu depois que o cineasta voltou da Europa. Ele trouxe uma experiência e um justo renome que era uma garantia para endossar empreendimentos de vulto em nossa terra. Cavalcanti endossou, fez uma série de concessões; mas num ambiente ainda verde, uma oportunidade à altura do seu nome, está para vir. O problema não é só fazer um bom filme nacional, e sim, mais um bom filme de Cavalcanti. Esperemos para este ano



Por que não praticamos este jogo, também no Brasil?

Fachadas?

A companhia Copan, de hotéis e turismo, formada em São Paulo, com vultuoso capital, está construindo um grande hotel na rua São Luis. Veiu a público um estranho comunicado da referida companhia, tão estranho que chega a parecer impossível. Verifique o leitor:

Projeto: Arquitetos brasileiros e norte-americanos apresentaram estudos e projetos para o aproveitamento da grande área adquirida, tendo sido escolhido o projeto de autoria do arquiteto patricio Oscar Niemeyer. Esse projeto prevê imponente Conjunto Arquitetônico, com amplas áreas ajardinadas, piscina, boites, restaurantes, confeitarias, etc. Prevê o projeto a construção de grandes edifícios, destinados à apartamentos residenciais, cinema, teatro, lojas para comércio de alta qualidade, garagem subterrânea, etc. Dito o que, o comunicado prossegue:

Hotel: O projeto funcional do Grande Hotel, com 500 apartamentos, suas áreas de uso comum como salões, restaurante, recepção e ainda apartamentos e serviços, será feito pelos engenheiros norte-americanos Hollabird & Root & Burgee, especialistas na arquitetura hoteleira, autores de projetos dos maiores hotéis do mundo. Que significa isto? Que a Copam considera a arquitetura divisível em duas partes, a saber:

1. Arquitetura de fachada, ou o lançamento das massas, digamos, e...
2. Arquitetura de interior, a organização funcional. Esse conceito esteve muito em moda no século passado, tanto é verdade, que os arquitetos eram os ornamentadores dos edifícios, construídos por engenheiros. Na Europa, tais profissionais eram diplomados em desenho arquitetônico e se constituíam num produto da academia "Beaux Arts". Neste século, depois do memorável passo dado com as polêmicas em favor de uma arquitetura coerente com as idéias do nosso tempo, esse conceito de arquiteto-decorador terminou morta e sepultada a idéia, ninguém mais se lembra de distinguir entre a função e beleza, interno e externo, entre a organização técnica de um edifício e fachada e massa. Mas eis que nos surge a Co-

pan, explicando que o arquiteto Oscar Niemeyer é autor do projeto de "conjunto", enquanto que os engenheiros e "especialistas em arquitetura hoteleira, autores de projetos dos maiores hotéis do mundo" encarregam-se do "projeto funcional".

Oscar Niemeyer deve ter sido surpreendido na sua boa fé, pois o autor de um projeto desenha todo o projeto, não um pedacinho, deixando aos três engenheiros americanos, que terão construído perfeitamente os maiores hotéis do mundo, etc. etc., mas que todavia não conhecemos, a tarefa de construir praticamente tudo.

Nesse passo, deve-se temer que a rua São Luiz venha a se enriquecer com um edifício híbrido e duvidoso. Do que não tem necessidade, por que diversas empresas de construção vêm disputando uma corrida encarniçada, para fazer, daquela rua, a via pública mais feia de São Paulo.

Biblioteca

Falava-se, há dias, da hostilidade de um grupo de vereadores ao acolhimento da magnífica doação da biblioteca do Sr. Yan de Almeida Prado ao Município. O que é surpreendente, pois, como se sabe, esta biblioteca é composta unicamente de obras brasileiras, e porisso importantíssima para o País.

Mas um espírito bem formado disse: — Os vereadores estão contra, porque Yan pretende construir a biblioteca em estilo neo-clássico...

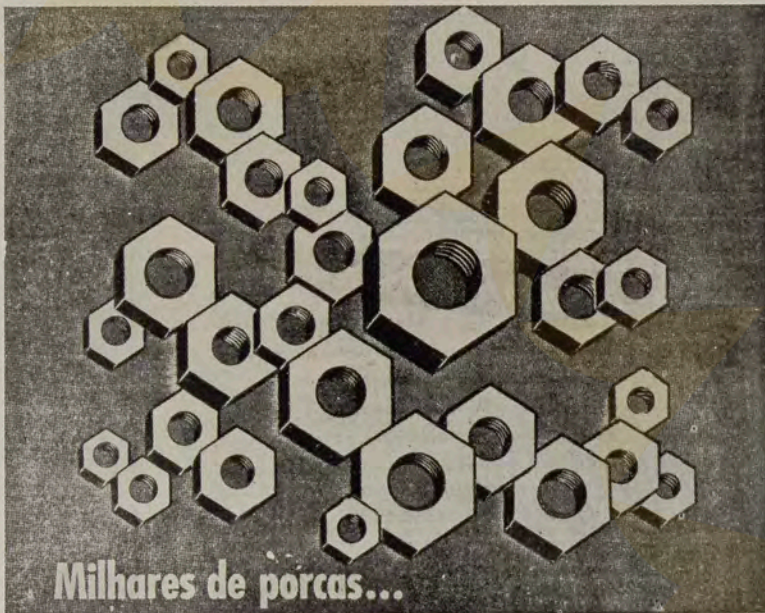
Pinacotecas

Recebemos o novo catálogo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, muito bem confeccionado e rico em dados informativos sobre artistas brasileiros. A Pinacoteca é dedicada mais aos artistas nacionais que aos estrangeiros. Fundada no período do academismo, conserva a antiga fisionomia. A São Paulo dessa época, salvo alguns iluminados como Tarsila e Paulo Prado, não se importou muito com a arte significativa do tempo; o raro colecionador local, não comprou nada além das pinturas e esculturas anedóticas, de modestos artistas peninsulares e "hors-concours" de Salões "pompliers". E tudo isto se reflete nesta pi-

nacoteca, onde a melhor parte do acervo é brasileira: as salas de Almeida Junior e Pedro Alexandrino. Fazemos votos para que a Pinacoteca do Estado descubra, um dia, os pintores não acadêmicos, e uma rajada de ar puro penetre nas belas salas do Palácio da Luz. Alás, do acervo da Pinacoteca fazem parte magníficas telas de Tarsila, Portinari e outros, obras antigas e verdadeiramente significativas. Por que não são expostas?

Oferta

Um conhecido colecionador de Pernambuco, o senhor Fernando Rodrigues, possuidor de preciosas coleções de imagens antigas, está disposto a oferecer um terreno em Recife, no valor de Cr\$ 600.000,00 para a construção de um museu destinado a recolher peças de arte popular brasileira, desde que outra pessoa contribua com igual importância para a instalação do prédio.



Milhares de porcas...

Assinalamos aos jovens pintores abstracionistas esta bela composição que serve de reclame para uma fábrica de porcas, mostrando as diversas dimensões a venda. Mas, se este desenho realizado por alguém de bom gosto, tivesse sido pintado sobre qualquer coisa, bem que poderia figurar em alguma grande exposição internacional de arte moderna. Seria muito comentado e, sem dúvida, faria jus a um vultuoso prêmio em dinheiro



A função do arquiteto é, antes de tudo, conhecer a maneira de viver do povo em suas casas e procurar estudar os meios técnicos de resolver as dificuldades que atrapalham a vida de milhares de pessoas. Para um arquiteto, o mais importante não é construir bem, mas saber como vive a maioria do povo

Títulos

Eis o cabeçalho de um jornal: *"Tirou com um alicate os pêlos do comerciário"*

Um fato de crônica original, sem dúvida; mas que interessa quase que só aos protagonistas da ocorrência.

Se os acontecimentos culturais tivessem o destaque que têm em certos jornais populares os simples depiladores improvisados, que melhoramento não se verificaria no próprio campo dos mesmos arrançadores de pêlos!

Página feminina

Talvez seja inevitável, mas toda semana, naqueles suplementos femininos que senhoras apressadas arranjam como bem podem para nossos quotidianos, é proposta às "donas de casa" uma decoração deste tipo: uma embrulhada sem pé nem cabeça, com um máximo de mau gosto que, ir além, será a morte.



O M. D. A. M. organizou a exposição do pintor japonês K. Sugano

Gourmets

Escreve o pintor Emiliano Di Cavalcanti na revista "Cultura e Alimentação" (n.º 2): "Acredito que já se torne necessário fundarmos no Rio um clube de alimentação e um clube de gourmets. Os clubes de alimentação devem ensinar aos jovens a cozinha nutritiva. É um dever pedagógico. O clube dos gastrônomos ficará para os homens maduros. Nossas exigências do paladar são maiores — desejamos a arte de comer".

Tempo

Muita gente julga que a arte começa com Picasso: este é o erro dos fanáticos da "arte moderna", desses bravos rapazes que pensam ter a história começado no dia do seu infausto nascimento.

Assim, os nossos aplausos ao Dr. Wolfgang Pfeiffer, o antigo assistente do Museu de Arte que atualmente reestrutura o Museu de Arte Moderna, iniciando suas atividades ali com um curso de História da Arte Grega.

Agradecimentos

O "Correio da Manhã" estampou um belo artigo de Rubem Braga, com vistas, ao que parece, ao péssimo português de nossa revista. Os jornalistas, sempre que se lembram de nós, é para falar mal. Gratos.

Ditadores

De Veneza viera a sugestão para, com representação do Brasil na próxima Bienal, ser exibida uma exposição individual de Lasar Segall. Mas, o comissário da Bienal, no Brasil, não foi do mesmo parecer. Os ditadores têm necessidade, sempre, de número, não lhes importando em nada a qualidade.

Federação

O Museu de Arte Moderna de Florianópolis inaugurou recentemente as suas novas instalações. Projeta-se agora um outro museu moderno para Belo Horizonte. Juntando-os a estes, os Museus de Arte Moderna de São Paulo, do Rio e de Rezende, está na hora do escritor Marques Rebelo entregar ao Museu de Arte Moderna de Rezende, o pioneiro de todos eles, a liderança de uma Federação dos Museus de Arte Moderna.

Público

Escreve Raquel de Queiroz, no "Diário de São Paulo": Diz-se sempre que o Brasil não possui museus. E diz-se também que não os temos porque o público brasileiro não gosta disso. A primeira afirmação é um exagero, temos alguns museus, algumas excelentes coleções de muita coisa boa. Quanto à segunda afirmação, trata-se de um equívoco: o público brasileiro não se interessa pelos museus, porque a maioria dos nossos museus não se interessa pelo público".

Centenário

O vizinho estado do Paraná prepara-se para comemorar o seu primeiro centenário. Sabe-se que uma importante reforma urbanística será levada a efeito na capital paranaense, além da construção de um vasto conjunto arquitetônico destinado às repartições governamentais; não sabemos se a instalação de um museu condigno do vertiginoso progresso de Curitiba nestes últimos anos, está nas cogitações da comissão dos festejos, mas tudo permite pensar que tal empreendimento não tenha sido esquecido.

"Vagão"

Esse conhecido restaurante de Curitiba tem o hábito mais ou menos raro, de distribuir aos seus frequentadores uma gravura original, cujo tema lembra o nome do estabelecimento.

Pintura

A pintura, para as senhoras, é um meio de melhorar a cara.

Derivados

No Museu de Arte de São Paulo, foi levada à efeito, no ano passado, uma exposição de Lasar Segall. Na opinião de um grupo de críticos (de carga), a mostra foi mal realizada, como técnica de exposição. Naturalmente, tais pessoas gostam muito da técnica de exposição dos ovinos, bovinos e respectivos derivados.

Entrevista

Dois pintores, quando o repórter os perguntou quais os artistas que deveriam expor em Veneza, apontaram um para o outro e responderam ao mesmo tempo: "O Fulano, que é um pintor muito sério".

Urbanismo

Lemos na "Gazeta", um inteligente artigo do engenheiro chefe da Divisão de Divulgação Urbanística da Prefeitura de São Paulo, Heitor A. Eiras Garcia:

"É bem de ver, no entanto, que caberia ao arquiteto ou ao engenheiro a tarefa de esclarecer os proprietários, no sentido de impedir o aproveitamento excessivo dos terrenos. Os interesses da coletividade e o seu bem estar e grandeza são sagrados. O princípio fundamental da ética, tanto do construtor diplomado como do leigo, é a honestidade profissional. E não dará provas de honestidade profissional quem projetar e construir causando dano à comunidade".

Pintura

Recomendamos aos nossos leitores cariocas e aos em visita ao Rio, que passem por um botequim na rua Evaristo da Veiga, quase no fim à direita de quem dirige-se para os Arcos e reparem no painel da parede do fundo, representando uma vista de Santa Tereza.

Listas

No Rio de Janeiro, os artistas se movimentaram, duas ou três listas de protesto correram de mão em mão, tudo por causa do critério de julgamento adotado na escolha dos artistas brasileiros que participarão da Bienal de Veneza. Argumentou-se que convites feitos à artistas para participarem de exposições anteriores em Toquio, Chile e Paris, tinham sido caludados para tapar a boca aos futuros "esquecidos" em Veneza. Por outro lado, há o caso daquele artista, furioso da vida por não ter sido convidado, porque tencionava recusar.



Darcy Penteado, Christo, ilustração para o poema de R. Bairão



O Dr. Wolfgang Pfeiffer, assistente do Museu de Arte, foi nomeado diretor do M. D. A. M.

Veltchek

Vaslav Veltchek, bailarino e coreógrafo de quem publicamos um artigo em nosso número 5, foi convidado a voltar a Paris como mestre de bailado do Teatro Chatelet, devendo posteriormente ascender a idênticos cargos na Opera Cômica e Teatro da Opera, em consequência do sistema de convites à coreógrafos ilustres, que será instituído pelo maior teatro parisiense. Esta notícia é instrutiva para todos aqueles jacobinos que pensam que cada artista chegado ao Brasil venha apenas para "fazer a América".

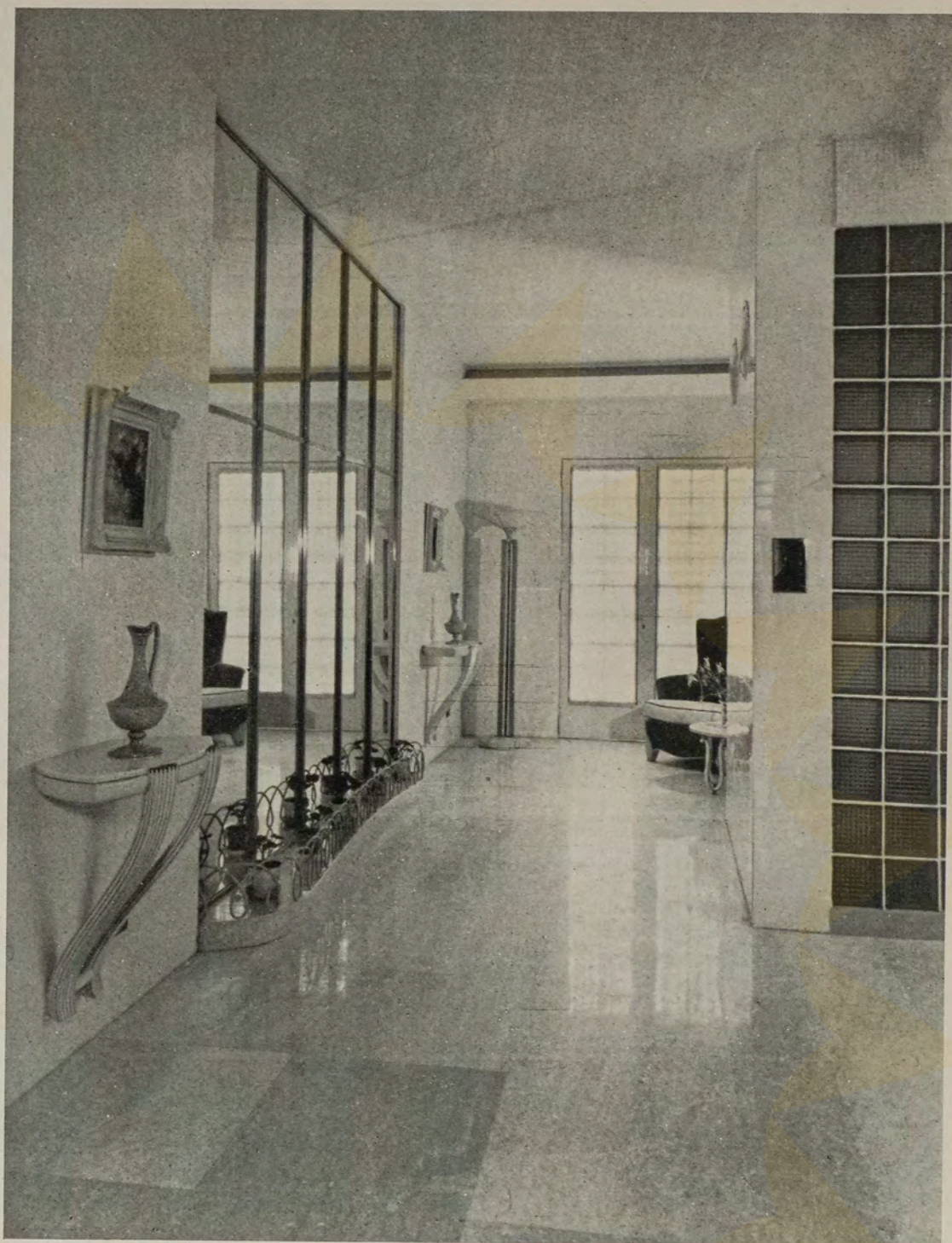
Fim do texto HABITAT 7

Os clichês foram executados pela Clicheria e Estereotipia PLANALTO, Av. Brig. Luiz Antônio, 153, Fones 33-4921 e 35-4048, S. Paulo.



As múltiplas aplicações dos tecidos plásticos

Os tecidos plásticos plavinil, pela mutiplicidade de suas aplicações, tornaram-se, sem nenhuma dúvida, um fator decisivo de progresso no lar brasileiro. Os tecidos pesados, destinados ao estofamento de móveis e de automóveis, deram um aspecto mais moderno, tanto aos aposentos da casa, como ao carro, além das inúmeras vantagens oferecidas pelo seu emprêgo. Não devemos, porém, esquecer os tipos leves de tecidos plásticos plavinil, indicados para cortinas de banheiros ou de janelas e para toalhas de mesa, aventais, como vemos acima. A jovem dona de casa brasileira, encontrou, assim, uma solução para um problema antes insolúvel: a conservação, em permanente estado de limpeza, durante todo o dia, da toalha de sua mesa e do seu avental. HABITAT, que tanto se interessa pela beleza e funcionalidade dos interiores, vê no uso dos tecidos plásticos plavinil, o símbolo de uma nova era.



Entrada d'uma residência

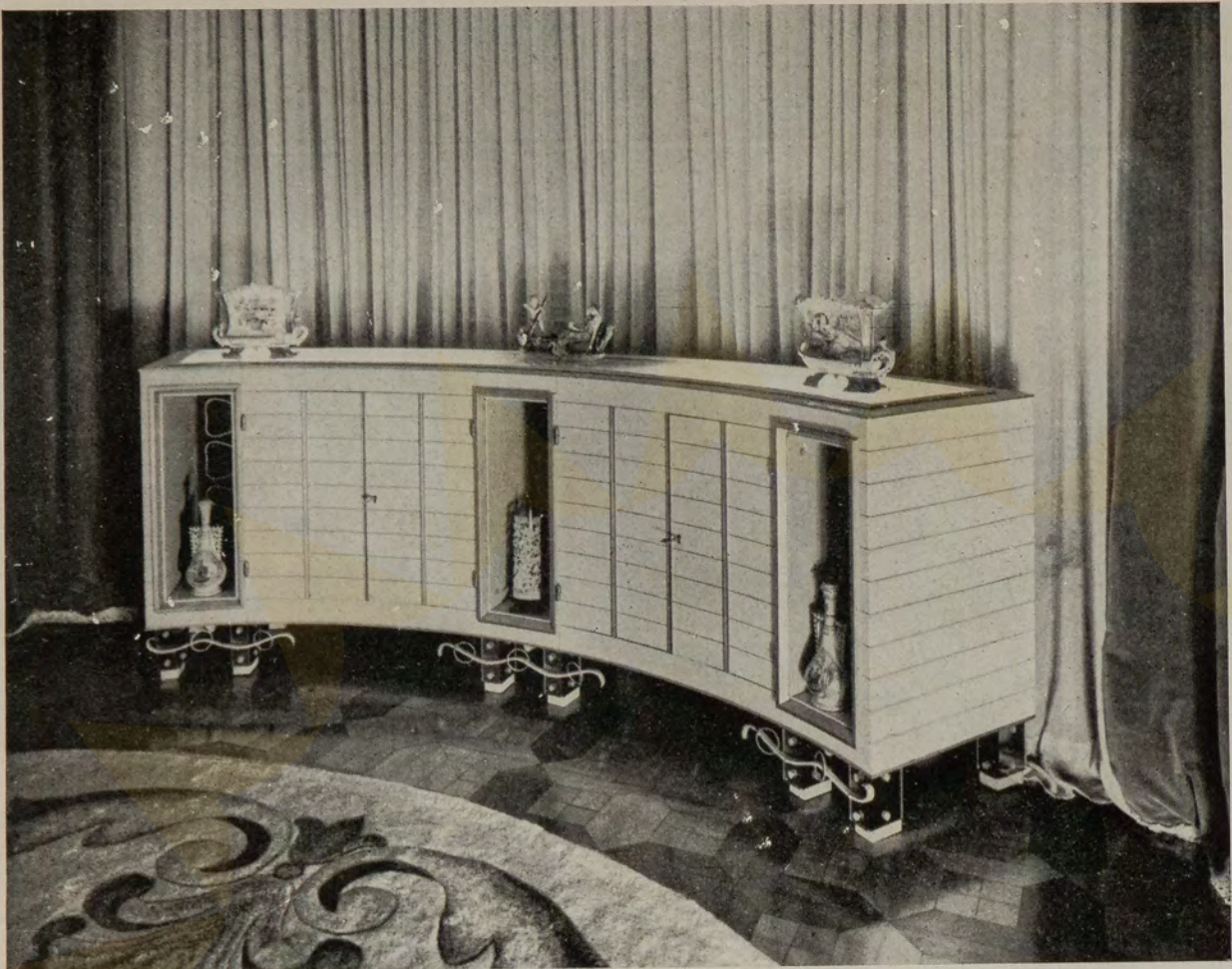
Os problemas estéticos e funcionais

Indiscutivelmente constitui problema às vezes de difícil solução a decoração de casas e apartamentos de proporções reduzidas. No tocante ao guarnecimento dos apartamentos então o problema assume, às vezes, proporções tão acentuadas que chegam a desafiar a capacidade e a imaginação dos mais abalizados decoradores. Isto porque a quase totalidade dos edifícios de apartamentos que vêm sendo construídos, apresentam-se com peças tão exíguas que dir-se-ia terem sido feitos para que nelas morassem filhos das terras distantes da África, isto é, os pigmeus.

Nas fotos que estas páginas estampam, vemos um conjunto de peças de um apartamento em Guarujá, a bela praia que tantos encantos encerra. Decorar com gosto foi tarefa que exigiu de seu autor, o artista Dinucci, muitos recursos e muita imaginação. Sim, porque os problemas estéticos e funcionais surgidos exigiam a melhor atenção possível, pois do contrário, aquele recanto escolhido pelos seus proprietários, tornar-se-ia não um retiro bucólico para descanso das labutas cotidianas e sim um lugar onde o tédio não demoraria em se fazer presente.

Vejam os leitores o bom gosto das peças, todas elas cheias de puras linhas modernas, de uma beleza que agrada à primeira vista. Vejamos em primeiro lugar a foto n.º 1, um belíssimo "buffet" que pela simplicidade de linhas agrada muitíssimo, sem se contar da oportunidade com que foi disposto naquele ângulo da sala; na foto n.º 2, vemos também um recanto do "living" onde, como parte da decoração entraram alguns mapas, aliás muito de acôrdo, pois da janela que aí vemos, vislumbra-se o panorama das águas esmeraldinas do colossal Atlântico; na terceira fotografia vemos como ficou disposta a alcova do referido apartamento, pois o espaço reduzido que era, foi muito e inteligentemente aproveitado. Belas peças guarnecem este íntimo e acolhedor recanto. Já na quarta fotografia vemos a beleza harmoniosa de uma entrada do edifício de residência. De uma simples entrada podemos fazer tanta coisa que é de se admirar não tenham disso dado conta muitas pessoas que perdem às vezes de uma maneira pouco inteligente esta parte de sua casa.

As fotos foram gentilmente cedidas por Dinucci
Decoração de Interiores



BUFFET



RECANTO DE LIVING - APARTAMENTO EM GUARUJÁ



ALCÔVA

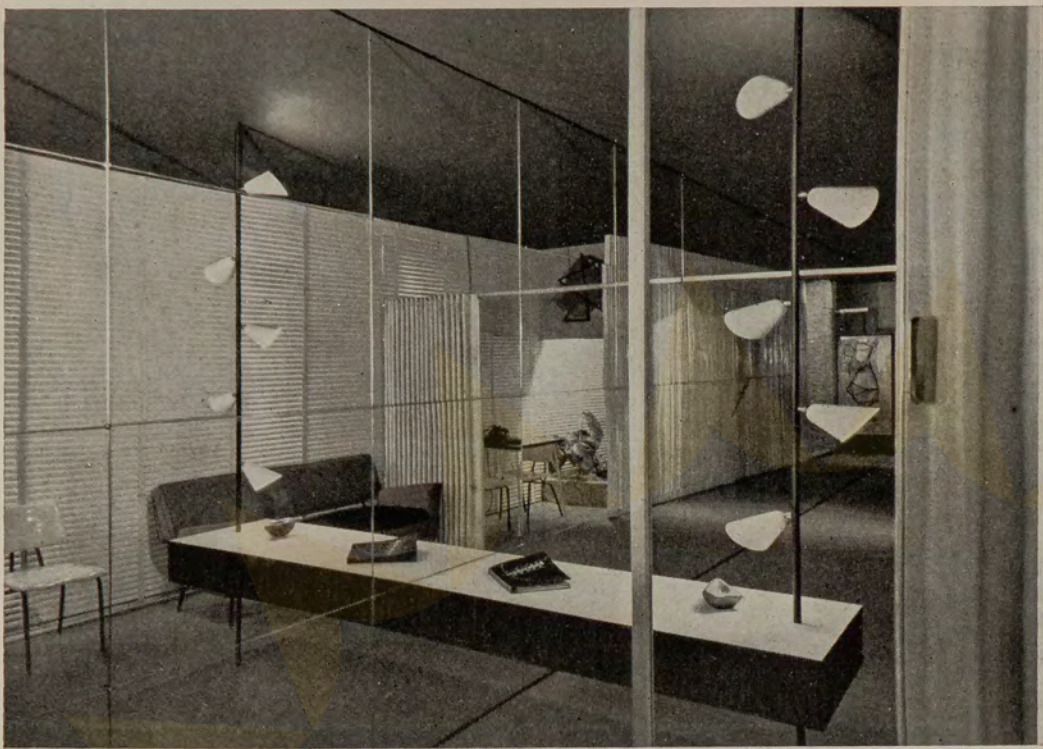


Foto de Flieg

Fachada

São Paulo pioneiro do modernismo

**NA CAPITAL PAULISTA A PRIMEIRA LOJA DEDICADA
EXCLUSIVAMENTE À VENDA DE PERSIANAS
E DIVISÕES SANFONADAS "MODERNFOLD"**

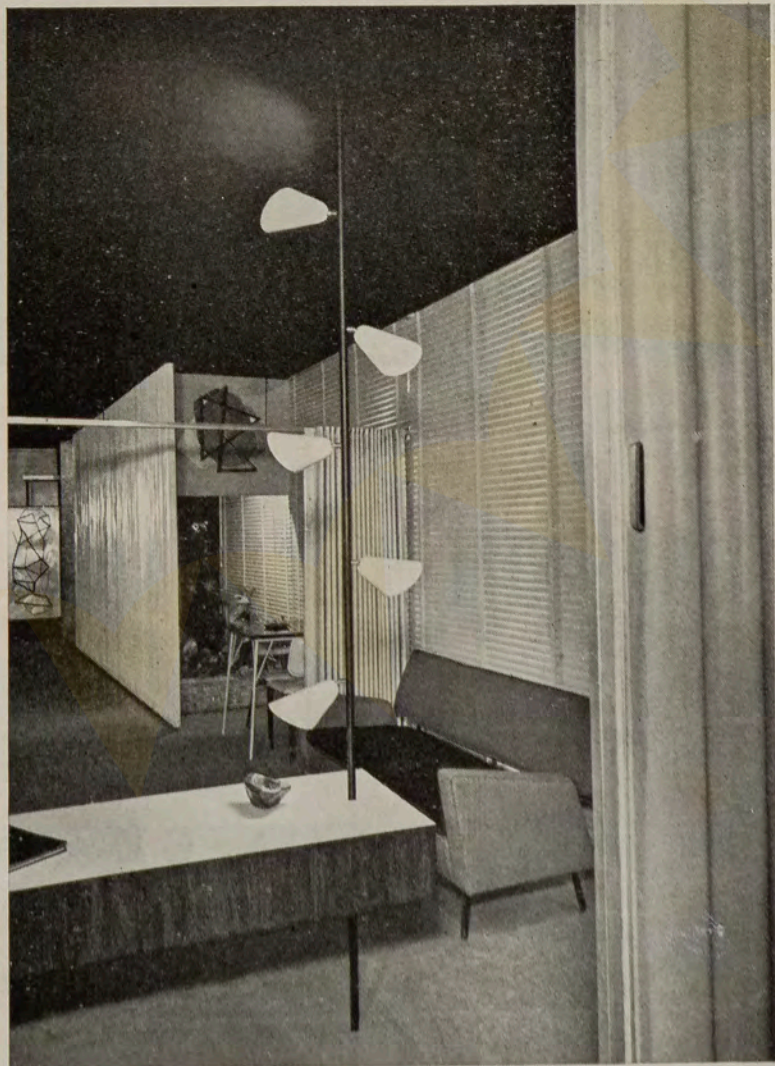
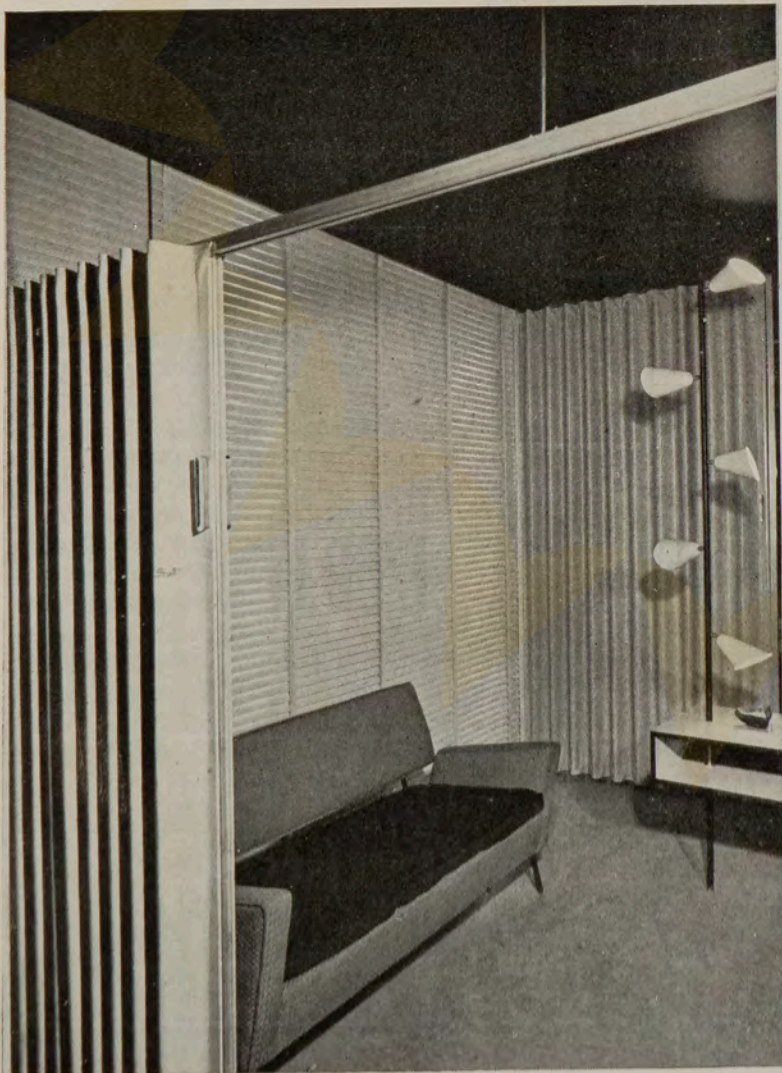


Algumas vistas do interior da Loja Kirsch

Cidade dinâmica, de progresso verdadeiramente surpreendente, São Paulo está sempre se renovando, está sempre na frente, em todo o Brasil, e muitas vezes em toda a América Latina, na iniciativa de apresentar o que a inteligência do homem vem criando em todos os setores. Ainda agora São Paulo dá mais uma vez

outra prova de seu pioneirismo, da audácia empreendedora de seus homens de negócios, verdadeiros impulsionadores do progresso bandeirante. Referimo-nos à "Loja Kirsch", recentemente inaugurada na Capital paulista. Magnificamente instalada à Rua Conselheiro Crispiniano, 115, a "Loja Kirsch" inaugura no Brasil

um gênero de estabelecimento comercial especializado na venda, exclusivamente, de persianas de alumínio Kirsch e Flex-O-Lite, e divisões sanfonadas Modernfold. Propriedade da Companhia Mecânica e Importadora de São Paulo, a moderníssima Loja Kirsch contribue para dotar São Paulo com uma iniciativa digna da sua posição de grande metrópole.





*No Edifício "Viadutos", da
Monções, também aplicam
Tubos Conduits "STELLA"*

INDÚSTRIA METALÚRGICA STELLA LTDA.

TUBOS CONDUITS

RUA GUAIAÚNA, 109
Fone 9-0262, End. Teleg.: ROSECK
Caixa Postal, 6623 - São Paulo

O Panorama Imobiliário de São Paulo

As estatísticas que periodicamente se divulgam, mostram como a cidade de São Paulo se coloca na vanguarda das "urbs" que maior progresso registra. O número de edifícios que diária, mensal e anualmente se edifica no antigo burgo de Anchieta é qualquer coisa de encher de assombro, principalmente às gentes de outras terras. Do período que vai de 1930 até os dias que correm, a feição de São Paulo se modificou quasi por completo. construídas

Ruas, avenidas, praças, foram rasgadas e construídas; pontes e viadutos vieram ligar bairros entre si, dilatando a área urbana.

Mas no terreno imobiliário é a mais vemos o progresso de São Paulo. Quais os fatores que contribuíram e contribuem para este vertiginoso progresso? Vários, por certo, são esses fatores. A ação das administrações governamentais, a melhoria do poder aquisitivo das populações e às iniciativas das empresas imobiliárias que tanto têm contribuído para a modificação urbana da capital de Piratininga. Vai, nesta última frase, uma boa soma de verdade. Tanto isto é certo que toda vez que se escrever a história de maior parque manufatureiro das landes colombianas, forçosamente os historiadores terão que dar acentuado destaque à cooperação que empresas e companhias imobiliárias deram para o progresso de São Paulo.

Há alguns anos atrás, duas dezenas mais ou menos, o número de empresas de imóveis já desenvolviam grande atividades em nossos centros de negócios. Mas nestes últimos dez anos, ou melhor, neste lustro que estamos vivendo, as centenas de empresas de imóveis fundadas, vieram contribuir para o mercado imobiliário se tornasse uma das forças mais poderosas no arcabouço econômico da Cidade, do Estado e mesmo da Nacionalidade. O volume das transações decorrentes dos negócios imobiliários, neste momento, se assemelha em muito àquele período áureo de ouro, da cana de açúcar, do café, do algodão ou então à chamada "febre de petróleo" que veio determinar uma acentuada prosperidade na vida dos Estados Unidos.

Quem, diariamente, ou melhor e principalmente, aos domingos, abre os nossos jornais, depara com as mais dispareas manifestações da pujança imobiliária de São Paulo. Ofertas de casas, terrenos, edifícios, chacaras, tudo, enfim. A febre de apartamentos vendidos em

condomínio, neste momento, atinge o seu apogeu. Todo dia, as companhias imobiliárias registram nas colunas dos jornais paulistanos, uma oferta que sempre encontra comprador. Existem até casos em que a firma incorporadora, nem chega anunciar as ofertas e, imediatamente, em poucas horas, todo um edifício de muitos andares, é vendido. Existem casos em que um corretor de imóveis, de muita habilidade e capacidade, conseguiu, em apenas quarenta e oito horas, opção de venda de um terreno, incorporação, planejamento de um edifício e venda da totalidade dos apartamentos. O mesmo se poderá dizer dos conjuntos residenciais.

Não devemos esquecer, ainda, que graças à capacidade realizadora das companhias imobiliárias, foi que o paulistano modificou a sua compreensão material, isto é, receioso do futuro no mundo em que vive, achou e acha sempre de bom alvitre, ter a sua casa própria. E, hoje, tanto o rico, o remediado, como o pobre, constitui como suar o tétopróprio, pondo-os a coberto, das surpresas denominador comum de sua vida a preocupação de possuir amanhã que na sua falta de confiança no Criador julga se incerto.

Como bem dissemos linhas acima, quando se escrever sempre a história do vertiginoso progresso da cidade de São Paulo de Piratininga, por certo, um registro especial da cooperação dada pelas empresas de imóveis, terá que ser feito.

Para demonstrar estas nossas afirmativas, "Habitat" iniciará com este número uma série de reportagens sobre as últimas construções e projetos de Edifícios de Apartamentos, tanto em construção como planejados.

E como primeira destas reportagens, publicamos a seguir algumas das inúmeras realizações da MONÇÕES Construtora e Imobiliária S. A., São Paulo.

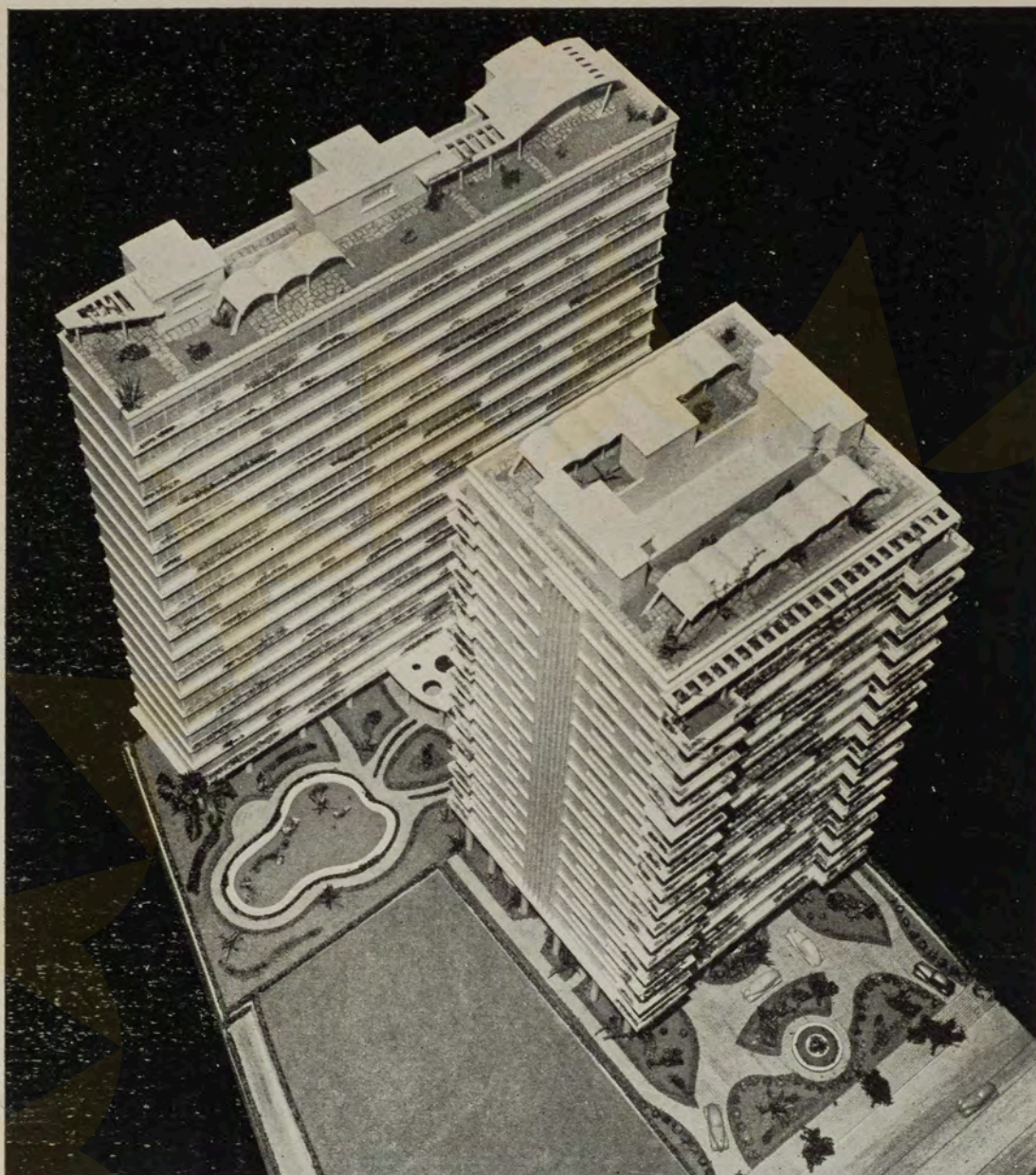
REPORTAGEM N.º 1

Edifício Condomínio Parque das Hortências
Edifício Condomínio Parque Verde Mar - Santos
Edifício Condomínio Bretagne - São Paulo
Edifício Condomínio Viadutos - São Paulo

MONÇÕES

CONSTRUTORA E IMOBILIÁRIA S. A.

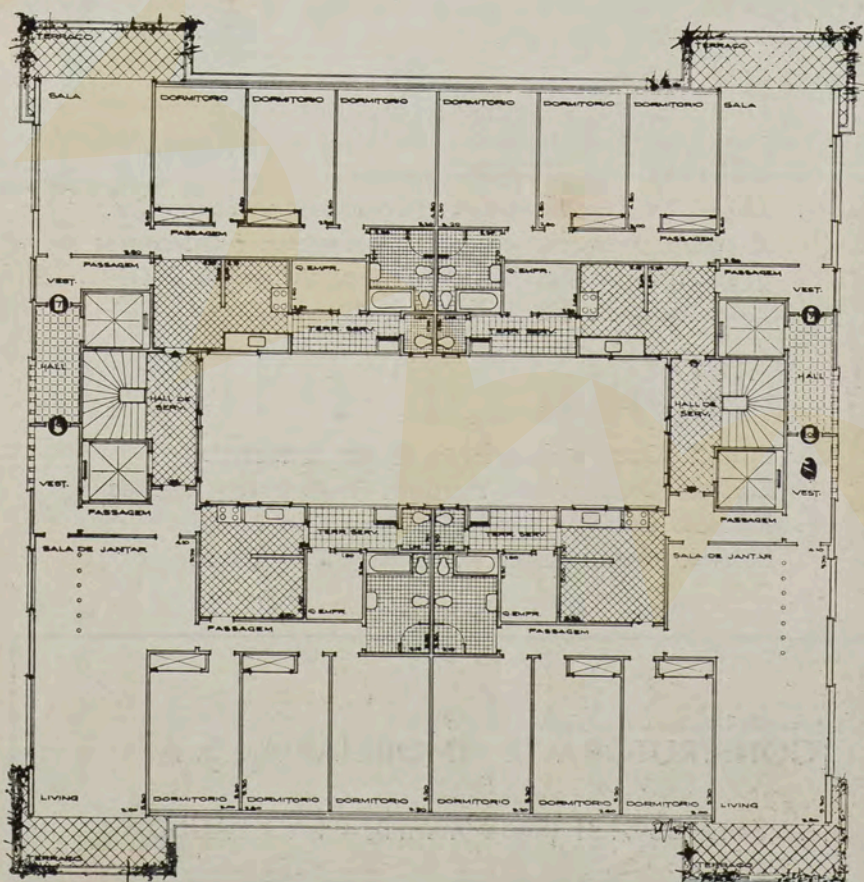
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 140, - 14.º and., - Fone: 36-8131 (Rêde Interna) - SÃO PAULO



CONDOMINIO PARQUE DAS HORTÊNSIAS

Projeto de
J. JURADO ARTACHO
Sociedade Técnica Ltda.

Em construção à
Avenida Angelica, São Paulo



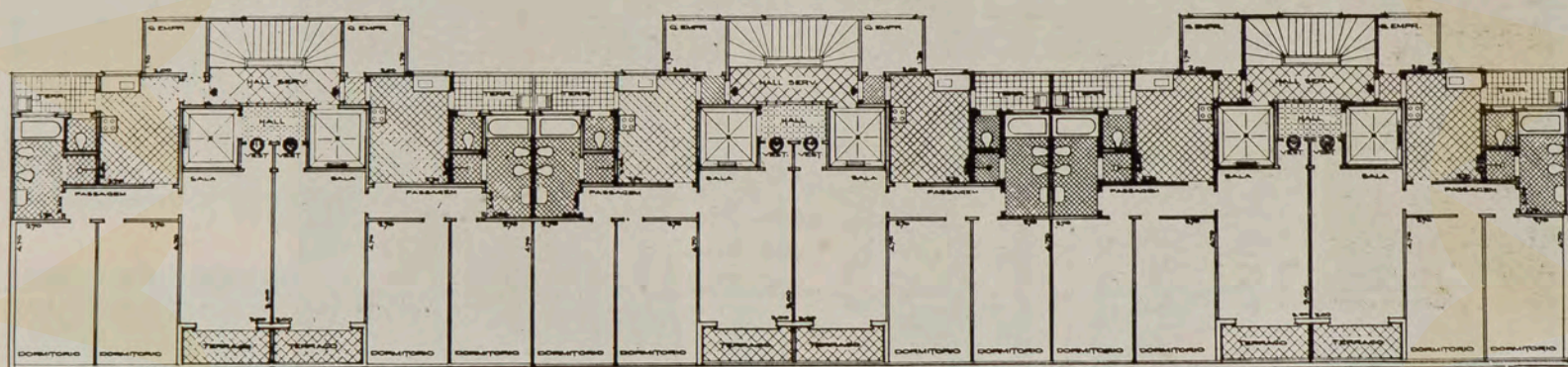
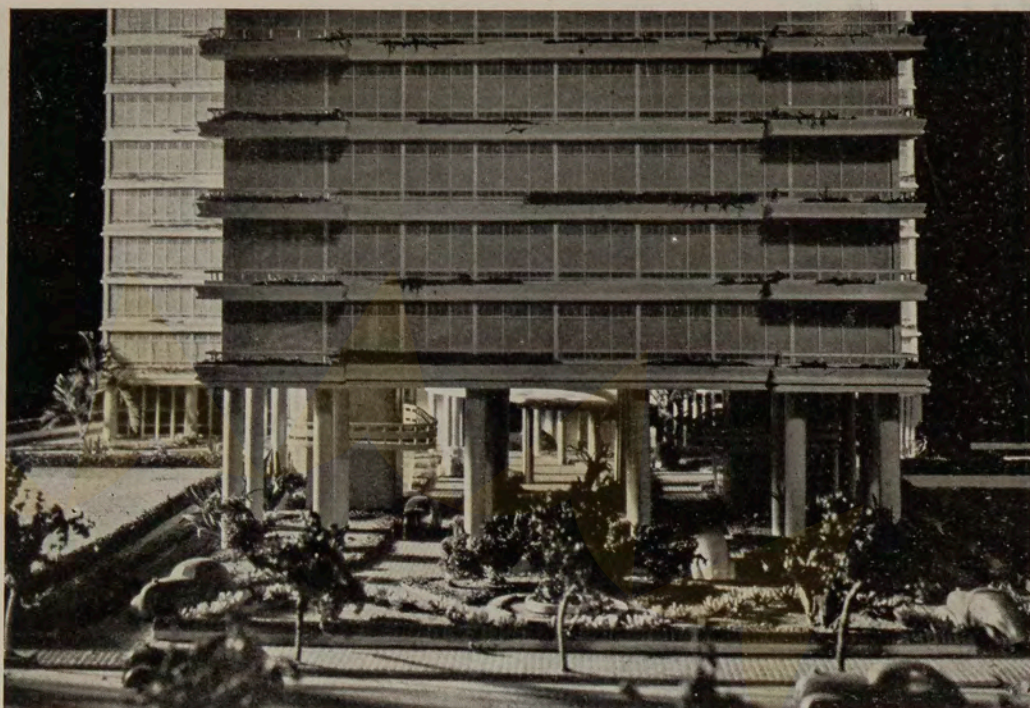
Grandioso conjunto constituído por 2 edifícios de moderníssima arquitetura, aliada ao luxo e conforto de seus apartamentos.

Grande área foi destinada aos jardins, artística piscina, play-ground, etc.

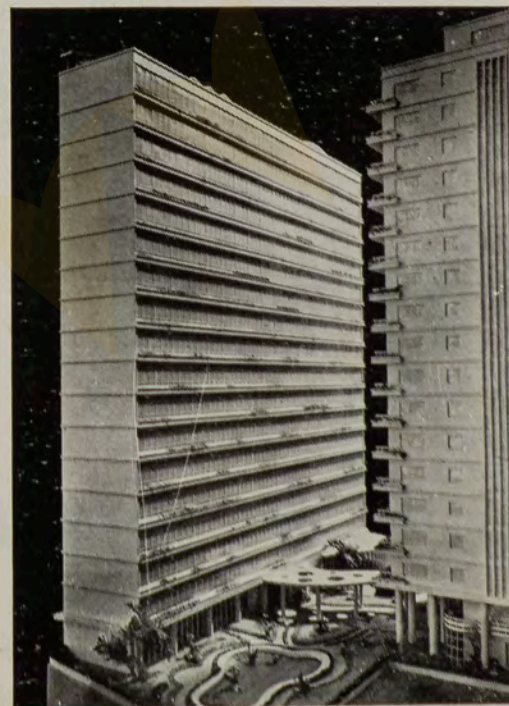
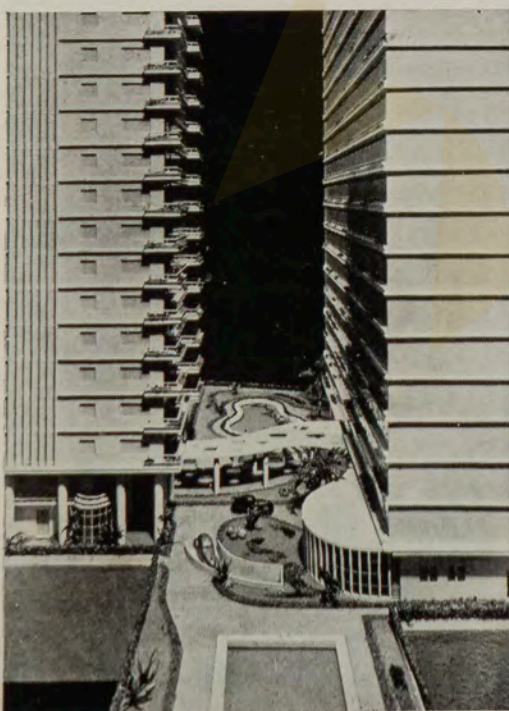
A parte social está bem projetada com seus inúmeros halls, salões para festas, sala de jogos esportivos, sala de recreio para crianças, salão de chá e bar.

Possuindo dois pavimentos subterrâneos para garagens, proporcionará acomodação aos automóveis de quasi todos os condôminos.

Cremos ser este um dos mais bonitos conjuntos arquitetônicos de nossa cidade, mercê do apurado bom gosto que caracterizam os Edifícios da MONÇÕES — Construtora e Imobiliária S. A.



Alguns aspectos do Condomínio "Parque das Hortensias". nota-se a beleza da linha arquitetônica





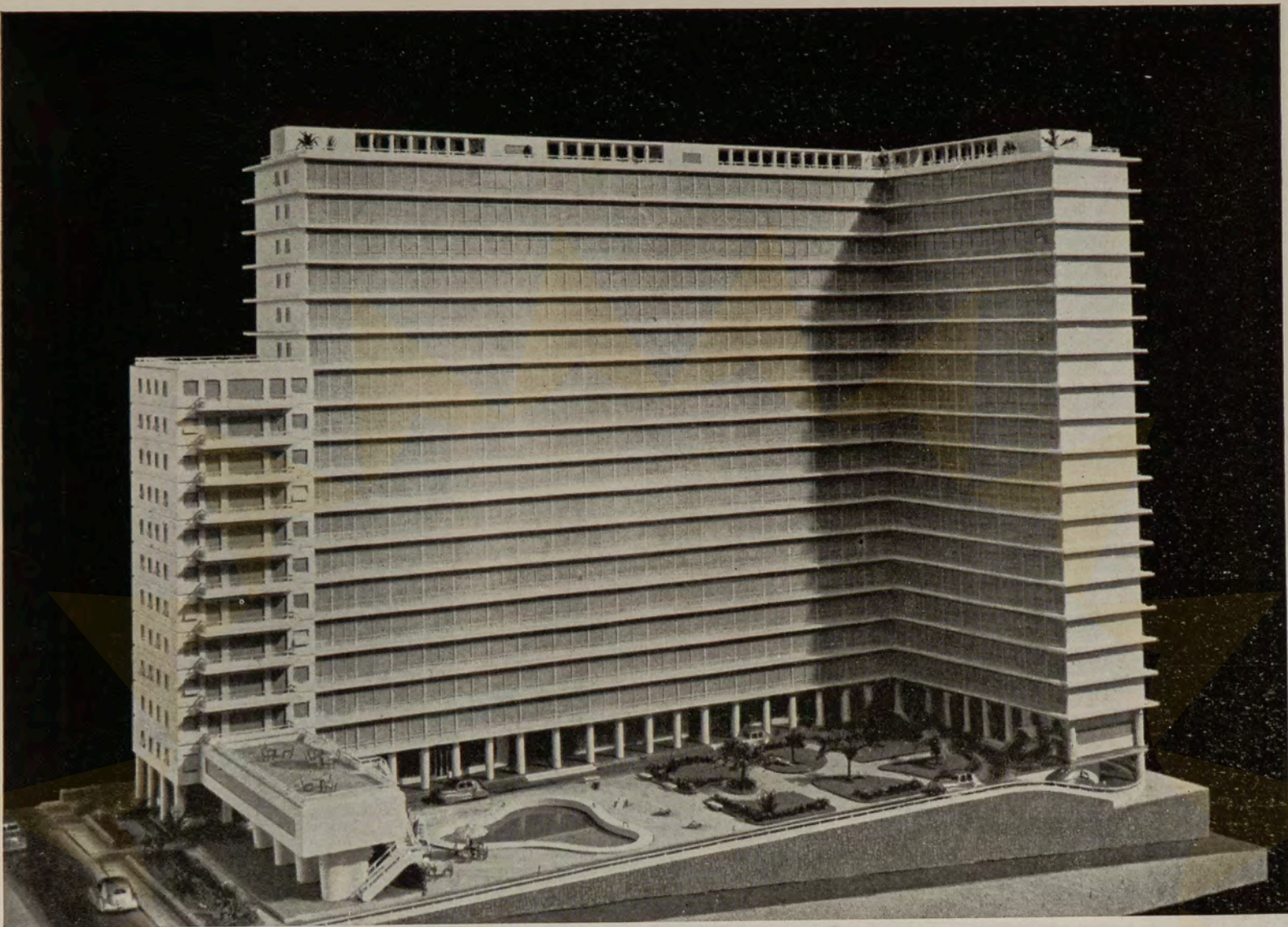
CONDOMINIO VIADÚTOS

AVENIDA IRRADIAÇÃO - SÃO PAULO

Projeto de J. ARTACHO JURADO, Sociedade Técnica Ltda.

Conjunto de 27 pavimentos formado pelos Edifícios

Nove de Julho, Jacaré e Dona Paulina, cuja construção já se acha bastante adiantada



CONDOMINIO BRETAGNE

AVENIDA HIGIENOPOLIS - SÃO PAULO

Projeto de J. ARTACHO JURADO, Sociedade Técnica Ltda.

Grandioso conjunto de moderna arquitetura não só em suas linhas como também na moderna concepção de conforto.

O andar térreo será totalmente ocupado pelos halls nobres, salões de festas, sala de recreio para crianças, salões de jogos esportivos, bar, lateralmente há uma grande praça interna com jardins, piscina, play-ground, etc.

Em dois sub-solos acham-se os salões garagens com capacidade para carros da quasi totalidade dos apartamentos.

Do grande terraço jardim no último pavimento descortina-se todo o panorama da nossa Paulicéa.



Condominio PARQUE VERDE MAR

Projeto de J. ARTACHO JURADO, Sociedade Técnica Ltda.

Localização: Avenida Vicente de Carvalho - SANTOS

FIRMAS que contribuíram com os seus fornecimentos para a realização das obras desta importante sociedade que é a MONÇÕES - Construtora e Imobiliária S/A

Bernardo Mondschein & Cie. Ltda., rua Corrêa de Andrade, 172

Carvalho Meira S/A, r. Libero Badaró, 605

Cia. Comercial de Vidros do Brasil C.V.B., r. Cons. Crispiniano, 379, 5.º and.

C. Pugliese & Cia. Ltda., r. Tabor, 123

Fábrica Metalúrgica de Lustres Ltda., r. Pelotas, 141

Fundações e Construções S/A, Sistema Ferrobeton-Silm, r. Braulio Gomes, 25, 6.º, conj. 609

Haupt-São Paulo & Cia. Ltda., r. Florêncio de Abreu, 580

Hemel Hidro-Eleto Mecânica de Engenharia Ltda., Av. Ipiranga, 674, 9.º, s. 903-4

Henrique G. Zwilling, Escritório Técnico, Pr. Dom José Gaspar, 30, 20.º and.

Indústria Brasileira de Pinturas Ltda., r. Quirino de Andrade, 97

Indústrias Madeirit Ltda., r. do Gasômetro, 560

Indústria Metalurgica Stella Ltda., r. Guaiaúna, 109

Indústria Paulista de Porcelanas "Argilex" S/A, r. Nestor Pestana, 47

Labor Industrial Ltda., r. Cônego Eugenio Leite, 890

Leone Costa, r. Brig. Tobias, 470, 1.º, sala 2

Montana S/A - Engenharia e Comércio, r. Cons. Crispiniano, 20, 4.º, s. 400-404

Móveis de Aço Fiel S/A, r. Cachoeira, 670

Serralheria São Francisco, Circelli & Cia. Ltda., r. Quirino de Andrade, 59

Siemens Schuckert S/A, Companhia Brasileira de Eletricidade, r. Florêncio de Abreu, 271

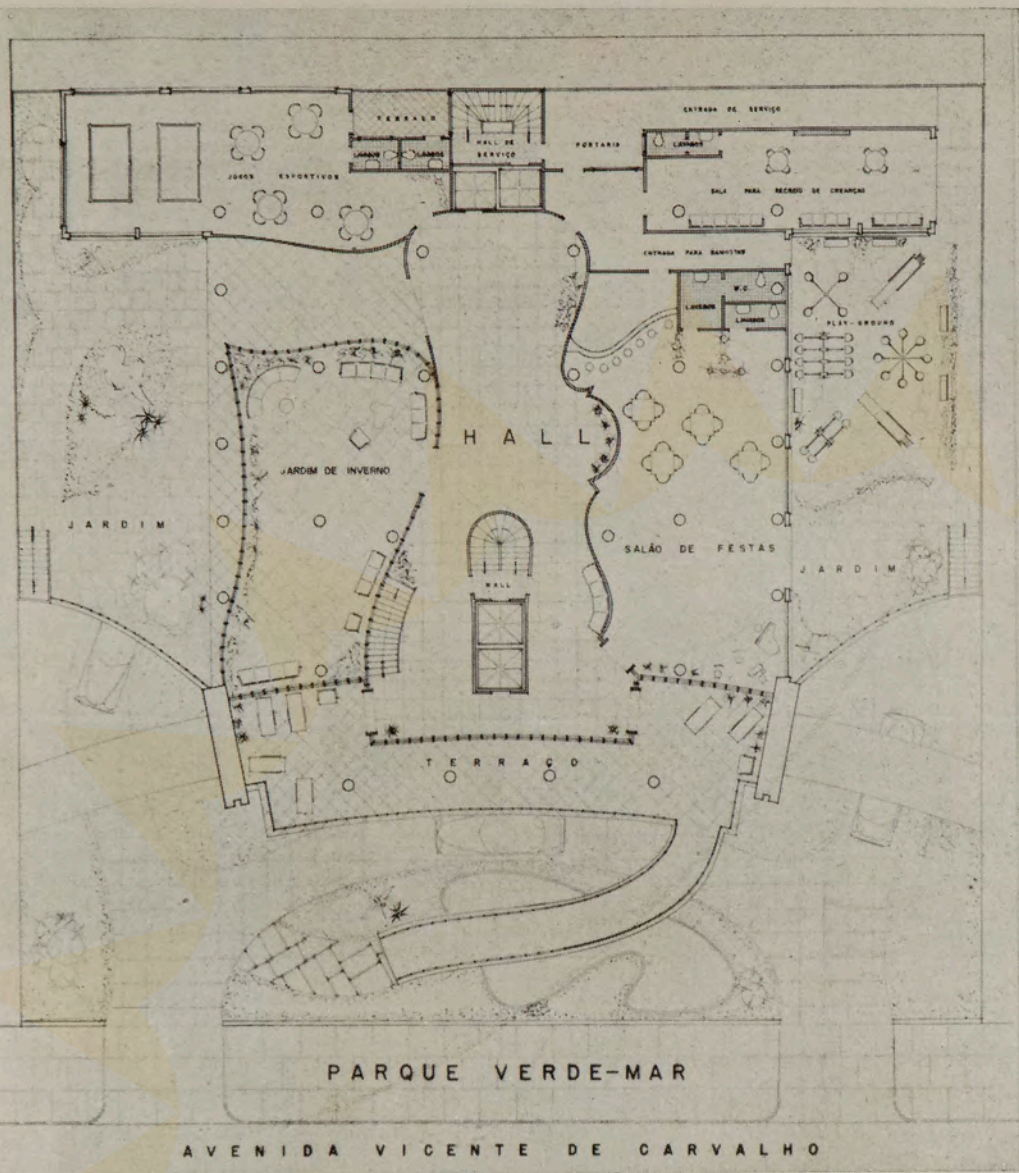
S/A Decorações Edis, Av. Brigadeiro Luís Antônio, 300

Souza Noschese Comércio e Indústria S/A, r. J. Ribeiro, 243

Sovic Sociedade de Vendas e Instalações Contact Ltda., r. São Luís, 137

Usina Central de Concreto S/A, Pr. Ramos de Azevedo, 209, 8.º

Vitrais Conrado Sorgenicht S/A, r. Bela Cintra, 67



Planta geral

Seguindo a orientação geral da MONÇÕES, de dotar os Edifícios de apartamentos de uma vida social própria, teve este Edifício uma ampla e bem cuidada arte social. Assim, o andar térreo está inteiramente ocupado com terraços, jardim de inverno, salão de festas, bar, sala de jogos esportivos, sala para recreio de crianças, playground, jardim, etc. No sub-solo encontra-se uma grandiosa garagem, para comodidade dos condôminos.



FOTO E. N. F. A.

O flagrante acima, apanhado recentemente de bordo de um avião, mostra-nos, em toda a sua pujança, a grandeza e o portento atual do antigo burgo do venerável Anchieta. Esta foto, espelha, a grandeza e a modificação por que vem passando a cidade que é considerada o maior parque industrial da América Latina e, também como bem ficou patenteado nas páginas anteriores desta reportagem, que São Paulo

também é uma metrópole onde mais se constroe.

Quaisquer adjetivos que se queira acrescentar como um hino de glória a São Paulo de Piratininga, depois de contemplarmos a visão panorâmica demonstrada na foto acima, será, por certo, superslúo. Os altos edifícios que se erguem como gigantes, falam bem alto da capacidade e da vontade da gente que moureja nesta terra dadivosa e boa. As ini-

ciativas da gente que vive em São Paulo estão expressas nas realizações mais dispares e mais arrojadas. E se a gente de São Paulo conseguiu até este momento fazer da metrópole piratininga este colosso, o que poderemos esperar desta mesma gente no futuro? Difícil dizer, mas ao mesmo tempo podemos fazer conjecturas de que será São Paulo por ocasião do seu quarto centenário ou mesmo no fim deste século.

As fundações do Edifício Parque das Hortências foram executadas com

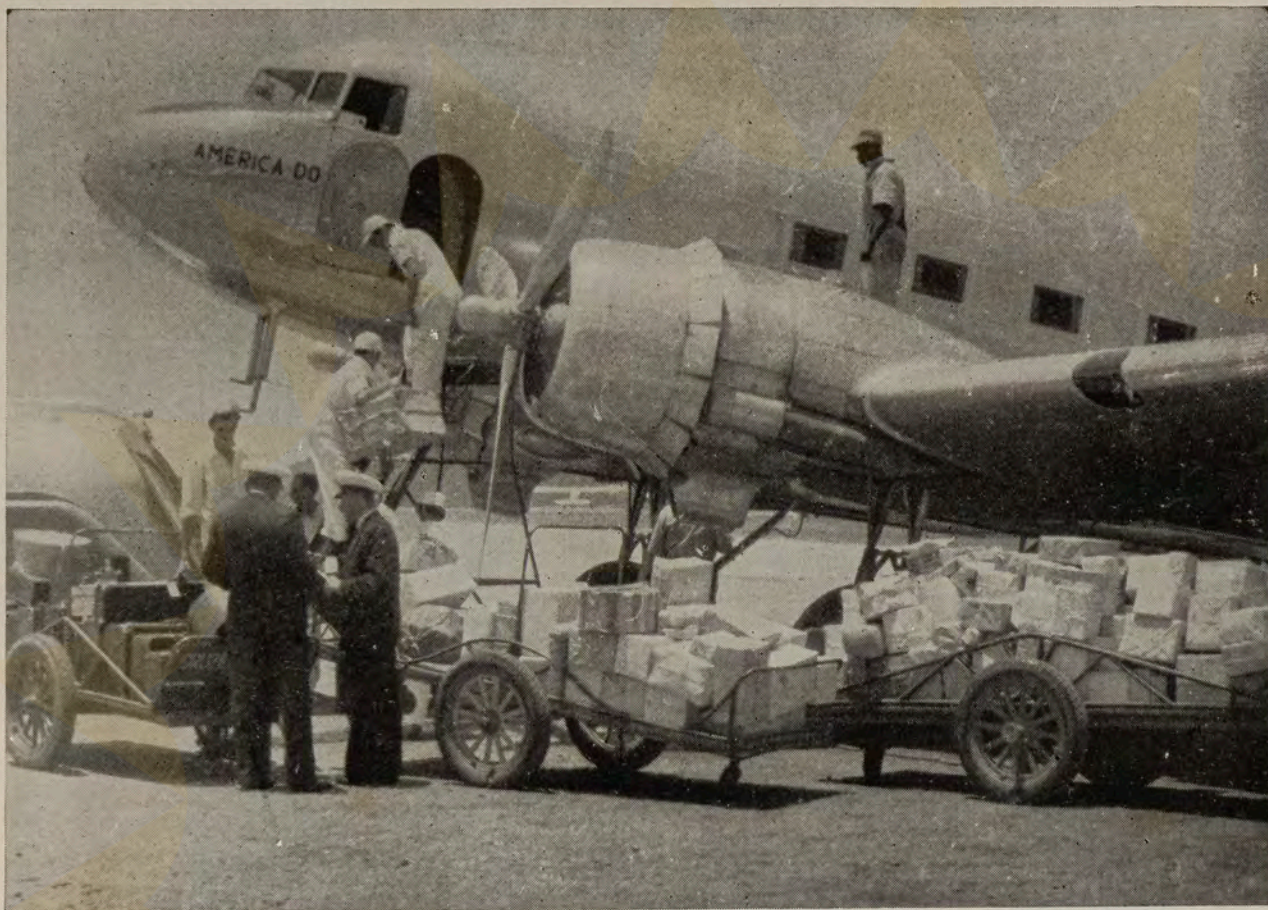
ESTACAS DUPLEX & SIMPLEX

Fundações & Construções S. A.
Sistema Ferrobeton Silm

São Paulo - rua Braulio Gomes, 25 - 6.º a., Conj. 609 - Tel. 34-4649

Rio de Janeiro - rua Visc. de Inhauma, 134 - 13.º a., S. 1318-21 - Tel. 23-6302

UM QUARTO DE SÉCULO DE LUTAS E DE TRIUNFOS



Descarga de um Douglas DC-3 da Cruzeiro do Sul, no Aeroporto Santos Dumont

Poder-se-ia datar, honestamente, o início das atividades da “Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul”, antiga “Condor”, do ano de 1926. Pois foi nesse ano que se realizaram os estudos preliminares no sentido de instaurar no Brasil a navegação pelos ares. Procedente de Buenos Aires, um hidro-avião do tipo “Dornier-Wal”, de nome “Atlântico”, percorreu, em Novembro de 1926, a distância entre a Capital Argentina e o Rio de Janeiro, voo este que, em verdade, foi o primeiro executado por hidro-avião comercial sob nossos céus. A primeira licença, contudo, concedida pelo governo brasileiro para o estabelecimento de serviço regular de transportes aéreos entre o Rio de Janeiro e a Capital gaúcha data, de fato, de Janeiro de 1927. Logo no mês seguinte foi inaugurada a primeira linha aérea comercial regular, ligando Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, no Rio Grande do Sul, seguindo-se, depois, o estabelecimento da linha Rio de Janeiro-Porto Alegre e portos intermediários, começando a funcionar em nossa terra o tráfego aéreo de passageiros, correio e cargas.

Um quarto de século após, nos dias presentes, a “Cruzeiro do Sul”, pioneira e realizadora infatigável, pode orgulhar-se da caminhada feita. Confrontem-se alguns dados.

Em 1927 eram seis as localidades servidas pela nossa empresa líder de transportes aéreos. Hoje o número de suas escalas ascende a cem. Será melhor enumerá-las. São as seguintes: Amapá, Anápolis, Aquidauana, Apucarana, Aracaju, Araçatuba, Araguacema, Araraquara, Arraias, Aruanã, Balsas, Barreiras, Belo Horizonte, Belém, Boa Vista, Brejo, Buenos Aires, Cáceres, Cachoeiro do Itapemirim, Campinas, Campo Grande, Canavieiras, Carazinho, Caravelas, Cochabamba, Carolina, Cornélio, Procópio, Conceição do Araguaia, Corumbá, Cruzeiro do Sul, Cuiabá, Curitiba, Dianópolis, Erechim, Florianópolis, Formosa, Fortaleza, Forte Príncipe, Goiânia, Guajará-Mirim, Ilhéus, Itajaí, Itararé, Joaçaba, João Pessoa, Macapá, Macaé, Mafra, Manaus, Marabá, Monte Alegre, Montes Claros, Moçoró, Natal, Natividade, Oiapoque, Parnai-

ba, Paranavai, Passo Fundo, Peixe, Pelotas, Petrolina, Planaltina, Pirajú, Piaús, Pires do Rio, Ponta Grossa, Porecatú, Porto Alegre, Porto Nacional, Porto Velho, Recife, Rio Branco, Rio Grande, Rio de Janeiro, Roboré (Bolívia), Salvador, San José (Bolívia), Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), Santarém, São Joaquim da Barra, S. Mateus, S. Luiz, S. Paulo, Sítio da Abadia, Tarauacá, Terezinha, Tocantínea, União da Vitória, Vitória, Xapuri...

Nesta lista, estabelecida por ordem alfabética para facilidade de consulta, está compreendido o Brasil inteiro, de norte a sul, de leste a oeste, com seus 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, para não falar nas derivações para além fronteiras. Está compreendido o Brasil inteiro, com suas tentaculares metrópoles, seus grandes empórios, seu litoral, seu sertão, seus mais perdidos centros de atividade do **hinterland** enorme. Trata-se talvez da mais vasta rede aérea doméstica do mundo, — superior, pelo menos, em extensão, à mais longa rede doméstica da América do Norte.

Já por si mesma está indicando essa rede que o desenvolvimento da Empresa em todos os sentidos foi simplesmente vertiginoso.

Deixando de parte os seis primeiros anos, de avanço mais lento e difícil, marquemos apenas o progresso da Empresa no derradeiro vintênio.

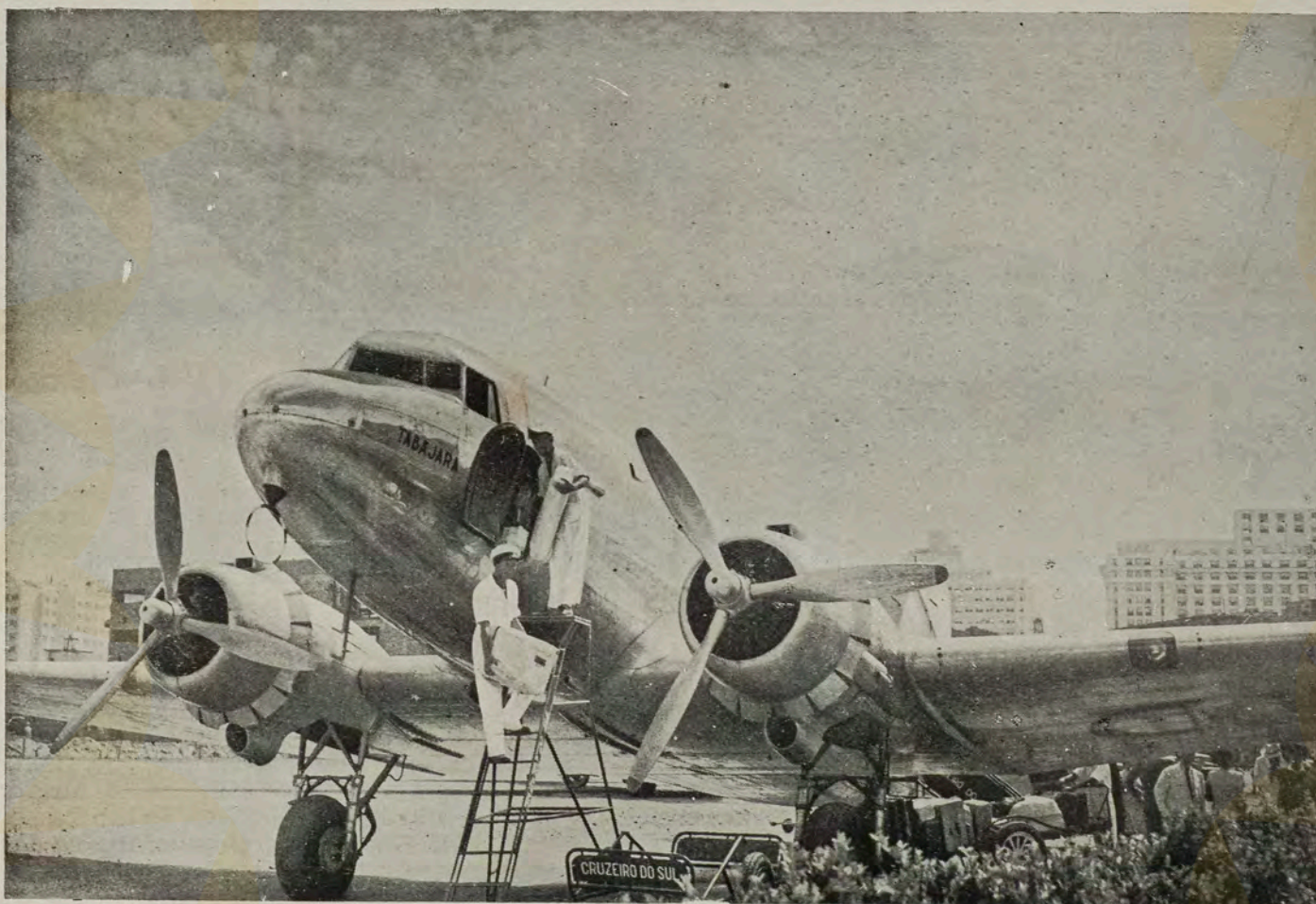
Em 1933 foram transportados 5.425 passageiros, contra 357.796 em 1951; 64.080 kg. de bagagens, contra 4.211.508 kg. em 1951; 15.655 kg. de encomendas contra 6.629.700 kg. em 1951; 25.609 kg. de correspondência postal, contra 126.500 kg. em 1951. Em 1933 foram realizados 1.173 vôos, em 5.103 horas, cobrindo a distância de 883.243 quilômetros. Em 1951, realizaram-se 19.373 vôos, em 64.389 horas, cobrindo a distância de

Foram vários os fatores desse crescimento extraordinário. Em primeiro lugar, a necessidade de transportes de que sempre sofreu o Brasil, necessidade tão mais premente quanto mais acelerado foi batendo o ritmo da prosperidade brasileira. Mas em seguida, sem dúvida, a alta confiança que à Empresa, desde o início, o público dispensou, assim como o devotamento extremo da Empresa à causa pública, aos interesses vitais do país, ao sonho de serena grandeza nacional.

A "Cruzeiro do Sul" foi, não apenas a pioneira gloriosa, mas a desbravadora incansável. Suas linhas abriram brechas, pela rota dos céus, à penetração da vida e da cultura nos mais perdidos rincões do **hinterland**

século de atividade, pôde igualmente reunir em seu grande corpo de tripulantes uma das mais belas e numerosas equipes de ases mundiais da aviação do comércio. São dezenas, nesse corpo de tripulantes, os pilotos, copilotos, rádio navegadores, comissários de bordo que já ultrapassaram a quota de **um milhão** de quilômetros de vôo a serviço da Empresa ("Milionários do ar"), sendo que muitos destes já foram a dois, a três e quatro milhões de quilômetros pavorados! Senhores, quatro milhões de quilômetros de vôo bastariam para a realização de 11 viagens, em linha reta, da Terra à Lua!

Acrescente-se, agora, o elemento "segurança de vôo", que na "Cruzeiro do Sul" é de primeiríssima ordem:



Carregando o avião para a próxima partida

17.165.124 quilômetros. Quantas vezes cresceu o movimento da empresa entre essas duas etapas?

Trinta, quarenta, cinquenta vezes. Com relação ao número de passageiros-quilômetros transportados, para além de 80 vezes!

Parece, à primeira vista, um cálculo fantasista. Verifica-se, facilmente, o contrário. Em 1933, o número realizado de passageiros - quilômetros atingiu a cifra de 2.812.217. Multiplique-se este número por 80. O resultado será: 224.977.360. Pois bem: o número real de passageiros-quilômetros realizados pela Empresa em 1951 se exprime nos seguintes algarismos, que superam aquele resultado: 225.412.428!

brasileiro, como outrora o fez, pelas rotas de terra, a audácia bandeirante.

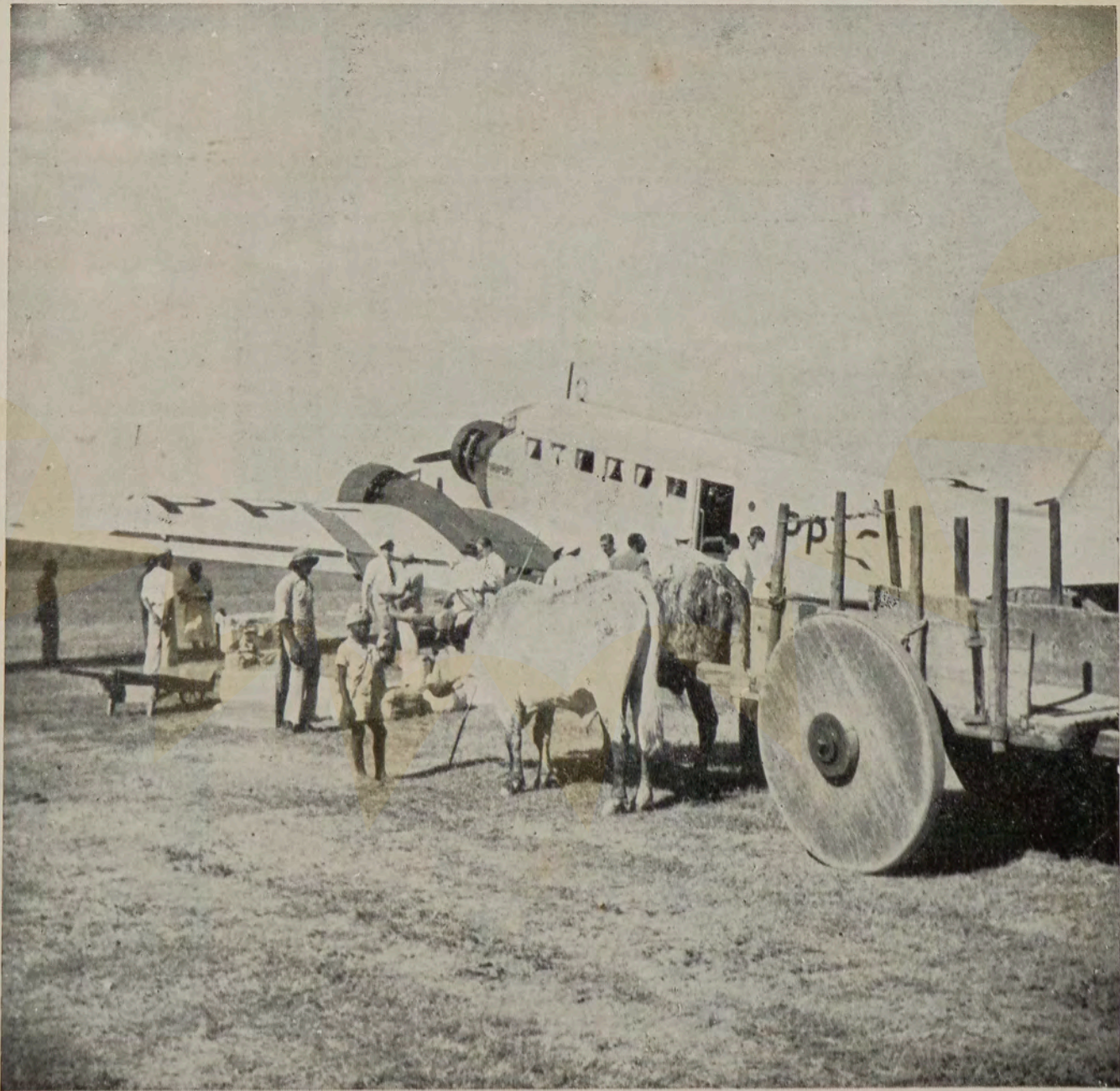
E assim, ponde crescer, foi forçada a crescer, digamo-lo. Aumentando, ano por ano, nas proporções surpreendentes a que aludimos, viu-se na contingência inevitável de organizar uma grande frota aérea constituída de aviões moderníssimos, os esplêndidos bimotores "Douglas DC3", para 21 passageiros, e os magníficos quadrimotores "Douglas DC4" ("Sky-masters"), para 44 passageiros, — aparelhos estes postos à prova em todas as linhas aéreas do mundo com os mais positivos e brilhantes resultados.

Ao longo de seu primeiro quarto de

as grandes oficinas do Cajú, onde cerca de um milhar de engenheiros, mestres, operários especializados trabalham no serviço de manutenção, reparo, restauração, revisão minuciosa de cada mínima peça do motor, das asas, da fuselagem dos gigantes transaéreos da frota; as equipes técnicas das bases aéreas e das estações-rádio, velando dia e noite pela perfeita tranquilidade dos aparelhos em tráfego: e facilmente se compreenderá toda a razão do vertiginoso crescimento, que fez, em 25 anos de labuta, da "Cruzeiro do Sul", não apenas a maior e mais prestigiosa organização aeroviária do país, mas também uma das maiores e mais prestigiosas do mundo.



Preparativos de embarque



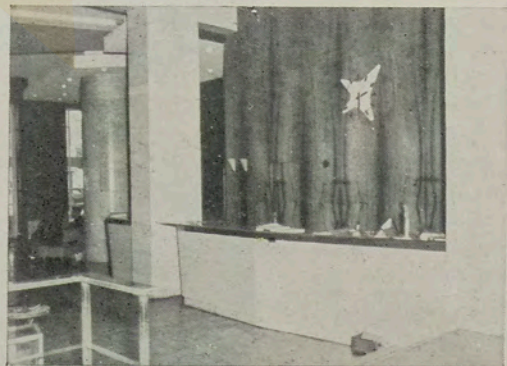
Encontro magnífico: o carro de bois e um dos velhos aviões da "Cruzeiro do Sul"



Balcão de recepção

O “HOTEL COMODORO”

O mais moderno de São Paulo



Inaugurou-se, recentemente, em São Paulo, o magnífico Hotel Comodoro, mais uma iniciativa da firma F. R. de Aquino S. A., no setor dos seus muitos empreendimentos imobiliários, nesta cidade.

Dotado do que há de mais moderno na indústria hoteleira, e pelo serviço impar que oferece, o Hotel Comodoro é considerado hoje o mais moderno hotel da América Latina.

Com a instalação desse hotel, a Cia. de Hotéis Comodoro colocou São Paulo a par com os maiores centros mundiais na difícil arte de bem hospedar.

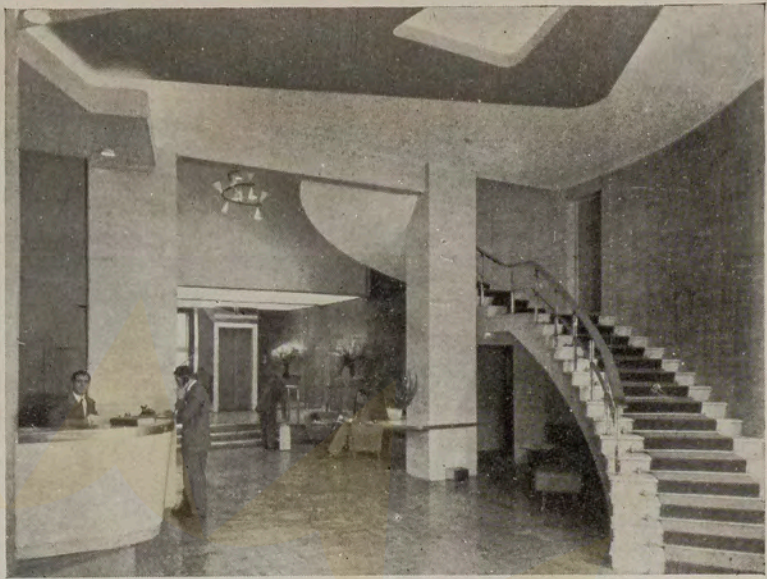
Entre as coisas dignas de especial nota, mencionaremos a “Sala Portinari”, ampla, arejada e alegre, na qual, ocupando toda uma parede, está o mural “Bandeirantes” de autoria do pintor Candido Portinari.

O “Captain-s Bar”, aconchegador, simpático e com ar condicionado, proporcionando sempre, no inverno ou no verão, uma temperatura normal, é outro aspecto moderno do Hotel Comodoro.

Há ainda o “Comodoro Grill”, claro, espaçoso, no andar térreo, onde uma equipe de antigos e competentes funcionários permite um serviço de primeiríssima ordem. Igualmente, com ar condicionado, o “Comodoro Grill” tem sempre uma temperatura amena.

Os apartamentos, todos extremamente confortáveis e esplendidamente mobiliados, são dotados de trinco elétrico, que permite aos hóspedes abrirem a porta, mesmo da cama, além de todo o conforto comum dos grandes hotéis internacionais.

Assim, São Paulo pode orgulhar-se agora de possuir um hotel igual aos melhores do mundo. E com essa iniciativa da firma F. R. de Aquino S. A., o Hotel Comodoro foi, igualmente, o primeiro marco no campo de iniciativa particular, nos preparativos que se projetam para festejar condignamente o IV.º centenário da fundação de São Paulo, a mais dinâmica cidade do mundo.

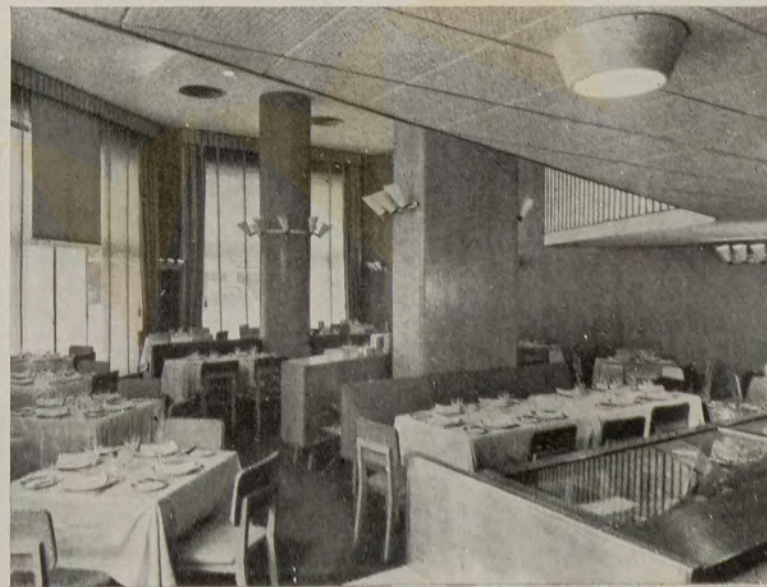


Hall de recepção com a subida para a “Sala Portinari”



O moderno “Captain’s Bar”

“Comodoro Grill”, detalhe



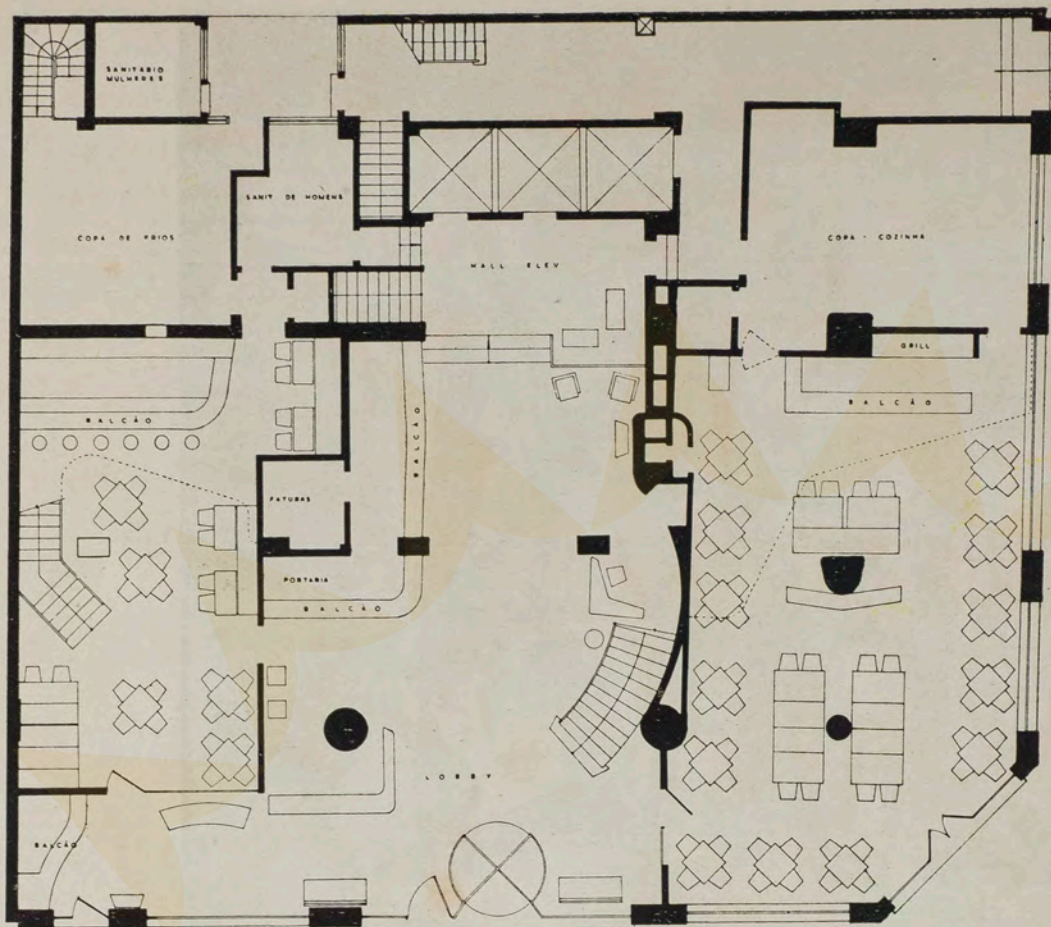


O grande mural "Os Bandeirantes", de autoria do artista patricio, Candido Portinari

Com a grande obra de Candido Portinari no Hotel Comodoro, a arte do mosaico no Brasil recebe um firme impulso e indica ao mesmo tempo as possibilidades da decoração mural. Um trabalho semelhante não podia deixar de ser destinado ao nosso maior pintor, que executou murais já famosos, como a "Primeira missa" e o "Tiradentes", temas dos mais fascinantes para um artista brasileiro. O "Tiradentes" é também um tema histórico, sempre emotivo e vivo de conteúdo pictórico. Portinari aproveitou brilhantemente todos os elementos, dando caráter aos seus personagens numa composição mo-

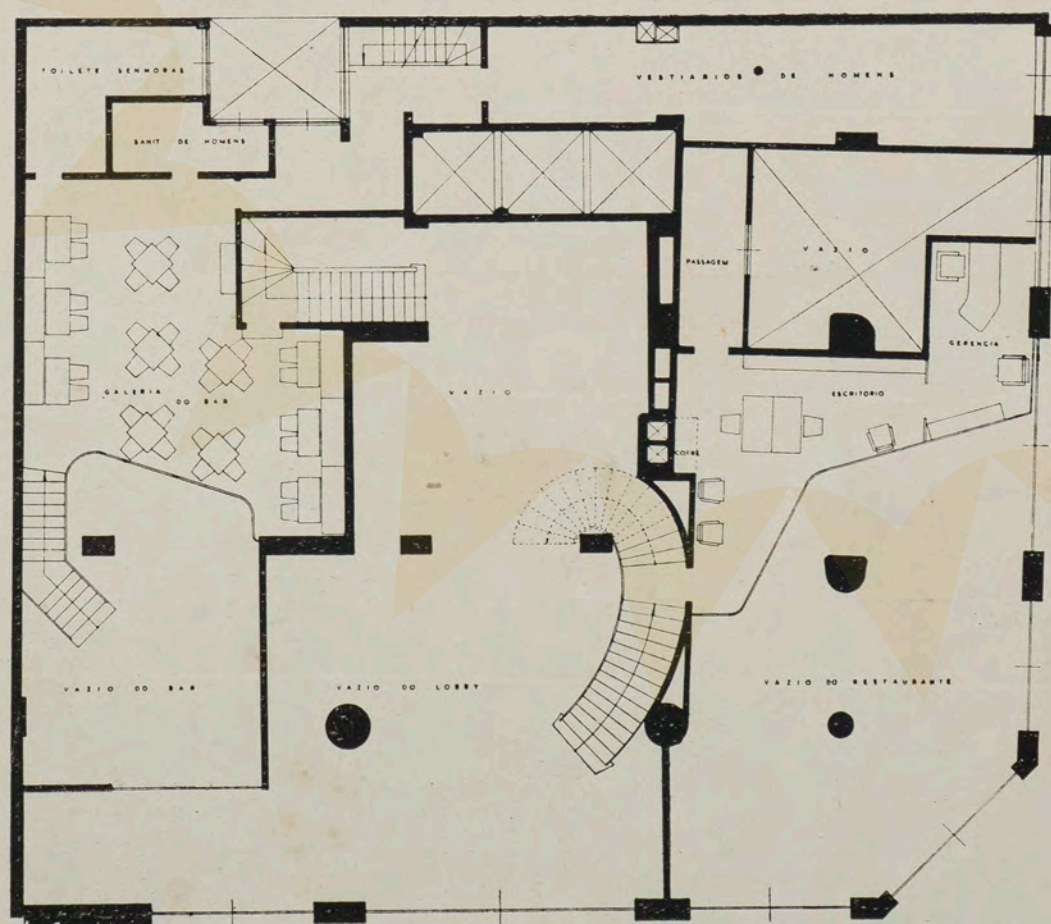


numental, para exprimir a fôrça, a energia, a vontade e o ideal que os tornou lendários. Do mosaico, meio de expressão absolutamente novo entre os pintores brasileiros, Portinari soube extrair um extraordinário conjunto colorístico, mesmo valendo-se de tons sóbrios e severos. A interpretação do artesão mosaísta foi louvável, e a bela superfície vidrada, com sua harmonia de côres e formas, empresta ao ambiente do Hotel Comodoro de São Paulo — chamado “Sala Portinari” em homenagem ao maior artista nascido no Brasil — uma dignidade e um decoro que nenhum outro hotel possui.



Planta do andar térreo

Planta da sobreloja



AGRADECIMENTO

a todas as firmas que possibilitaram a construção e instalação do Hotel Comodoro

Arthur Eberhardt & Cia. Ltda., r. Pelotas, 93: Ferragens para tapeçarias e escadas

Brasileira Fornecedora Escolar S/A, Loja Brafor, r. 7 de Abril, 125: Móveis para escritório

Cadeiras Campanile Ltda., r. Aurora, 134: Cadeiras para Salão de Barbeiro

Cebec, Ceibrasil, Belinky, Eng. e Com. Ltda., r. Formosa, 65/67: Ar condicionado, frigorífico, água gelada, ventilação e exaustão

Cia. Comercial de Vidros do Brasil CBV, r. Cons. Crispiniano, 379, 5.º: Vidros

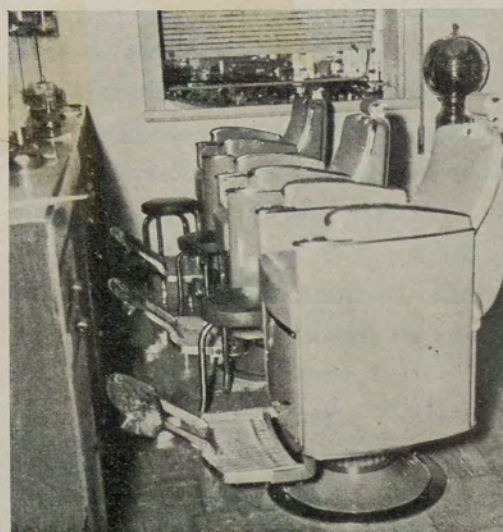
Cia. Tagus de Relógios, r. Cardeal Arco-verde, 614: Relógios elétricos

Colchão de Molas Lancelotti, r. do Arouche, 84: Colchões de molas

Companhia União Fabril, Succ. Rheingantz & Cia., Rio Grande: Tecidos

Cristais Prado Ltda., r. 24 de Maio, 53: Cristais e cerâmica

Barbearia



Guido Tonato, r. Dr. Cincinato Pamponet, 72, 1.º, s. 1: Marceneiro

Indústrias "Cama Patente-L. Liscio" S/A, r. Rodolfo Miranda, 97: Camas e estrados

Indústria Iluminadora Ltda., r. dos Pa-
recis, 74: Aparelhos de iluminação

Industrial Mecânica Novitas Ltda. r. 7
de Abril, 252, 2.º slj. sala 4: Persianas

Irmãos Ferreira & Cia., Av. Rangel Pes-
tana, 1038: Vidros e cristais

Maciél & Moacir, r. Anastácio, 101, fundos:
Marcenaria

Marcenaria Santa Maria Ltda., r. Cesário
Mota, 494: Móveis de estilo e cadeiras
para bar

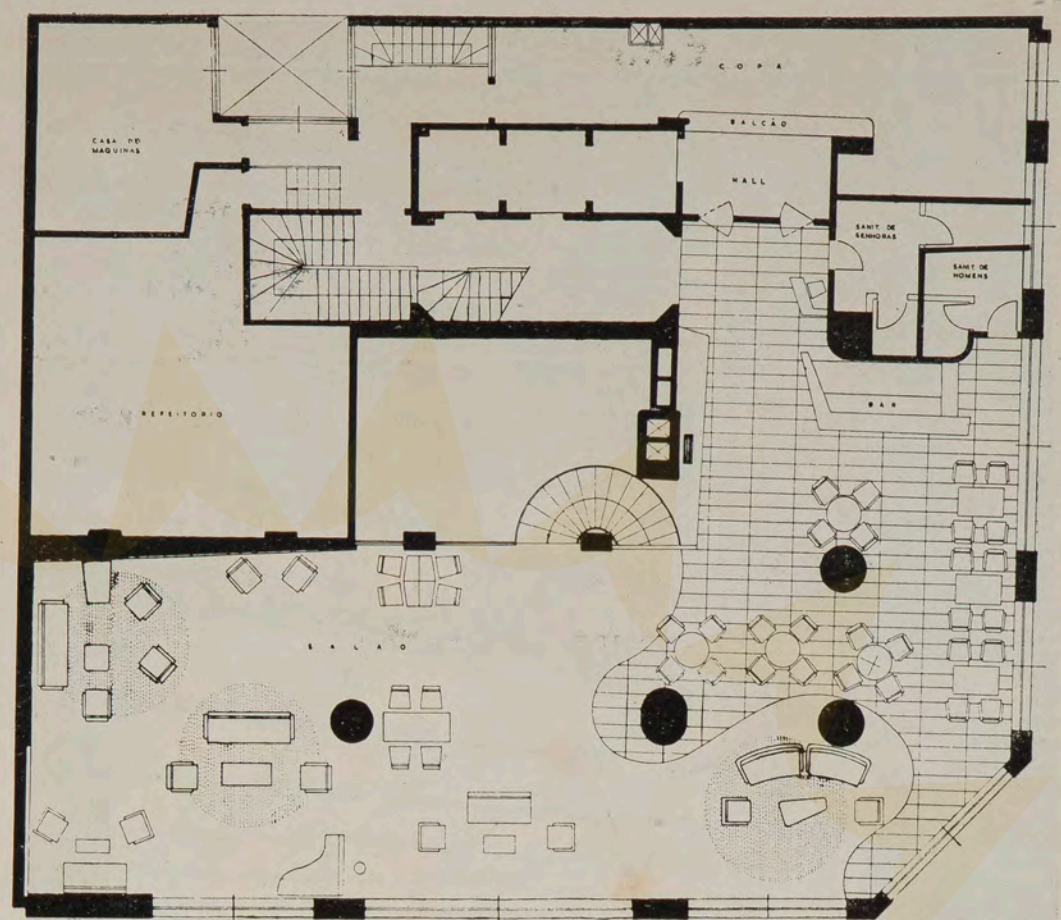
Martin Kraml, r. Com. Salgado, 144: Cor-
tinas e colchas

Móveis Teperman Soc. An., Av. Rangel
Pestana, 2109: Móveis

Polizotto S. A., r. da Independência, 866:
Serralheria

S. A. Decorações Edis, Av. Brig. Luis An-
tonio, 300: Mosaicos

Soc. de Importação e Representações As-
sumpção Ltda., r. Quirino de Andrade,
219, 5.º and., conj. 52: Refletores

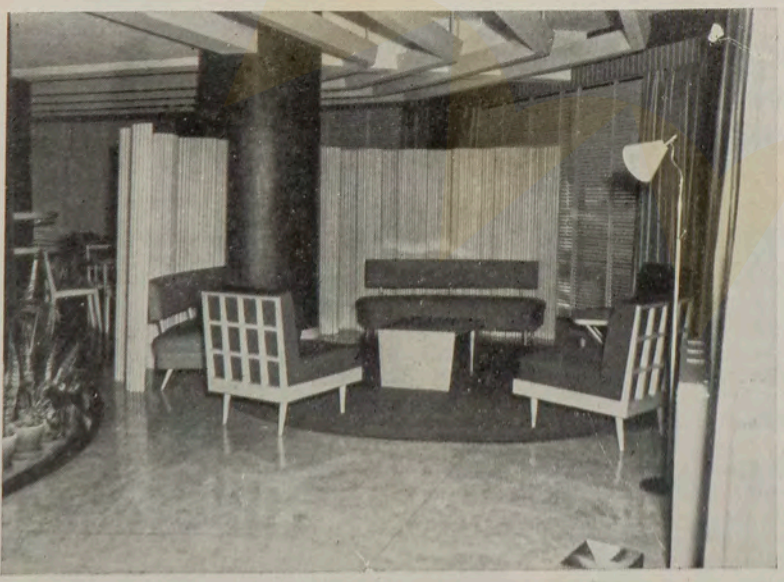


Planta do 1.º pavimento

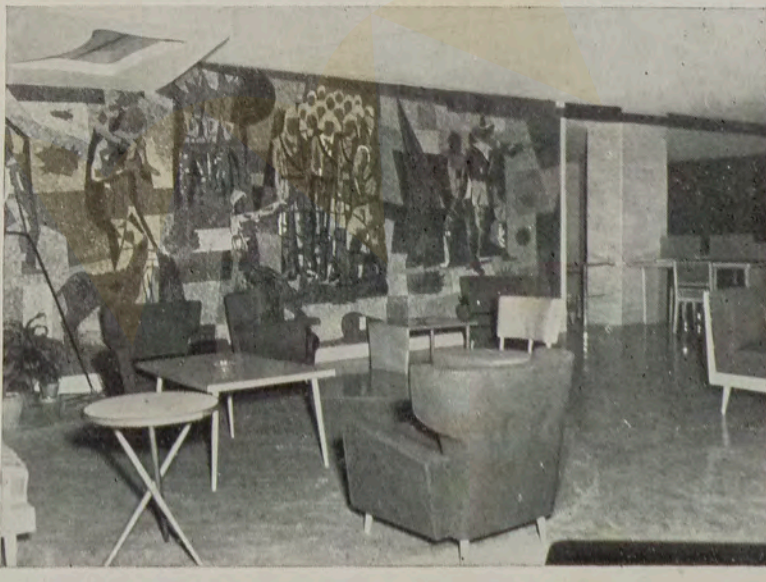


Parte de um dos apartamentos

O mural de Portinari "Os Bandeirantes"



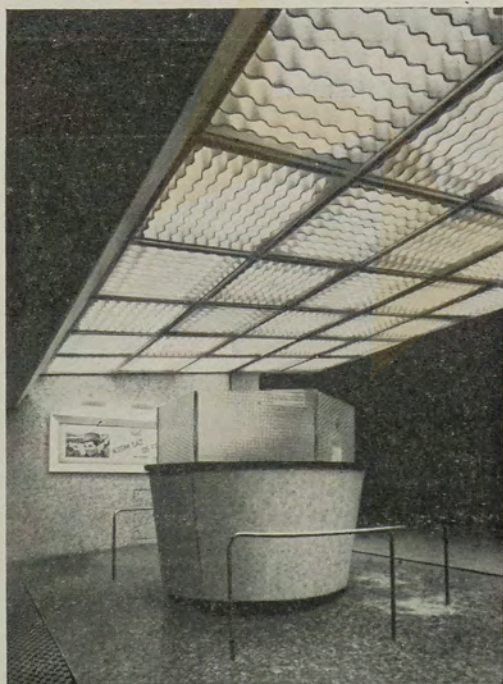
Recanto da "Sala Portinari"



Vista noturna da fachada



Bilheteria



CINE GOIÁS

PROJETO E EXECUÇÃO:

GILBERTO M. TINOCO - IBSEN PIVATELLI, Arquitetos

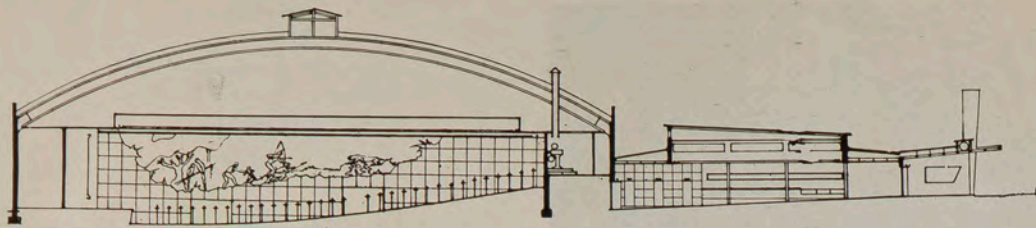
R. Consolação, 37 - 6.º - Fone 35-9210 - S. Paulo

Com a utilização acertada de novos materiais de construção, conseguiram os arquitetos dotar o bairro de Pinheiros de um luxuoso, moderno e confortável cinema, digno do progresso de São Paulo. Sua fachada é de mosaico vidroso amarelo, fabricado especialmente pela firma *Mosaico Cristais Veneza S. A.*, salientando-se a marquise de *Madeirit* com iluminação de catodo frio.

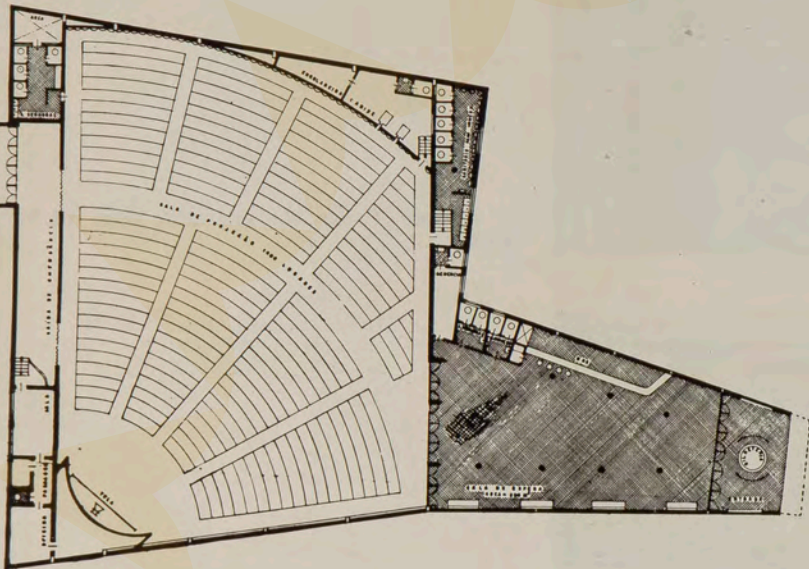
Na sala de espera, tons cinza repousantes atenuam essa luminosidade, sobressaindo os detalhes dos bancos de concreto em balanço, revestidos de plástico *Plavinil* vermelho, as vitrines em degraus e as lon-

gas linhas horizontais do balcão do bar, que solucionaram o problema do declive, suavizando a impressão de descida. Mesclam-se tons neutros com o branco das portas de plástico, o preto, vermelho e amarelo dos bancos e tamboretos do balcão, destacando-se um grande painel de fotomontagem de 10,50m por 1,20m de altura.

Na platéia, inúmeras sancas luminosas, levíssimas, de madeira compensada do *I. P. T.* de 1 mm, disfarçam os tirantes da cobertura. As excavações do piso executadas de acordo com as normas francesas, que dão a folga de 10 cms acima da

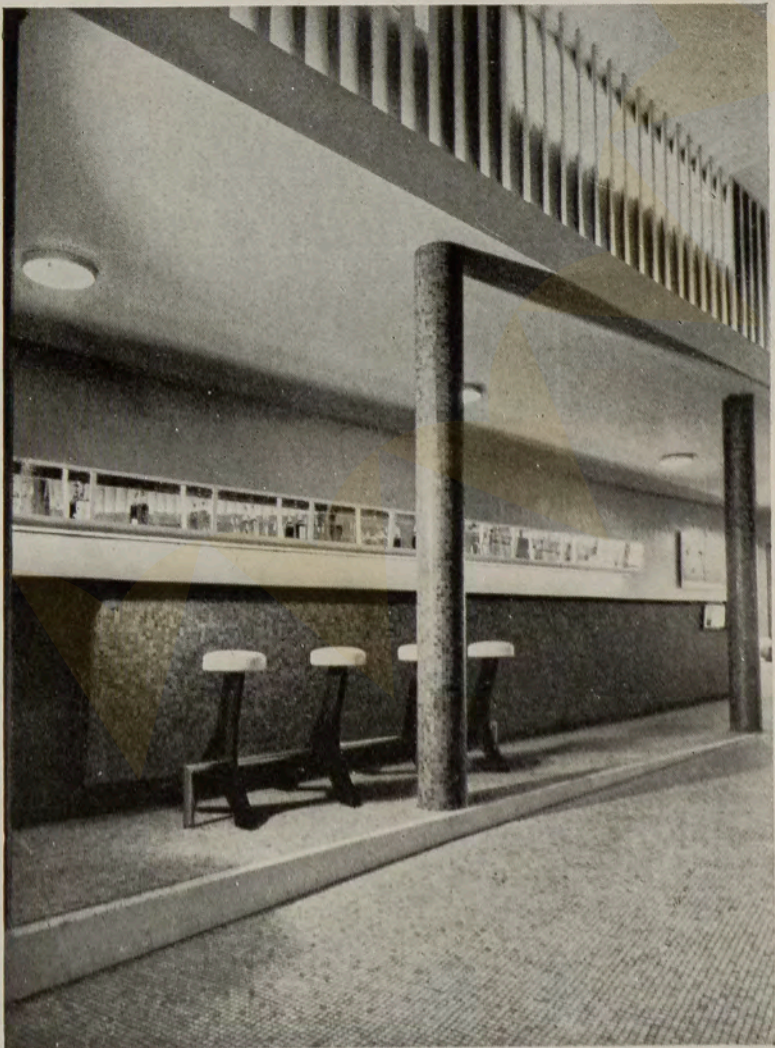


Corte longitudinal



Planta geral

O moderno Bar



OS QUE CONTRIBUÍRAM

Completando a nossa reportagem, inserimos aqui as firmas que colaboraram na construção e decoração do moderno Cine Goiás:

APARELHOS DE PROJEÇÃO Westrex Company Brazil (antes Western Electric Company of Brazil), r. Guaianazes, 153

APARELHOS DE ILUMINAÇÃO Domini-

ci Iluminação Moderna, r. 13 de Maio, 53

DECORAÇÕES TAPEÇARIA E FORRAÇÃO DE TAPETES José Mestre, r. Joaquim Tavora, 333

ESQUADRIAS Araucária Ltda. Sociedade Comercial de Madeiras, r. B. Vista, 236, 7.º

ESTOFAMENTO E REVESTIMENTO DAS PORTAS Plásticos Plavinil S. A., Avenida Rodrigues Alves, 3993, Campo Belo, Sto. Amaro

ILUMINAÇÃO Nil Neon S. A., Av. Francisco Matarazzo, 854

MADEIRAS Serrarias F. Lameirão S. A., Rua Monsenhor de Andrade, 265

MARQUISE Indústrias Madeirit Ltda., r. do Gazômetro, 560

MOSAICOS Mosaico Cristais Veneza S. A., Ind. e Com., r. Boa Vista, 76, 11.º

PINTURA Arthur Leonelli, r. Herculano de Freitas, 141

POLTRONAS Brasileira Fornecedora Escolar S. A., Loja Brafor, r. 7 de Abril, 125

REVESTIMENTO Revestimentos Paris, r. 7 de Abril, 342, 2.º

SERRALHARIA America Preservit Indústria e Comércio Ltda., r. Augusta, 520

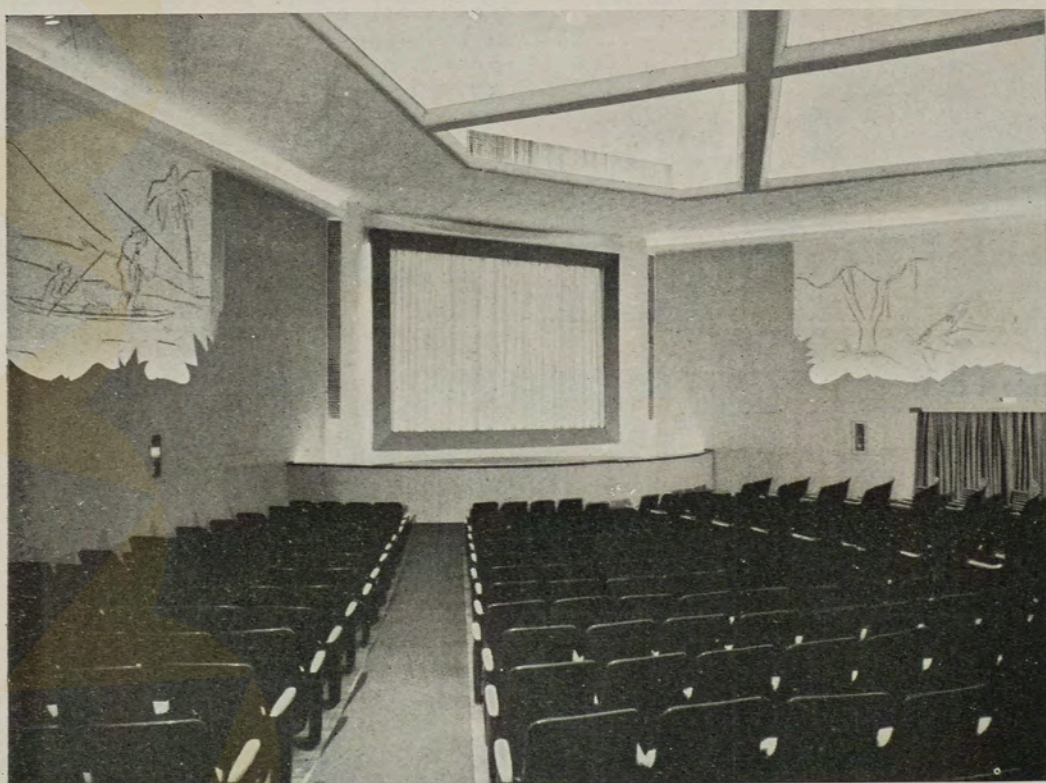
VIDROS E ESPELHOS Cia. Comercial de Vidros do Brasil CVB, r. Conselheiro Crispiniano, 379, 5.º

Fotos gentilmente cedidos por Zanella & Moscardi - Fototécnicos, tel. 3-8701

cabeça do espectador, permitiam perfeita visibilidade, melhorada ainda pela forma de anfiteatro da platéia e consequente alternância das poltronas anatômicas Brafor. A colocação da tela em ângulo no salão, permitiu aumentar a lotação e dar maior interesse à decoração; essa tela é solta o que constitui uma inovação. Os desenhos das paredes foram executados com corda fixada por tachinhas, sob revestimento acustico Paris. Os aparelhos são os modernos Westrex, a última palavra em projeção e sonoridade.



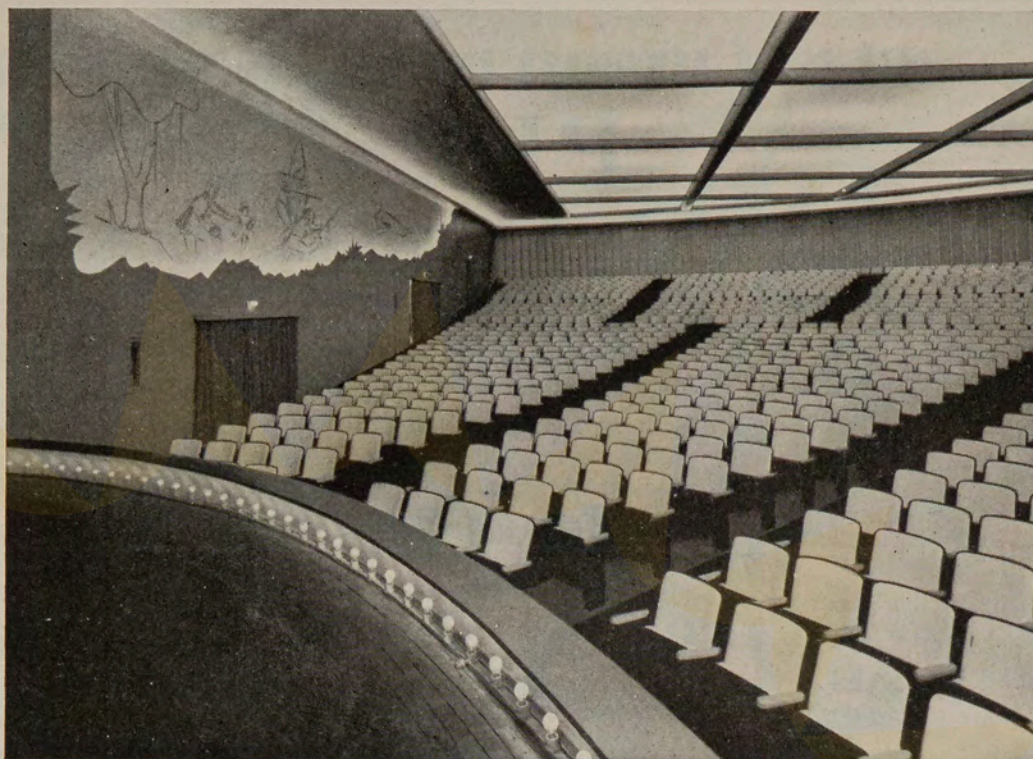
O grande Foyer de entrada, com vista do Bar



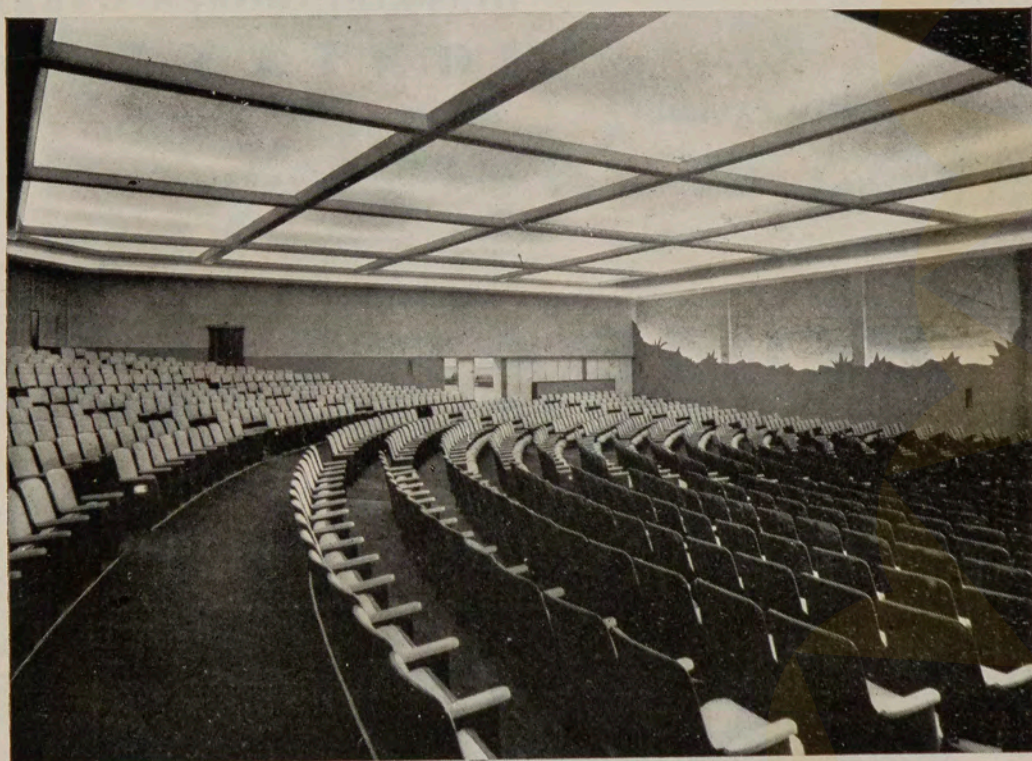
A plateia vendo-se as decorações laterais das paredes



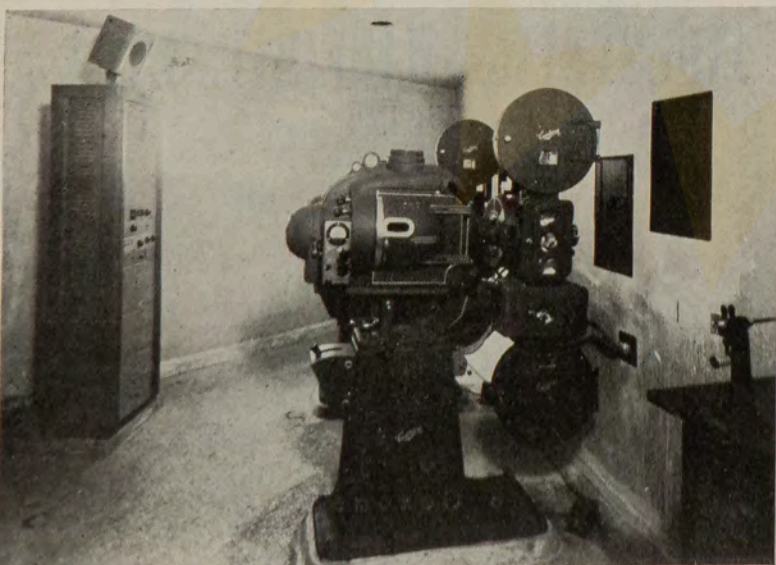
A entrada para a sala de projeção



Balcão



Plateia



Cabine de projeção

A parte de som e projeção foi fornecida pela WESTREX COMPANY, BRAZIL com o sistema sonoro "WESTREX ADVANCE-PROJECTORES CENTURY e LANTERNAS ASHCRAFT C70"

ESTÁ SENDO ADICIONADO AO CONCRETO DESTAS MAJESTOSAS OBRAS O PRODUTO

PLASTIMENT

DISPERSOR E DENSIFICADOR DO CONCRETO

PLASTIMENT - Melhora tôdas as características do concreto: resistência à compressão, à tração na flexão, plasticidade, adesão às armaduras, compacidade, atenua o fenômeno da segregação, permite maior aderência nas juntas de concretagem, etc.

Apenas 1^o/₀ de **PLASTIMENT** sobre o peso do cimento utilizado, faz com que o concreto tenha a 7 dias, a resistência equivalente à do concreto, sem esse produto, aos 28 dias.

O **PLASTIMENT** proporciona ao engenheiro menos preocupação pela certeza de obter um concreto de qualidade superior, mais resistente, mais homogêneo e mais impermeável.

PLASTIMENT é um produto da



VIBRADORES que têm merecido a preferência dos **engenheiros**,
por sua alta qualidade

DISTRIBUIDORES GERAIS

“ MONTANA S/A ”

SÃO PAULO

Rua Cons.^o Crispiniano, 20
4.^o andar - Fone 34-5116

ENGENHARIA

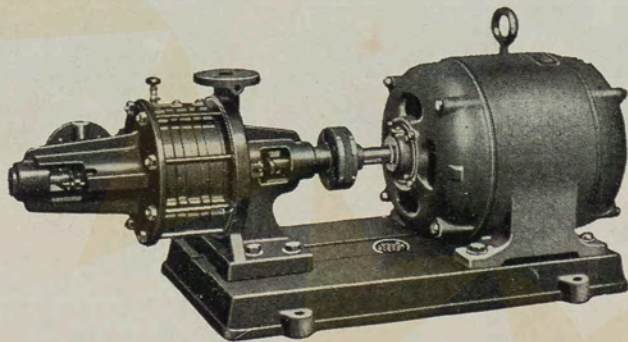
E

COMERCIO

RIO DE JANEIRO

R. Visconde Inhauma, 64
4.^o andar - Fone 43-8861

BOMBAS HIDRAULICAS



Bomba E, centrífuga, multicelular, para pressões médias e altas; modelo leve.

HAUPT-SÃO PAULO & CIA. LTDA.
Rua Florencio de Abreu, 580
Caixa Postal. 750
Telefones 34-6666 e 34-6667
Telegramas: HAPETEC

MADEIRIT

Madeira compensada á prova d'água

LAMBRIS — FORMA PARA CON-
CRETO ARMADO — MADEIRA
COMPENSADA REVESTIDA DE
PLASTICO — TELHAS MADEIRIT

INDÚSTRIAS MADEIRIT LTDA.

São Paulo

Escritório

Rua Xavier de Toledo, 264 - Sala 102
Telefone: 36-7320

L o j a

Rua do Gazometro, 560

Licores **BOLS**



famosos desde 1575

FÁBRICA METALURGICA DE LUSTRES LTDA.



LUSTRES MODERNOS EM CRISTAL DA BOHEMIA — NOSSA ÚLTIMA IMPORTAÇÃO
CREADORES DE APARELHOS DE ILUMINAÇÃO RESIDENCIAL DESDE 1924
RUA PELOTAS, 141, SÃO PAULO, TELEFONES: 70-4046 e 70-4053



HABITAT

EDITORA LTDA.

Distribuidora e editora das
publicações do Museu de Arte

saíram

PORTINARI, catálogo de sua
exposição retrospectiva Cr\$ 15

MASSAGUASSÚ, Paisagens e
figuras pintadas por Roberto Sam-
bonet Cr\$ 80

NEUTRA, Residências/Residences
(português/english), 2.a edição/
2nd edition Cr\$ 40

LE CORBUSIER, Leitura crítica/
A critical review (P. M. Bardi)
Cr\$ 40

VAN GOGH, A Arlesiana (Co-
leção AC) Cr\$ 10

O RETRATO FRANCÊS, do
Renascimento ao Neoclassicismo
Cr\$ 30

no prélo

WARCHAVCHIK, 20 anos de ar-
quitetura brasileira, preço aprox.
Cr\$ 200

LASAR SEGALL, Monografia de
sua obra 1909-1949, preço aprox.
Cr\$ 250

ERNESTO DE FIORI, Monogra-
fia, preço aprox. Cr\$ 150

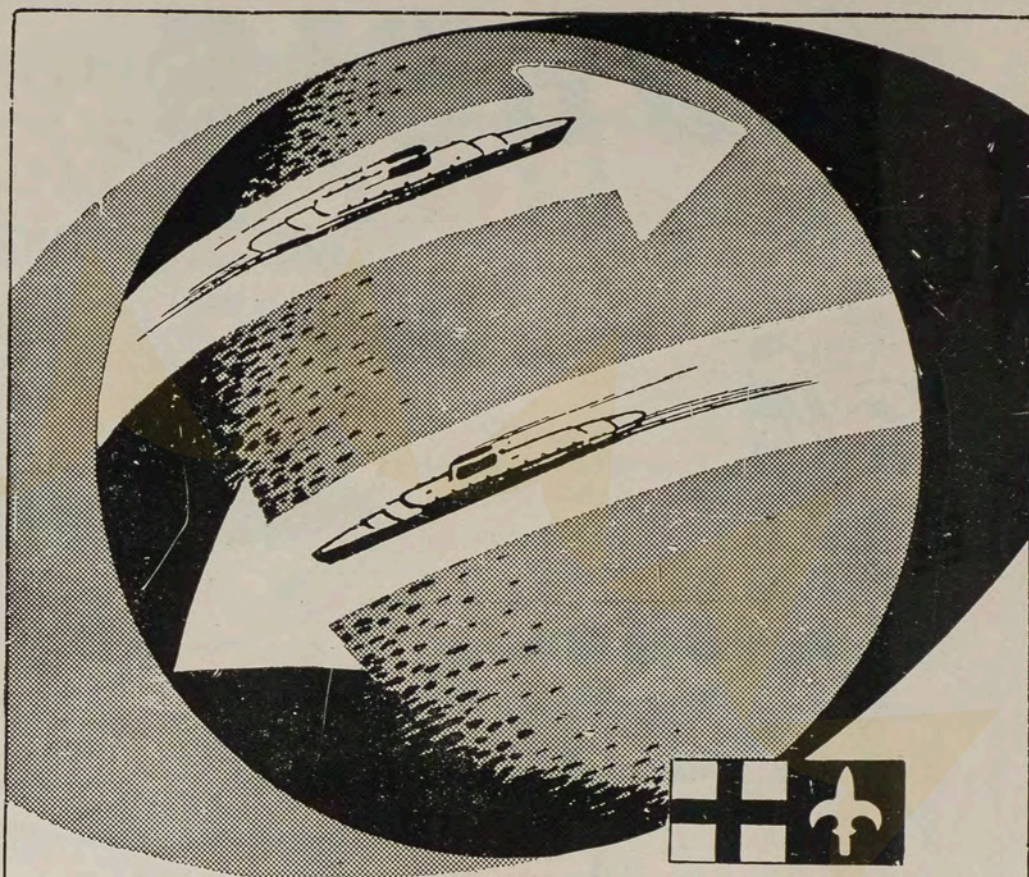
GRAFICUS, História e desen-
volvimento da arte gráfica no
Brasil, preço aprox. Cr\$ 80

Pedidos à

HABITAT EDITORA LTDA.

Rua 7 de Abril, 230, 8.º andar

Sala 820, Fone 35-2837, São Paulo



AUGUSTUS e GIULIO CESARE

Os dois navios ultra-modernos postos
a serviço da linha da America do Sul,
exprimem o valor do Brasil e do Continente.



“ITALIA” SOC. DI NAVIGAZIONE

Agentes Gerais no Brasil:

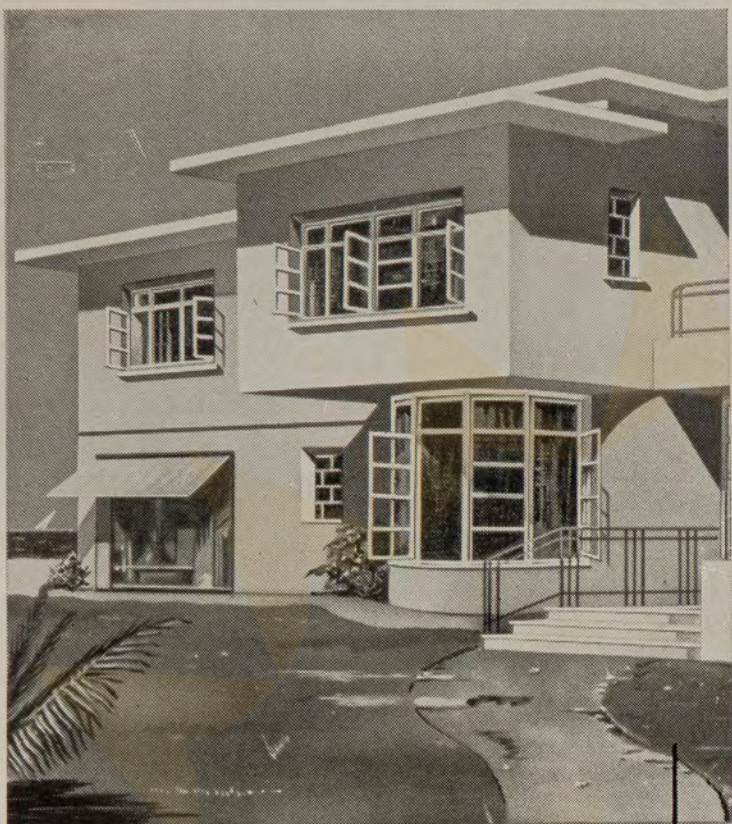
ITALMAR - S/A Brasileira de Empresas Maritimas

WARCHAVCHIK

arquiteto

projéto e construções

escritório: 120, barão de itapetininga, fone 34-7502; s. paulo



NEVECEM

Cobertura Decorativa Impermeabilizante para concreto, tijolo, pedra, etc. fabricado nas seguintes cores:

| | | |
|------------|---------------|-------------|
| TERRA COTA | CINZA | LARANJA |
| CREME | VERDE | BRANCO |
| AZUL | ROSA | BEIGE |
| AMARELO | AMARELO CLARO | CINZA PRATA |

um produto da:

THE CEMENT MARKETING CO.



Agentes no Brasil

WILSON, SONS & CO. LTD.

Rio de Janeiro — S. Paulo — Pôrto Alegre

Liquidificador



**VITAMINAS PURAS
DE
FRUTAS E LEGUMES**

LIQUIDIFICADOR EPEL, permite, com grande facilidade, obter vitaminas puras de frutas e legumes.

Habitue-se a usar diariamente o LIQUIDIFICADOR EPEL, enriquecendo ainda mais sua saúde!



A MARCA QUE RESPONDE PELA
EFICIÊNCIA DOS SEUS PRODUTOS
GARANTIDA PELA FÁBRICA

PRODUTO DAS **INDÚSTRIAS REUNIDAS INDIAN EPEL LTDA.**
CAIXA POSTAL, 1460 - SÃO PAULO



PORTAS JANELAS
ESQUADRIAS DE MADEIRAS SELECIONADAS
FORNECEU AS ESQUADRIAS DE MADEIRA E CARPINTARIA NO CINE GOIÁS

ESCRITÓRIO
RUA BÔA VISTA, 236 - 7.º ANDAR
TEL.: 33-5806 - TELEG.: "DEQUECH"

FÁBRICA
RUA TAGIPURÚ, 235 - TEL. 51-5316
BARRA FUNDA SÃO PAULO

NIIL NEON S.A.

ILUMINAÇÃO E LUMINOSOS

Av. Francisco Matarazzo, 854
SÃO PAULO

FONE: 51-5790

FORNECEU A ILUMINAÇÃO E LUMINOSOS DO CINE GOIÁS

ARTHUR LEONELLI

Pinturas em Geral

EXECUTOU TODO SERVIÇO DE PINTURA DO CINE GOIÁS

Residência: Rua Herculano de Freitas, 141, Telefone 33-6654, SÃO PAULO



FACHADAS - INTERNOS

EXTERNOS - DECORAÇÕES

GRANILITE - GESSO

RUA 7 DE ABRIL, 342 - 2.ª - FONE 36-8058 - SÃO PAULO

O REVESTIMENTO DO CINE GOIÁS FOI CONFIADO À REVESTIMENTOS PARIS



**ARCHITEKTUR UND WOHNFORM
DECORAÇÕES - ARQUITETURA - (VOL. 60)**

A revista alemã 'mais importante do arquiteto progressista

| | | |
|------------------------------|--------|-----------|
| Assinatura anual (6 números) | DM 25. | Cr\$ 120. |
| Número avulso | DM 5. | Cr\$ 30. |

Contéudo do número de Jubileu:
CONSTRUCTA E IRIENALE

Charles Eames — A habitação por DM 1000.

Edições especiais:

HOTEIS - RESTAURANTES - CAFÉS E BARES

303 páginas, 400 ilustrações e plantas
encadernação em linho DM 45 Cr\$ 270.

CONSTRUÇÕES DE LOJAS, CASAS
COMERCIAIS, ELABORAÇÃO DE
INTERIORES E EXTERIORES

130 páginas, 150 ilustrações
encadernação em linho DM 28 Cr\$ 170.

CAMA E CAMA - TURCA

100 páginas, 150 ilustrações
encadernação em linho DM 21.50 Cr\$ 130.

HABITAR HOJE E AMANHÃ
COM MÓVEIS E LUGARES

120 páginas, 200 ilustrações e plantas
encadernação em meio-linho DM 12.50 Cr\$ 75.

O PAPEL PINTADO de Franz Rullmann
HISTÓRIA - FABRICAÇÃO - COMÉRCIO

130 páginas, 60 ilustrações e amostras de
papeis pintados, encadernado DM 7.80 Cr\$ 50.

Pedidos à editora ou por intermédio da
HABITAT EDITORA Ltda., Rua 7 de Abril,
230, 8.º andar, sala 820, Fone: 35-2837,
São Paulo - Brasil



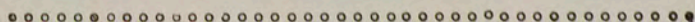
Fidél - 1975

Loias — escolher
é privilégio de
quem conhece...
presentear a
melhor escolha
é uma virtude.

CASA BENTO LOEB

Se vindo a Sociedade Paulista desde 1891

Rua 15 de Novembro, 331 - Fone: 32-1167 - São Paulo



CASIMIRAS

TECIDOS

TAPETES

PASSADEIRAS

COBERTORES

R H E I N G A N T Z

SÍMBOLO DE QUALIDADE

RIO GRANDE (RIO GR. DO SUL)

SERRARIAS F. LAMEIRÃO S/A.

FUNDADA EM 1903

MADEIRAS EM GERAL - ESQUADRIAS - PARQUET

ESCRITÓRIO CENTRAL — SÃO PAULO

RUA MONSENHOR ANDRADE, 265 — CAIXA POSTAL, 1097 — TEL.: 35-4191 (Rêde interna)

DEPÓSITOS EM SÃO PAULO

L A P A

SERRARIA LAMEIRÃO

Estr. de Campinas, 431

Tel. 5-0272 e 5-0225

B R Á S

DEPÓSITO E CARPINTARIA

Rua do Gasômetro, 353

Tel. 35-4191

P I N H E I R O S

DEPÓSITO BUTANTAN

Rua Butantan, 408

V I A A N C H I E T A

DEPÓSITO ANCHIETA

Estr. do Vergueiro, 5812

SERRARIAS NO INTERIOR

SERRARIA AMÉRICA

COROADOS, Est. de São Paulo

SERRARIA PAULISTA

PRES. WENCESLAU, Est. de São Paulo

SERRARIA BRASÍLIA

ALFREDO CASTILHO, Est. de São Paulo

PREFERIR A NOSSA CASA É ECONOMIZAR TEMPO E DINHEIRO
PEÇA-NOS ORÇAMENTOS

LEONE COSTA

FORNECEDOR DE MATERIAIS PARA CONSTRUÇÕES

PEDRA BRITADA - PEDRA CORTADA - PÓ DE PEDRA

PEDRISCO - AREIA - PEDREGULHO - TIJOLOS E ETC.

ESCRITÓRIO: RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 470 - 1.º ANDAR - SALA 2 - TEL., 36-4892

1884

1945

Ernesto de Fiori

NO PRELO



A sua obra completa reconstruída através do álbum de fotografias que ele recolheu durante 30 anos de trabalho.

120 ilustrações, 64 páginas de texto, papel couchê; Escritos inéditos, Bibliografia crítica.

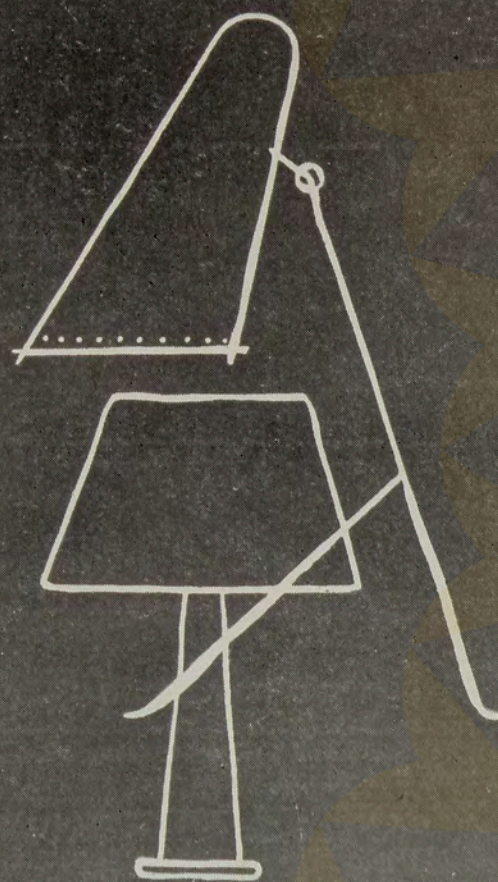
Preço de venda Cr\$ 150,00

Pedidos à

Habitat Editora Ltda.

Rua 7 de Abril, 230 8.º, S. 820, Fone 35-2837
SÃO PAULO

DOMINICI



iluminação moderna

RUA TREZE DE MAIO 53 S. PAULO

OS VIDROS E CRISTAIS DO HOTEL COMODORO
FORAM FORNECIDOS E COLOCADOS POR

Irmãos Ferreira & Cia.

Av. Rangel Pestana, 1038
Telefone 32-9185

Importadores de: CRISTAIS PARA EDIFÍCIOS
VITRINAS E ESPELHOS

Distribuidores dos Vidros Nacionais

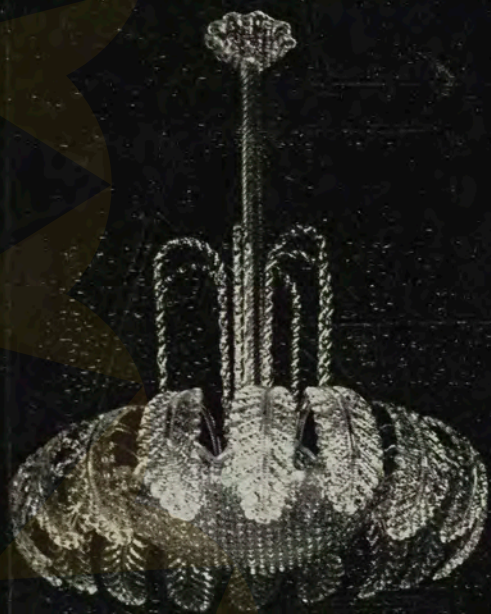
TIJOLOS DE VIDRO PARA PAREDES

**FÁBRICA DE LUSTRES
V. RIBEIRO LTDA.**

Importador - Fabricante

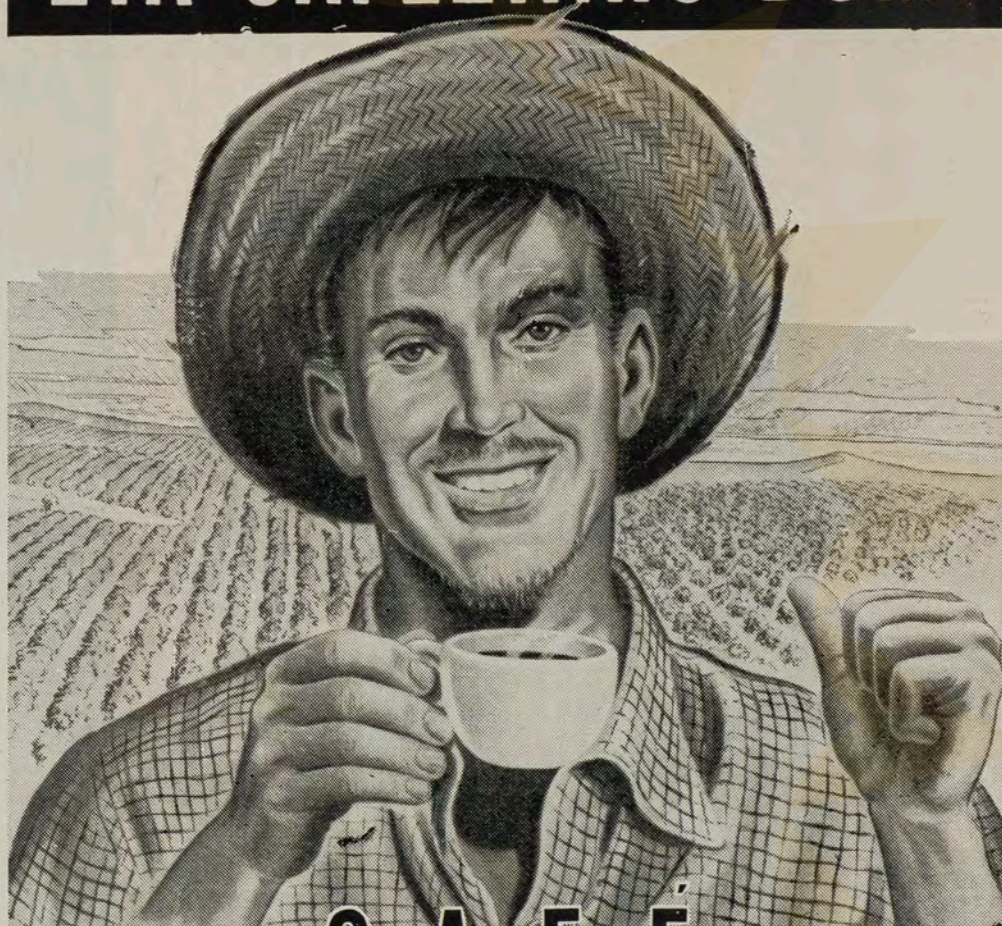
MOVEIS PARA TERRAÇO
CONSOLOS - CASTIÇAIS
ARANDELAS

Temos bastante Variedade de
LUSTRES DE CRISTAL da BOHEMIA
LUIZ XV * MARIA TEREZA etc.



RUA GALVÃO BUENO, 30
(Praça da Liberdade)
Fone: 34-8597 - SÃO PAULO

ÊTA CAFÉZINHO BOM!



CAFÉ
Caboclo

COMPANHIA UNIÃO DOS REFINADORES

DECORAÇÕES E TAPEÇARIAS FINAS

José Maestre

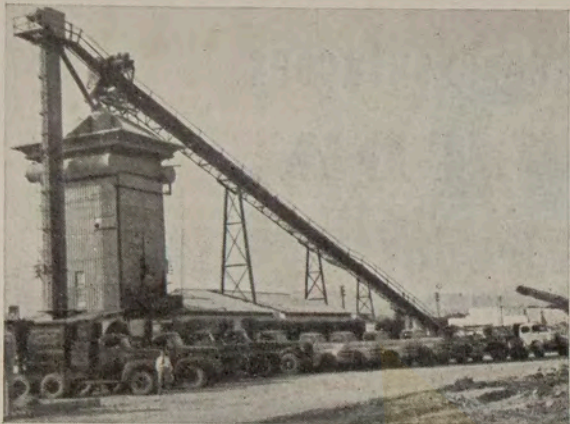
Decorador Especializado

FORRAÇÕES DE TAPETES

Rua Joaquim Távora, 333

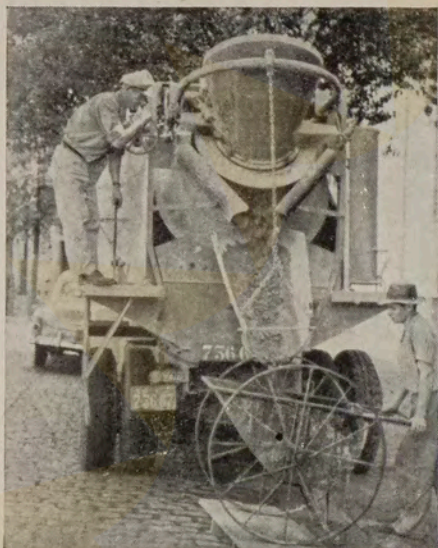
S. PAULO

Telefone 70-3181



CONCRETO PREPARADO

Fornecimento de concreto dosado e preparado em qualquer quantidade, diretamente às obras na hora pré-estabelecida.



USINA CENTRAL DE CONCRETO S/A

Escritório: Praça Ramos de Azevedo, 209 - 8.º andar
Fones 34-5591 e 36-0127; São Paulo
End. Telegráfico: "Useconcreto"

Usina: Rua Fortunato Ferraz, 400 - Vila Anastácio
Lapa - São Paulo

CONJUNTOS DE BANHOS COLORIDOS DE LOUÇA VITRIFICADA ALEMÃ

KERAMAG



KERAVIT

**CÔRES
EXCLUSIVAS**



**MODELOS
EXCLUSIVOS**

NOVA REMESSA RECEM CHEGADA DA ALEMANHA

OKUSA INTERNATIONAL CORPORATION
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA O BRASIL E DISTRIBUIDORES

"SANITÉCNICA" S/A

EXPOSIÇÃO E VENDAS:
RUA QUIRINO DE ANDRADE, 217
EM FRENTE A BIBLIOTÉCA MUNICIPAL



SÃO PAULO

FONE, 36-3620

BRASIL



Sociedade de Importação e Representações
ASSUMPCÃO LTDA.

REFLETORES E LUSTRES  PARA TODOS OS FINS

ESCRITÓRIO :

Rua Quirino de Andrade, 219

5.º and. - Conj. 52 - Fone 36-5498

FÁBRICA :

Rua Niteroi, 23 - Fone 35-2926

São Paulo

SERVIÇOS EM FERRO BATIDO

POLIZOTTO S. A.

SERRALHERIA ARTISTICA E INDUSTRIAL

R. Independência, 866

—

Telefone, 32-1208

—

S ã O P A U L O

PROSPETTIVE

A revista moderna italiana para arquitetura, decoração e artes em geral

4 números anualmente . . USA \$ 7,50

Pedidos à Editora **G. G. GÖRLICH**

Via Armorari, 8 — MILANO — ITALIA

ou à

HABITAT EDITORA LTDA. — Rua 7 de Abril, 230 - 8.º - Sala 820 - S. Paulo

Premiada fabrica de cadeiras para barbeiros e institutos de beleza

CADEIRAS

Campanile **LIMITADA**

Escritório:

RUA AURORA, 134

Fábrica:

RUA PRATES, 809

Telefone, 34-4626

SÃO PAULO — BRASIL

FORNECE TODOS OS HOTEIS, COLÉGIOS, ETC.

TAGUS

A PRIMEIRA FABRICA DE RELÓGIOS ELÉTRICOS DA AMERICA LATINA

* RELÓGIOS ELÉTRICOS OU DE CORDA DE
QUALQUER MODELO DESEJADO COMBI-
NANDO COM O AMBIENTE.

RELÓGIOS MESTRE-SECUNDÁRIOS
RELÓGIOS DE PONTO
RELÓGIOS DE VIGIA
RELÓGIOS DE PAREDE E MESA
RELÓGIOS DE FACHADA
RELÓGIOS ESPECIAIS

COMPANHIA **TAGUS** DE RELÓGIOS
RUA CARDEAL ARCOVERDE, 614
FONE, 8-4349 — S. PAULO



Westrex Company, Brazil

ANTES

Western Electric Company of Brazil

FILIAL: RUA DOS GUAIANAZES, 153
CAIXA POSTAL, 2791 - FONE: 34-4261
SÃO PAULO

RUA SENADOR DANTAS, 15
CAIXA POSTAL, 1230
RIO DE JANEIRO
TEL. 22-6882

TELEGRAMAS:
WESTREX RIO DE JANEIRO
WESTREX SÃO PAULO

TUDO PARA SOM E PROJEÇÃO

SISTEMAS SONOROS "WESTREX MASTER" "WESTREX ADVANCED" "WESTREX STANDARD"
PROJETORES "CENTURY"

PROJETORES PORTÁTEIS "HOLMES" PARA 16 MM e 35 MM

LANTERNAS DE ARCO "ASHCRAFT" - "HYDRO ARC" - "SUPER-HIGH"

CARVÕES "NATIONAL"

LENTE E ESPELHOS - "BAUSCH & LOMB" - "SUPERLITE" - "STRONG"

GRUPOS GERADORES - "ESCO"

RETIFICADORES - ALTA E BAIXA INTENSIDADE

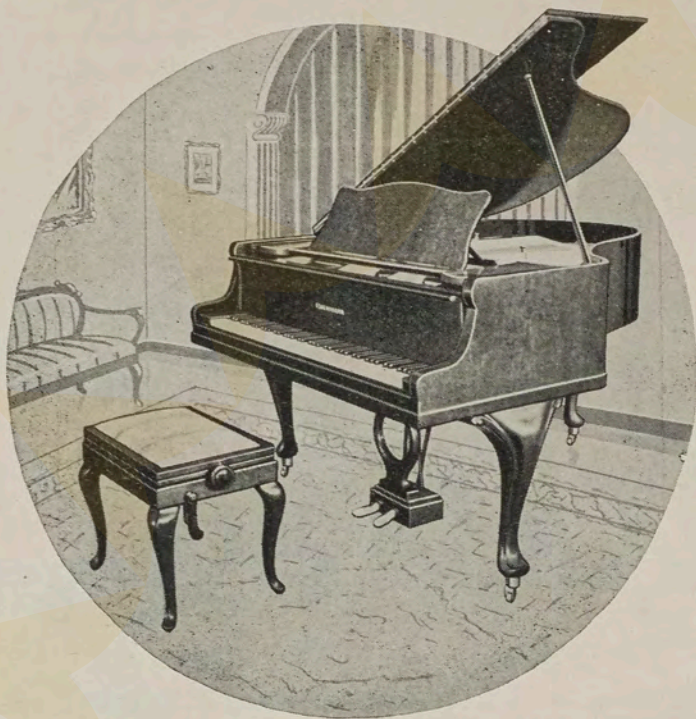
ACESSÓRIOS - PARA ILUMINAÇÃO DE PALCO - "CAPITOL"

VENTILAÇÃO - "CHELSEA"

EQUIPAMENTOS WESTERN, GRAYBAR DE ESTÚDIOS PARA GRAVAÇÃO, TRANSMISSÃO
TELETIPO, TELEFOTOGRAFIA ETC.

MAIS DE DUZENTOS INSTALADOS NO BRASIL, PROVAM A EFICIÊNCIA DESTES MATERIAIS.

Pianos Verticais e de Cauda
"ESSENFELDER"



E. ESSENFELDER & CIA.

Curitiba — Paraná

Caixa Postal, 251 — Telefone: 4-5

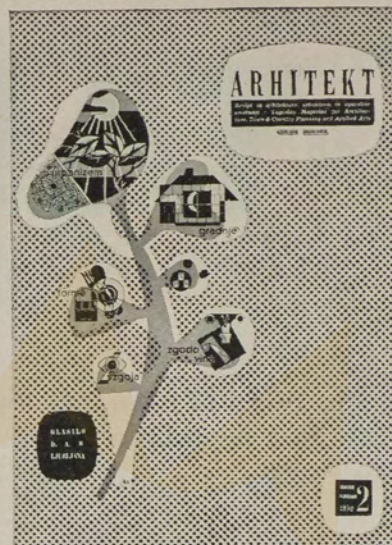
Livraria Editora
KOSMOS

ERICH EICHNER & CIA. LTDA.

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO - PORTO ALEGRE

LITERATURA - ARTE - CIÊNCIA



ARHITEKT

Revista yugoslava
de Arquitetura, Ur-
banismo e Ar-
tes aplicadas

Publicada bi-mensal pela Associação dos Arquitetos
slovenos. A melhor fonte de referência sobre a
posição da Arquitetura na Yugoslavia

6 numeros anuais USA\$ 5,00

Pedidos diretamente aos Editores

ARHITEKT - Miklošičeva c. 16, P.O.B. 300

LJUBLJANA, Yugoslavia

ou à

HABITAT EDITORA Ltda.

Rua 7 de Abril, 230, 8.º, sala 820
São Paulo, Brasil

WORTHINGTON



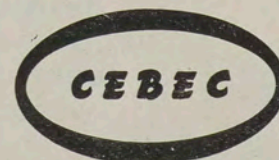
CONDICIONAMENTO DO AR

Refrigeração

Ventilação

ENGENHEIROS INSTALADORES

CEIBRASIL, BELINKY, ENG. E COM. LTDA.

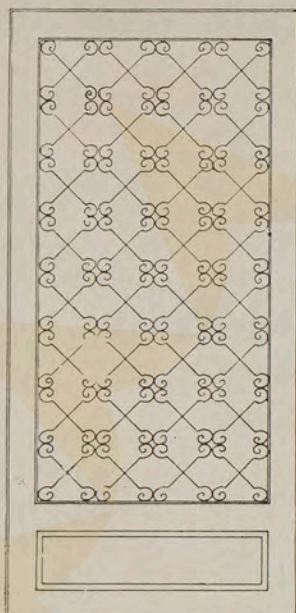


RUA FORMOSA, 61 a 69 — Tel. 33-6314
SÃO PAULO

SERRALHERIA

SÃO FRANCISCO

Circelle & Cia. Ltda.



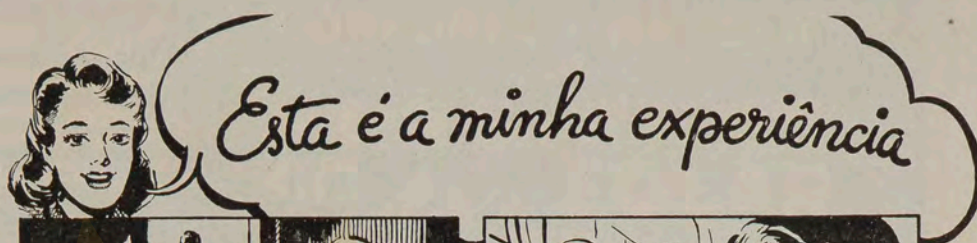
EXECUTAM-SE SERVIÇOS EM FERRO BATIDO PERTENCENTES AO RAMO.

FAZ-SE SOLDA AUTOGÊNIA.

VITREAUX, PORTÕES, GRADES DE PROTEÇÃO, PORTAS DE ENTRADAS, PORTAS DE AÇO ONDULADAS, ETC.

R. Quirino de Andrade, 59
São Paulo

Telefones { 36-1125
34-3414



1. Meu marido acordava todos os dias antes da hora e cansado...



2. Nem mesmo conversava mais comigo e sua fisionomia denotava indisposição e fadiga...



3. Eis que me ocorreu uma idéia - comprar um Colchão de Molas Lancellotti...



4. Horas depois, chegava à nossa casa o Colchão de Molas Lancellotti...



5. Desde então, dormir tornou-se um prazer e meu marido é sempre o último a sair da cama...



6. E agora, vivemos felizes



COLCHÃO
DE MOLAS

Lancellotti

"o seu sonho de todas as noites"

Exposição e vendas:

Rua do Arouche, 84 - Fones: 34-9380 e 36-1641
Rua da Consolação, 630 - Fone: 34-7372 - S. Paulo

MARCENARIA E CARPINTARIA "SÃO JERONYMO"

MÓVEIS E ESQUADRIAS EM GERAL

MACIÉL & MOACIR

Rua Anastacio, 101 — Fundos — L A P A — São Paulo

FORNECEU ARMARIOS PARA O HOTEL COMODORO

INDUSTRIAS "CAMA PATENTE-L. LISCIO" S/A.

A maior fabrica de camas da America do Sul
Fabrica de Cadeiras anatomicas "Faixa Azul"



MATRIZ — SÃO PAULO
Rua Rodolfo Miranda, 97

FILIAIS:

Rio de Janeiro - Recife - Bahia
Porto Alegre - Belo Horizonte
Maceió e Fortaleza.

Grandes fornecimentos a hoteis de camas e cadeiras

BERNARDO MONDSCHNEN & CIA. LTDA.

MADEIRAS SERRADAS E BENEFICIADAS EM GERAL

Matriz
CURITIBA:

Rua Marechal Floriano Peixoto, 1625
Caixa Postal 279 — Tel. 4030

Deposito

SÃO PAULO:

Rua Corrêa de Andrade, 172
Telefone: 33-3497

Depositários de Zaniolo S/A. — folhas de imbuia (Canoinhas - Sta. Catarina) e Madeiras Duplex — compensadas (Curitiba - Paraná)

INDUSTRIA BRASILEIRA DE PINTURAS LTDA.

*Uma grande organização especializada a serviço da Indústria de
Construções do Brasil.*

*Estudamos contratos de empreitada, com amplas garantias, a se-
rem executados para o 4.º Centenário.*

Rua México, 90, 4.º andar, S. 410/3,
Tel. 42-3486, Rio de Janeiro

Rua Quirino de Andrade, 97,
Tel. 34-4413, São Paulo



Detalhe do "Captain's Bar", Hotel Comodoro

MARCENARIA SANTA MARIA LTDA.

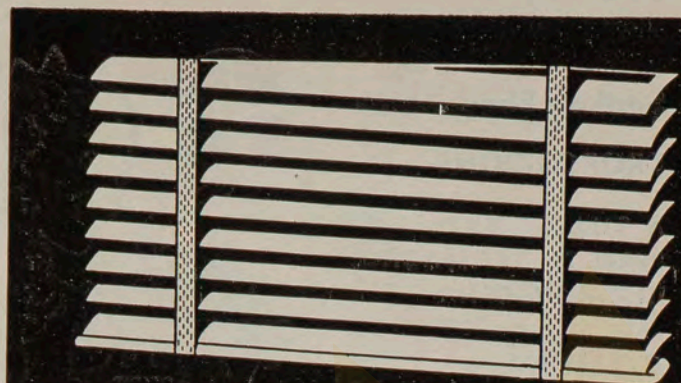
MOVEIS DE ESTILO, EMBUTIDOS

LAQUEADOS E ESTOFADOS

INSTALAÇÕES PARA HOTEIS E BARES

MOVEIS SOB ENCOMENDA

RUA CESARIO MOTA, 494 — TELEFONE 34-6580 — SÃO PAULO



CONFORTO E BELEZA COM PERSIANAS SOMBREOLAR LTDA.

ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO

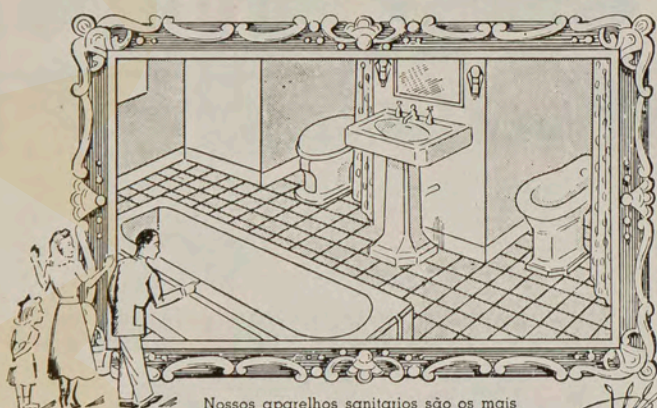
TEL. 33-2955
SEC. DE VENDAS R. DO CARMO, 64 - 4º A.S. 41

LACONOV



não devem faltar os aparelhos sanitários

SOUZA NOSCHESSE



Nossos aparelhos sanitários são os mais conhecidos porque são os mais perfeitos.

VISITE NOSSAS EXPOSIÇÕES

Em nossa loja:

Rua Marconi, 28 - Tel. 4-8876 - São Paulo

**SOC. AN. COMÉRCIO E INDÚSTRIAS
SOUZA NOSCHESSE**

São Paulo - Matriz: Rua Julio Ribeiro, 243 - Tel. 9-1164 - C. Postal: 920
Filiais: R. Oriente, 487 - Tel. 9-5334 - S. Paulo - R. João Pessoa, 138 - Tel. 2055 - Santos

REPRESENTANTES:

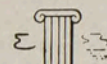
V. TEIXEIRA & CIA. LTDA. Rua Riachuelo, 411 - RIO DE JANEIRO
ALBERTO NIGRO & CIA. - Rua Dr. Múrcy, 419 - CURITIBA



LINDAS CORES

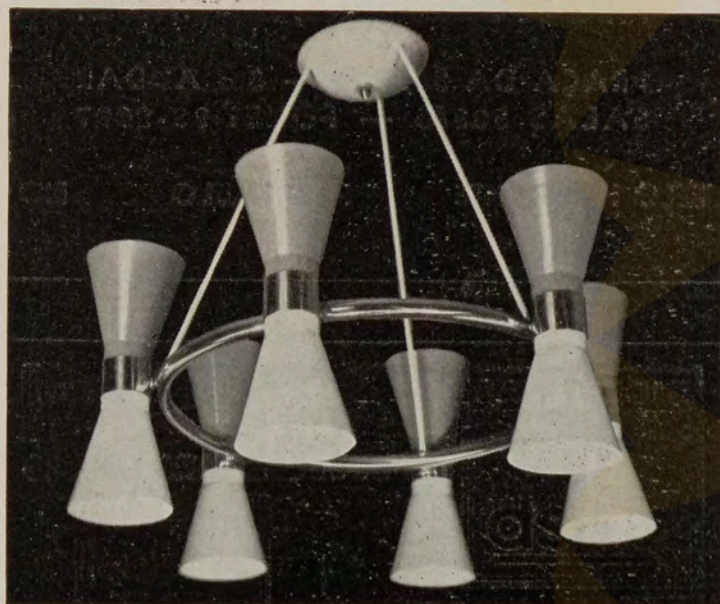


DURABILIDADE



LINHAS PERFEITAS

A ILUMINAÇÃO MODERNA E EFICIENTE PARA
RESIDÊNCIAS • LOJAS • ESCRITÓRIOS



Industria Iluminadora Ltda.

RUA DOS PARECIS, 74 - CAMBUCI

Tel.: 31-3493

C. P. 5181

C. PUGLIESE & CIA. LTDA. FABRICA DE LADRILHOS

Decorações internas e externas em gesso e cimento — Tanques e Caixas d'Água em cimento armado — Mosaicos — Granitina e Terrazzo — Azulejos e Artigos sanitários

REVENDEDORES DOS PRODUTOS DA CERÂMICA SÃO CAETANO S. A.

Rua Tabor, 123 (Ipiranga), Fone, 3-0481; S. PAULO

Sociedade de
Instalações Técnicas Ltd.
"SIT-LTD."



INSTALAÇÕES ELÉTRICAS, HIDRÁULICAS
E MECÂNICAS EM EDIFÍCIOS, RESIDÊN-
CIAS, ESCOLAS, FÁBRICAS E HOSPI-
TAIS — USINAS HIDRO-ELÉTRICAS, LI-
NHAS DE TRANSMISSÃO, SUB-ESTAÇÕES.

PRAÇA DA SÉ, 371 — 5.º ANDAR
SALAS 503/6 — FONE: 33-2097

BELO HORIZONTE

SÃO PAULO

RIO

Senhor Engenheiro

PROPORCIONE

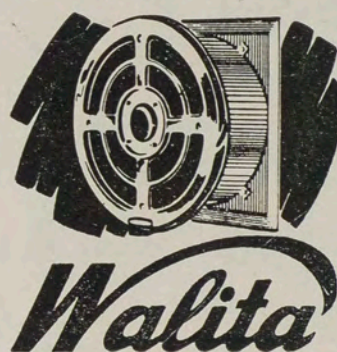
À SUA CLIENTE
PERFEITA SATISFAÇÃO,
INSTALANDO NA

COZINHA

O



Exaustor



NAS CASAS DE
APARELHOS ELETRICOS

ELETRO INDUSTRIA

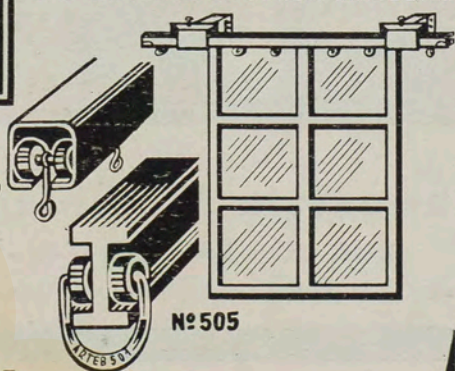
"WALITA" S/A

Rua Álvaro Alvim, 79 - Tel. 70-4791
SÃO PAULO

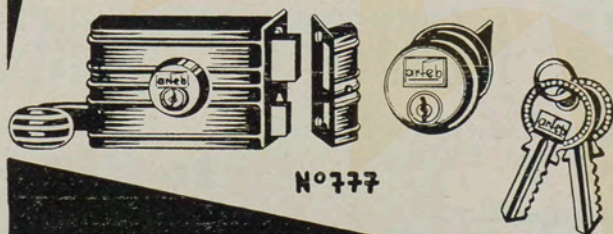


trilhos PARA JANELAS

STANDARD



fechaduras



ARTUR EBERHARDT & CIA. LTDA.

Rua Pelotas, 93 - Caixa Postal, 7081 - Fone, 70-1111 (rede interna)
SÃO PAULO



É bom dispor de dois pares de
óculos, não como luxo e sim como me-
dida de prevenção, pois, assim, se e-
vitam os inconvenientes ou os descon-
fortos a enfrentar quando, por infelici-
dade, um deles se quebra ou se extra-
via. Para evitar essas perdas de tem-
po e males, tenha óculos de reserva.
Lutz Ferrando está às suas ordens pa-
ra confeccioná-los com precisão. En-
comende-os e... guarde-os — é pru-
dência.

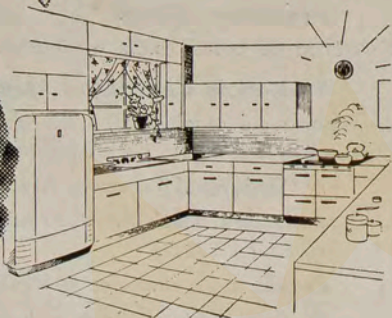
LUTZ FERRANDO
ÓTICA E INSTRUMENTAL CIENTÍFICO S. A.

RUA DIREITA, 33

SE A VISTA LHE ESTÁ FALHANDO: VÁ AO OCULISTA... E A LUTZ FERRANDO.

Cozinhas higiênicas e

Confortáveis!



"Agora estou contente!
Depois que instalei o Exaustor
Contact, minha cozinha
está sempre limpa e
agradável. Não tem fumaça
nem cheiro de frituras".

O Exaustor Contact é um
aparelho fácil de limpar



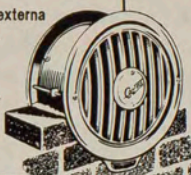
Grade frontal
destacável.



Veneziana externa
articulável.



Gaveta apa-
radora de
gordura.



EXAUSTOR

Contact

para o conforto do seu lar

A VENDA NAS CASAS DE MATERIAL
ELÉTRICO E ARTIGOS SANITÁRIOS

CARVALHO MEIRA S/A

COMERCIAL E INDUSTRIAL

ARTIGOS SANITÁRIOS

FERRAGENS FINAS

LA FONTE

A Fechadura que Fecha e Dura

ESC. E LOJA, RUA LÍBERO BADARÓ, 605
FONE: 33-3197; C. POSTAL, 201
END. TELEGRÁFICO - "RODOL"
SÃO PAULO - BRASIL

ÁGUA QUENTE

noite e dia!

Não há mais problemas no
aquecimento da água. Equi-
pado com um *novos* elemento
térmico *exclusivo*, o Aquece-
dor LABOR é moderno, efi-
ciente e fácil de instalar. For-
nece água quente corrente,
em todas as dependências.
Gasta pouco e dura toda a
vida. Acabamento esmerado.



NA COPA



NA COSINHA



NO BANHEIRO



NA LAVANDERIA



A aquecedores elétricos LABOR

LABOR INDUSTRIAL LTDA.

Rua Cônego Eugênio Leite, 890
Fones. 8-6862 e 8-2896 - S. Paulo

PROJETOS
HIDRÁULICOS
ELETRICIDADE
AR CONDICIONADO

ESCRITÓRIO TÉCNICO
HENRIQUE G. ZWILLING
PR. DOM JOSÉ GASPAR, 30 - 209
TELEFONE 36-0673 - SÃO PAULO

CARPINTARIA DE CONSTRUÇÕES EM GERAL

Paredes, forros e lambris
Revestimentos em Madeira
e Celotex — Esquadrias

GUIDO TONATO

ESCRITÓRIO

Rua Dr. Cincinato Pamponet, 72 — 1.º — sala 1
Recados: Tel. 5-0869 — (Atende "Nossa Confeitaria")
LAPA—SÃO PAULO

Acabamento em CELOTEX dos Salões principais inclusive da "Sala Portinari" do HOTEL COMODORO, São Paulo, como também os armários nas Rouparias e Dispensas, as Cabinas telefônicas na sala de recepção e no Bar, foram executados por nossa firma



Passagens

Encomendas • Viagens
Turismo • Passaportes

PARA
QUALQUER
PARTE

Sirius Tur

R. Xavier de Toledo, 70, 6.º andar - Fones: 34-0390 - 34-7796 - S. Paulo

BAUWELT

a revista alemã independente, de arquitetura de reconhecida fama

Arquitetura Alemã

Coletânea de crítica exata e minuciosa

Técnica de Construção Alemã

em reportagens atualizadas, e informações detalhadas sobre materiais novos, maquinário para construção e modos novos de construir

A "BAUWELT" aparece semanalmente.

Assinatura anual DM 46,80 mais despesas de despacho ou seja Cr.\$ 375,00

Pedidos de assinaturas à HABITAT EDITORA Ltda., Rua 7 de Abril, 230, 8.º, sala, 820, São Paulo

Numeros avulsos poderão ser adquiridos nas seguintes livrarias:

Livraria Elite, Rua 24 de Maio, 53, 6.º, C. P., 4287, São Paulo

A Tempera G. C. Holme, Al. Casa Branca, 907, São Paulo

Livraria Rosario, Harbich, Pfeiffer & Cia., Rua Vig. José Ignacio, 570, Porto Alegre, RGRS

Representações Otto Braun, C. P. 390, Curitiba, Est. Paraná

Na mesma editora sahiram os livros

Neufert

BAUENTWURFSLEHRE (Arte de projectar em arquitetura) 316 ilustrações e 3600 desenhos, . . . linha RM 38,00
Deste obra, universalmente conhecida, sahiu também uma edição espanhola.

Stratemann

GRUNDRISSELEHRE Die Stockwerkswohnung (Teoria de Projeção. A habitação de apartamentos)
Um tratado sistemático sobre a projeção de construções de apartamentos, 200 pag., 814 ilustrações, linha DM 24,00

Siedler

BAUSTOFFLEHRE Tratado de materiais de Construção
Um guia prático para materias e sua aplicação na construção. 240 pag. 525 ilustrações, linha DM 32,00

Weisse

LEITFADEN DER RAUMAKUSTIK FUER ARCHITEKTEN
(Guia sobre acústica de interiores para arquitetos) 104 paginas, 54 ilustrações, meio-linha DM 9,60

Wuensch

SCHWAMM IM HAUS (Mofe e baterias na casa). Reconhecer, evitar e combater mofe e baterias. 1x2 paginas, 46 ilustrações, meio-linha DM 11,50

VERDINGUNGSORDNUNG FUER BAULEISTUNGEN
Indicações técnicas para empreiteiros em obras, na construção civil, organizadas pela Comissão Oficial de Empreiteiros. 172 paginas, meio-linha DM 5,50

BAUWELT VERLAG - BERLIM

Ullstein Aktiengesellschaft

ou à

HABITAT EDITORA LTDA.

Rua 7 de Abril, 230 - 8.º - sala 820 - São Paulo

HEMEL HIDRO-ELETRO MECANICA DE ENGENHARIA LTDA.
INSTALAÇÕES E PROJÉTOS DE ELETRICIDADE

avenida ipiranga, 674 — 9.º — s/ 904

telefone 36-6263

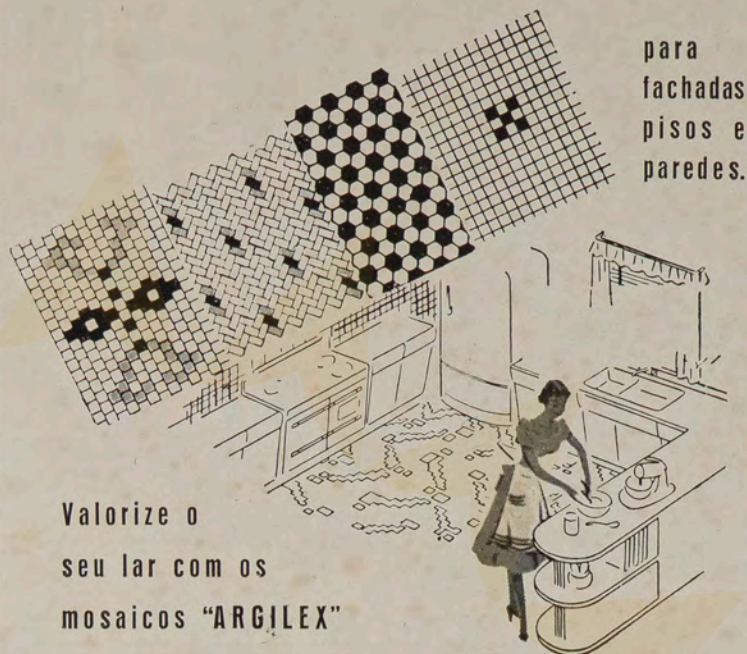


TAPETES FEITO À MÃO

Escritório e Vendas:

Rua Barão de Itapetininga, 120/5º, sala 504

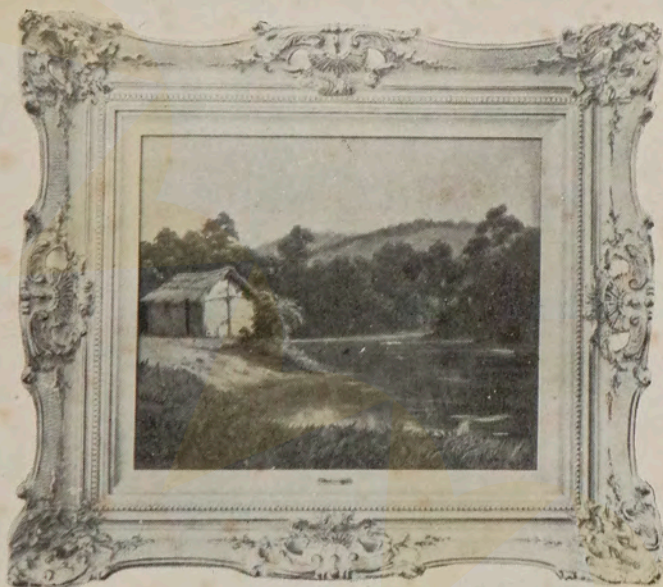
Fone: 34-4299 — SÃO PAULO



**Indústria Paulista de Porcelanas
ARGILEX S. A.**

Rua Nestor Pestana, 47; Fone, 34-8043
SÃO PAULO

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE PINTURA



"MARGEM DO RIO ATIBAIA"

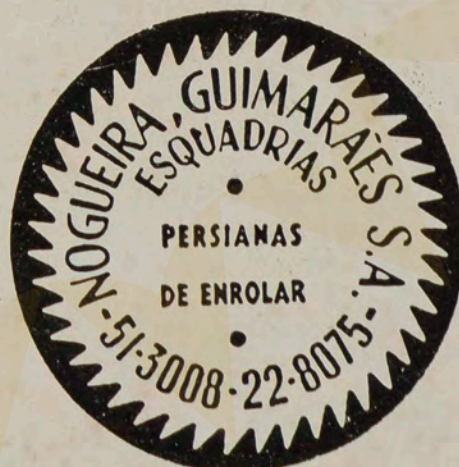
(Um dos quadros do conhecido paisagista patricio G. Silva Jr.)

Galeria 7 de Abril

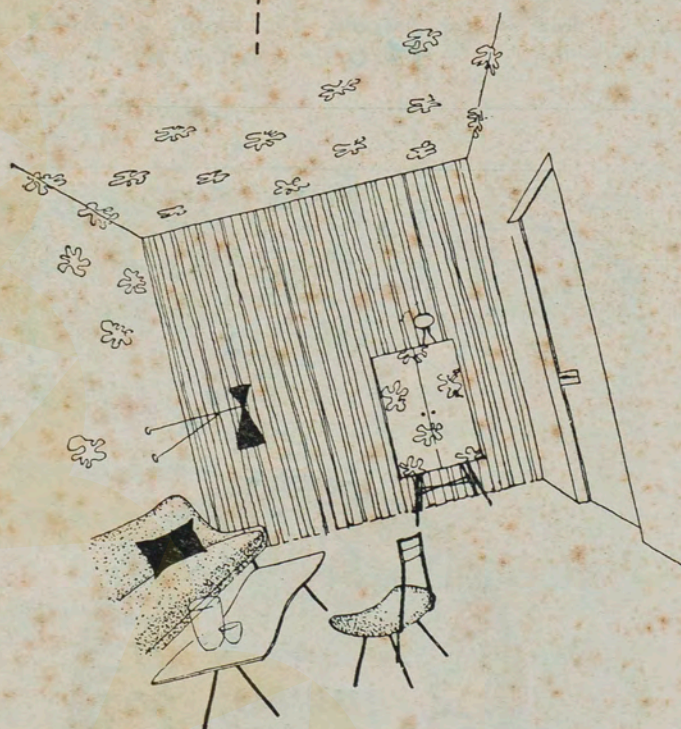
UNIÃO DOS ARTISTAS PLÁSTICOS CONTEMPORÂNEOS

Rua 7 de Abril, 412 - SÃO PAULO

IRMÃOS UNTERMAN (Organizadores)



cortinas
decorações
tapeçarias finas



viterbo

rua bento freitas, 42, fone: 33-4415; são paulo

sonoridade...

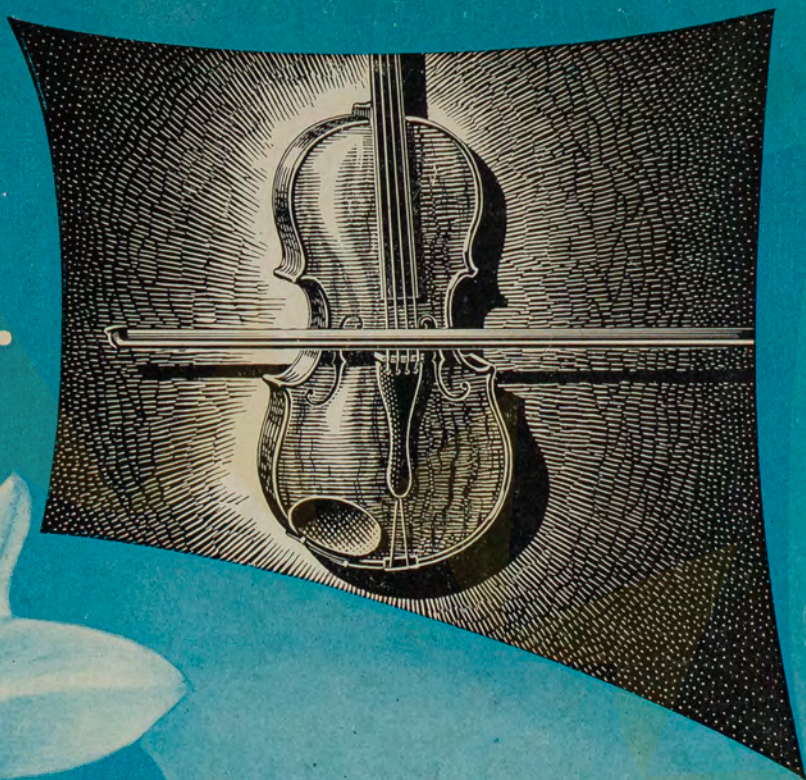
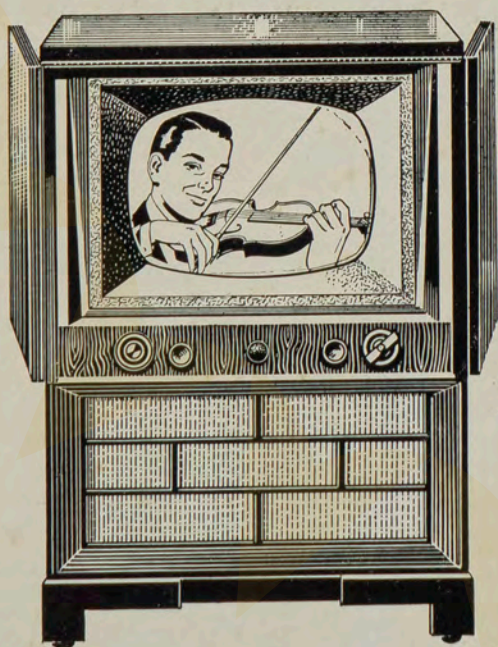


imagem perfeita...



PHILCO TROPIC — Mod. 4206 X

Belíssimo gabinete com todos os desenhos
“de luxe” Philco. Imagem de 150 polegadas.

Televisão
PHILCO
“Balanced Beam”

○ presente mais fino que um lar pode receber...

FECHADURAS E FERRAGENS PARA CONSTRUÇÕES



SÍMBOLO DE GARANTIA E SEGURANÇA

A FECHADURA BRASILEIRA
IGUAL À ESTRANGEIRA

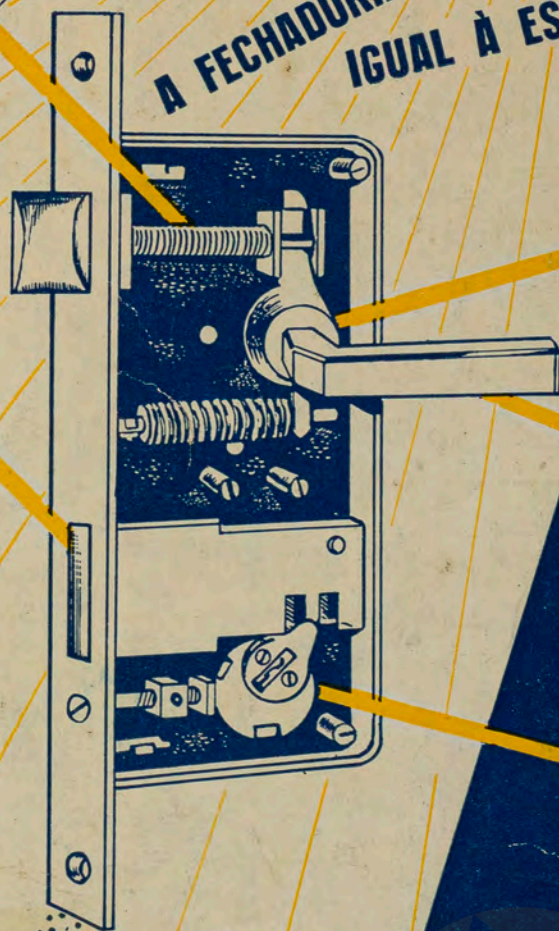
Molas em
aço inoxidável
"Johnson".

Lingueta de bronze
maciço.

Cubo de bronze
fundido.

Maçaneta de latão
fundido.

Segurança na ponta-
cilindro inteiro furado
em forma de "S".



FABRICAÇÃO DA:
METALURGICA SÃO NICOLAU LTDA.

Rua Silveira da Mota n.º 1

Fone: 33-1429

REPRESENTANTE:
OTTO LUETSCH

Escritório e Exposição

Av. Ipiranga, 313 — 1.º — c. 10